

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Bonnie Moraes Manhães de Azevedo

Gosto não se discute?
Atores, práticas, mecanismos e
discursos envolvidos na construção
social do gosto alimentar infantil entre
crianças de 0 a 10 anos

Niterói
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Bonnie Moraes Manhães de Azevedo

Gosto não se discute?
Atores, práticas, mecanismos e
discursos envolvidos na construção
social do gosto alimentar infantil entre
crianças de 0 a 10 anos

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Laura Graziela Gomes

Linha de pesquisa do orientador: antropologia do consumo.

Niterói

2008

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Laura Graziela Gomes - Orientadora
PPGA/UFF

Prof^a. Dr^a. Livia Martins Pinheiro Neves – Co-orientadora
ESPM/CAEPM-SP

Prof^a. Dr^a. Fátima Portilho
CPDA/UFRRJ

Prof^a. Dr^a. Letícia Veloso (suplente)
ESPM

Prof. Dr. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (suplente)
PPGA/UFF

Niterói

2008

Índice

Resumo	6
Abstract.....	7
Agradecimentos	8
Introdução	10
Pesquisa de Campo	20
<i>O desenrolar inesperado da pesquisa</i>	24
<i>Tabela apresentando as mães que compuseram esta amostra</i>	29
<i>Tabela apresentando os pais que compuseram esta amostra</i>	34
<i>Tabela apresentando os avós e avós que compuseram esta amostra</i>	35
I - Capítulo I. Aspectos teóricos do gosto	36
I. 1. 1. Brillat-Savarin e ‘A fisiologia do Gosto’	37
I. 1. 2. Priscilla Ferguson e a ascensão de um discurso	39
I. 1. 3. Jukka Gronow e a Sociologia do Gosto	43
I. 1. 4. Pierre Bourdieu	44
I. 1. 5. Mennell e as Rejeições Alimentares	47
I. 1. 6. Liebersson e os mecanismos internos do gosto	52
I. 1. 7. Berger e Luckmann apresentam ‘A construção social da realidade’	56
I. 2. Hábito e Gosto.....	58
1. 3. Como esses autores contribuem para essa pesquisa?	59
II - Capítulo II. Os atores envolvidos: da gestação aos primeiros círculos sociais	61
II. 1. Os pais.....	61
II. 1. 1. - ‘Dando o exemplo’	62
II. 2. Os avós.....	67
II. 3. Os profissionais.....	71
II. 3. 1. - <i>Os pediatras</i>	71
II. 3. 2. - <i>Os nutricionistas</i>	73
II. 3. 3. - <i>Os profissionais, por eles mesmos</i>	76
II. 4. As instituições: a creche e a escola	84
II. 5. As babás e as empregadas.....	87
III. Capítulo III. Os discursos que perpassam a construção do gosto.....	91
III. 1. O discurso médico-nutricional: do seu surgimento na Europa do século XVIII/XIX à sua chegada no prato das crianças brasileiras.....	91
III. 1. 1 - <i>Breve histórico da ascensão do discurso médico-nutricional</i>	91
III. 1. 2. <i>A nova nutrição</i>	92
III. 1. 3. <i>O discurso da saúde alimentar hoje</i>	94
III. 2. As ideologias alimentares e as relações familiares.....	97
III. 2. 1. <i>As ideologias na prática</i>	98
III. 2. 2. <i>Crianças convivendo com diferentes ideologias alimentares</i>	100
III. 3. O critério de escolha das mães	107
III. 3. 1 – <i>Escolhendo saúde: a negociação entre saúde e gosto</i>	109
III. 3. 2. – <i>Praticidade: os novos usos do tempo</i>	113
III. 4. ‘Porcarias’: os vilões da boa alimentação.....	117
III. 5. Quais são e como atuam os mecanismos coletivos de indução alimentar.....	123

Capítulo IV. Práticas alimentares e a relação do gosto com os hábitos aprendidos na infância	136
IV. 1. As estratégias familiares de indução alimentar	138
IV. 1. 1 Substituindo o conteúdo das refeições	140
IV. 1. 2. Recorrendo às ‘surpresinhas’	142
IV. 1. 3. Práticas diferenciadas no fim de semana	143
IV. 1. 4. O ‘toma lá, dá cá’: ‘comida como moeda de troca’	145
IV. 1. 5. A TV como recurso para distrair a criança enquanto ela come	146
IV. 1. 6. Escondendo alimentos rejeitados nos alimentos aceitos	148
IV. 1. 7. Histórias e discursos usados como estratégias	149
IV. 2. Categorias fundamentando práticas.....	156
IV. 3. Práticas no espaço escolar	159
IV. 3. 1. A troca de merenda	159
IV. 3. 2. A vergonha de levar frutas: as relações entre as crianças e seus ‘colegas de escola’	162
IV. 4. A merenda da escola pública.....	168
IV. 5. ‘Fases’ de transformações na alimentação infantil.....	172
Conclusão	179
(Re)Construindo a construção social do gosto	179
‘Individualização e liberdade precoce’ X imposição de limites pela autoridade dos pais: o dilema	181
Considerações Finais	186
Livros especializados:.....	196
Revistas consultadas:.....	196
Sites:	197

Resumo

Nesta pesquisa antropológica, analiso o processo de construção do gosto alimentar infantil, em Campos dos Goytacazes, cidade situada no interior norte-noroeste do Estado do Rio de Janeiro. Considero parte do processo de construção do gosto alimentar o estudo dos diferentes atores, instituições, mecanismos e discursos que intervêm em nossas escolhas, entre preferências e rejeições. Este estudo, embora imerso em um contexto de formação histórica do gosto, é um corte sincrônico, referindo-se a uma determinada faixa etária, de uma determinada época e lugar, no contexto da sociedade brasileira. Para alcançar meu objetivo, desvendar um pouco mais sobre o que está em jogo na formação do gosto alimentar das crianças, foi necessário trazer à tona os valores, estratégias, conflitos e ideologias imersos nessa formação, sejam eles explícitos ou velados.

Palavras-chave: antropologia da alimentação – construção social – gosto – alimentação infantil

Abstract

In this anthropologist research, I analyze the process of construction of the children alimentary taste, in Campos dos Goytacazes, a interior city localized in the north-northwest of the state of Rio de Janeiro. I consider as part of the constructive process of the alimentary taste the study of the different actors, institutions, mechanisms and speeches that influence our choices, between preferences and rejections. This study, even though immersed in a context of historical formation of the taste, it is one synchronous cut, related to a certain age – the infancy – of one determined time and place, in the context of the Brazilian society. To reach my objective, unmask a little more on what it is at risk in the formation of children's alimentary taste, it was necessary to bring up to surface the values, strategies, conflicts and ideologies absorbed in this formation, even that they were explicit or veiled.

Keywords: anthropology of food – social construction – taste – children's alimentation

Agradecimentos

Nesses dois anos de mestrado, muitos foram os que contribuíram pessoal e academicamente para minha formação, e, em especial, para a realização desse trabalho. Caso minha memória me traia, espero que tenha sido clara o bastante ao expressar minha gratidão por essas pessoas, nas vezes em que as encontrei durante a elaboração desse trabalho. Deixo aqui meus sinceros e eternos agradecimentos:

À “Força”, ao Universo, à Fonte, ao Cosmos, à Providência... que alguns denominam Deus, cuja companhia manifestada pelos mais diversos meios, contribuiu para minha serenidade e força de vontade em todas às vezes que eu quis jogar os livros para cima ou quebrar o monitor, isto é, todas às vezes que esse trabalho pareceu complicado demais para ser realizado.

Aos meus pais, Ana Maria de Moraes Manhães de Azevedo e Carlos Gomes de Azevedo, que de infindáveis modos possibilitaram que me dedicasse com afinco a essa pesquisa, inclusive procurando pessoas para serem minhas interlocutoras.

A todos os familiares para além do grupo doméstico que estimularam meus estudos, sempre encorajadores ao caminho que aos poucos trilhava, em especial a tia Lela, tia Dora, tia Vera (*in memoriam*) e Viviane.

Ao PPGA/UFF e aos seus professores por não nos ter poupado dos desafios que a cada dia a vida acadêmica viria a nos apresentar.

Ao CNPQ pelo financiamento desta pesquisa.

À Lívia Barbosa, professora e co-orientadora pelo carinho, pelo exemplo, pelos conselhos e ensinamentos pelos quais serei eternamente grata.

À Laura Graziela que prontamente assumiu a orientação dessa pesquisa quando a Prof. Lívia não mais poderia. Agradeço-a também, juntamente com a Prof. Fátima Portilho, pelas avaliações do projeto de qualificação dessa dissertação.

A todos os que facilitaram meu processo de adaptação à nova cidade (Niterói), ao novo curso, às novas demandas, enfim, à nova vida que me aguardava. Em especial, agradeço a Clara, ao Luis Felipe e ao Rafael por compartilhar das constantes e intensas alegrias bem como dos pequeninos perrengues de se viver em uma república estudantil. Amadureci muito enquanto estive com vocês e recordarei sempre de vocês como parte disso. Vocês fizeram dessa experiência algo muito maior.

Agradeço a todos os meus amigos, desde os mais antigos amigos de infância aos conquistados na graduação, que embora não mais tenham estado comigo na mesma sala de aula ou na mesma cidade, continuaram presentes na minha vida. Estimulando, chamando para desestressar e deixar assuntos do mestrado em suspenso pelas tardes e noites campistas, eles renovaram sempre a minha disposição e sanidade durante esse período.

Agradeço aos colegas de turma do mestrado que me ajudaram com sua amizade, solicitude e competência intelectual não somente durante o período em que estive em Niterói, via telefone ou msn, ao longo do árduo, solitário e, por vezes, tedioso período da escrita.

A todos os amigos, conhecidos e familiares que se dispuseram a fazer parte desta pesquisa ou me apresentaram pessoas que pudessem colaborar comigo.

E, *last but not least*, a todos os pais, mães, avós, crianças e profissionais entrevistados, por encontrarem tempo para dedicar a essa pesquisa, no meio da sua agenda repleta de afazeres domésticos e profissionais. Agradeço profundamente pela honestidade de seus depoimentos, e pela crença e interesse nesse projeto.

Muito obrigada.

Introdução

O comer no cotidiano contemporâneo

Mais do que qualquer outra parte da nossa vida material, alimentar-se é um ato básico e condicionante de nossa existência física. Contudo, toda a ordem social o influencia tanto quanto pode ser estruturado a partir dele.

Embora nos consideremos, na maioria das vezes, plenos senhores de nossas escolhas alimentares, de nosso apetite e de nosso julgamento de gosto, ao analisarmos a alimentação do ponto de vista cultural, percebemos que há forças sócio-culturais de suma importância envolvidas. Juntamente com nossas experiências gustativas pessoais, elas moldam o que chamamos de gosto. Dessa forma, as classificações alimentares são pautadas em lógicas culturais anteriores a nós, mas nem por isso totalmente fora de nossa esfera de influência, uma vez que a reprodução dos atuais hábitos alimentares depende da forma como a nossa geração os orienta. É por essa razão que as escolhas determinantes dos nossos hábitos alimentares são tão importantes. Elas refletem o passado e anunciam o futuro.

Warde et alli (2007) afirmam que não é possível pensar a alimentação contemporânea ignorando as mudanças advindas com a globalização. Podemos afirmar que o mundo – representado pelo conteúdo e pela forma dos alimentos das mais diversas culturas – está a um supermercado de distância. A oferta aumentou, bem como a curiosidade de muitos consumidores. Os novos produtos chegam constantemente e apresentam novas possibilidades para nosso cardápio.

As novas formas de usos do tempo resultaram em profundas alterações alimentares. Novas tecnologias domésticas facilitam a alimentação do consumidor e são disponibilizadas constantemente no mercado. Os processos de individualização¹ e informalização² nas rotinas alimentares relatados por Warde também estão presentes e

¹ No processo de individualização, o indivíduo se destaca das situações institucionais nas quais foi previamente socializado. Nos manuais de cozinha é possível perceber que o tom de autoridade mudou para o de apresentação de variedades, de aconselhamento ao consumidor. (WARDE, 1997)

² Já a informalização implica que o comportamento social se tornou menos autoritariamente regulado. Essa informalidade poderia ser atribuída à individualização, já que alguns de seus elementos se

considero-os parte constituinte das recentes mudanças. A necessidade de satisfação dos desejos individuais é crescente e essa lógica é estendida às crianças.

Isso significa que a globalização não só imprime suas marcas no aumento da variedade de produtos disponíveis (WARDE, 1997), mas também na forma como temos nos alimentado. Dessa forma, as mudanças ocorrem desde os conteúdos da alimentação às relações entre as pessoas, bem como entre essas e o tempo individual e social dispensado à atividade de cocção e ao consumo alimentar. A geração que vivenciou essas mudanças, que se acentuaram a partir dos anos 60, bem como as gerações seguintes, passaram a valorizar as expressões de liberdade, de individualidade e de autonomia nas mais diferentes esferas da vida, concomitante a uma maior informalidade na execução das tarefas e nas relações humanas.

Na alimentação, as conseqüências desse processo podem ser observadas na confecção de cardápios paralelos, no aumento da oferta de embalagens menores, individualizadas, na transição da refeição do jantar pelo lanche, bem como na diminuição das refeições em que todos os membros da família se encontram à mesa. Entretanto, é certo que algumas dessas alterações não necessariamente são conseqüentes da vontade pessoal dos indivíduos. Na maioria das vezes, é pela inserção destes em atividades cuja execução está vinculada ao macrotempo social que o caráter coletivo e familiar das refeições diminui. A escola e o mercado de trabalho, por exemplo, podem estar exigindo horários diferentes a cada um dos membros da família. Portanto, as mudanças da alimentação contemporânea dizem respeito mais a fatores que fogem à vontade das pessoas, como a correria do dia-a-dia, do que a um desejo pessoal de passar menos tempo à mesa. (BARBOSA, 2007)

A relação do tempo com a alimentação – que já aparece em Brillat-Savarin, quando sugere que um chef jamais poderia se atrasar, pois o apetite tem pressa em ser saciado (BRILLAT-SAVARIN, 1995, p. 63-64) – mudou e tal mudança, para a maioria dos países, tem um alto custo. A relação tempo X alimentação tem sido motivo de preocupações e aborrecimentos para muitos países. Na maioria das vezes, há um lamento porque a vida cotidiana está ‘mais acelerada’, impelindo-nos a comer mais rápido, dedicando menos tempo não somente à preparação, mas também à apreciação dos

relacionam ao afrouxamento das regras que governam o comportamento nos eventos alimentares, como comer sozinho na sala de estar ou no quarto assistindo à televisão.

alimentos, ou até mesmo nos fazendo ir comer fora.³ (WARDE Et Alli, 2007; WARDE, MARTENS, 2000) Quando o foco é a alimentação infantil, aqueles que têm um horário a cumprir – sejam os pais retornando ao trabalho, ou os filhos que vão para a escola – o maior problema a se enfrentar é o drama da lentidão das crianças no comer *versus* a necessidade de se comer rápido para cumprir um horário imposto pelos compromissos sociais. Especialmente a mulher que trabalha, e não tem empregada contribuindo com os afazeres domésticos, enfrenta uma rotina acelerada em que a alimentação dos filhos pode se tornar uma das maiores fontes de estresse no processo educativo.

Em uma linguagem mais coloquial, podemos dizer que temos feito nossas refeições cotidianas ‘no automático’. Como diria Ortiz, ‘*Perder tempo é estar em descompasso com a ordem das coisas.*’ (ASSUNÇÃO, 2007, p. 72) Não temos o tempo necessário para degustar, saborear e deliciar os alimentos como gostaríamos. Embora as tradições culinárias estejam longe de se esvaír, certamente estão em um turbilhão de mudanças, adaptações, incorporações e exclusões. Em todas elas, mudanças nos usos do tempo passam a ser determinantes.

Embora haja reclamações acerca das relações alimentares, o comer ainda é considerado uma das maiores fontes de prazer, crença que perpassa os discursos de diversos setores, entre eles a mídia, os profissionais, os pais, as crianças e a literatura. Mesmo aqueles que consideram o comer de forma secundária, isto é, os que comem apenas ‘porque têm que comer’ ou ‘para ficar em pé’, reconhecem o prazer proporcionado por alguns alimentos.⁴ De qualquer forma, tal fato não quer dizer que o comer ainda tenha os mesmos ‘usos’ de séculos atrás. Alguns se perderam enquanto outros foram criados.

³ Como parte da insatisfação com a correria da vida, inclusive na alimentação, surgiu o movimento do ‘Slow Food’, cujos adeptos valorizam o vagar no comer para uma melhor apreciação do gosto dos alimentos, uma melhor digestão, uma experiência de uma ‘refeição’ em um sentido mais tradicional do termo, envolvendo a presença de companhias queridas, entre outros. Para mais informações sobre o movimento Slow Food ver PETRINI, Carlos. “Slow Food: The Case for Taste”. New York and London: Columbia University Press, 2003, 176p.

⁴ Geralmente, o desagrado com a comida se referia à alimentação cotidiana, os conteúdos específicos habituais, parte do padrão cedido pelo sistema culinário. Os mais rigorosos no comer poderiam reivindicar que um maior prazer alimentar envolve a não repetição constante, para que, quando houver uma ocasião, ela não decepcione a expectativa da apreciação do alimento.

Juntamente a esses processos temos a influência da mídia e a medicalização da alimentação. Esses dois processos andam juntos nesse período da história em que se preza por uma ‘alimentação funcional’, em que os alimentos não precisam ser apenas gostosos, mas desempenhar alguma função para a saúde, bem-estar e potencialização da energia humana. Comer deixou de ser apenas uma trivialidade, se é que algum dia o foi, e se tornou objeto de estudo de muitas ciências e profissionais. Essas idéias passaram a ser amplamente difundidas pela mídia, e a medicalização da alimentação alcançou diversos setores da população, em maior ou menor nível de aceitação. Portanto, indivíduos, instituições, mídia e governo contribuem para que a ciência esteja à mesa.

As ideologias alimentares são parte desse movimento por experiências gustativas planejadas com o intuito do nosso bem-estar físico. Além dos praticantes, a esfera de seus conhecedores e simpatizantes se ampliou. Entretanto, todos esses movimentos precisam conviver com as lógicas pretéritas da alimentação que continuam presentes na vida cotidiana de muitos brasileiros. Para muitos, a boa notícia é que a dupla dinâmica do nosso prato básico, arroz com feijão, que cai nas graças da maioria, é considerada uma excelente combinação protéica.

Ainda sobre saudabilidade alimentar, ‘balanceada’ parece ser a palavra de ordem com relação à alimentação (FISCHLER, 1986), mas, ao contrário do que muitos podem pensar, esta tendência não é tão recente, como veremos ao longo deste trabalho. A sensação de que houve um ‘boom’ nas últimas décadas quanto à preocupação com a saúde alimentar se deve ao alcance que ela passou a ter nos meios de comunicação de massa e, conseqüentemente, na vida cotidiana. Isso não implica que todas as informações transmitidas a partir das orientações dos especialistas sejam incorporadas no cotidiano das famílias, já que os hábitos são muito difíceis de serem mudados. (CONTENTO Et Alli, 1993; GIARD, 1998 In ROTENBERG, VARGAS, 2004; FISCHLER, 1986; WARDE, 1997)

A mídia, por vezes considerada uma grande vilã, levando ao conhecimento das crianças os novos produtos da indústria alimentícia, tem veiculado informações referentes ao saber médico-nutricional de forma acessível ao público leigo em geral, o que tem sido bem recebido, tanto pelos pais quanto pelos profissionais entrevistados. Acredito que, por essa razão, encontrei pessoas com as mais diversas rendas e níveis

educacionais sabendo que sal, açúcar e gordura em excesso fazem mal, ainda que não saibam explicar por qual razão. (FISCHLER, 1986; WARDE, 1997)

Embora o processo de individualização continue estimulando o indivíduo a ser senhor de suas escolhas, vivemos um momento em que a alimentação deixa de ser algo apenas privado e passa a ser vinculado à esfera pública (BARBOSA, 2007, p. 88), em suas consequências ecológicas, morais, religiosas, sócio-culturais e de saúde pública. As mais diversas ciências agora se apropriaram do ‘comer’ e alertam as pessoas para as escolhas corretas. Entre estas estão as politicamente corretas, as favoráveis à saúde física, as que respeitam os preceitos morais e religiosos de grupos específicos e as que consideram as condições de produção dos alimentos. Direta ou indiretamente, são consequências da globalização. Enfim, embora muitos dos alimentos sejam os mesmos há séculos, as questões que os perpassam uma vez que se tornam ‘comida’, ou seja, que são ‘culturalizados’, são diversas, entre elas: considerações acerca do modo de cocção, dos temperos adicionados, sobre quem cozinhou, com quem se come, sobre a origem do alimento, entre outras.

Promovo adiante uma tentativa de abordar algumas dessas questões e refletir como se dá a construção social do gosto alimentar entre crianças de 0 a 10 anos no contexto das mudanças ocorridas nas últimas décadas e que, agora, estão chegando com mais evidência à cidade em questão nessa pesquisa.

A caminho da construção social do gosto alimentar

Particularmente, tenho um forte vínculo com a temática da alimentação. Sempre fui considerada uma pessoa difícil para comer⁵, da primeira infância até hoje. Ao longo desses 23 anos, meu gosto alimentar sofreu mudanças inesperadas e incompreendidas pelos meus pais, amigos e, algumas delas, até mesmo por mim.

Conduzindo essa pesquisa, consegui compreender muitas das minhas próprias escolhas, além das que foram feitas previamente, a mim transmitidas ao longo do processo educacional, bem como as que meus pais jamais conseguiram mudar, por mais que insistissem. Era e, em parte, continuo sendo uma *expert* em ‘Nunca comi, mas não

⁵ Uma pessoa considerada, na linguagem coloquial, ‘uma chata para comer’.

gosto’, mas cada vez mais venho relativizando essa idéia e prática a partir de mudanças ideológicas a respeito da alimentação.

Essas são algumas das razões que fizeram do trabalho de campo dessa pesquisa algo prazeroso. Falar da alimentação dos filhos me pareceu ser uma constante entre as mães. Assunto não faltava. E o sentimento verbalizado nos relatos era intenso. A alimentação efetivamente se apresenta em uma área da educação dos filhos que demanda uma atenção especial, seja por acreditarem na importância de uma alimentação saudável, seja porque acham que seus filhos comem pouco, ou mesmo, porque deixados por conta própria, eles esquecem de comer ou só comem ‘porcarias’⁶. Estas são caracterizadas por alimentos cujo conteúdo é conferido um baixo valor nutricional, não contribuindo para a nutrição da criança, ou mesmo podendo causar malefícios à sua saúde. É o caso de fandangos⁷, doces, alimentos muito gordurosos e calóricos, e boa parte dos alimentos ingeridos ‘fora de hora’. Um yogurte na hora do almoço pode ser interpretado como ‘porcaria’, já em um lanche, ele assume a ‘aura’ de alimento saudável. Cada pessoa, entre pais e profissionais, engloba alimentos diferentes nessa categoria, mas os que mencionei acima são recorrentes.

Outra definição que precisamos esclarecer, antes de desenrolarmos o texto é a de “alimentação saudável”. Ao usar o termo, estarão subentendidas as práticas alimentares que, a partir de informações recebidas, seja por meio dos profissionais de saúde, amigos ou mídia, procuram ordenar a ingestão de acordo com as conseqüências benéficas que os alimentos trarão ao organismo. Isso não quer dizer que as pessoas façam um cálculo diário do número de nutrientes ingeridos. Muitos dos que procuram uma alimentação saudável não são obrigados a seguir uma dieta restrita. Isto significa que a mudança na alimentação é fruto de uma adesão pessoal seguindo os conselhos gerais veiculados, como, por exemplo, não consumir, ou consumir moderadamente, alimentos ricos em gorduras, sal, açúcar, entre outras substâncias.

Desenvolvi essa pesquisa partindo da hipótese de que os hábitos alimentares adquiridos na infância perduram. Daí encontrarmos declarações de que as crianças tendem a gostar do que foram acostumadas desde as primeiras refeições.⁸ (CONTENTO

⁶ Seria o mesmo que ‘*Junk food*’, na língua inglesa.

⁷ Salgado da Elma Chips à base de milho.

⁸ Sobre o assunto, Contento et alli indicam a consulta a ‘I don’t like it; I never tried it: effects of exposure to food on two-year-old children’s food preferences.’ de Birch L. L. e Marlin D. W. publicado em *Appetite* 4: 353-360, 1982.

ET ALLI, 1993, p. 244/255-256) Na verdade, estudar o processo de construção social do gosto por meio da alimentação foi o caminho que escolhi para tratar um processo que permeia diversas áreas como o vestuário, a moda, a apreciação das artes, entre tantos outros, como expôs Bourdieu n' *A Distinção* (2007).

Para os fins dessa dissertação, é necessário esclarecer a distinção entre comida e alimento. O alimento se transforma em comida, entendendo esta como o alimento que carrega em si todas as conotações que uma cultura imprime ao que ela considera comestível. Há uma ampla gama de alimentos, mas dentre esses apenas alguns são considerados comida, variando de cultura para cultura. Muitos filipinos consideram os 'ovos de pato fecundados' uma iguaria, apresentada inclusive a estrangeiros como um prato muito saboroso (CAMARGO, 2004, p. 140-142). No entanto, para nós, brasileiros, causa profunda ojeriza a remota possibilidade de comê-los. Essa sensação é resultado de escolhas pretéritas e recentes do nosso sistema culinário, que nos imprime um gosto socialmente adequado a ser adquirido. Daí também a distinção feita por DaMatta (1986: p. 22), em que o alimento é 'algo que diz respeito a todos os seres humanos', enquanto a comida 'é algo que define um domínio e põe as coisas em foco'.

Diversos aspectos da atração estão envolvidos nessas escolhas culturais que transformam um alimento em comida. É um cheiro e aparência que condizem com o que nós, brasileiros, achamos atrativos – se é que posso invocar a existência de uma cultura culinária nacional para os propósitos dessa pesquisa, em um país conhecido pelas diversas culinárias regionais. Além disso, é sua apresentação nos moldes da 'civildade' alimentar alcançada até o momento. São os nossos modelos, nossos pares e nossos semelhantes que incorporam esse padrão culinário e, por isso, confiamos que seja adequado. É o que se diz sobre ele. Finalmente, depois de tudo averiguado, consciente ou inconsciente, estamos prontos para nos abirmos à possibilidade da experiência gustativa. Permitiremos então que nosso paladar teste, prove e conheça a sensação provocada pelo alimento e se renda ao prazer, se lhe tiver sido a florado, ou, do contrário, que rejeite o que lhe desagradou. Aqui sim, podemos colocar em termos de um gosto individual, cuja existência e importância são impossíveis de negar. Apesar de ele tangenciar toda essa pesquisa, cabe aqui pensar o gosto em seu caráter coletivo, pensando: Quem são os principais atores que intervêm em sua construção? Como as preferências e rejeições são percebidas entre os diferentes atores? Que reações elas

geram? Quais as estratégias de controle e aprovação criados pelos atores para estimulá-las ou controlá-las? Quais os discursos envolvidos?

As lacunas dessa abordagem antropológica da construção social do gosto

A expressão “construção do gosto alimentar” remete o leitor imediatamente a uma determinada postura teórica no interior das ciências sociais que nos fala que a realidade, tal como a vemos, é socialmente construída. Ou seja, entre o sujeito e o fato empírico coloca-se um filtro simbólico/classificatório que nos faz perceber e organizar o mundo circundante a partir de determinados princípios e dimensões que privilegiam certas facetas em detrimentos de outras. (BERGER E LUCKMANN, 1976)

Portanto, o processo de construção alimentar a que nos referimos é um processo em permanente alteração por fatores históricos, embora esse estudo represente um corte sincrônico no interior desse processo diacrônico. No caso específico, refere-se a uma determinada faixa etária, de uma determinada época e lugar, no contexto da sociedade brasileira.

Sempre que se fala do processo de construção do gosto ou de qualquer outra dimensão da vida social, afirma-se a complexidade da tarefa à frente do pesquisador, indicando-se as inúmeras variáveis que intervêm neste processo como, por exemplo, a histórica (ELIAS, 1990; MENNEL, 1985), a simbólica (DOUGLAS, 1975; GOODY, 1982), a política (NESTLE, 2003) e a ambiental/geográfica (FONSECA, CAMPOS, 1999; ORMOND, 2002) entre outras. Embora estas variáveis sejam mencionadas, elas são tratadas de forma independente uma das outras, na medida em que ainda não se desenhou, teórica ou metodologicamente, uma abordagem que nos permita mapear uma hierarquia de suas respectivas e diferentes importâncias, a fim de que possamos entender o peso relativo de cada uma em diferentes contextos e momentos históricos, dada a imensa quantidade e complexidade dos fatores envolvidos. Sabemos que o apetite foi “civilizado” (ELIAS, 1990; MENNEL, 1985) e que a própria ingesta alimentar saiu de uma posição de excesso não controlado, que em alguns casos levava até a morte (MENNEL, 1985), para um comportamento mais comedido, que hoje é gerenciado por médicos, nutricionistas e agentes de políticas públicas. Provavelmente, muitos afirmariam que esse controle e gerenciamento nunca foi tão intenso. Por essa

razão, a alimentação deixou de estar apenas a cargo do indivíduo e da esfera familiar, e vem também se transformando em uma questão de esfera pública, ligando a nossa ingesta a questões de seguridade social, de ecologia, de padrões estéticos e de saúde.⁹ Além disso, programas governamentais como o Bolsa Escola ampliam o papel da criança na esfera doméstica, tornando-a mais um agente provedor da família.

A alimentação nunca foi tão vinculada a padrões de saudabilidade como é hoje e as conseqüências da difusão desse discurso já estão presentes no cotidiano das pessoas. Obviamente, existem aqueles que mantêm as informações aprendidas com médicos ou com programas de TV apenas no discurso, enquanto outros buscam cotidianamente aplicar esses conhecimentos na rotina alimentar.

Todos esses assuntos, além de fazerem parte do meu roteiro de entrevista, estiveram presentes espontaneamente, e algumas pessoas conseguiam discorrer sobre eles apresentando muitas informações. Por outro lado, a preocupação com a produção, distribuição e consumo dos alimentos se originava mais em uma reserva quanto à qualidade do alimento a ser consumido do que quanto à preocupação com o meio-ambiente e com as relações de trabalho envolvidas.

A seguir, veremos a trilha que segui na confecção deste trabalho, bem como qual o perfil dos entrevistados e das crianças. No capítulo I, discutirei alguns dos aspectos teóricos do gosto por meio das contribuições de Bourdieu (2007; ORTIZ, 1993), Mennel (1985), Warde (1997; 2007), Gronow (1997), Lieberman (2000) e Ferguson (2004), além d' 'A construção social da realidade' de Berger e Luckmann (1976), pano de fundo sobre o qual se construiu a idéia para essa dissertação. Este aporte teórico nos permitirá entender melhor os mecanismos que colaboram para a formação e transformações ocorridas no gosto, especialmente no período estudado, a infância.

Os capítulos II, III, IV apresentam os dados etnográficos observados a partir das análises das entrevistas. O capítulo II discorre sobre quem são os atores que mais contribuem na construção do gosto e quais são as suas mais importantes contribuições de acordo com as entrevistas por mim realizadas. O terceiro apresenta os discursos em

⁹ As questões ecológicas do comer, como a preferência por produtos orgânicos, não estavam presentes no leque de conhecimentos internalizados relacionados à alimentação e saúde e/ou à estética corporal, para boa parte dos entrevistados. Embora alguns pais mencionassem que as crianças eram ensinadas sobre isso na escola, esse conhecimento não chegava à mesa deles. A exceção foram as mães entrevistadas que eram vegetarianas.

voga acerca da alimentação infantil, tanto os que se manifestaram nas entrevistas de pais e profissionais quanto os midiáticos. Focalizarei os discursos que parecem ter mais influência sobre a alimentação cotidiana. Entre eles estão o discurso médico-nutricional em torno da promoção da qualidade de vida e saúde por meio da alimentação e o discurso sobre o alto consumo de ‘besteiras’ pelas crianças, além da supervalorização do ‘gosto’ como critério de escolha das crianças sobre o que comer. Finalizando a descrição etnográfica, o capítulo IV apresenta as práticas e estratégias, isto é, os comportamentos dos principais atores para lidar cotidianamente com a alimentação das crianças, focalizando aqui a relação doméstica dos pais com os filhos. Boa parte dessas estratégias se refere às formas com que esses pais administram as rejeições e dificuldades dos filhos de acordo com as suas crenças sobre os conteúdos e as formas ideais da alimentação infantil. Na conclusão, farei uma recapitulação da construção social do gosto, apresentando seu processo à luz dos atores envolvidos bem como das diferentes etapas pelas quais passa o processo, levando em consideração os autores tratados no capítulo I.

Pesquisa de Campo

Em julho de 2006, ao realizar o trabalho final da disciplina “Antropologia do Consumo” sobre alimentação percebi que a afinidade que tinha com o tema era notória e surpreendente. Realizei doze entrevistas para esse trabalho, que visava investigar alterações na alimentação a partir das mudanças no ciclo de vida, como o casamento. Até então, já contando mais de quatro anos nas ciências sociais, nunca havia considerado ter como objeto de pesquisa algumas questões relacionadas à alimentação, muito menos à construção do gosto alimentar infantil. A partir de então, iniciei um empreendimento de pesquisa, que me levou ao estudo apresentado nesse texto, por meio de uma experiência de campo extremamente agradável e enriquecedora.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, realizei as chamadas ‘entrevistas em profundidade’ com os principais atores que contribuem no processo de construção social do gosto – pais, avós, pediatras e nutricionistas, babás e empregadas, além de instituições como a escola e a creche. No entanto, minhas entrevistas foram realizadas apenas com pais, avós, pediatras, nutricionistas. A realização de entrevistas me permitia ter uma amostra maior de famílias, o que julguei necessário, considerando a amplitude do tema. Efetivamente, elas se revelaram um instrumento eficaz na análise dos discursos e na aprendizagem dos mecanismos que os pais recorrem para o ensinamento e/ou manutenção do comportamento alimentar de seus filhos, assim como para entender melhor o universo dos profissionais de saúde, que trabalham diretamente com alimentação infantil. Dessa forma, não foi uma etnografia no sentido tradicional do termo, em que a minha presença observando o cotidiano dessas crianças, especialmente durante suas refeições, seria necessária. No entanto, complementando os dados obtidos nas entrevistas, realizei um breve período de observação participante.

Desenvolvi essa pesquisa de março a dezembro de 2007, na cidade de Campos dos Goytacazes, situada no norte do Estado do Rio de Janeiro, onde residem cerca de 470.000 pessoas. Talvez alguns de vocês se perguntem a razão pela qual escolhi esse campo. Podem também acreditar ser uma pretensão de minha parte pensar que um processo tão amplo quanto é o objeto desse estudo possa ser analisado a partir de uma amostra em uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro. A razão dessa escolha é que, além de ser a minha cidade natal, o que lhe atribui um vínculo emocional por si só,

também permitiria que eu encontrasse interlocutores dispostos a conferir um pouco do seu tempo para ‘abrir as portas de seu lar’, literal e metaforicamente com maior facilidade. Dessa forma, a pesquisa foi sendo construída a partir dos meus contatos pessoais, a partir da colaboração de diversos desses contatos quando lhes perguntava: “Você não conhece alguém que possa conversar comigo sobre a alimentação dos seus filhos”? A partir daí, todos os que se disponibilizaram a contribuir foram entrevistados e com a colaboração dos primeiros entrevistados, cheguei até outras pessoas, a chamada amostra ‘bola de neve’. Portanto, essa pesquisa não diz respeito a um grupo social específico, ou seja, um conjunto de pessoas que formam uma coletividade identificável, cada um dos atores representando seus respectivos papéis dentro desse grupo, sujeitos às mesmas normas e valores, com fins comuns. Aqui, os entrevistados são de diferentes faixas etárias, círculos sociais, renda familiar¹⁰, profissões e ideologias.

Ao todo, foram 69 entrevistas em profundidade. As mais curtas giraram em torno de 40min, e a maior de todas 2h. A maioria dos pais e avós mantinha uma média de 1h, 1h10min.

<i>Atores</i>	<i>Quantidade de entrevistas</i>
Mães	44
Pais	2
Avós	5
Avô	1
Crianças	7
Pediatras	4
Nutricionistas	6

Dentre essas 69 entrevistas em profundidade, 2 foram realizadas com o pai da criança, 43 com a mãe, 4 com as avós, 6 com as crianças, 1 com o avô, 4 com pediatras

¹⁰ Utilizei a renda familiar total como dado da pesquisa, referente a totalidade dos rendimentos das pessoas que moram no domicílio em questão.

e 6 com nutricionistas.¹¹ Posteriormente, em um breve período de observação participante somaram-se aos já envolvidos previamente, 1 avó, 1 mãe, e 1 criança, levando a um total de 44 mães, 6 avós e 7 crianças que compuseram os dados dessa pesquisa de forma direta. Dos 41 lares envolvidos, 5 tinham renda familiar de um a dois salários, 7 de três a quatro salários, 9 de cinco a seis salários, 7 de sete a oito salários, 1 de nove a dez salários, 2 de onze a doze salários, 5 de treze a quatorze salários, 3 de quinze a dezesseis salários, 1 de dezenove a vinte salários e, 1 de vinte e nove a trinta salários¹². Veja os dados agrupados na tabela abaixo.

<i>Renda familiar doméstica em salários</i>	<i>Quantidade de lares</i>
1 a 2	5
3 a 4	7
5 a 6	9
7 a 8	7
9 a 10	1
11 a 12	2
13 a 14	5
15 a 16	3
17 a 18	0
19 a 20	1
21 a 28	0
29 a 30	1

Os relatos dessa dissertação dizem respeito, diretamente, a 67 crianças, entre filhos e netos. Dos pais entrevistados, 19 tinham apenas 1 filho, enquanto 16 tinham 2. Dos que tiveram 3 filhos, apenas 4 mães participaram da entrevista, cujas idades contam 33, 37, 42, 52 anos. Os três filhos de cada uma das duas primeiras mães estão abaixo de

¹¹ Nesse cômputo, em entrevistas em que a mãe e a criança estavam presentes e ambas efetivamente participaram, conto as duas separadamente. O mesmo é válido para um dos pais, cuja esposa eu também entrevistei.

¹² 1 salário é equivalente à R\$ 380,00, o salário mínimo no segundo semestre de 2007, ano em que desenvolvi o trabalho de campo e, portanto, as descrições sobre a renda familiar no decorrer da dissertação se referem a essa quantia.

12 anos. Os filhos da mãe de 42 anos contam 2, 11, 19 anos. A mãe com 52 anos tem dois filhos com mais de 20 anos, e um com 8. Achei importante discorrer mais detalhadamente sobre essas faixas etárias porque evidenciam um processo de redução da taxa de natalidade nas camadas médias dos centros urbanos. Uma mãe de 37 anos chegou a declarar que muitos comentam o quanto ela é, ou foi, ‘louca’ ou corajosa em ter 3 filhos ‘em escadinha’ (5, 4 e 2 anos), o que evidencia a valorização de uma baixa natalidade, reduzida em sua maioria a 2 filhos. Enquanto alguns pais se satisfazem com 1 filho, outros justificam a importância de se ter ao menos um irmão para fazer companhia.

Quantidade de filhos por casal entrevistado

<i>Casais</i>	<i>Filhos</i>
19	1
16	2
4	3
0	4 ou mais

Entre as avós, 3 apenas tinham 1 neto (uma dessas avós estava também com o marido presente, o único avô que participou das entrevistas), e com um desses netos eu tive a oportunidade de fazer a observação participante na qual ele e a mãe passaram a compor os interlocutores dessa pesquisa. Outra avó tem 2 netas, cuja mãe foi entrevistada, além da filha mais velha de 7 anos. Finalmente a quinta avó entrevistada tem 6 netos, dos quais 4 são crianças. Também tive a oportunidade de entrevistar uma de suas filhas que tem um casal de filhos. Essa quinta avó, sua filha e seus netos moram em Italva, município próximo a Campos. Foi entrevistada na casa de alguns parentes meus, durante a ocasião de um churrasco, momento propício para a ocasião dessa pesquisa. Uma das mães entrevistadas era de Niterói, mas também foi entrevistada em uma visita a Campos. Achei por bem deixá-las compor o quadro dessa pesquisa, porque embora diga respeito a essa cidade, os processos envolvidos na alimentação infantil contemporânea a ultrapassam e os relatos dessas pessoas podem colaborar para fundamentar isso.

Quanto aos dois pais entrevistados, um era um antigo companheiro de trabalho, cuja esposa, embora estivesse em casa, resolvia um trabalho de faculdade e não pode participar da entrevista, nem houve nenhuma manifestação de que houvesse um interesse de acrescentar ‘o lado dela da história’. O outro foi entrevistado logo em seguida a sua esposa, e foi uma das mais interessantes entrevistas, no sentido de parecer um grande desabafo da revolta como a alimentação infantil é encarada pelos pais. Sua ajuda também se origina no fato de ser antropólogo, bem como sua esposa, e entender as minhas necessidades como uma colega de trabalho realizando uma entrevista em profundidade.

Quanto aos profissionais, falei com 4 pediatras (três mulheres e um homem) e 6 nutricionistas (todas mulheres). Todos os pediatras tinham uma longa experiência em ambulatórios e consultórios. Uma das pediatras disse preferir atender apenas pelo SUS, sendo uma médica concursada em prefeituras vizinhas. Não tem consultório particular. Outra teve uma experiência no Rio, em hospitais universitários e hoje é professora da Faculdade de Medicina de Campos, além de profissional atuante no Hospital Escola Álvaro Alvim. O pediatra trabalha em hospitais públicos da cidade e também em seu consultório particular. Por fim, a quarta pediatra sempre preferiu lidar com atendimentos em hospitais públicos, demonstrando uma clara preferência por atuar com mães de crianças recém nascidas e estimular a amamentação.

As nutricionistas tinham experiências variadas. Entre elas estão: profissionais que atuavam orientando o cardápio de creches particulares e públicas; uma funcionária municipal que coordenava projetos em torno da merenda escolar das escolas sob a administração da prefeitura; uma professora da graduação em Nutrição, atuação em hospitais públicos, incluindo os ambulatórios pediátricos e os bancos de leite, e atendimento em consultório particular.

O desenrolar inesperado da pesquisa

Embora estejamos falando de uma ‘cidade de interior’, de porte médio, que apresenta traços em sua culinária referentes há tempos pretéritos, é inegável que ela passa por um processo semelhante ao exposto em demais estudos sobre as transformações nas práticas alimentares na modernidade (WARDE, 1997; BLEIL,

1998; ROTENBERG, VARGAS, 2004; SANTOS, 2003). Desses tempos pretéritos resta uma valorização de uma ‘comida forte’ como angu, aipim frita com café para um lanche, os doces em compota, tradicionais iguarias da cidade, entre outros, mas que estão presentes mais em nostalgia e saudosismo do que na prática cotidiana atual.

No decorrer da segunda metade do século XX, a cidade passou por grandes mudanças, tanto na sua estrutura demográfica quanto nos papéis desempenhados por homens e mulheres, pais e mães. Além do aumento populacional e também de uma grande circulação cotidiana de pessoas de municípios vizinhos, a maioria das mulheres campistas entrou no mercado de trabalho, embora seja possível perceber que muitas delas ainda suprimam sua vida profissional, momentaneamente, em função do filho recém chegado, com a justificativa de priorizar a educação e a saúde deste. Durante esse período o homem é o único provedor da casa, situação que remete aos tempos pretéritos. No entanto, essa situação é cada vez mais rara. O comum é vermos crianças de 4 meses¹³, período em que se encerrava a licença maternidade, indo para as creches, enquanto as mães retornam ao mercado de trabalho. Essa, como muitas outras práticas atuais em Campos, ilustra que as experiências dos últimos anos vêm acompanhando, embora em proporções diferentes, as mudanças pelas quais passam as demais cidades de médio a grande porte, mudanças essas que estão diretamente vinculadas à ordem social e ao mundo do trabalho. A família, entretanto, hoje como no passado, é o agente socializador mais importante no seio desse individualismo moderno.

A individualização como um dos processos mais gritantes que passaram a definir o consumo nos dias atuais, está presente no relato dos pais sobre o comportamento de seus filhos, em casa e na escola, e ainda, como consumidores. Portanto, por mais que estejamos tratando de uma cidade de interior, não percamos de vista as interconexões que a modernidade possibilitou e a velocidade com que as mudanças passaram a nos chegar, além da extensa e rápida difusão dos discursos para os mais diversos lares por meio de um aparelho que muito nos é familiar, a televisão¹⁴.

¹³ Embora já esteja em vigor a lei que conceda 6 meses de licença maternidade, no período em que essa pesquisa foi realizada, ela durava apenas 4 meses. Pediatras e nutricionistas entrevistados consideravam 4 meses insuficientes para a provisão do aleitamento materno exclusivo que, de acordo com a OMS, deve durar 6 meses.

¹⁴ Lembremos dos inúmeros programas do Globo Repórter relacionados ao tema alimentação e saúde, além de diversos outros programas como o Sem Censura que, constantemente, apresentam nutricionistas, tendo em vista o esclarecimento da população sobre as descobertas em torno dos alimentos. Além desses, há também os programas de culinária que muitas mães, ou mesmo avós, que ao os assistirem passam a

Eu supunha que a melhor forma de realizar as entrevistas seria na residência das famílias, de preferência em horários que me permitissem observar as crianças comendo, enquanto eu conduzia as entrevistas com os pais. Contudo, percebi que havia uma resistência por parte dos pais quanto a minha intromissão em suas residências em um horário tão familiar quanto o das refeições. Portanto, não considerei de bom tom apresentar-me já fazendo exigências com relação aos horários, à presença de determinados membros da família na casa, levando em conta que seria uma entrevista única, isto é, na maioria dos casos, estariam me conhecendo pessoalmente naquele momento. Por essas razões, deixei a cargo dos entrevistados a escolha da hora e local das entrevistas, uma vez que sua desenvoltura ao me apresentar o cotidiano alimentar de seus filhos era crucial. Além disso, era perfeitamente viável realizar a pesquisa deixando-os à vontade na escolha da hora e local da entrevista. Isso levou, inclusive, a realização de algumas delas em seus locais de trabalho. Esse ‘desvio’ do caminho metodológico traçado inicialmente levou a elaboração de uma amostra diferente, não podendo eu julgar se melhor ou pior do que poderia ter sido.

Minha presença não deixava de ser uma invasão no cotidiano familiar, envolvendo, inclusive, uma possível alteração na própria rotina alimentar das crianças, pois eu estava ‘ocupando’ o tempo da mãe, que permanece a principal responsável por preparar e dar¹⁵ a comida à criança. Achei conveniente investir em uma observação participante complementar aos dados coletados nas entrevistas porque somente em duas casas pude observar as crianças comendo enquanto fazia as entrevistas com seus pais. Na observação, ainda mais que nas entrevistas, ficou evidente que minha presença fazia diferença. Muitas vezes, participava das refeições com as famílias e influenciava, independente da minha vontade, das mais diversas formas. As crianças que já me conheciam, sentiam-se à vontade comigo e começavam a me ‘usar’ como substituição do brinquedo. Explicando melhor, eu fiz as vezes ‘daquilo’ que as distrai enquanto comem. Queriam que eu desse a comida na boca, ou comesse primeiro, fazendo com que eu participasse da experiência alimentar daquela refeição. As que não tinham intimidade comigo, reagiam de forma diferente. Ficavam mais retraídas, o ‘ser estranho’, fugindo completamente à rotina da casa. Uma das crianças chegou a ficar

pôr em prática os novos conhecimentos, trazendo novos conteúdos e aprendizados para a rotina alimentar da família (Assunção, 2006).

¹⁵ Dar na boca, ou apenas pôr à mesa.

sem comer, manifestando um comportamento de estranhamento incomum, uma vez que estava acostumada com outras pessoas além da família partilhando das refeições, como as amigas da irmã mais velha.

É importante notar que apenas dois pais se apresentaram para conversar comigo e ambos já me conheciam antes da entrevista. Na maioria das entrevistas, o primeiro contato era feito por telefone, quando eu me apresentava e colocava o desejo de entrevistar os pais da criança, ambos, pai e mãe, sobre a condução de sua alimentação, suas rotinas, preferências e rejeições. Contudo, ao chegar à casa, os maridos não estavam presentes, ou não ficavam durante as entrevistas no local onde eu e a sua esposa estávamos conversando. Em pouco tempo, tornou-se perceptível que isso seria constante. Logo, passei a contatar diretamente a mãe, mencionando que seria ótimo se os demais membros da família estivessem presentes. Mas não houve jeito. Com o tempo, eu mesma me rendi diante das diversas vezes em que os pais me disseram ‘Fala com ela’, ou então, ‘É ela que sabe tudo sobre a comida’, saindo para cuidar de algo alheio à entrevista, já que, com a esposa ali, sua presença era dispensável.¹⁶ Isso é confirmado ao longo das entrevistas, quando as mães declararam ser a maior autoridade sobre a alimentação das crianças, por estarem mais presentes no geral e, especialmente, na hora das refeições.¹⁷ A mulher ainda permanece sendo a principal responsável pela decisão do que será feito na alimentação da família (BARBOSA, 2007), a pessoa sobre a qual recai a responsabilidade ou a culpa pela má alimentação da criança, incluindo aqui o conteúdo e a própria dificuldade alimentar de determinadas crianças. Algumas ausências dos pais nas entrevistas, poderiam ser interpretadas como necessárias, do seu ponto de vista, para que, estando eles com os filhos, as mães ficassem tranquilas conversando comigo. Entretanto, penso que, no geral, eles realmente entendiam que, com a esposa ali, não haveria nada que eles pudessem acrescentar, pois elas sabiam tudo sobre a alimentação das crianças. Tanto que foram 2 entrevistas com pais em comparação a 44 realizadas com mães. O interessante é que as mães afirmam que os maridos fazem o possível para participar o quanto podem, mas que o dia-a-dia da alimentação dos filhos quem acompanha são elas. Parece-me ser generalizada a crença

¹⁶ Imagino que entre os meus conhecidos intermediadores dos contatos com os entrevistados também tenha se manifestado essa noção de que a mãe é quem seria a pessoa que eu deveria entrevistar, uma vez que eles mesmos me levavam diretamente a ela.

¹⁷ De acordo com Cavalcanti et alli (2004) a mãe foi o ator mais presente na pesquisa sobre consumo alimentar.

de que é a mulher quem deve executar esse cuidado cotidiano com a alimentação dos filhos.

As mães que preferiram realizar a entrevista em seu local de trabalho supunham que lá teriam mais tranquilidade para conversar comigo, longe dos filhos. Elas sempre me diziam: ‘Venha em tal horário, porque meu filho não estará aqui e aí eu poderei te dar atenção.’ Como o tempo era curto e o campo, longo, considerei prudente atender às pré-condições que as mães me impunham, concedendo-me dados para essa pesquisa já na sua escolha de hora e local da entrevista. Esse comportamento das mães já indicava duas possibilidades: a primeira, que na dupla rotina de trabalho feminino, os momentos em casa são mais conturbados que os no trabalho fora, e a segunda que, uma vez estando boa parte do dia fora, querem se dedicar às crianças quando chegam em casa, e, por essa razão prefeririam que eu não as privasse, ainda que por um dia, desse momento.

Para finalizar, um ponto que devo mencionar é que embora essa dissertação tenha se moldado a partir de uma amostra com crianças de 0 a 10 anos, os relatos que diziam respeito a crianças com até 12 anos foram incluídos. Adolescentes e adultos apenas aparecem porque eles perpassam os relatos das mães cujo intuito era fundamentar as diferenças de hábitos entre seus filhos a partir da geração ou da personalidade.

A seguir, apresento tabelas¹⁸ apresentando alguns dos atores entrevistados.

¹⁸ As idades que estiverem acompanhadas por asterisco (*), tanto na tabela quanto ao longo das citações na dissertação, referem-se a uma aproximação da idade real. Os espaços com (-) dizem respeito a dados desconhecidos. Quanto a renda familiar mensal, a apresentei em quantidade equivalente em salários. Portanto, no segundo semestre de 2007, 1 salário = R\$ 380,00, 2 salários = R\$ 760,00, 3 salários = R\$ 1.140,00, 4 salários = R\$ 1.520,00, 5 salários = R\$ 1.900,00, 6 salários = R\$ 2.280,00, 7 salários = R\$ 2.660,00, 8 salários = R\$ 3.040,00, 9 salários = R\$ 3.420,00, 10 salários = R\$ 3.800,00, 11 salários = R\$ 4.180,00, 12 salários = R\$ 4.560,00, 13 salários = R\$ 4.940,00, 14 salários = R\$ 5.320,00, 15 salários = R\$ 5.700,00, 16 salários = R\$ 6.080,00, (...) 20 salários = R\$ 7.600,00, (...) 29 salários = R\$ 11.020,00.

Tabela apresentando as mães que compuseram esta amostra

Mãe	Idade	Escolaridade	Profissão	Escolaridade do Esposo	Profissão do Esposo	Quantidade de filhos e Idade respectiva	Renda Familiar Mensal em Salários
Alice	40*	Mestrado	Socióloga	Mestrado	Administrador	2 filhas (10; 2)	16
Amanda	25*	-	Manicure	-	-	1 filha (8)	-
Andrea	35	-	Dona de Casa	-	Jogador de Futebol	2 filhos (12; 3)	6
Bárbara	18	2º Grau Incompleto	Dona de Casa	2º Grau	Auxiliar de Escritório	1 filha (2)	5
Beliza	35	2º Grau	Dona de Casa	2º Grau	Motorista (desempregado) / Faz bicos	1 filha (6)	2
Célia	40	2º Grau	Secretária	1º Grau	Motorista	1 filho e 1 filha (9; 6)	3
Cris (Juju)	30	1º Grau	Empregada Doméstica	- (ausente)	-	1 filha (4)	1
Cristiane	40	2º Grau	Dona de Casa	2º Grau	Representante Comercial	2 filhos (12; 7)	4

Cristina	28	3º Grau Incompleto	Professora	3º Grau	Prof. Educação Física / Comerciante	1 filha e 1 filho (10; 4)	5
Daniela	37	3º Grau	Dentista	2º Grau	Representante Comercial	2 filhos (5; 4) e 1 filha (2)	12
Daniele	24	2º Grau	Atendente Comercial	3º Grau	Técnico em Petróleo e Gás	1 filha (9 meses)	8
Edinha	38	3º Grau	Professora	2º Grau	Comerciante	1 filho (6) e 1 filha (3meses)	7
Eliédima	30	3º Grau	Auxiliar de Secretaria	1º Grau	Auxiliar de Serviços Gerais	1 filha (6)	3
Elizângela	28	3º Grau incompleto	Dona de Casa/ Consultora Natura	2º Grau	Técnico em Informática / Comerciante	1 filha (6) e 1 filho (2 meses)	3
Eneida	46	Mestrado	Professora (Yoga / Matemática)	3º Grau	Técnico Administrativo	2 filhos (10; 9)	13
Graciana	30*	2º Grau	Dona de Casa	3º Grau	Médico	1 filho (5)	13
Fabiana	29	1º Grau	Equipe de Limpeza	-	Pedreiro	1 filho (10)	5

			(Prestadora de Serviços)				
Fernanda	25	3º Grau Incompleto	Operadora de Processos	2º Grau	Auxiliar de Almoxarifado	1 filho (3)	4
Francis	36	Pós-Graduação	Advogada / Funcionária Pública	3º Grau	Técnico em Radiologia	2 filhas (7, 2m)	15
Heloísa	38	3º Grau	Pedagoga	2º Grau	Comerciante	1 filha (8)	10
Izabela	36	3º Grau	Economista	3º Grau	Engenheiro Mecânico	2 filhos (6; 2)	13
Jéssila	27	3º Grau	Pedagoga	2º Grau Incompleto	Vendedor	1 filho (4) e 1 filha (2)	5
Kátia	28	3º Grau	Universitária	3º Grau Incompleto	Sub-gerente de Posto	1 filho (3)	3
Kellen	24	3º Grau em curso	Estudante	Falecido	-	1 filha (4)	2
Lídia	24	2º Grau	Dona de Casa / Autônoma (Vende embalagens)	2º Grau	Desempregado	1 filha (2)	2

Mara	33	3º Grau em curso	Dona de Casa	Doutorado	Veterinário / Professor Universitário	2 filhas (8; 4)	20*
Márcia	42	2º Grau	Dona de Casa	3º Grau	Professor	3 filhos (19; 11; 2)	8
Mª de Fátima	39	-	Assistente Administrativa	-	-	1 filha (9 meses)	7
Mª Eugênia	42	Doutorado em curso	Assistente Administrativa	Doutorado	Biólogo / Professor Universitário	1 filha (7) e 1 filho (6)	16
Patrícia	38	-	Assistente Administrativa	-	-	1 filho (1 ano e 7 meses)	7
Renata	26	2º Grau	Assistente Administrativa	3º Grau	Contador	1 filho (3)	8
Regiane	30	1º Grau	Desempregada	Alfabetizado	Pedreiro	1 filha (8) e 1 filho (4)	1
Sandra	40	-	Dona de Salão de Beleza	-	-	1 filho (10)	3
Sandra Márcia	30	3º Grau em curso	Instrumentadora	2º Grau	Bombeiro	2 filhos (10; 8 meses)	5
Simone	33	2º Grau	Auxiliar de	3º Grau	Dentista	2 filhas (12; 9) e 1	8

			Consultório Dentário			filho (4)	
Sheila	33	2º Grau	Gerente de Loja	3º Grau	Engenheiro	2 filhas (8; 1)	29
Solange Areas	52	2º Grau	Funcionária da Prefeitura	2º Grau	Supervisor do Correio (Aposentado)	2 filhos (27; 8) e 1 filha (24)	13
Solange	35	2º Grau	Assistente Administrativo	2º Grau	Técnico em Eletricidade / Petrobrás	1 filha (4)	13
Thais	24	Mestrado em curso	Antropóloga	Doutorado em curso	Antropólogo	1 filho (6 meses)	6
Valkíria	32	2º Grau	Dona de Casa	2º Grau	Guarda	1 filha (15) e 1 filho (8)	3
Venusa	40*	2º Grau	Cabeleleira	-	Açougueiro	1 filho (10)	5
Wagna	30	3º Grau	Empresária/Lojista	2º Grau	Prestador de Serviços / Firma Terceirizada pela Petrobrás	1 filho (4) e 1 filha (2)	12

Tabela apresentando os pais que compuseram esta amostra

Pai	Idade	Escolaridade	Profissão	Escolaridade da Esposa	Profissão da Esposa	Quantidade de filhos e Idade respectiva	Renda Familiar Mensal em Salários
Abraão (esposo de Thaís)	26	Doutorado em curso	Antropólogo	Mestrado em curso	Antropólogo	1 filho (6 meses)	6
Kauê	28	Pós-Graduação	Professor	3º Grau	Fisioterapeuta	2 filhos (5, 4)	5

Tabela apresentando os avôs e avós que compuseram esta amostra

Avós e Avós	Idade	Escolaridade	Profissão	Quantidade de Netos
Afonso	73	2º Grau Completo	Aposentado (Técnico Eletricista)	1 neto (10 anos)
Edna Ribeiro	72	1º Grau Incompleto	Aposentada (Auxiliar Administrativa)	2 netas (10; 2)
Eni	64	1º Grau Incompleto	Empresária/ Lojista	7 netos dos quais 5 são crianças. 2 meninos (8; 4) e 3 meninas (5; 2; 2 meses)
Lela	68	Pós-Graduação	Educadora	3 netas (7; 5 meses; 2 meses)
Vera	65	2º Grau	Dona de Casa	1 neto (3)
Vera (esposa de Afonso)	63	2º Grau Completo	Aposentada (Atendente de Empresa Telefônica)	1 neto (10 anos)

I - Capítulo I. Aspectos teóricos do gosto

Felizmente, gosto tem sido um assunto mais discutido do que eu imaginava ao iniciar essa pesquisa. No entanto, uma antiga questão da antropologia ainda permanece sem solução no que diz respeito aos determinantes sobre o gosto alimentar infantil: o debate acerca do grau de influência em nosso comportamento exercido pela natureza e cultura. Nessa pesquisa, parti da hipótese de que o gosto alimentar infantil é construído por fatores externos à criança, ou seja, fatores sociais, culturais, históricos, ambientais, ecológicos, políticos, enfim, todos os elementos que contribuem para a formação dos hábitos alimentares de um povo, excluindo os relacionados à natureza. Alguns nutricionistas afirmam que o gosto aprendido na infância dificilmente se altera. Além disso, crê-se que tendemos a gostar daquilo a que fomos acostumados (WARDE, 1997). Mas no desenvolvimento da pesquisa, quanto mais entrevistas fazia, mais ficava claro que as ciências sociais não poderiam explicar todo o processo. Manifestações de rejeições alimentares com poucos meses de idade, ao iniciar a alimentação sólida, ou mesmo a voracidade ou preguiça diante do aleitamento materno eram indicativos de que, antes mesmo de qualquer tipo de socialização, a criança demonstra comportamentos alimentares que fogem ao domínio da Antropologia. Podem corresponder a sua personalidade, fisiologia¹⁹, entre outros.

A questão sobre o nível de influência da natureza no gosto ainda é uma incógnita e eu não posso respondê-la. O máximo que posso fazer é indicar alguns limites a partir dos quais os elementos culturais não são mais suficientes para explicar o gosto. Diferentemente de muitos estudos de antropologia da alimentação, não estarei tão preocupada com os sistemas culinários, ou questões de identidades grupais manifestadas por meio da alimentação, embora alguns elementos desses assuntos estejam presentes. Minha proposta é entender o processo de formação do seu gosto, considerando os hábitos alimentares, preferências e rejeições alimentares das crianças.

Alguns dos autores que trabalharam com as possíveis explicações do gosto como Brillat-Savarin, Ferguson, Bourdieu, Lieberman, Gronow, Mennel serão analisados observando sua contribuição para o entendimento do gosto. Mesmo esses autores,

¹⁹ Por exemplo, diferentes quantidades de papilas gustativas.

embora escolham determinado caminho para explicar os mecanismos do gosto, não desconsideram inteiramente os demais. Apesar de me interessar aqui pelo gosto, na medida em que é influenciado por características sócio-culturais, não deixarei de apresentar os argumentos dos autores que favorecem explicações por meio da natureza, pois elas ajudam a reconhecer até onde podemos desenvolver a análise baseada nos termos de formação cultural. A seguir, vejamos o pensamento de cada um dos autores mencionados, juntamente com o pano de fundo dessa dissertação, Berger e Luckmann em seu livro ‘A construção social da realidade’ (1976). Ao longo da dissertação, indicarei a contribuição de seus estudos para a compreensão da construção social do gosto alimentar infantil.

I. 1. 1. Brillat-Savarin e ‘A fisiologia do Gosto’

Em boa parte da bibliografia consultada para a elaboração deste trabalho, sejam livros ou artigos, o nome de Brillat-Savarin era constantemente mencionado. Ele caracteriza o gosto como um dos seis sentidos²⁰, equivalente ao que denominamos paladar (,) e o define como ‘(...) *aquele de nossos sentidos que nos põe em contato com os corpos sápidos, por meio da sensação que causam no órgão destinado a apreciá-los.*’ (1995, p. 41) Além do paladar, o olfato seria parte integrante da experiência gustativa, como nos mostra a seguir, juntamente com os dois principais usos do gosto. Para ele, o gosto

“(...) nos convida, pelo prazer, a reparar as perdas contínuas decorrentes da ação da vida. (...) nos ajuda a escolher, entre as diversas substâncias que a natureza nos oferece, as que são próprias a servir de alimentos. (...) Nessa escolha, o gosto é poderosamente ajudado pelo olfato (...), pois se pode estabelecer, como máxima geral, que as substâncias nutritivas não são repulsivas nem ao gosto, nem ao olfato.” (BRILLAT-SAVARIN, 1995, p. 42)

Dessa forma, o gosto teria um papel crucial na nossa saúde física e psíquica, uma vez que além de ser um termômetro indicativo do que deveríamos comer, também funciona como um elixir para os problemas cotidianos, por meio do prazer que proporciona ao homem. Essa função não poderia ser completa se não tivesse a

²⁰ Brillat-Savarin listava seis sentidos: visão, audição, olfato, gosto, tato e o genésico (o sentido sensual, relacionado aos órgãos sexuais). (Brillat-Savarin, 1995: 33-34)

colaboração do olfato, sentido integrante da experiência gustativa. Para ele, enquanto o paladar degusta ‘corpos táteis’, o olfato degusta ‘gases’. No entanto, embora defendendo a importância da fisiologia, Brillat-Savarin reconhece que a sensação do gosto só está completa, se além do paladar e do olfato, ‘*o julgamento feito pela alma sobre as impressões que o órgão lhe transmite*’ também estivesse presente. (1995, p. 47) Explicando o gosto em termos de fisiologia, Brillat-Savarin descreve que

“Ora, a anatomia nos ensina que nem todas as línguas são providas da mesma quantidade de papilas; tanto que em algumas as encontramos em número três vezes maior que em outras. Essa circunstância explica por que, de dois comensais que participam do mesmo banquete, um demonstra um vivo prazer, enquanto o outro parece comer forçado: é que este último tem a língua pobremente equipada.” (1995, p. 44)

Brillat-Savarin publicou isso em 1825. Não sei o quanto a ciência desenvolveu desde então e o que se diz a respeito da capacidade fisiológica de apreciação do gosto. Supondo que esses dados sobre a influência da fisiologia estejam corretos, este seria um dos pontos que complementaríamos as explicações culturais acerca das preferências e rejeições. Veja que ele comenta sobre dois comensais tendo reações completamente diferentes ao mesmo alimento, uma situação comum, a meu ver. Imagino que todos já tenham tido a oportunidade de observá-la. Correto ou não, posso afirmar que muitas mães não discordariam de afirmações pautadas nesses princípios. Afinal, a explicação das rejeições por meio de uma incapacidade de apreciação nata da criança em função de suas papilas gustativas contribui para justificar porque as crianças manifestam, desde novinhas, por vezes com 4, 6, 8 meses, rejeições inexplicáveis culturalmente.

Embora na experiência de gosto ele já incluía nossos julgamentos de apreciação dos alimentos, Brillat-Savarin desenvolve as influências dos elementos culturais no comer ao tratar da gastronomia. Ele a define como ‘*(...) o conhecimento fundamentado de tudo o que se refere ao homem, na medida em que ele se alimenta*’, cujo objetivo ‘*é zelar pela conservação dos homens, por meio da melhor alimentação possível*’ (1995, p. 57). Seria a gastronomia, portanto, que nos informaria sobre as propriedades dos alimentos, como prepará-los, armazená-los e até mesmo julgá-los para o melhor aproveitamento deles, em um sentido amplo, não só o nutricional, mas para o prazer humano. A gastronomia classificaria os alimentos

“(...) segundo suas qualidades diversas, que indica as que podem se associar, e, avaliando seus diversos graus de habilidade, distingue as que devem ser a base de nossas refeições daquelas que são apenas acessórios, e também daquelas que, já não sendo mais necessárias, são, no entanto, uma distração agradável, e se tornam o acompanhamento da confabulação convivial.” (BRILLAT-SAVARIN, 1995, p. 59)

Assim, a gastronomia formaria e reconfiguraria os códigos culinários de um povo, sendo a ciência dos alimentos, na medida em que são trabalhados e pensados pelo homem. Para além das capacidades fisiológicas do homem, estaria sobre o domínio da gastronomia como, onde, quando, com quem, e por que razões se come. N’ *A fisiologia do gosto*, Brillat-Savarin (1995) nos dá inúmeros exemplos de como a comida servia como estímulo ao sentido genésico, como motivo para uma reunião política ou familiar, como propulsor da efervescência da esfera pública nos restaurantes, entre outras influências.

I. 1. 2. Priscilla Ferguson e a ascensão de um discurso

Em seu livro *Accounting for Taste*, a autora estudou como a comida estrutura e expressa a cultura de determinado grupo. Partindo do ditado, ‘Somos o que comemos’²¹ ou ‘Diga-me o que comes e eu te direi quem és’²², já presente na obra de Brillat-Savarin, Ferguson tomou a França como exemplo emblemático da relação entre comida, gosto, cultura e identidade, por meio dos discursos que se formaram sobre essa sociedade. (FERGUSON, 2004, p. 2)

Para tanto, distingue *Food*, *Cooking*, *Gastronomy*, *Cuisine*²³. Por comida (*food*), entenderíamos a matéria-prima, o alimento em sua forma mais pura. Por cozimento (*cooking*), a forma pela qual processamos os alimentos. Gastronomia (*gastronomy*) seria a sofisticação e elaboração do processamento dos alimentos e a compreensão da relação entre o *cooking* e a identidade. E, por último, a cozinha, *cuisine*, no sentido que confere uma amplitude grupal, regional ou nacional à culinária. Seria ela o código cultural que transforma o privado em público, permitindo-nos lidar, pensar e desenvolver hábitos

²¹ ‘We are what we eat’ (German adage) (FERGUSON, 2004: 1)

²² ‘Tell me what you eat, and I’ll tell you who you are.’ (FERGUSON, 2004, p. 2)

²³ *Comida, Cozimento, Gastronomia, Cozinha* (no sentido amplo do termo; culinária)

alimentares que nos são peculiares, no âmbito grupal. É a *cuisine* que transforma a nutrição em um ato cultural de consumo e estética. (FERGUSON, 2004, p. 3)

“O cozimento transforma o cru no cozido e a escrita transforma o cozido em cultura. Através da enunciação de práticas culturais, valores e normas, os textos culinários incutem a consciência que transforma a cozinha num produto cultural maduro, desenvolvido.”²⁴ (FERGUSON, 2004, p. 22)

Seu argumento central é que, no caso francês, a *cuisine* foi parte crucial do processo de construção interna da identidade nacional. A cozinha francesa se tornou um mito desde o século XVIII por meio das narrativas que se contavam, e continuam sendo contadas, sobre ela. Difundiu-se, assim, uma aura de ‘*naturalidade da excelência da cozinha francesa*’, por todo o Ocidente, em razão da difusão das narrativas que se espalharam sobre ela. (FERGUSON, 2004, p. 3, 8-10)

Foi a contribuição de Carême²⁵ ao criar uma elaborada racionalização do comportamento alimentar que facilitou sua difusão em outros contextos. Ao mesmo tempo em que racionalizou a cozinha, ele também trabalhou pela sua nacionalização, adotando elementos da culinária do Antigo Regime e os reorganizando com outras características de culinárias locais francesas.

Somada às ações de Carême, a contribuição da literatura culinária foi crucial. A França é um país onde a escrita é muito valorizada e constrói o discurso público. Portanto, a expansão da literatura culinária na França foi bem sucedida. Construía-se, a partir de então, a identidade nacional sobre dois pilares: a *cuisine* e a língua. É importante mencionar que no momento em que a literatura culinária começou a se difundir, o francês ainda não era falado pela maioria da população. Dessa forma, a circulação desses livros era um trunfo que construía, paralelamente, o senso de pertencimento nacional por meio dos dois patrimônios nacionais comuns. Construindo esse argumento, Ferguson justifica a veneração que passou a ser concedida no Ocidente,

²⁴ Livre tradução da autora, bem como as subseqüentes. “*Cooking turns the raw into the cooked, and writing transforms the cooked into the cultural. By enunciating the cultural practices, values, and norms, culinary texts instill the consciousness that turns cuisine into a full-fledged cultural product.*” (FERGUSON, 2004, p. 22)

²⁵ Conhecido como “cozinheiro dos reis e rei dos cozinheiros” como aponta uma recente biografia, Carême foi o primeiro chef a ganhar fama e tornar-se uma celebridade da gastronomia. Criou o que conhecemos como a Haute Cuisine, ou Alta Gastronomia Francesa, a elaboração do cardápio como o conhecemos hoje – entrada, pratos principais e sobremesa – além de ter desenvolvido sobremesas arquitetônicas, com formatos perfeitos. Viveu em fins do século XVIII e início do XIX.

tanto ao idioma quanto à *cuisine* da França. (FERGUSON, 2004, p. 70-71) Esta representava

“(...) uma configuração culinária tomada como um sinal e símbolo da nação em si. A cozinha francesa se tornou francesa não tanto pelo conteúdo de sua comida quanto pelos textos escritos e avidamente lidos. A nacionalização da cozinha francesa, em resumo, veio por meio da sua textualização e dependeu dos leitores dos textos culinários tanto quanto dos cozinheiros ou consumidores.”²⁶ (FERGUSON, 2004, p. 34)

Portanto, para a autora não há dúvidas de que foram atores e instituições, ao longo da história, que construíram a forma como pensamos a culinária francesa hoje, por meio dos discursos escritos e narrativas orais que surgiram a partir dela. Foi um longo processo de construção simbólica que culminou no reconhecimento de um código de conceitos e práticas como a culinária de maior excelência mundial.

Entretanto, apesar de todo o prestígio que possa ter, a culinária francesa é também fruto de escolhas culturais, assim como todas as demais. Essas escolhas são parte daquilo que molda nossos hábitos e gostos, cada povo desenvolvendo esse processo de acordo com suas particularidades.

“Apenas um determinado conjunto de alimentos está acessível a qualquer momento, em parte pela variedade dos suprimentos alimentícios e, mais ainda, pelo que a nossa cultura define como bom para comer. Mais do que os alimentos disponíveis, tais avaliações, os julgamentos sobre o que é comestível e o que não é, determinam as seleções que fazemos. Essas escolhas modelam nosso gosto individual e coletivo. A cadeia de escolhas alimentares abertas a cada um de nós fornece um espaço cultural no qual nós vemos a nós mesmos e as nossas diferenças dos demais. Toda experiência alimentar²⁷ constrói bem como desempenha uma identidade culinária.”²⁸ (FERGUSON, 2004, p. 175)

²⁶ “(...) a culinary configuration taken as a sign and symbol of the nation itself. French cuisine became French not so much from the food eaten as through the texts written and then avidly read. The nationalization of French cuisine, in short, came through its textualization, and it depended on the readers of culinary texts as much as on the cooks or the consumers of the material preparation.” (FERGUSON, 2004, p. 34)

²⁷ A tradução do termo original se aproxima mais de bocada, colherada, garfada. Para fins de tradução, preferi deixar um termo mais generalista.

²⁸ “Only a certain range of foods is actually available at any given moment, partly because of the vagaries of food supply and, even more so, because of what our culture defines as good to eat. More than the foods available, those assessments, the judgments about what is edible and what is not, determine the selections that we make. These choices shape our individual and collective tastes. The array of food choices open to each of us supplies a cultural space in which we see ourselves and our difference from others. Every mouthful constructs as it performs culinary identity.” (FERGUSON, 2004, p. 175)

Todos nós devemos escolher entre os alimentos disponíveis para a nossa alimentação. Essa escolha não é aleatória. Como nos mostra Ferguson, Fishler (1986), Barbosa (2007), DaMatta (1986), Mennell (1985), tanto razões práticas e imediatas quanto questões culturais nos conduzem a determinado conjunto de alimentos que reconhecemos como integrantes de nossos hábitos alimentares. Tanto as questões de transporte, armazenamento, cozimento, quanto as de julgamento, a partir das quais conferimos características como ‘saúdável’ aos alimentos, são determinantes de nossas escolhas. O resultado das nossas seleções compõe o que chamamos de gosto.

Para Ferguson, é a *cuisine* que nos permite discutir gosto, dispondo o contexto no qual compartilhamos práticas culinárias e negociamos o intervalo entre o gosto coletivo e as idiossincrasias pessoais.

“Acima de tudo, socializando o apetite e o gosto, a cozinha transforma as relações individuais com a comida num vínculo coletivo.”²⁹ (FERGUSON, 2004, p. 18-19)

Considerando seu trabalho, permito-me dizer que ela também olha o processo de construção social do gosto, trilhando um caminho focalizado nos discursos. Estes seriam os responsáveis por formular e reformular, na medida em que vão se modificando, nossos juízos de gosto, embora a *cuisine* não tenha um caráter de transitoriedade tão evidente quanto os discursos. Estes são mutáveis, pois estão sujeitos a novas descobertas científicas, novos medos alimentares, às modas culinárias do momento, enfim.

Não há dúvidas de que há um contexto culinário no qual nos inserimos, e em que reconhecemos características que nos são familiares. Sua extensão varia, podendo ser nacional, regional, geracional, ou restrita ao nosso grupo familiar. Muitas vezes, ao falarmos do nosso gosto individual, pode ser que ignoremos o fato de estarmos sob a influência dessas características, mas elas estarão lá de alguma forma. Para a autora,

“Gosto é intensamente pessoal e simultaneamente uma questão de concepção coletiva. Assim como só vemos o que nos permitimos ver, nós gostamos do que a experiência nos ensinou a aceitar. Ninguém nunca vê exatamente a mesma

²⁹ “Above all, by socializing appetite and taste, cuisine turns the individual relationship with food into a collective bond.” (FERGUSON, 2004, p. 18-19)

coisa e não há gosto sobre o qual todos concordem.”³⁰ (FERGUSON, 2004, p. 12-13)

Como será desenvolvido ao longo dessa dissertação, ‘*Nós gostamos do que a experiência nos ensinou a aceitar*’ é uma frase que resume, genericamente, não só o conceito de gosto dos que defendem ser este uma construção sócio-cultural, mas também a forma como muitos leigos encaram a formação do gosto individual.

I. 1. 3. Jukka Gronow e a Sociologia do Gosto

“Gosto sempre se refere às preferências e escolhas de um indivíduo e é totalmente particular por sua natureza. Todos devem escolher o que é sentido e apreciado como bom. Ao mesmo tempo, supõe-se que o ideal do bom gosto vai além do individual, sendo também socialmente unificante. Ele oferece um padrão universal, potencialmente aplicável a todos os membros de uma sociedade. É um ideal que todos deveriam seguir. Além disso, é um padrão socialmente comunicável embora jamais possa ser conceitualmente determinado.”³¹ (GRONOW, 1997, p. 91)

Por volta dos séculos XVII, XVIII, o gosto era percebido como uma categoria moral e estética, em que o que era gostoso era também estético e virtuoso (GREAN, 1965 In GRONOW, 1997, p. 12). Bourdieu compartilhava desse postulado porque, para ele, as escolhas seriam feitas a partir das disposições de classe, do *habitus*.

Gronow, inspirada pelos estudos de Simmel sobre a moda, afirma que não há como entender a moderna sociedade de consumo e seus segmentos se o mecanismo da moda (fashion) não for analisado como um processo autodinâmico. Quando se trata da moda alimentar, que é o que mais nos interessa aqui, poderíamos observar as recentes mudanças que levaram à apreciação de uma ‘dieta mais saudável’ (GRONOW, 1997, p. 111). O conhecimento nutricional científico e pseudo-científico orienta nossas escolhas a ponto de sentirmos

³⁰ “Taste is intensely personal and simultaneously a matter of collective conception. Just as we see only what we allow ourselves to see, so we taste what experience has taught us to accept. No one ever sees quite the same thing, and there is no taste on which everyone will agree.” (FERGUSON, 2004, p. 12-13)

³¹ “Taste always refers to the preferences and choices of an individual and is totally private by its very nature. Everyone is supposed to choose what feels good. At the same time, the ideal of good taste is meant to be beyond the individual, and to be socially binding. It offers a universal standard, potentially applicable to all members of a society. It is an ideal which everyone is supposed to follow. Furthermore, it is a standard which is socially communicable even though it can never be conceptually determined.” (GRONOW, 1997, p. 91)

“(...) que o gosto não é um guia verdadeiro do que se deveria comer; que ninguém deveria comer apenas o que gosta; que os componentes importantes da comida não podem ser vistos ou provados, mas são discerníveis apenas nos laboratórios científicos; e que essa ciência experimental produziu regras de nutrição que prevenirão doenças e encorajarão a longevidade.”³² (LEVENSTEIN 1988, p. 210 In GRONOW, 1997, p. 113)

Tais formas de orientação da alimentação levaram a crença de que ‘o saudável não é gostoso’ e de que ‘tudo que é bom, faz mal’. Nos capítulos subsequentes, veremos como o discurso da alimentação saudável perpassa as relações alimentares das mais diversas formas.

I. 1. 4. Pierre Bourdieu

Quem fala em gosto, certamente fala no trabalho do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Bourdieu define o gosto a partir do *habitus*. O *habitus* é um princípio grupal, unificador, classificador, distintivo e internalizado, no qual se pautam todas as ações do indivíduo, conscientes ou inconscientes, conhecidas e desconhecidas. Conhecimento, gosto, consumo, estilo de vida, crenças, ideais, hábitos cotidianos, toda ação realizada por um indivíduo estaria intrinsecamente relacionada ao *habitus* da sua classe de origem, o grupo social no qual foi formado. Este *habitus* seria um conjunto de disposições que o indivíduo incorpora, e que se manifestam nas atividades de consumo por meio de critérios práticos e estéticos. As práticas e representações de cada indivíduo em particular constituiriam, na verdade, uma expressão das condições de existência, sejam elas materiais e/ou simbólicas, que se manifestam por meio do *habitus*. (BOURDIEU, 2007; ORTIZ, 1993)

O estilo de vida, incluindo aqui os gostos apropriados e, conseqüentemente, o comportamento do consumidor, seria produto do “capital cultural” de cada indivíduo. Este “capital cultural” estaria entre os conhecimentos que são internalizados desde a mais tenra idade, sendo incorporados às ações do indivíduo inconscientemente, nas suas práticas mais cotidianas. A iniciação nessas práticas ocorreria por meio do grupo social.

³² “(...) that taste is not a true guide to what should be eaten; that one should not simply eat what one enjoys; that the important components of food cannot be seen or tasted, but are discernible only in scientific laboratories; and that experimental science has produced rules of nutrition which will prevent illness and encourage longevity.” (LEVENSTEIN 1988, p. 210 In GRONOW, 1997, p. 113)

Nesse processo, a família desempenha um papel importante, pois é a primeira fonte de transmissão de *habitus* que a criança tem contato. Posteriormente, os círculos sociais se ampliam, e ela pode encontrar outras fontes de aprendizado social, que não fogem do *habitus* de classe.

Dessa forma, digamos que o *habitus* é a fonte que dá os ingredientes para a formação do gosto. Sendo o *habitus* e conseqüentemente o gosto, específicos de cada classe social, os padrões de consumo poderiam ser identificados a partir de distinções sociais, manifestas na posição de classe e nos julgamentos classificatórios compartilhados. O “capital cultural” forneceria os critérios para esse julgamento. Apenas algumas pessoas de determinado *habitus* superior teriam a capacidade de julgar o que é ou não gosto – o ‘bom gosto’ – a partir do “capital cultural” que possui. Em Bourdieu o gosto é a base de tudo o que alguém é e o que esse alguém é para os outros. Portanto, não haveria um único gosto universal e categórico, já que o ‘gosto’, reconhecido socialmente, como o ‘bom gosto’, a excelência, seria sempre o gosto da classe dominante (BOURDIEU, 1984, p. 56 In GRONOW, 1997, p. 11). Mas como temos o *habitus* para acusar a origem social de cada indivíduo, as manifestações do gosto, por sua vez, que não incorporassem plenamente as disposições da classe dominante acusariam que, na verdade, os gostos de determinados indivíduos não têm sua origem no *habitus* que ele estaria tentando demonstrar. Portanto, o *habitus* funciona como um mecanismo de hierarquização a partir das distinções sociais existentes. Aliás, o ditado ‘*Gosto não se discute*’ não se refere à individualidade do gosto, mas ao fato de que o ‘bom gosto’ era evidente, sendo compartilhado pelos que tinham competência nata para reconhecê-lo (GRONOW, 1997, p. 9-11), o que, nos termos de Bourdieu, implicaria um elevado capital cultural, um *habitus* superior.

“Gosto, a propensão e a capacidade de se apropriar (material e simbolicamente) de uma dada classe de objetos e práticas classificados e classificadores na fórmula geral do estilo de vida, um conjunto unitário de preferências distintivas que transmitem a mesma intenção expressiva na lógica específica de cada um dos sub-espacos simbólicos, mobília, vestuário, língua, corpo.”³³ (BOURDIEU 1984, p. 173 In WARDE, 1997, p. 9)

³³ “Taste, the propensity and capacity to appropriate (materially and symbolically) a given class of classified, classifying objects or practices in the generative formula of life-style, a unitary set of distinctive preferences which express the same expressive intention in the specific logic of each of the symbolic sub-spaces, furniture, clothing, language or body hexis.” (BOURDIEU 1984, p. 173 In WARDE, 1997, p. 9)

Portanto, o “capital cultural” seria traduzido em uma capacidade de julgamento mais apurada, competência transmitida, inconscientemente, pelo grupo social do qual faz parte. Construiriam critérios automáticos de classificação, por serem internalizados desde a primeira infância, com os quais o indivíduo classificaria, distinguiria, e hierarquizaria a sociedade. Embora o conhecimento necessário ao julgamento possa ser adquirido socialmente, ele se assemelha à idéia de uma competência naturalizada, uma capacidade que uns têm e outros não. Haveria, portanto, um interesse em um consumo para ser notado, e dessa forma, ostentar o *habitus* de sua classe, da sua ‘categoria’ de pessoas, dos seus pares.

“Assim, o que é ideologia do gosto natural opõe através de duas modalidades de competência cultural e de sua utilização, são dois modos de aquisição da cultura: o aprendizado total, precoce e insensível, efetuado desde a primeira infância no seio da família, e o aprendizado tardio, metódico, acelerado, que uma ação pedagógica explícita e expressa assegura. O aprendizado quase natural e espontâneo da cultura se distingue de todas as formas de aprendizado forçado, (...) pela modalidade da relação com a cultura que ele favorece. Ele confere a certeza de si, correlativa à certeza de deter a legitimidade cultural, verdadeiro princípio do desembaraço ao qual identificamos excelência; ele produz uma relação mais familiar, ao mesmo tempo mais próxima e mais desenvolta, com a cultura, espécie de bem de família que sempre conhecemos e do qual nos sentimos o herdeiro legítimo (...)” (ORTIZ, 1983, p. 97)

O *habitus*, portanto, aparece como uma força social poderosa, distintiva, diferenciando os grupos sociais. Para Bourdieu, na verdade, os “capitais”, cultural e econômico, contribuiriam para levantar as barreiras em torno de cada grupo, preparando o terreno para uma sociedade altamente hierarquizada. Entretanto, seria possível que o indivíduo escapasse de um *habitus* inferior, ascendendo na hierarquia social, com as competências adquiridas com o ‘capital escolar’. Apesar disso, ele acredita que algumas manifestações do *habitus* da classe de origem ainda seriam visíveis, pela intensidade do aprendizado inicial, ‘de berço’, cuja facilidade de internalização é maior.

Bourdieu não pensa o consumo e o gosto como manifestações que possam ter outras influências que não as do pertencimento de classe. Para esse importante sociólogo francês,

“Gosto é o operador prático da transmutação de coisas em sinais distintos e distintivos, de contínua distribuição em descontínua oposição... ele aumenta as diferenças inscritas na ordem física dos corpos para a ordem simbólica das distinções significativas. O gosto é, portanto, a fonte do sistema de características distintivas, que não podem deixar de ser percebidas como uma expressão sistemática de uma classe particular das condições de existência, i.e., como distintos estilos de vida, por qualquer um que possua o conhecimento prático das relações entre sinais distintivos e posições nas distribuições.” (BOURDIEU, 1984, p. 174-175 In WARDE, 1997, p. 10)³⁴

Assim, Bourdieu sustenta que há uma forte diferenciação estruturada pelos significados distintivos a partir do comportamento alimentar, indicando pertencimento de classe e regulação social que são inicialmente manifestos como diferenças classistas hierárquicas. (WARDE, 1997, p. 41)

Para um de seus críticos, Alan Warde, a tese de Bourdieu, provavelmente, aplica-se melhor na França. Na Inglaterra, país onde desenvolveu uma pesquisa sobre consumo alimentar, a comida teria menos significância cultural enquanto mecanismo de distinção, embora esteja tomando cada vez mais espaço como marcador cultural. Ainda neste país, o comer atraiu maior atenção da mídia e se tornou um importante momento de lazer fora de casa, havendo uma maior difusão e apreciação das culinárias estrangeiras. (WARDE, 1997, p. 40-41)

I. 1. 5. Mennell e as Rejeições Alimentares

“De fato, acredita-se que nenhum grupo social humano coma toda variedade de ‘coisas’ com potencial valor nutricional disponíveis.”³⁵ (MENNELL, 1985, p. 3)

Com a frase acima, Mennell indica que os grupos sociais desenvolvem padrões de gosto que lhes são peculiares, podendo ser rejeitados em outra cultura. É por essa

³⁴“Taste is the practical operator of the transmutation of things into distinct and distinctive signs, of continuous distributions into discontinuous oppositions; it raises the differences inscribed in the physical order of bodies to the symbolic order of significant distinctions... Taste is thus the source of the system of distinctive features which cannot fail to be perceived as a systematic expression of a particular class of conditions of existence, i.e., as distinctive life-style, by anyone who possess the practical knowledge of the relationships between distinctive signs and positions in the distributions.” (BOURDIEU, 1984, p. 174-175 In WARDE, 1997, p. 10)

³⁵ “In fact, no human social group is believed to eat everything of potential nutritional value available to it.” (MENNELL, 1985, p. 3)

razão que nem todos os itens disponíveis na natureza, ainda que possuam algum valor nutricional, tornam-se comestíveis, atribuição conferida por nós a determinados alimentos em especial, que podem passar a fazer parte da dieta do grupo social ao qual pertencemos. Isso prova que, o processo que nos faz considerar determinados itens como alimentos, é lento, específico de cada cultura, bem como as preferências e rejeições são socialmente construídas.

Essas reflexões me lembram "A Fantástica Volta ao Mundo" (2004), livro em que o jornalista Zeca Camargo relata suas impressões dos dezessete lugares por onde passou, em um quadro de mesmo título transmitido pelo Fantástico. Em cada parada, não deixava de ter uma experiência gastronômica, que nem sempre era satisfatória. Dentre "*as 4 piores experiências gastronômicas*" ³⁶, o ovo de pato fecundado é insuperável, como mencionou no quadro *Vídeo Game*, transmitido pela Rede Globo, de 14 a 18 de agosto de 2006. (CAMARGO, 2004, p. 23)

Deste último, acho válido colocar nas palavras do próprio Zeca Camargo sua descrição de como foi tal experiência "*para um mero estômago ocidental*" – razão pela qual, futuramente, em sua jornada, seria privado de certos sabores, na Índia – ajudando-nos a compreender um pouco sobre como a cultura está entranhada nos nossos hábitos alimentares, na forma do que comemos e no que consideramos comestível.

"(...) nada superou o balot! Para os não-iniciados (meu caso), a iguaria me foi apresentada da maneira mais crua: ovo de pato fecundado. (...) Tentando descrever é um ovo cozido, de pato, só que a gema, bem, não é mais gema, é um embrião; entendo pouquíssimo do desenvolvimento dos bichos antes de eles nascerem (...), mas acho que o que é cozido ali no balot é um feto.

(...)

Quem me levou para comer isso foi uma mulher chamada Batsy, casada com um cara que conheci em Bangcoc (...)

Naquele momento ela perguntava aos amigos aonde poderia me levar para comer o tal balot. Ao mesmo tempo que é considerado uma iguaria, o ovo é também considerado um prato popular. Contradição? Nem tanto. Já ouviu alguém defender a delícia de uma "buchada de bode"? Ou um artigo de uma revista de gastronomia estrangeira elogiando esse prato? É mais ou menos a mesma coisa com o balot. (...) é mais fácil encontrar um sendo vendido no meio da rua, no começo da noite, pois as pessoas compram para levar para casa. Nós, porém, tínhamos que gravar com a luz do dia. Assim, Batsy descobriu um restaurante, um shopping na área mais nobre da cidade (...), que servia o ovo durante o dia.

³⁶ Estômago de boi, no México; "*balot*", o ovo de pato fecundado das Filipinas; "*pan*", a folha enrolada com especiarias na Índia; e um jantar de congelados no Haiti.

Com pinta de moderno o restaurante inspirava confiança. Havia cinco variedades de *balot* no cardápio. Escolhi a que era preparada com alho – precisa explicar? Era a minha esperança de que o gosto se perdesse quando eu colocasse aquilo na minha boca. Não deu muito certo. Quando a "delícia" foi servida, eu já nem estava mais preocupado com o gosto. O problema era o visual! Você vê o patinho! E para comer?

Eu comecei a suar nas mãos, algo que nunca acontece comigo. Como o garfo tremia, eu nem conseguia disfarçar meu desequilíbrio emocional enquanto decidia o que fazer com a comida que estava diante de mim. Enquanto isso, Batsy já estava no segundo ovo (a porção era generosa, vinha com três!) – e com uma cara ótima. Mordi metade. E achei que fosse vomitar. É meio grosseiro colocar assim, mas não tem como dizer isso de maneira mais bonita. A vontade era mesmo de colocar tudo para fora. Até que lembrei que a câmera estava ligada...

Controlei a náusea não sei como. O pior não era mesmo o gosto, mas a consistência do que eu mastigava. Você sente tudo rolando no céu da boca, as peninhas, os ossinhos... (...) Batsy, vendo meu nervosismo, se ofereceu para comer um dos meus *balots*. Aceitei na mesma hora! Aliás, ofereci os dois – que ela, por sua vez, aceitou feliz. Restava então a outra metade do que eu tinha experimentado. Mas não deu. Não deu. Mal deu para engolir o que tinha colocado na boca... O resto ficou ali mesmo. Sem dó. (CAMARGO, 2004, p. 140-142)

Isso é praticamente um depoimento de como a cultura molda a capacidade de apreciação de determinados alimentos. Veja que a aparência do alimento aparece como algo repulsivo, já estando aí tudo o que é necessário para uma 'má vontade' estar criada, impedindo que se aprecie o alimento ao experimentá-lo. Torna-se evidente que os motivos de atração e repulsa pelos alimentos vão muito além do paladar. Para fins de definição, é difícil exprimir as origens dos julgamentos de gosto. Eles poderiam advir dos olhos que primeiro avaliam o alimento, ou dos conhecimentos pretéritos sobre a comida em questão ou ainda daquilo que se considera atrativo ou repulsivo, incluindo aqui cor, cheiro, categoria de alimento, entre outros.

Chega a ser engraçado ler sobre um momento tão angustiante, mas imagino que muitos já devam ter passado por situação semelhante, ainda que não tão extrema. Eu certamente já. Os detalhes da reação física e psíquica que Zeca Camargo apresenta me parecem muito reais. E um fato curioso é que o autor de tal relato foi o apresentador da versão brasileira de um reality show – *No Limite* – em que os participantes, entre outras tarefas, eram obrigados a comer certos alimentos, que para nossos *meros estômagos brasileiros*, são repulsivos. Como ele mesmo reconheceu no momento em que comentava sobre o *balot*, na ocasião de uma entrevista, os ex-participantes do programa

que o estivessem assistindo, ou que viessem a ler seu livro, se sentiriam "vingados" em saber que ele passou por uma experiência gastronômica tão repugnante.

Além disso, considerando as razões culturais da repulsa do Zeca Camargo pelo *balot*, o exemplo contribui para fundamentar as teorias que defendem ser o gosto fruto de um longo processo de construção social quando demonstra como esse prato, insuportável para um brasileiro, pode ser considerado uma iguaria muito apreciada por pessoas de diversos segmentos da sociedade filipina. Ainda que uma sumidade em gastronomia dissesse maravilhas sobre essa comida filipina, ou qualquer outro alimento, como estômago de boi no México (idem, p. 23), e uma infinidade de itens comestíveis ao ser humano, mas que não são ‘comidas’ para nós, relutaríamos até o fim para que não tivéssemos que comê-los. Esses exemplos nos alertam para o quanto somos “culturalmente moldados”, “socialmente construídos”. Os atores, práticas, mecanismos e discursos a que o título dessa dissertação se refere são instrumentos culturais de ensinamentos e aprendizados, reproduzidos e adaptados às novas demandas sócio-culturais.

Para ajudar a explicar sensações de repugnância alimentar como estas, Mennell, em *All manners of food*, dedica um capítulo às rejeições alimentares, intitulado *Food Deslikes*. Entre estes, poderia destacar uma cadeia de aversões que vão desde algo que pode ser, momentaneamente, deixado de lado, para não fazer desfeita ao anfitrião, até o limite da total repugnância só de pensar em comer determinado alimento. (MENNELL, 1985, p. 291)

Quatro seriam as razões para a rejeição. (MENNELL, 1985, p. 296-310) A primeira seria a *incapacidade treinada de apreciar a comida*. Um exemplo citado por Mennel, que também esteve muito presente nas entrevistas que realizei, foi o de indivíduos que têm rejeição por alimentos que, quando crianças, foram obrigados a comer.

A segunda razão é o *medo de efeitos negativos* que possam advir do consumo de determinados alimentos. Aliás, estamos vivendo um período em que os “medos alimentares”, o ‘risco’ alimentar está na moda – a preocupação com a origem, produção, preparo, distribuição e armazenamento está em toda parte. (GRONOW, 1997, p. 121) Poderia citar entre esses efeitos, o mau-hálito, a obesidade, as reações alérgicas ou os

mal-estares, entre outros. Isso justifica também a apreensão em experimentar novos alimentos. Como diz um amigo, "*Comer e beber é perigoso.*"

Quanto à obesidade, os alimentos são rejeitados por razões diferentes. Eles não costumam causar repulsa aos consumidores. Pelo contrário, são-lhes atraentes e, justamente por isso, oferecem o risco ao consumidor de destruir todo um programa de dieta que o aconselha a resistir à tentação de ingeri-los. Portanto, é como se fosse desenvolvida uma *rejeição planejada*, com o cálculo de todo o processo, sabendo que ao conseguir rejeitar tal alimento, terá um problema a menos, uma vez que ele não mais será uma tentação constante.

Mennell destaca o fato de que essas situações se tornaram comuns, porque ao longo do processo civilizador, as pessoas aprenderam a antecipar o *embaraçamento social*, o 'mico', terceira razão para a rejeição, relacionada a produtos que não são socialmente valorizados.

A quarta e última razão colocada por Mennell seriam os *motivos de fundo moral*, como a ojeriza à crueldade com a qual os animais eram mortos para que se tornassem alimentos.³⁷ Esse sentimento cresceu, primeiramente entre a classe superior que viam os animais como animais domésticos e não como parte dos meios de produção, forma como eram pensados pela maioria da população menos favorecida. Tal sentimento se espalhou como parte do processo civilizador, a urbanização e a industrialização. (MENNELL, 1985, p. 305-306)

Contudo, Mennell aponta para a diminuição desse tipo de rejeição e sua transferência para partes da carne que conhecemos como vísceras, entranhas, miolo. Seriam elas: rins, fígado, testículos, olhos, cérebro, coração, língua e outras partes dos animais. O aumento da capacidade das pessoas de se identificarem com os animais ajuda a explicar a crescente repugnância pelas partes dos animais que mais se assemelham com formas humanas, como olhos, cérebro e testículos. Atualmente, o movimento contra a matança animal para a alimentação humana em geral, liderados

³⁷ A matança era feita em público na Europa, na Idade Média e início da Idade Moderna. Contudo, a partir da Renascença, como parte do processo civilizador apontado por Elias (1939, II, p.230 In MENNELL, 1985, p. 307), a matança passou a ser realizada nos bastidores, longe dos olhos daqueles que não mais suportavam ver essas cenas em público. Inclusive os que comiam carne não queriam, eles mesmos, ter de matar os animais que viriam a comer ou presenciar nada do processo de matança. Por isso, essas tarefas tiveram que ser transferidas para os bastidores. A própria retirada dos animais inteiros servidos à mesa, sendo eles cortados distante de todos, mesmo após seu cozimento, é parte desse processo.

pelos vegetarianos, talvez pudesse ser percebido como uma potencialização desse processo, ainda em curso.

I. 1. 6. Lieberson e os mecanismos internos do gosto

Lieberson nos apresenta um estudo inovador em ‘A matter of taste: how names, fashion and culture changes’. Intrigado com o fato de encontrar muitos nomes semelhantes ao da sua filha, Rebecca, em crianças da mesma geração, perguntou-se até que ponto essa escolha estava pautada pelos gostos pessoais, seu e de sua esposa, ou se a escolha estaria imersa em um conjunto de fatores que estavam presentes para todos os pais que, naquele momento, escolheram o mesmo nome para seus filhos.

Analisar as mudanças na atração por determinados nomes é crucial nos estudos de *fashion*, conceito sob o qual ora significará moda, ora gosto.³⁸ Seu argumento principal é que as razões da atração podem mudar independente de fatores externos como grandes eventos sociais ou as propagandas comerciais.

Lieberson não deixa de reconhecer os eventos externos como motivação para alterações no gosto e na moda, mas argumenta que são os mecanismos internos os de maior influência por estarem agindo a todo tempo. Mesmo quando as principais mudanças são provocadas pelos eventos externos, eles podem estar presentes moldando seu impacto. Isso também vale para as influências comerciais. (LIEBERSON, 2000, p. 257) Outra importante justificativa da importância dos mecanismos internos é que, em quaisquer circunstâncias, eventos externos não operam em um vácuo, mas são formados por canais de mudanças constantes dirigidas por mecanismos internos e pelo legado dos gostos pré-existentes. (idem, p. 29-30)

Neste livro, o autor explica, pormenorizadamente, os mecanismos internos de mudança que identificou e mostra que os gostos seguem um processo ordenado. Há uma regularidade em como os gostos mudam e são substituídos por outros. Suas questões principais são por que gostamos do que gostamos e por que nossos gostos mudam com o tempo da forma como eles mudam? (LIEBERSON, 2000, p. 2)

³⁸ Por essa razão, nas vezes em que estiver tratando de *fashion* nos termos de Lieberson, traduzirei por moda e gosto.

Se olharmos através de uma perspectiva temporal, perceberemos que os gostos dos indivíduos de um período anterior são secundários em relação aos gostos do período em si. (LIEBERSON, 2000, p.4)

“(...) As preferências distintivas individuais são obviamente importantes, mas elas são realmente o último fator a se considerar ao analisar os gostos, pois respostas individuais são moldadas por padrões de um tempo e lugar específicos bem como pelas atividades e afiliações dos indivíduos numa variedade de grupos e organizações. Escolhas individuais, então, são feitas dentro de duas molduras, uma do amplo conjunto de gostos³⁹ e uma mais específica dos seus subgrupos.”⁴⁰ (LIEBERSON, 2000, p.5)

Esta é uma das citações em que, embora trilhando outro caminho e defendendo mudanças no gosto que se pautam em outros princípios, Lieberson demonstra acreditar que os gostos individuais estão imersos nos termos do gosto geral de sua época e de seus subgrupos.

Há três influências que causam mudanças na moda ou no gosto. A primeira são os *eventos externos*, como o impacto de mudanças organizacionais, sociais, políticas, históricas, culturais, entre outras, não originadas em conseqüências da moda ou gosto anteriores, embora não seja certo que em toda mudança externa haja alterações na atratividade dos gostos.⁴¹ (LIEBERSON, 2000, p.10/73)

A segunda seria os *mecanismos internos*. Para ele, esses mecanismos não só são o ponto de partida para compreender muitas mudanças, como limitam e moldam as influências dos fatores externos no gosto. A moda é um exemplo perfeito, uma vez que seu ‘bem-estar’, sua existência em si, pressupõe constantes mudanças trazendo novas características e desenhos para seus produtos. A existência da moda não explica a natureza das mudanças externas, mas os padrões que explicam os mecanismos internos

³⁹ Também poderia ser traduzido por ‘modas’.

⁴⁰ “(...) *An individual’s distinctive preferences are obviously important, but they are really the last factor to consider in analyzing tastes, for individual responses are molded by the standards of a specific time and place as well as by the individual’s activities and membership in a variety of subgroups and organizations. Individual choices, then, are made within two frameworks, one of the existing broad set of fashions and a more specific one of their own subgroups.*” (LIEBERSON, 2000, p.5)

⁴¹ Quanto às explicações sobre mudanças no gosto que se baseiam apenas em eventos de ordem externa ao gosto, Lieberson afirma ser mais fácil achar explicações plausíveis que verdadeiras. (LIEBERSON, 2000, p.82) De fato, poucos dos grandes eventos do século XX causaram mudanças significativas no gosto. Para ele, os mecanismos internos é que são os componentes por trás das mudanças no gosto. (idem, p. 91)

de mudanças do gosto seguem uma lógica que também a afeta. Esse padrão seria ‘The ratchet effect’.

“(...) o ‘efeito de engrenagem’. É baseado na operação conjunta de duas características da mudança do gosto. A primeira é que os novos gostos normalmente são baseados nos pré-existentes; o que é mais atrativo é uma modesta variação dos gostos existentes. Isso é porque novos desenvolvimentos são julgados em termos de uma moldura baseada nas práticas pré-existentes. (...) Somente quando olhamos as mudanças de uma perspectiva de longo-prazo é que elas são visíveis como modestos movimentos no decorrer de um longo caminho (...) Este lento movimento ocorre em muitas áreas da cultura. (...) a segunda característica movendo o ‘efeito de engrenagem’ – a saber, que a moda deve mudar constantemente em uma direção mais do que oscilar para frente e para trás. À medida que a moda muda permanentemente, modas antigas passam a ser vistas como ‘ultrapassadas’, ‘fora de moda’, e enquanto o tempo passa, eles parecem cada vez mais velhas.”⁴² (LIEBERSON, 2000, p.95)

Dessa forma, o movimento do gosto em uma direção a partir de constantes e pequenas mudanças internas, sem refletir nenhuma mudança na ordem social que poderia afetá-lo, demonstra que ele pode mudar independente dos fatores externos.

A terceira influência nas mudanças do gosto seria os ‘*desenvolvimentos históricos idiossincráticos*’ que apontam para o fato de que os gostos existentes em um ponto inicial influenciaram os gostos subseqüentes e, portanto, esses gostos iniciais foram fundamentais para o entendimento dos que o seguiram. Assim, as novas modas, os novos gostos, ‘*the new fashions*’ normalmente, seriam variações dos anteriores. (LIEBERSON, 2000, p.15-16)

Para Lieberson, a moda pode ser vista como uma forma de comportamento coletivo. O que seria uma moda, pensando nos termos do comportamento coletivo, seria um novo gosto substituindo o anterior da perspectiva do indivíduo. Assim, as mudanças no gosto seriam explicadas pelas três influências que Lieberson apresenta, combinadas com o comportamento coletivo. *Fashion*, moda ou gosto, é uma forma de comportamento, que compartilha três propriedades gerais do comportamento coletivo,

⁴²“(...) the “ratchet effect”. It is based on the joint operation of two features of taste change. The first is that new tastes are usually based on existing tastes; what is most appealing is a modest variant on existing tastes. This is because new developments are judged in terms of a framework based on the existing practices. (...) Only when we look at the changes from a long-term perspective are they visible as modest movements along a long-term path. (...) This slow movement occurs in many areas of culture. (...) the second feature driving “the ratchet effect” – namely, that fashion must shift fairly persistently in one direction rather than oscillating back and forth. As fashions change, slightly older fashions begin to look out of date, and as time progresses, they look increasingly dated.” (LIEBERSON, 2000, p.95)

de acordo com Coleman em 'Foundations of Social Theory'. A primeira seria que esse tipo de comportamento envolve um número de pessoas com ações iguais ou semelhantes sendo conduzidas ao mesmo tempo. A segunda é que esse comportamento é transitório, estando em constante mudança. E a terceira, que as ações conduzidas pelos indivíduos estão conectadas. (LIEBERSON, 2000, p. 143-144)

Lieberson considera a última a mais importante. Dessa forma, as escolhas individuais seriam afetadas pelas escolhas dos demais indivíduos, que também estão sob a influência do comportamento alheio.

“Se as escolhas são afetadas pelo que os outros fazem, então os resultados são complicados e não necessariamente intencionais. A atração de um determinado gosto é, nesses termos, dependente do comportamento dos outros. Isso nos leva a constantes mudanças na atratividade relativa de um determinado gosto.” (idem, p. 144)⁴³

Existem padrões. A superfície de nossa cultura possui elementos sobreviventes dos desenvolvimentos anteriores. Os fatores que os fazem sobreviver são diferentes dos que o fizeram aparecer, uma vez que alguns não sobreviveram. Os elementos dos gostos existentes são cruciais para os novos desenvolvimentos culturais. O que é novo, normalmente, é uma combinação do velho com alguns elementos adicionais. (Barnett, 1953 In LIEBERSON, 2000, p. 267)

“A cultura de uma sociedade, sob esse aspecto, não é simplesmente um conjunto de partes inter-relacionadas, e é melhor pensar na cultura como uma superfície de muitas partes, algumas das quais são relacionadas, mas muitas das quais não são relacionadas ou são apenas remotamente ligadas. Uma explicação para a superfície cultural num determinado período requer considerar três tipos de causas (muitas das quais não são imediatamente visíveis): a ocorrência inicial e crescimento de cada elemento; sua continuação no provável evento da causa inicial não mais operar; e forças que causam o declínio ou desaparecimento de outros elementos anteriores.”⁴⁴ (LIEBERSON, 2000, p. 258)

⁴³ “If choices are affected by what others are doing, then outcomes become complicated and not necessarily what anyone intended. The appeal of a given taste is, in this regard, dependent on the behavior of others. This leads to constant shifts in the relative attractiveness of a given taste.” (LIEBERSON, 2000, p. 144)

⁴⁴ “A society’s culture, in this regard, is not simply a set of interrelated parts, and it is best to think of culture as a surface consisting of many parts, some of which are related but many of which are unrelated or linked only remotely. An accounting for the cultural surface at a given time requires consideration of three types of causes (of which much is not immediately visible): the initial occurrence and growth of

Criação, manutenção e desaparecimento seriam um contínuo que permitiria pensar a cultura como um processo. Nas três etapas, os mecanismos internos estão operando. Portanto, se há processos ordenados influenciando os gostos, ao escolher os nomes, a moda e o gosto no sentido geral, esses mesmos processos podem nos ajudar a entender a superfície cultural como um todo.

I. 1. 7. Berger e Luckmann apresentam ‘A construção social da realidade’

O título dessa dissertação faz alusão ao livro de Peter Berger e Thomas Luckmann, “A Construção Social da Realidade”, em que os autores nos apresentam uma reflexão sobre a interação entre o homem e a realidade social. O homem construiria a realidade em que vive, bem como seria ‘construído’ por ela.

Por meio dessa sociologia do conhecimento, os autores nos apresentam como o ‘nosso’ conhecimento molda a forma como interpretamos a objetividade da realidade social. Fruto de nossas experiências pessoais, o conhecimento da realidade foi formado ao longo de nossas vidas. O fato de sermos, cada um de nós, intérpretes da realidade social, é o que a torna subjetiva. Essas interpretações ocorrem no nível individual, grupal ou social como um todo. Julgamos os fatos que observamos a partir dos valores que já internalizamos, formando nossa ideologia pessoal cotidianamente. O mesmo pode ser pensado nos outros níveis, de onde surgem as grandes ideologias, inclusive as alimentares e a crescente valorização da saúde alimentar.

Como a realidade social é anterior a nós, quando nascemos já existem valores socialmente compartilhados e relações sociais nas quais seremos iniciados antes mesmo de termos alguma influência sobre elas. Portanto, antes de podermos fazê-las por nós mesmos, algumas escolhas sociais já foram feitas por outros. Essa realidade existente é a que os autores denominam ‘realidade objetiva’ da qual todos – ou alguns, dependendo da escala que estamos considerando – compartilham e fazem parte. As visões estabelecidas socialmente sobre essa realidade social compõem o que chamamos senso comum. Este também passa por mudanças, uma vez que os valores do mundo moderno difundem-se e alteram-se com maior velocidade do que em tempos pretéritos.

each element; its continuation in the likely event that the initial causes no longer operate; and forces that cause other earlier elements to decline or disappear.” (LIEBERSON, 2000, p. 258)

Aquilo que se supõe ser indicado a determinado indivíduo fazer, sendo ele de certa classe, gênero, profissão ou faixa etária, também está de acordo com esse senso comum. Esse conjunto de valores compartilhados por determinado grupo ou sociedade é fundamental à existência harmônica das interações sociais, uma vez que é a partir dos padrões comuns, apresentados e interpretados por meio da linguagem, que podemos interagir com os demais.

Nesta sociedade, cada um de nós é reconhecido pelos papéis que desempenha, sejam eles escolhidos por nós ou por outros desde a socialização primária, como o papel de filho, neto, criança, enfim. A linguagem é crucial porque é ela o pano de fundo que nos permite ter sucesso em nossa organização social. O entendimento comum de uma linguagem, de símbolos e sinais ajuda a transpor barreiras como espaço e tempo que, de outra forma, não seria possível. (BERGER, LUCKMANN, 1976, p. 56-62) Apresentamo-nos uns aos outros e apreendemos a realidade social por meio dessa linguagem, conferindo-nos ainda uma representação simbólica da realidade, que nos permite além de interagir uns com os outros, pensar a objetividade da realidade – os acontecimentos e a organização social em si – matéria-prima para o nosso conhecimento, formando a subjetividade nas nossas interpretações da objetividade.

Os autores consideram que embora um ser vivo funcione de acordo com padrões biológicos, ele também é influenciado por fatores sócio-ambientais, culturais, como hábitos alimentares e cuidados com o corpo, o que afeta a expectativa de vida. As sociedades definem padrões para o comportamento, mas esses padrões também são constantemente reconfigurados pelos indivíduos ao internalizá-los em sua identidade pessoal. Por isso os autores afirmam que ‘o homem constrói sua própria natureza’ (idem, p.72), o que, a princípio, poderia parecer um contra-senso. O organismo biológico humano é instável e precisa de estabilidade que só a ordem social pode conferir, sendo ela mesma, um fruto da necessidade de estabilidade humana.

A tradição, por exemplo, pode ser pensada como um conjunto de práticas e conhecimentos pretéritos que, pela relevância exercida para determinado grupo ou indivíduo, foi mantida na memória e discutida em grupos, o que ajuda a sedimentar estes conhecimentos. Ela é transmitida às gerações que se seguem envolvendo nessa transmissão processos de controle do conhecimento e legitimação, como o caso dos profissionais no discurso médico-nutricional. Os papéis sociais, que são atribuídos a

cada um de nós, ou que escolhemos exercer, são reconhecidos pelas instituições e ajudam o nosso controle por meio delas, das instituições responsáveis, bem como legitimam ‘meu’ ou ‘nosso’ lugar durante as interações sociais. A ordem social só existe quando os papéis estão distribuídos e estes são distribuídos justamente pela ordem social. (Ibidem, p. 95-110)

A realidade é objetivada a partir dos universos simbólicos. Os significados que conferimos aos símbolos dispostos na realidade objetiva ou aos que recorremos nas nossas interações mudam de acordo com nossos conhecimentos, nossa percepção da realidade. Os conceitos disponíveis na sociedade, como as ideologias, instituições, planejamentos e estratégias, trabalham para manter a realidade objetiva. Sua legitimação pelos grupos sociais lhe confere lugares no universo simbólico. Entre os que trabalham na formação e manutenção de universos simbólicos temos a mitologia, teologia, filosofia, ciência.

Quando interiorizamos a realidade objetiva, assimilamos seu conteúdo de acordo com as nossas interpretações subjetivas. Aquilo que as pessoas pensam sobre si mesmas e sobre a realidade é reflexo do seu relacionamento com a realidade objetiva. Ela internaliza e externaliza idéias e objetivos, que, por sua vez, serão observados e internalizados por outros, em um ciclo constante de interiorização, subjetivação e objetivação.

Duas seriam as formas de socialização, processo que transmite ao indivíduo o que ele precisa saber para conviver com os demais membros daquela sociedade. A socialização primária é desenvolvida na infância, quando se aprende a falar, andar, se comunicar e se comportar diante das regras sociais coletivas. A secundária introduz esse indivíduo já previamente socializado nas regras de determinadas instituições, onde ele já pode contestar alguns conceitos desse universo, diferente do que ocorre na socialização primária. A conservação do conhecimento da socialização primária, como é introjetada em nós desde que somos bebês, é maior do que a da secundária. (BERGER, LUCKMANN, 1976, p. 173-195)

I. 2. Hábito e Gosto

Antes de entrarmos nos capítulos subseqüentes, em que apresentarei os dados obtidos nessa pesquisa, é preciso que eu apresente aos leitores o que entendo por hábito e por gosto. O Novo Dicionário Aurélio define hábito como ‘*disposição duradoura, adquirida pela repetição freqüente de um ato, uso, costume*’, o que por si só não é suficiente para os meus propósitos aqui. Considerando que estamos falando de hábitos infantis, é preciso ter em mente que as crianças podem não ter liberdade para escolher, encontrando-se, assim, sujeitas à ‘disposição’ de outrem, no caso, de seus pais. Como não farei essa análise aqui, basta entender que ao falar em ‘hábito’, estarei tratando de tudo aquilo que, preenchendo a definição supracitada, não impõe nenhum sacrifício à criança. Dessa forma, não considerarei parte dos seus hábitos, os alimentos que ingere por obrigação, ainda que freqüentemente. Aqui, eles serão entendidos como parte de suas rejeições alimentares.

Em contraposição e complementaridade ao ‘hábito’, entendo por ‘gosto’ um conjunto de idéias e práticas comuns a uma determinada sociedade que, uma vez internalizadas, assumem uma moldura individualizada, flexível, e adaptável à personalidade de cada um. Todavia, ele passa por mudanças constantes, tanto em razão das transformações na ordem social quanto das que ocorrem no ciclo de vida, opções de estilo, inserção em novos grupos, enfim, novas experiências pessoais. Nessas mudanças, inclui tanto as involuntárias e inconscientes quanto as voluntárias e conscientes. Exemplificando as primeiras, temos a lenta ascensão do discurso nutricional ao longo do século XX, tomando proporções inimagináveis em suas últimas décadas e se inserindo nos mais diversos meios, inclusive na agenda de políticas pedagógico-nutricionais. Entre as segundas, observamos as mais simples alterações nas preferências e rejeições pessoais.

1. 3. Como esses autores contribuem para essa pesquisa?

Trouxe esses autores bem como suas diferentes definições sobre o gosto para que, antes de descortinarmos a pesquisa a seguir, tenhamos em mente o leque de possibilidades existentes ao tratarmos do gosto. Entre os que eu citei neste trabalho, há os que defendem desde o gosto nato, como Brillat-Savarin (1995), aos que o consideram particular por natureza, porém conectado a padrões coletivos, como aponta Ferguson.

Nesse sentido, Gronow (1993) e Lieberman (2000), apresentam pontos em comum com Ferguson. Embora considerem de forma diversa a influência das forças sócio-culturais na formação do gosto individual, eles concordam que mesmo intensamente pessoal, o gosto é coletivamente adquirido e compartilhado.

Ferguson faz uma tentativa ousada e chega ao seu propósito ao mostrar como discursos constroem representações que se difundem e compõem muitas das nossas predisposições com determinados alimentos, por meio da formação inicial do senso de nacionalidade na França, com a língua e a *cuisine*. Resulta de seu estudo que, em sua opinião, o gosto é simultaneamente individual e coletivo. Lieberman (2000), por meio dos mecanismos internos do gosto e do que chamou '*the ratchet effect*', isto é, o efeito de engrenagem, mostrou como um gosto recebe as influências do seu predecessor, sendo o gosto diretamente relacionado a um tempo, espaço e grupo social, aos quais se conecta. Bourdieu (2007; ORTIZ, 1993), tratando o gosto como um gosto de classe, embora defenda que o habitus é incutido no indivíduo desde a socialização primária, abre a possibilidade para a aquisição do capital cultural por meio do capital escolar. Este poderia levar a aquisição de um capital cultural mais elevado, conseqüentemente estando mais próximo das competências de julgamento do 'bom gosto'. Por sua vez, Gronow (1997) crê em um gosto que é particular por natureza, mesmo estando sujeito a julgamentos sociais criteriosos, como os que definem o 'bom gosto'. E, finalmente, embora não dê uma definição explícita de gosto, não nos esqueçamos das justificativas para as rejeições alimentares apresentadas por Mennell, que envolvem desde traumas relacionados à biografia do indivíduo e às fobias sociais, ajudando-nos a entender esses mecanismos de preferências X aversões.

Embora reconheça a existência de um gosto individual, privilegio como meu objeto as bases coletivas do gosto. Apresento, nos capítulos seguintes, o resultado etnográfico dessa pesquisa, isto é, de que maneira atores, práticas, mecanismos e discursos em torno da alimentação infantil compõem o contexto sobre o qual se ergue a construção social do gosto alimentar infantil e, na conclusão, recuperarei esses pontos de vista sobre o gosto, bem como 'A construção social da realidade'.

II - Capítulo II. Os atores envolvidos: da gestação aos primeiros círculos sociais

“O nascimento representa uma entrada no mundo que oferece uma riqueza aparentemente infinita de experiências. Grande parte dessas experiências não se reveste de caráter social. Evidentemente, a criança ainda não sabe estabelecer essa espécie de distinção. Só em retrospecto torna-se possível a diferenciação entre as componentes não-sociais e sociais de suas experiências. Mas uma vez estabelecida essa distinção, podemos afirmar que a experiência social também começa com o nascimento. O mundo da criança é habitado por outras pessoas. Esta logo aprende a distinguir entre pessoas, e algumas delas assumem uma importância toda especial. Desde o início a criança desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e o ambiente físico, mas também com outros seres humanos. A biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a história de suas relações com outras pessoas.” (BERGER; BERGER, 1975)⁴⁵

Os atores são indivíduos que influenciam na formação do gosto alimentar da criança e que provocam um impacto nesse processo de educação nutricional, direta ou indiretamente, tanto em casa quanto nos círculos sociais mais amplos. A família, os médicos, as nutricionistas, as babás, as empregadas e até mesmo as instituições como a creche e a escola estão entre os mais importantes.⁴⁶ Embora os atores sejam diversos, os pais e os ‘colegas de escolas’ exercem uma influência que supera os demais, provavelmente pela sua presença constante no cotidiano das crianças.

As relações nas quais esses atores se envolvem, em razão da alimentação da criança, não são isentas de conflito. Há uma rede de acusações cujo pano de fundo é um determinado ideal de alimentação infantil que podemos definir como “saudável”, bem como outras formas de relacionamento entre eles. Há atores cuja influência é intermediada pela colaboração dos pais em casa, como o caso dos médicos e nutricionistas. Entretanto, há outros que fogem ao controle dos pais, como o convívio com os ‘colegas de escola’ e as experiências adquiridas no ambiente escolar.⁴⁷

II. 1. Os pais

⁴⁵ Texto traduzido: *‘Socialização: como ser um membro da sociedade.’* Traduzido por Richard Paul Neto. In: WAIZBORT, L.; NEIBURG, F.(orgs). *Escritos & ensaios: Estado, processo, opinião pública*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 21-33.

⁴⁶ Sobre a família é importante dizer que a influência majoritária aqui é dos pais, seguidos pelos avós. Irmãos não foram citados como atores que desempenham uma influência na alimentação das crianças. Sua figura era mencionada pelos pais para formular comparações, mas não para analisar sua influência. Contudo, isso não exclui a possibilidade de irmãos se influenciarem mutuamente.

⁴⁷ Vizinhos, amigos e parentes influenciam com menor intensidade e frequência, embora em alguns casos sua atuação seja considerável.

“Eu só trabalho aqui à tarde. Tenho três filhos pequenos e não posso deixar tudo na mão de outra pessoa. Eu quis isso pra mim. (...) Eu tive que assumir que sou dona de casa de manhã e dentista à tarde. Eu costumo dizer que sou dentista nas horas vagas e mãe 25h por dia. Minha vida profissional é abalada, mas no futuro eu sei os frutos que eu vou colher.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

Embora tenha entrevistado as mães, majoritariamente, e estas reconheçam ter maior autoridade que os pais sobre a alimentação da criança, sob a justificativa de estarem mais presentes no cotidiano alimentar dos filhos⁴⁸, ao mencionar a influência dos pais, estarei tratando de pais e mães. Neste subitem, apresentarei quais os papéis dos pais e das mães na construção do gosto de seus filhos por meio da educação alimentar, da forma como pensam os hábitos alimentares de seus filhos e como supõem que devem reagir diante das rejeições por alguns alimentos.

II. 1. 1. - ‘Dando o exemplo’

Não é de hoje que essa é uma das questões mais comuns no que diz respeito à alimentação infantil. Muitos, entre pais e profissionais, afirmaram que as crianças aprendem pelo ‘exemplo’, considerando a tendência à imitação do comportamento dos que lhe são próximos.

As conseqüências do ‘exemplo’ podem ser positivas ou negativas. Em algumas entrevistas, os pais justificavam a boa alimentação dos seus filhos com esse discurso, assim como poderiam reconhecer que seu ‘exemplo’ tem uma influência negativa nos filhos, porque não se alimentam de acordo com os parâmetros indicados para uma alimentação saudável.

No geral, efetivamente, parece que as crianças adquirem os hábitos da casa em que mora com facilidade. Mas, como não poderia deixar de ser, há manifestações individuais de gosto diferenciando as crianças tanto dos pais quanto entre si.

“Minha filha é bem parecida comigo e meu marido. Legumes nós comemos pouco e ela não come. A gente gosta de uma comida pesada e ela entra no bife, na feijoadada...” Mãe (38 anos), 1 filha (8 anos)

⁴⁸ Isso também me parece justificar o porquê de os maridos me levarem à mãe da criança dizendo: ‘É ela que sabe tudo sobre o assunto.’

“Tudo que a gente está comendo, ele pede. E a gente dá. Lá em casa a gente tem uma alimentação equilibrada. Então a gente já está nesse ritmo.” Mãe (26 anos), 1 filho (3 anos)

“O correto seria dar uma alimentação balanceada, com legumes, verduras... mas ela não gosta. (...) A primeira coisa que você tem que fazer é dar o exemplo, mas eu também não gosto.” Mãe (30 anos), 1 filha (6 anos)

As experiências parecem ser diferenciadas porque estão ligadas ao comportamento dos pais. Essas citações dizem respeito ao ‘exemplo’ que traz conseqüências, e estas foram vinculadas, no discurso, ao comportamento observado nos pais. Entretanto, o ‘exemplo’ não é certeza de transmissão de hábitos aos filhos. Alguns pais discordam da influência absoluta do ‘exemplo’ na definição do comportamento alimentar dos filhos, justificando que embora comam de tudo, seus filhos não os acompanham. Outra forte justificativa para corroborar a relatividade da influência do ‘exemplo’ na prática, é que irmãos submetidos ao mesmo ‘exemplo’ podem desenvolver hábitos diversificados.

“Nós damos o exemplo, comendo bastante legumes, frutas... Um come de tudo, tudo que puder imaginar... O outro já não liga e foram criados da mesma forma. (...) Eu nunca fiz uma análise rigorosa, mas é diferente o comportamento dos dois. É deles. Como eu te falei... Não vou dizer que é educação porque se dependesse de exemplo ele comeria tudo. (...) O que atrai um, não atrai o outro, mas os exemplos são iguais. E a opção é deles.” Mãe (46 anos), 2 filhos (10; 9 anos)

“Aqui a gente come de tudo, legume, verdura... Eu faço direto. Couve-flor, essas coisas... eles não comem. Eles falam: ‘Eca!’ (...) Alguns pediatras dizem que a criança é o espelho dos pais, mas aqui não é assim. A gente come, e eles não comem o que a gente come. Eles comem só o que querem e acabou.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

Mesmo com argumentos prós e contras, o poder do ‘dar o exemplo’ ainda é considerado muito forte. De qualquer forma, seja através do ‘exemplo’, seja pelo incentivo cuidadoso e diário a algum comportamento alimentar específico, os pais reconhecem, consciente ou inconscientemente, o papel que desempenham na educação alimentar de seus filhos, embora reconheçam, também, que essa influência esbarra na individualidade dos filhos. Por essa razão, independente dos esforços dos pais, o resultado não é previsível.

“Mariana sempre foi de tomar Nescau à noite. Aí eu falava: ‘Come um pãozinho também.’ Então eu fui colocando o hábito. Mas eu acho que seja fome porque tem dia que Gabriela por exemplo, não come. Já Mariana não, é como se fosse um vício dela. Ela sempre toma.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

“Eu mesma evitava, ao máximo, dar industrializados como danoninho, iogurte e biscoito. Eu partia pra coisas mais naturais e ele aceitava bem... porque eu sabia que a hora que entrasse as ‘porcarias’, ele já ia começar a puxar pra outro lado. Eu demorei sim. Eu evitava.” Mãe (40*), 1 filho (10 anos)

“Mateus gosta muito de fritura, como o pai. O pai tem um vício com fritura que eu tento tirar. Se você cozinha uma batata, você tem que fritar. Se eu deixar Mateus acompanha (...)” Mãe (25 anos), 1 filho (3 anos)

Encontrei crianças cujos próprios pais se admiram com o comportamento alimentar, por serem diferente deles, demonstrando-se mais dispostas para comer legumes, verduras e frutas, o que também demonstra que o ‘exemplo’ nem sempre funciona dos pais para os filhos, mas na direção contrária.

“Ela come coisas que o pai não come, principalmente verde. Qualquer coisa verde ele não come. De legumes ele praticamente só come batata, ela já come quase tudo. (...) Eu dava a ela desde muito cedo, então eu acho que ela acostumou.” Mãe (24 anos), 1 filha (2 anos)

“Ele é bom pra comer verduras e legumes. Eu que sou ruim. (...) Acho que foi o convívio mesmo com outras pessoas. Acho que foi assim. Eu vejo que não como e não como mesmo. Ele não. Prova, experimenta, se ele gostar... ele tem personalidade.” Mãe (30 anos), 2 filhos (10 anos; 8 meses)

“Aí ela disse que quando o rapaz pesou o prato dele perguntou: ‘Essa criança vai comer isso?’ Porque ele pegou todos os legumes, um de cada um. Beterraba, vagem, quiabo, ele viu muita variedade e pegou um pouquinho de cada coisa. E ele come tudo. Ele falou: - ‘Dindinha, você tem que comer.’ Aí ela colocou uma alfacezinha, fez uma forcinha pra não ficar muito sem graça, passar vergonha, que ela disse que tinha colocado lasanha com arroz dentro do prato e ele só comendo verduras com água e sal. Mas isso é dele. Ele gosta. Ele come pimentão cru.” Mãe (46 anos), 2 filhos (10; 9 anos)

É interessante notar que embora alguns pais não acreditem ter muito controle sobre as preferências alimentares de seus filhos, o esforço para que sua influência seja levada em consideração é intensa. Há todo um planejamento sobre o que fazer e o que não fazer para que os hábitos alimentares de seus filhos resultem como planejados.

“A: E o Pedro está proibido de seguir meu exemplo.

B: E como você vai fazer, já que a criança tem uma grande tendência à imitação?

A: Eu vou comer na rua. Aqui, eu faço figuração. Não tomo sorvete na frente dele... O refrigerante é um problema técnico.

B: Que é isso?

A: Sou viciado em refrigerante.

T (a esposa): Ele ficou uma semana sem e teve crise de abstinência. Ficou nervoso, agoniado...

B: Mas você toma no almoço, lanche, janta?

A: É e, às vezes, no café da manhã. ‘Diz se eu não estou em forma?’ ‘Eu sou um milagre!’ (...) A culpa disso é do meu pai. Ele é viciado em refrigerante.”

Pai (26 anos), 1 filho (6 meses)

Temos aqui um relato claro de como os pais, conscientes de sua influência, tentam burlar o ‘exemplo’ negativo que possam vir a demonstrar, na esperança que seu filho tenha uma experiência diferente. Este caso ainda é mais interessante, porque o interlocutor, um pai, responsabiliza seu próprio pai pela aquisição deste ‘mau hábito’, o que explicita sua própria crença no ‘exemplo’. Por viver com as consequências dos hábitos que lhe foram inculcados desde cedo, atenta para que ele mesmo não exerça em seu filho a influência negativa que recebeu do pai.

Enfim, no geral, os pais assumem que o ‘exemplo’ funciona ao afirmarem que seus filhos têm hábitos semelhantes aos seus, corroborando a idéia de que as crianças, quando mais novas, aprendem muito por imitação.

“Eu acho Mariana muito presa ao hábito daqui. (...) Eu falo: ‘A dificuldade dela de comer fora de casa... a culpa é minha.’ Eu tenho o jeitinho de fazer, não faço comida muito gordurosa... macarrão sem molho, só com manteiga, nem muito mole, nem muito duro.” Mãe (40* anos), 2 filhas (10; 2 anos)

Há também relatos de arrependimento dos pais, por não ter incentivado desde cedo o gosto por determinados alimentos, a partir, ou não, do ‘exemplo’ deles mesmos. Ao apresentar os alimentos, posteriormente, e se depararem com a rejeição imediata, ou mesmo com o ‘Nunca comi, mas não gosto’, alguns acreditam que se a tentativa tivesse sido realizada anteriormente, a aceitação teria sido mais fácil, opinião confirmada pelos profissionais.

“Me arrependo de não ter iniciado água de coco desde pequena. Acho que ela aceitaria hoje se tivesse feito isso. Tudo que dei a ela quando bebê, ela aceita hoje.” Mãe (35 anos), 1 filha (7 anos)

Em muitos casos, gosto e hábito foram dois conceitos usados para situações idênticas, o que me obrigava a perguntar se a situação se referia mesmo ao gosto, ou ao hábito. Considerando verdade o que se supõe, que tendemos a gostar daquilo que fomos

habituaados, (WARDE, 1997) os pais realmente são figuras privilegiadas ao estimularem a aquisição de hábitos pelos seus filhos.

Para os profissionais, um dos maiores trunfos dos pais na construção social do gosto alimentar é que possuem a oportunidade de estimular ou corrigir os hábitos que a criança começa a manifestar desde o primeiro momento. Nem todos, contudo, tomam essa atitude. Preferem deixar que a criança decida por si, o que varia não apenas com a concepção de liberdade e autonomia dos pais, mas com a idade da criança.

Embora os diversos conselhos e interferências de terceiros – estando entre esses, tios, primos, cunhados, madrinhas, vizinhos, amigos, entre outros – sejam muito freqüentes⁴⁹, os outros membros da família apresentam uma influência menor, comparada a dos pais e avós que moram com as crianças. Os próprios irmãos não apareceram no discurso como atores de muita influência sobre a criança. Entretanto, alguns pais relataram que os filhos menores queriam comer o que os irmãos comiam, comportamento comum às crianças pequenas com qualquer pessoa que esteja comendo próximo a elas.

Com relação aos irmãos, há tanto a possibilidade de imitação, de querer se distinguir entre eles perante os pais ou de se rebelar contra estes, ao recusar o consumo de determinados alimentos que os pais consideram necessários. Quaisquer das atitudes podem ter o intuito de chamar a atenção dos pais, especialmente da mãe. A alimentação, sendo a primeira esfera de escolha da criança, torna-se o palco de muitas manipulações das crianças para com os pais.

A importância que a alimentação tem dentro de casa pode ser percebida no fato de que muitas crianças são conhecidas pela forma como comem. ‘Ela é boa de boca’, ‘ela é ruim de boca’, ‘come como passarinho’, são meios de se conhecer essas crianças, mas tais referências são importantes apenas dentro da esfera doméstica ou no máximo, na família estendida. Para a vida social em geral, isso não adquire tanta importância. A identificação alimentar de uma pessoa se torna muito importante quando se trata de

⁴⁹ Há também os membros da família estendida – tios, primos, parentes distantes que ao visitarem a criança dão diversos conselhos – que podem contribuir ou atrapalhar a educação alimentar das crianças. As possíveis divergências desses conselhos podem confundir a mãe, que pode estar mais sensível e suscetível a aceitar qualquer conselho nesse período pós-parto. O pediatra aqui tem um papel fundamental ao orientar à mãe quanto àquilo que o discurso médico defende ser o melhor para a idade correspondente da criança.

manifestações ideológicas e políticas via alimentação como o vegetarianismo, crudivorismo⁵⁰, entre outras.

A influência de terceiros também se dá diretamente por meio de conselhos como ‘*Você já pode inserir isso*’, mas são os pais quem definem o quanto esses conselhos serão ouvidos. De qualquer forma, não há ator mais privilegiado que esse, no que diz respeito à cotidiana e permanente educação alimentar das crianças.

II. 2. Os avós

“Minha filha criou muitos hábitos na casa de mamãe porque era lá que ela ficava. E eu praticamente trouxe os hábitos de lá também, então...” Mãe (36 anos), 2 filhas (7 anos; 2 meses)

Os avós também influenciam bastante. Podem tomar conta dos netos enquanto os pais trabalham, morar em casas conjuntas ou convidar a família para o almoço dominical. Sua influência pode ser direta ao cuidarem da criança e/ou dando dicas para seus filhos no período da gestação dos netos. De forma indireta, também se fazem presentes, considerando que a forma como os pais conduzem a alimentação de seus filhos está imersa nos conhecimentos e lembranças de seu período de infância, tanto no que considera positivo quanto negativo.

É na influência direta que a relação é mais problemática. É sobre ela que recai a acusação dos pais sobre o excesso de mimo dos avós para com as crianças. O reconhecimento desse impasse – pais querendo convencer os avós de que devem ser mais rigorosos, enquanto esses querem ‘fazer um agrado’ aos netos – é tão difundido que não faltam exemplos.

“Mimam demais. As duas avós. (...) Um tempo atrás eu fiquei um período em casa, aí ele ficou comigo. Uma semana depois que eu voltei a trabalhar, e ele voltou a ficar com a avó... tudo aquilo que eu tinha ensinado já tinha ido por água abaixo.” Mãe (25 anos), 1 filho (3 anos)

“Eu trabalhava, ele ficava com a minha mãe. E vó dá o que a criança quer, né? ‘Mãe com açúcar’.” Mãe (42 anos), 3 filhos (19; 11; 2 anos)

“R: No verão, fica em Cabo Frio na casa da avó. Aí ela quase não come comida. É muita bobagem. Miojo, muitos doces, refrigerantes, lanches, salgados, essas coisas.

B: Então ela não comia ‘comida de panela’ lá?

⁵⁰ Um estilo alimentar particular dentro dos vegetarianos ou vegans (os que não comem nada de origem animal) em que não há cozimento dos alimentos para que eles não percam nutrientes no processo.

R: É difícil. A avó sozinha em casa também não vai fazer a comida. Quando volta de lá, passa mal com comida de panela. Aí tenho que dar remédio de verme, pra depois dar comida pra ela e vitaminas. (...) Só tem essa avó que estraga, e estraga muito.” Mãe (30 anos), 1 filha (8 anos) e 1 filho (4 anos)

“Quando ele fica com a avó, a diferença é que quando ele não quer comer, ela deixa e dá outra coisa pra ele comer.” Mãe (40 anos), 1 filhos (10 anos)

“(...) porque avó, às vezes, vai lá e pega... Vó é um bicho danado né, que estraga tudo. Mima demais, faz tudo que ela quer. A avó dela é maravilhosa. Mas é assim: ‘Vó, me leva no McDonald pra eu tomar um sundae?’ Acabou de comer, de repente, mas ela quer um sundae ou um hambúrguer, e a avó vai lá e leva. Eu já sou contra. ‘Agora, de barriga cheia, você não vai comer isso’. Mas vó é isso aí, faz parte. Os pais educam, a avó deseduca. Isso aí não tem jeito.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

O desconforto das mães com o comportamento dos avós com os netos é evidente. O uso dos termos ‘mima’, ‘estraga’, ‘deseduca’ é um sinal das tensões que perpassam essa relação. Esse excesso de mimo é reconhecido também por uma das avós entrevistadas.

“Vó faz todas as vontades. Tudo que quer, pede. Essas coisas acontecem. Eles ficam com a gente lá no calçadão após a babá ir embora e aí é difícil controlar, porque os próprios vizinhos ficam fazendo agrado com comida, balinha. O prazer deles é esse. Eles acham lindo Luana chegar e falar ‘bala, bala...’ Aí acaba descontrolando, porque chega em casa e não quer jantar. (...) E a gente nessa idade não tem muita paciência. Pedem e a gente logo dá. É assim, a gente acaba fazendo uma vontade que é errada. Sempre querem pipoca, um doce, outro salgado... Minha filha está longe e não está vendo. Então, acabo cedendo.” Avó (64 anos), 5 netos com menos de 7 anos, e 2 netos adolescentes

A situação se complica um pouco mais quando esse comportamento repreensível dos avós, especialmente da avó, é da sogra, deixando a nora em uma posição complicada para chamar a atenção da mãe do marido, uma vez que os maridos não são os que se envolvem nesse tipo de diálogo. São as mulheres que resolvem essa situação entre si, porque são elas que *‘sabem tudo sobre a alimentação das crianças.’* Esse tipo de comportamento dos avós, contudo, não é tão frequente entre aqueles avós que moram na mesma casa que a criança, lidando com a rotina da educação alimentar diariamente. Os que lidam com a criança querendo ‘fazer agrados’ com um doce, por exemplo, são os que as vêem ocasionalmente. Não me parece ser uma atitude que os avós que moram com a criança e conhecem sua rotina alimentar aprovariam.

Nos relatos anteriores, há não apenas o problema de ceder rapidamente à vontade das crianças, facilitando em um momento de ser mais incisivo, mas também a dificuldade dos pais em lidar com a frequência desse comportamento, como, por exemplo, quando as crianças ficam com as avós para que os pais possam trabalhar.

Embora a casa da avó seja reconhecida como um lugar de mais liberdade do que a própria casa, existem avós que cobram mais do que os próprios pais. Esses seriam os avós que insistem com os netos para comer comida ‘com sustância’, normalmente as ‘comidas de panela’, avós esses que acham absurda a quantidade de industrializados que as crianças de hoje ingerem. Muitos desses avós mais rígidos são aqueles que foram acostumados com alimentos frescos comprados na feira ou cultivados em casa. Embora em menor número, há relatos de influências positivas dos avós na alimentação dos netos. Essa prática levou uma mãe a afirmar que o desenvolvimento de uma alimentação melhor por parte das crianças, é uma questão de ‘empurrãozinho’.

“Minha mãe muda um pouco a rotina dela. Aí que a gente nota que é pura falta de incentivo. (...) Pica fruta pra ela, leva e ela come. Minha mãe coloca um legume, ela come. É a maior influência na mudança da rotina dela. (...) Ela diz: ‘Você tem que comer. Você tem que se alimentar... vai ficar inteligente... é bom pra sua saúde. Não existe uma pessoa que não coma sem legumes e verduras, frutas... Você tá doida? Que isso?’ Minha mãe fala isso pra ela, coloca e ela come.” Mãe (38 anos), 1 filha (8 anos)

“Minha mãe orienta a comer coisas que eles não gostam. Ela inclusive diz que eu faço coisas erradas, que fico fazendo o gosto deles. (...) Por exemplo, se tem frango e ela não quer, eu frito lingüiça. Ela diz que está errado, que ela tem que comer o que eu der, ou ficar sem, mas não é pra eu dar o que ela quiser. Porque senão acaba criando o hábito mesmo de ‘Ah, não vou comer que a minha mãe me dá outra coisa’.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

O ‘empurrãozinho’ nada mais é que uma dedicação a mais com o objetivo de fazer a criança comer. A maioria das mães diz não dispor de tempo suficiente para cuidar da alimentação dos filhos como gostariam. Os avós, por outro lado, em sua maioria aposentados, conseguem investir mais tempo no convencimento da criança.

Numa outra direção, alguns destes avós que incentivam o consumo de alimentos mais saudáveis podem ter crenças equivocadas sobre essa saudabilidade. A compreensão do ‘comer bem’ como ‘comer muito’, que a nutrição moderna já pôs em cheque, ainda é frequente. É uma ideologia que suponho estar mais presente entre os avós do que entre os pais, em função da diferença geracional e da maior abertura das

novas gerações, que cresceram em meio a uma maior circulação de informações sobre alimentação e saúde, a ouvir os conselhos dos especialistas da ciência moderna. Entretanto, muitos ainda consideram aquele prato de comida enorme um sinal de saúde. A criança de rostinho redondo e rosado é considerada saudável ao invés de uma pessoa mais propensa a desenvolver obesidade.

“(...) porque a avó tem muito esse hábito de fritura. E ela também tem esse negócio de que criança gorda é saudável. Tanto que Mateus almoça e ainda quer o mamá. Ela não se contenta com uma coisa só. Às vezes, meu problema maior é esse. Ele almoça e às vezes, na sobremesa, um danone basta, mas pra ela não. Tem que ser 3, 4. Então isso força a criança a ficar um pouco dilatada.” Mãe (25 anos), 1 filho (3 anos)

“O pessoal da minha família é da roça, sem instrução e acha que saúde está associada à gordura (...) Vê uma criança magra e logo diz que está doente.” Mãe (30 anos), 1 filha (6 anos)

Nesses dois casos, a divergência ocorre porque as mães não concordam com as avós por estas incentivarem um consumo de comida maior do que o necessário e desejável para as crianças. É um incentivo maior à quantidade do que à qualidade.

Há ainda outro relato em que a situação se inverte. Aqui, é a avó que reclama do comportamento de sua nora por essa consumir fast food e levar seu filho consigo. O que se subentende aqui também é a ‘ausência de moral’ dessa mãe, caso venha a cobrar uma alimentação ideal de seu filho, quando ela mesma não tem. Considerando esse comportamento, penso que haja uma divergência entre mãe e avó no que se entende por ‘alimentação ideal’ ou não, sendo nesse caso, uma divergência na adesão voluntária às práticas alimentares que contradizem o discurso. Segundo a avó

“Eu sou totalmente contra. (...) Ele pede pra comprar o brinde sim. Ela come o hambúrguer e ele ganha o brinde. Mas ela compra por ela, porque ela gosta.” Avó (? anos), 1 neto (2 anos)

A ausência do avô nos relatos e a presença apenas de um deles nas entrevistas podem ser um reflexo do que acontece com os pais, só que de uma geração anterior. Assim como os pais praticamente não se envolveram nas entrevistas, justificando que era sua mulher quem poderia me dizer tudo o que eu queria saber, os avôs, eu suponho, não estiveram presentes nas entrevistas por não desempenharem uma influência muito visível na alimentação dos netos, e se preocuparem menos que as avós em ‘fazer

agradados' envolvendo comida. Em ambas as gerações, a mulher ainda é a principal responsável por escolher, comprar e preparar o cardápio.

II. 3. Os profissionais

Diversos podem ser os profissionais que, de uma forma ou de outra, influenciam a alimentação das crianças, estando entre eles os pediatras, nutricionistas, psicólogos, professores, enfermeiros e especialistas apresentando recomendações em programas de televisão, entre outros. Tratarei aqui exclusivamente dos dois primeiros, que vêm a ser os principais na área de saúde alimentar. Quando analisarmos a escola, mostraremos um pouco da atuação da instituição por meio do trabalho dos professores em sala de aula.

II. 3. 1. - Os pediatras

A orientação médica é a de que os pediatras sejam procurados mensalmente no primeiro ano de vida e, posteriormente, essa frequência vá diminuindo progressivamente. Essa orientação é seguida pela maioria dos pais, razão pela qual esses profissionais têm uma influência maior sobre a alimentação da criança.

Os profissionais entrevistados relataram que os pais não demonstram muita curiosidade quanto ao que fazer para o melhor desenvolvimento da alimentação das crianças. Por outro lado, algumas mães reclamaram da pouca ou inexistente atenção que os pediatras dão à alimentação durante a consulta médica. De acordo com essas mães, o assunto vem à tona apenas quando elas apresentam dúvidas.⁵¹ O relato de uma delas a seguir, por exemplo, mostra como o macrotempo social, o 'não ter tempo a perder', teve uma consequência nas consultas pediátricas de oito anos para cá.⁵²

“Os pediatras não perdem muito tempo com isso hoje. Eu acho muito ruim. Por exemplo, a Cecília tinha uma pediatra que passou uma sopinha, tudo direitinho. Hoje eu já pedi a dois, mas eles não fazem. Eles dizem ‘Ah mãe, você faz a combinação do vegetal A com o vegetal B. Ao invés de você colocar a batata,

⁵¹ Considero razoável escrever ‘mães’, generalizando uma realidade dos consultórios pediátricos, pouco frequentado por crianças acompanhadas apenas pelos pais, de acordo com a experiência dos profissionais entrevistados.

⁵² Os 8 anos se referem à diferença de idade entre suas filhas, parâmetro de comparação que ela tem para exemplificar as modificações por ela percebidas na atenção dispensada à alimentação na consulta pediátrica.

coloca o inhame. Se colocar cenoura, não coloca abóbora. Eu acho complicado pra gente entender com essa linguagem. Eu queria que ele desse aquela tabelinha de nutrição mesmo.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos: 1 ano)

Para essa mãe, em uma linguagem das ciências sociais, os ‘usos do tempo’ se modificaram. O problema surge porque, de fato, essa mudança ocorreu não somente para os profissionais, mas também para os pais. Agora, estes também precisam das informações bem processadas, levando-os a gastar menos tempo ao executar as tarefas demandadas pela criação dos filhos. Portanto, ao explicitar a dificuldade em compreender a linguagem médica, essa mãe sinaliza um problema referente à praticidade ao ter que organizar a alimentação da sua filha pensando nos termos de vegetais A, B e C, ao invés de consultar uma receita com os nomes dos vegetais. O médico passou essas informações, mas para a mãe, é muito mais fácil ter uma lista de substituições com os nomes dos alimentos do que internalizar uma lógica nutricional no seu dia-a-dia, até conhecer de cor quais são os vegetais categorizados como A, B e C.

De qualquer forma, satisfeitas ou não com a atuação desse profissional durante as consultas, é inegável a influência que ele tem na orientação sobre o que comer, já que a maioria das mães disse serem eles a principal fonte de conselhos sobre a alimentação, especialmente nos primeiros anos de vida. Mesmo as pessoas que têm outras fontes de orientação sobre como alimentar os seus filhos, como parentes e amigos na área de saúde, atentam aos conselhos dos pediatras.⁵³ Livros e revistas também foram citados como fontes onde as mães procuram conhecer mais sobre a alimentação das crianças. Contudo, recorrer a essas fontes é comum no primeiro ano de vida da criança. Depois, entretanto, quando a criança passa a comer a mesma comida que os adultos, elas não são mais consultadas. A internet foi citada por apenas duas entrevistadas como um recurso usado para aumentar o conhecimento ou tirar dúvidas sobre alimentação das crianças. A maioria das mães, entretanto, conta apenas com os conselhos do pediatra, com o que já sabe e com algumas orientações de parentes. Nesse turbilhão de informações sobre ‘como fazer’, o pediatra aparece como a figura do saber legítimo e confiável para garantir a boa condução da alimentação da criança. No caso de contradição de

⁵³ Somente as mães de segunda viagem ou as que tinham acesso a conselhos de alguém experiente no assunto, como a avó da criança ou outro parente próximo, tomavam decisões sem o conhecimento médico. Mães adolescentes, contudo, apresentam uma insegurança muito maior. Nesse caso, as decisões que, geralmente, competem à mãe, são tomadas pela avó.

informações, ele aparece, predominantemente, como a autoridade final sobre alimentação nesses primeiros anos de vida. O relato das mães sobre a orientação pediátrica confirma isso.

“Seguia à risca. A família orientava também. Nunca fui muito de fazer o que os outros diziam. Tenho medo. Ainda tenho um pouco de insegurança mesmo sendo o segundo filho, porque a diferença é grande. Muita coisa eu não lembro.” Mãe (36 anos), 2 filhas (7 anos; 2 meses)

“Seguia à risca. Esperava o pediatra autorizar.” Mãe (24 anos), 1 filha (2 anos)

“Embora, quando a gente tenha filho, mil pessoas sejam especialistas em tudo... Se chora é dor de ouvido, ou cólica, ou não sei o quê... Todo mundo sabe tudo... Mas quem sabe disso é a mãe. A mãe da criança é que sabe. Não adianta você ter dez filhos e querer dar opinião sobre os filhos dos outros que você não vai saber. Mas quanto à alimentação foi só o pediatra mesmo. Seguia à risca tudo.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

“Quem diz o que ele pode ou não sou eu, em geral, baseada no que os pediatras costumam dizer e no meu bom senso.” Mãe (24 anos), 1 filho (6 meses)

“Hoje eu crio minha segunda filha assim: eu experimento tudo com cautela.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

Embora vejamos nos relatos, mães que se habilitam a tomar decisões de imediato, isso não significa que essas práticas fiquem alheias ao conhecimento do pediatra. A nova geração está cada vez mais legitimando o saber médico como aquele que deve orientar essa alimentação, atitude que se segue à difusão do discurso médico-nutricional. Certo é que a maioria seguia à risca os conselhos do pediatra com relação à alimentação das crianças. Quando inserir determinados alimentos, como conduzir o desmame, até quando forçar ou não determinados alimentos que a criança rejeita e que os pais supõem que sejam necessários para a saúde dos seus filhos, em todas essas questões a opinião do pediatra parecia tirar do impasse a mãe insegura.

II. 3. 2. - Os nutricionistas

Os nutricionistas, por seu turno, não costumam ter contato com os pais nessa fase inicial, a não ser em ambulatorios, com crianças hospitalizadas por gastroenterites, o que eles relataram ser muito comum, especialmente nas alimentadas com leite artificial e que estão nos estratos sociais menos favorecidos. Os profissionais que entrevistei

tinham experiência com elaboração do cardápio de creches e escolas, onde também ministravam palestras, além de atuarem em ambulatorios e nos seus consultórios.

Mesmo com todo o alarde sobre a importância de se conduzir uma alimentação saudável desde cedo, a atuação dos nutricionistas nos consultórios é mais remediando do que prevenindo. Isso mostra que ainda levará tempo até que a saúde predomine sobre o gosto na escolha alimentar das crianças ou para as crianças, se é que este dia chegará. Embora muitas mães estejam pautadas nos conselhos gerais sobre alimentação saudável ao preparar a comida dos seus filhos, o gosto da criança é o pano de fundo sobre o qual a mãe pode tentar achar brechas para melhorar a alimentação sem, contudo, ferir o gosto.

As crianças que são atendidas nos consultórios das nutricionistas estão, em sua maioria, com sobrepeso. Eis uma das maiores dificuldades que eles conferem a sua profissão: a reeducação alimentar de crianças que comem em grandes quantidades, ou com alta frequência, alimentos com baixo valor nutricional e excesso calórico, as famosas ‘porcarias’. Essa dificuldade é confirmada por pais. Há poucas menções à procura de nutricionistas e quando há, são dos pais cujos filhos lidam com o problema da obesidade infantil.⁵⁴

“Já fomos a uma nutricionista. (...) É muito difícil mudar os hábitos dele porque ele come em quantidade, ele gosta muito de comer. Ele tem que mudar mesmo. Ela não quer que ele tome refrigerante, mas eu ainda não consegui tirar. Ele sabe o que pode e o que não pode, mas ele gosta mais do que não pode. Ele está conseguindo manter, mas não perder peso. Mas ele já mudou um pouco. Ele nada e faz vôlei, mas são duas vezes por semana. Eu ainda acho pouco.” Mãe (40 anos), 1 filho (9 anos) e 1 filha (6 anos)

“Eu fiquei com vontade de levar há pouco tempo, porque eu fui ao pediatra e ele disse que ela está com peso de criança de 10 anos. Porque apesar dela comer muito bem, às vezes ela não está comendo ou ela está comendo demais. Às vezes eu brinco com ela: ‘Você vai começar a comer só ração. Ao invés de comer aquele prato que você faz.’ Aí comecei diminuindo e ela emagreceu um pouco.” Mãe (38 anos), 1 filha (8 anos)

⁵⁴ Não observei a prevenção contra a obesidade em crianças que têm um peso relativamente normal, mas que comem muito. De acordo com os profissionais essa criança também deveria ter uma atenção especial na alimentação, pois está se acostumando a ingerir uma quantidade de comida superior a necessidade de seu corpo. Ainda que não esteja engordando, pode estar prejudicando sua saúde dependendo da qualidade dos alimentos ingeridos. Portanto, de acordo com os profissionais, os pais continuam remediando, mais que prevenindo.

Neste último exemplo, o ‘apesar dela comer muito bem’, refere-se não à qualidade da comida, mas à quantidade do que a mãe considera ideal para a refeição da filha. O ‘comer muito bem’ aqui já pode estar indicando uma quantidade superior ao ideal para a criança em questão. Veja que essa criança ainda não foi à nutricionista. A mãe, por conta própria, começou a reduzir a quantidade ingerida na refeição da filha, para que ela não precise enfrentar um regime mais sério. Não sei se houve sucesso nessa empreitada. Os pais que passaram por algo semelhante e já estavam avançados nessa fase da dieta, confirmaram a dificuldade de se alterar os hábitos alimentares dos filhos. A dificuldade com as crianças obesas também é muito grande, porque são as que costumam se relacionar com a comida supervalorizando o paladar e o prazer de comer, secundarizando ou desconsiderando a relação entre saúde e alimentação.

“Já levei pra me dar uma orientação sobre como alimentar ela. Mas não adiantava porque eles não comiam. Mas seja o que Deus quiser. Ensinar a comer é difícil.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

Este relato acima já se refere à situação oposta. Essa filha de nove anos apresenta muita dificuldade na refeição do almoço, e já chegou a desmaiar na escola e na rua por não conseguir se alimentar. A mãe relata o almoço como um momento de ‘sacrifício’, estresse e angústia. O almoço da filha, quando come muito, são quatro, cinco colheres. É um caso mais raro e complicado. Porém, muitas crianças chegam à hora do almoço sem apetite em função de uma rotina comum entre os meus entrevistados. Crianças que estudam na parte da tarde, podem dormir até 9h, 10h da manhã. Algumas acordam sem fome, pulam o café da manhã e deixam para comer um pouco no almoço. Outras tomam café da manhã no horário em que acordam, deixando um intervalo de 1h30min, 2h, até o almoço. A maioria dos pais relata que essas crianças comem ‘com vontade’ à noite, depois de um dia de atividades. Isso me leva a crer que o apetite dessas crianças está diretamente relacionado à demanda de energia do seu corpo, diferente de muitos de nós, já condicionados a determinados horários para comer, independente do nosso apetite. A grande dificuldade da hora do almoço não diz respeito ao gosto pela ‘comida de panela’, mas à ausência de apetite suficiente para esse alimento ‘mais pesado’. Prova disso é que à noite, quando chegam com fome, não apresentam dificuldades com o mesmo conteúdo. Outra facilidade da hora do jantar é

que a criança não precisa comer rápido em função de algum compromisso logo depois. Os estresses ocorrem, majoritariamente, no almoço semanal.

“Seja o que Deus quiser. Ensinar a comer é difícil” é uma frase ótima para ilustrar o sentimento dos pais sobre a consciência da necessidade de mudança e, ao mesmo tempo, a angústia por não saber ‘como fazer’ ou não conseguirem que seus esforços surtam efeito.

Para os nutricionistas, envolver as crianças na rotina alimentar da casa poderia ser uma possibilidade. Os pais poderiam transformar a cozinha num espaço para trabalhar o lado lúdico das crianças ensinando-a sobre as propriedades dos alimentos, do cozimento, entre outros. No entanto, de acordo com os dados parece haver tanto uma falta de interesse das crianças quanto de tempo disponível dos pais. Assim, a cozinha, que poderia ser aproveitada como um espaço de interação para pais e filhos, bem como de aprendizados sobre alimentação e saúde, permanece sendo a esfera da mulher, da mãe, onde as crianças apenas passam ou vão comer.

II. 3. 3. - Os profissionais, por eles mesmos

Todos os profissionais entrevistados chamaram a atenção para aspectos da sociedade moderna que interferem negativamente na alimentação cotidiana, tanto dos adultos quanto das crianças. As atuais brincadeiras infantis envolvem cada vez menos esforço, como computadores e videogames, o que aumenta o sedentarismo. Por conseguinte, são também consideradas um dos fatores que contribuem para a obesidade infantil, considerada hoje um problema nacional. Nas últimas décadas, o Brasil passou por uma transição nutricional caracterizada pela diminuição da desnutrição e, por outro lado, o aumento da obesidade.

“O maior número de obesos é por alimentação errada. São raros os casos hormonais, que vem de uma síndrome genética. É erro alimentar. É uma vida sedentária que as crianças já estão tendo de ficar paradas na frente do computador, do videogame, e da televisão(...). E os refrigerantes, sanduíches, hambúrgueres e massas. Final de semana vão passear no McDonald’s, vão comer pizza. É muito mais pela vida que as crianças estão tendo e a alimentação.” (pediatra)

Como também se observa no relato acima, o conteúdo da alimentação infantil não está de acordo com o ideal, de acordo com parâmetros dos profissionais. Nas últimas décadas, a indústria alimentícia cresceu consideravelmente⁵⁵, e desse movimento também faz parte a entrada das redes internacionais de Fast Food no Brasil. As crianças cedem aos atrativos da indústria e procuram essas redes não somente como um lugar para comer, mas também para brincar. Os atrativos da indústria alimentícia, além dos que seduzem especialmente as crianças, como as embalagens, têm um diferencial na preparação rápida e fácil que estimula os pais a cederem voluntária ou involuntariamente, em razão da ‘correria’ da vida cotidiana.

“Eu percebo que tem muitas coisas que os pais fazem porque é mais fácil fazer, digo pela questão do tempo. Até quando os pais têm uma maior escolaridade isso também acontece.” (nutricionista)

O tempo, de certa forma, também aparece como um vilão para a alimentação saudável. Para os pais que não têm um empregado responsável por cuidar da alimentação, o que na minha amostra é a maioria, a praticidade adquirida ao optar por alimentos pré-preparados, como pizzas e nuggets, que podem ser armazenados no freezer por longos períodos, é muito atrativa.

Permito-me dizer, de acordo com as entrevistas, que de todas as mudanças por que passamos nos últimos anos, a que mais afetou a alimentação é o fato das pessoas ‘*não terem tempo a perder*’. A dupla jornada de trabalho feminina é uma das principais responsáveis pelos pais relatarem que não dá tempo para conduzir uma alimentação ideal, como os profissionais orientam. Embora conscientes dessa realidade, os conselhos dos profissionais ainda supõem que algum trabalho tem que ser dispensado para a condução de uma alimentação saudável. Esta implica o consumo de verduras, legumes e frutas, alimentos que não podem ser estocados, o que demanda uma frequência maior nas compras, e conseqüentemente, um gasto maior de tempo.

Por mais que haja uma difusão sem precedentes da preocupação em adquirir hábitos alimentares mais saudáveis, o que os profissionais vêem em seus consultórios não é reflexo disso. A maioria dos que entrevistei lidam com pessoas de classes

⁵⁵ “Desde a implantação do Plano Real (1994) até 2006, os setores ligados ao food service cresceram 191,3%, ante índice de 106,7% do varejo alimentício tradicional. O crescimento da alimentação preparada fora do lar cresceu a taxas médias anuais de 12,6% neste período.” Disponibilizado em <http://www.anuarioabia.com.br/foodservice.htm> . Capturado em 29/06/08.

populares e, como uma das nutricionistas comentou, *“Eles querem praticidade, como qualquer outra classe. Eles querem abrir a geladeira e achar pronto.”* Quando ela explica como deve ser conduzida a alimentação, alguns dizem que uma alimentação mais saudável é cara. Entretanto, de acordo com a nutricionista, isso pode ser sanado comprando os alimentos da safra, que estão sempre baratos. Para os profissionais é mais uma questão de vontade e decisão pessoal, o que não costumam ver com frequência, especialmente se não é um caso em que as mudanças são absolutamente necessárias, como os casos de obesidade infantil.

Quando os profissionais passam dietas para as crianças, procuram convencer os pais de que se a casa inteira não colaborar, será muito difícil para a criança conseguir mudar os hábitos alimentares. Essa situação é mais complicada quando se tem um irmão magro que ‘pode’ comer batata-frita, biscoito recheado e tudo aquilo que as crianças adoram. Para atendê-lo, os pais continuam comprando os alimentos que o outro irmão não pode, tendo este que lidar com a tentação de ver seu irmão comendo o que ele foi proibido. Para os profissionais, o ideal é que todos promovam uma reeducação alimentar, mas segundo seus relatos, é muito difícil. Lutar contra os hábitos já inculcados há tempo é um problema e, com crianças, a dificuldade sempre é maior. No entanto, na medida em que não fere muito os hábitos alimentares previamente existentes, as mudanças aconselhadas pelos pediatras e nutricionistas visando o bem-estar da criança são acolhidas pelos pais na intenção de ajudá-lo.

Em um esforço de prevenção contra obesidade infantil, algumas escolas particulares contratam nutricionistas para se encarregar de seu cardápio. Especialmente as creches, hoje, contam com a prestação de serviços de um profissional dessa área. Outra opção são as palestras ocasionais ministradas por nutricionistas nas escolas. Entretanto, não são percebidos muitos resultados destes esforços ocasionais dos profissionais que não estão lidando com a criança cotidianamente. Por essa razão, muitas vezes, estes profissionais responsabilizam os pais e vêem no marketing da indústria alimentícia, presente nas mais diversas formas, um grande vilão para a alimentação infantil.

Como disse um dos pediatras, ele não trabalha sozinho. Se não contar com o compromisso dos pais em fazer o possível em casa para que a criança siga as orientações dele, é provável que seus conselhos se esvaíam rapidamente. Dessa forma,

eles responsabilizam os pais pela quantidade de ‘porcarias’ que as crianças comem. Na maioria dos casos, são os pais que as compram, ou dão o dinheiro aos filhos para que estes as comprem. Em outros casos, pediatras e nutricionistas responsabilizam os pais pelo mau exemplo que apresentam dentro de casa, quando eles mesmos consomem ‘porcarias’ e outros alimentos que contém gordura ou outras substâncias que são nocivas em excesso e que, embora categorizadas fora das ‘porcarias’, também estão fora dos padrões de uma alimentação saudável.

Quando os profissionais não responsabilizam inteiramente os pais, eles lembram a ‘covardia’ do turbilhão de propagandas dirigidas às crianças cotidianamente, seja no intervalo dos desenhos animados, seja em outdoors. O maior problema seria que as propagandas criam desejos em crianças que ainda não estão completamente maduras para discernir nesses anúncios o que é necessário, útil, viável, saudável. Os recursos da indústria alimentícia como a venda casada⁵⁶, presente na alimentação infantil nos brindes acoplados a alimentos, sejam eles brinquedos ou outros alimentos que acompanham o principal conteúdo da venda, são bastante criticados.

Dessa forma, quando o assunto é o consumo de ‘besteiras’, vilões não faltam. Não esqueçamos que, quando esse assunto é discutido pelos pais, a maior responsabilidade pela apresentação às ‘porcarias’ é atribuída aos ‘colegas de escola’. Por outro lado, a valoração das ‘porcarias’ por alguns profissionais, varia, não apenas pelos ingredientes, pela quantidade e pelos horários nos quais são ingeridas, mas também de acordo com a idade da criança.

“Eu digo às mães: ‘Mãe, não dê o danoninho agora. Ele não sabe o que é danoninho. Ele não está te pedindo. É você que está dando. Quando ele tiver 2, 3 anos e você for com ele ao supermercado e ele for enfiando no carrinho um monte de bobagens e você for tirando, aí você não vai ter como segurar mais. É o ‘coleginho’ que você põe uma coisa saudável e o ‘coleguinha’ está comendo fandangos e vai por na boca do seu filho. Você está entendendo? (...) a sociedade é muito consumista pra essas coisas artificiais. Então, depois de maior... é muito difícil você conseguir manter isso. Então vamos batalhar o primeiro ano, que é muito importante para o desenvolvimento da criança.”
(pediatra)

⁵⁶ “Entende-se por venda casada, a prática comercial em que o fornecedor condiciona a venda de um produto ou serviço, à aquisição de outro produto ou serviço.” Ver <http://www.direitonet.com.br/artigos/x/25/13/2513/>.

A idade na qual a pediatra relata a manifestação das vontades da criança e, conseqüentemente, o aumento da dificuldade dos pais em controlar os filhos, é o início da vida escolar, período no qual pediatras e nutricionistas aconselham os pais a redobrar a atenção. Para a pediatra, os ‘colegas de escola’ terão um impacto grande na alimentação das crianças ao serem consumidores das ‘porcarias’, o que ela chama de ‘coisas artificiais’. Portanto, o cuidado inicial com a alimentação da criança seria crucial por duas razões. A primeira, porque caso os pais não consigam desenvolver uma educação nutricional adequada com a criança, ao menos nos dois ou três primeiros anos de vida essa criança terá desenvolvido uma alimentação ‘reforçada’, saudável, garantindo-lhe o bom desenvolvimento subsequente. A segunda, porque embora as crianças tenham uma tendência a apreciar mais as ‘coisas artificiais’, elas terão menos chances de excluir por completo os alimentos ‘saudáveis’, se estes já estiverem no seu prato desde muito novas.

Por essa razão, além da responsabilidade dos pais, pediatras e nutricionistas crêem ser também parte do papel da creche e da escola estar estimulando a alimentação saudável. Pediatras e nutricionistas concordam que os primeiros hábitos são fundamentais no processo de educação alimentar. Conseqüentemente, as crianças que foram estimuladas desde o primeiro ano a experimentar de tudo, ainda que como quaisquer das demais crianças, futuramente tenham que lidar com os atrativos da indústria alimentícia e com os ‘colegas de escola’, estariam melhor preparadas a não ceder totalmente aos atrativos das propagandas. O costume, supostamente, seria o suficiente para garantir que a criança não manifestasse rejeição total àqueles alimentos que ela comia antes, embora haja uma maior inclinação a querer comer como os ‘colegas’. Além disso, ensinar desde cedo as propriedades dos alimentos seria um estímulo para que a criança se alimentasse da forma adequada para os nutricionistas. Para estes profissionais, comer ‘da forma adequada’ significa escolher os alimentos de acordo com as necessidades de ingestão diária, a partir da composição nutricional do alimento. As crianças estariam, assim, mais distantes de desenvolver distúrbios ou outras relações com a comida que envolva comer por ansiedade, comer porque a comida tem uma boa aparência ou porque não há nada melhor para fazer.

O comportamento dos pais nos primeiros anos de vida é também um dos principais motivos pelos quais a responsabilização maior no discurso dos profissionais

recai sobre eles. Se formos observar seus relatos, as reclamações que eles têm quanto às atitudes dos pais, que se refletem no comportamento alimentar da criança, são oriundas de escolhas que os pais tomaram nos dois, três primeiros anos de vida, não obstante os profissionais também reconheçam a entrada na escola como um período em que os hábitos começam a mudar.

“Eu acho que isso é o ponto principal. Porque as crianças são muito independentes. Têm opinião própria, dizem o que querem. Por isso que eu digo da importância de manter uma alimentação saudável enquanto pequeno, porque às vezes fica até algum resquício pra mais tarde. Ela vai comer a bobagem? Vai. Mas até a gente come. (...) A gente vê criancinha, 2 aninhos, ‘Não quero, não vou comer.’ E, muitas vezes, os pais não conseguem ter aquele pulso firme, trabalhando a importância daquilo ali pra criança. Aí que entra muito o ‘toma lá, dá cá’. Você come isso aqui, que depois mamãe compra aquilo ali. Porque realmente, as crianças hoje em dia... e eu acho até muito mais pelo veículo... Os pais ficam querendo ensinar os filhos a ter mais independência. Porque trabalhar, todo mundo trabalha. Fica fora e tem que ensinar o filho a ter uma independência, ensinar o que está certo e o que está errado. (...) A propaganda na televisão mostra crianças altamente independentes. ‘Eu não quero isso.’ (...)” (pediatra)

Os profissionais chamaram a atenção para outros dois fatores que podem fugir do controle a partir de equívocos dos pais. Na ausência de limites, influências externas como propaganda e a procura por status por meio da alimentação podem se desenvolver de forma preocupante. Em alguns casos, o problema é devido ao comportamento dos próprios pais, como aqueles que querem comprar *danoninho* para os filhos o mais cedo possível, segundo a pediatra, por motivo de status. Ela não vê outra possibilidade para justificar ‘*esse sacrifício*’, a não ser *status*, poder, para dizer e mostrar que pode comprar, considerando que a criança está em uma idade em que ainda não manifesta sua vontade.

Embora as críticas às propagandas da indústria alimentícia sejam recorrentes, os profissionais enfatizam, também, o outro lado da mídia no processo de educação alimentar. Ao mesmo tempo em que esta funciona como a principal vitrine das ‘porcarias’, ela difunde, também, informações acerca de alimentação e saúde. Isto tem aumentado a conscientização das pessoas acerca da alimentação saudável e dos perigos da obesidade infantil. Embora as mudanças na prática cotidiana ainda estejam longe do ideal, as gerações que estão sendo educadas agora já estão sob a influência desse discurso seja em casa, em programas de TV e em trabalhos escolares.

Para pediatras e nutricionistas, a propaganda governamental, por meio de informações específicas com ampla divulgação e alcance, é um ponto a favor da mídia. A Semana Mundial da Amamentação⁵⁷, exemplo de propaganda governamental realizada anualmente contribui para a difusão de informações cruciais a todas as mães, das mais diversas faixas etárias, classes sociais e regiões.

Na Semana Mundial da Amamentação, além da propaganda, órgãos governamentais e não governamentais aproveitam para divulgar a importância do aleitamento materno, o que é um avanço do ponto de vista dos pediatras e nutricionistas. Estes consideram essas propagandas benéficas e ainda muito necessárias, uma vez que muitas mães desmamam seus filhos precocemente. De acordo com eles, umas das principais razões do desmame precoce é o retorno ao mercado de trabalho. O cansaço e a impossibilidade de investir mais trabalho, isto é, mais tempo, retirando o leite para armazenar enquanto outra pessoa fica encarregada de dar à criança, também são outros fatores recorrentes. Dessa forma, o aleitamento materno dificilmente é ministrado até os seis meses, idade mínima para o desmame de acordo com a Organização Mundial de Saúde.⁵⁸ Uma das nutricionistas entrevistadas conferiu uma importância especial ao período da transição da amamentação para a alimentação artificial, no que diz respeito à formação do gosto. É o período de inserção de mais legumes, verduras e frutas, à medida em que se vai completando a transição para a alimentação artificial, semelhante a dos adultos.

“Todos os períodos são importantes, mas a meu ver, a transição do desmame para a alimentação artificial é um período crucial. Se a mãe, por exemplo, estimula essa criança com mais doce, a papila gustativa da língua (...) vai ser mais estimulada e isso vai fazer diferença no adulto. Vamos dar doce à criança, mas em menos quantidade. Não estimular tanto o doce, não estimular tanto o

⁵⁷ Semana Mundial da Amamentação (SMAM) é uma iniciativa da Aliança Mundial para Ação em Aleitamento Materno (WABA), concebida em 1992 com o objetivo de promover, proteger e apoiar o aleitamento materno.
http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=10&id_artigo=1096&id_subcategoria=22

⁵⁸ Vejamos algumas recomendações da OMS: 1. ‘As crianças devem fazer aleitamento materno exclusivo até aos 6 meses de idade. Ou seja, até essa idade, o bebê deve tomar apenas leite materno e não deve dar-se nenhum outro alimento complementar ou bebida. 2. ‘A partir dos 6 meses de idade todas as crianças devem receber alimentos complementares (sopas, papas, etc.) e manter o aleitamento materno.’ 3. ‘As crianças devem continuar a ser amamentadas, pelo menos, até completarem os 2 anos de idade.’
<http://www.leitematerno.org/oms.htm> Capturado em 20/06/08.

salgado... ter um equilíbrio nesses gostos e na papila... Eu acho que faria a diferença.

(...) Descobrir coisas novas... ela está no mundo. Cabe a esse pai informado dizer 'Ele comeu muito chocolate filho, mas chocolate todo dia não faz bem. Amanhã ou depois ele vai ter uma dor de barriga, ficar obeso. Eu acho que tudo é conversado com amor, carinho e compreensão. Alimento é prazer. E se é prazer, vamos tratar de alegrar, ter prazer na mesa.' (nutricionista)

Portanto, na formação do gosto das crianças, o que conta para essa nutricionista, muito mais do que preferências ou rejeições de origem biológica, são os estímulos familiares. Embora alguns pais, pediatras e nutricionistas reconheçam a existência de rejeições alimentares biológicas, a maioria afirma que tudo que se der a um bebê ele aceitará, porque ele não conhece 'gosto' como os adultos. O problema seria que os adultos pensam nas reações dos bebês de acordo com uma lógica de 'gosto' própria a eles. Por exemplo, bebês suportam leite materno que, considerando critérios comuns de algo saboroso, está fora de qualquer parâmetro. É frequentemente relatado como algo 'horrível'. Pelo mesmo motivo, os profissionais desaconselham adoçar a mamadeira, porque, supõe-se que se a criança não conhece o açúcar como nós. Portanto, para elas, não haveria sacrifício em tomá-la sem açúcar. Adoçá-la só aumenta o número de cáries precocemente e acostuma as crianças desde cedo a gostarem de doces.

O prazer alimentar, considerado fundamental por todos os atores apresenta limites apenas quando começa a oferecer algum risco à saúde. Considerando que, para os profissionais, o gosto é majoritariamente construído por meio da atuação dos pais e que a criança sempre se adaptará ao que a família lhe apresenta, caberia a eles estimular seus filhos desde cedo a experimentarem de tudo. Dessa forma, habituar-se-iam aos mais diversos alimentos, trilhando o caminho para um prazer alimentar que seja, também, saudável.

Por coincidência, encontrei ainda um endocrinologista falando sobre o problema da obesidade infantil, responsabilizando diretamente a figura da mãe, no programa da Olga Bongiovani⁵⁹ em 14/01/08. Quando a apresentadora relata como muitas mães reclamam dos maus hábitos alimentares de seus filhos, o endocrinologista é bem direto. *'As mães que me desculpem, mas a culpa é delas.'* Mais uma vez, agora em rede nacional, o caráter definidor dos hábitos apresentados à criança logo no início da

⁵⁹ Programa veiculado pela Rede TV das 9h às 11h45min da manhã, de segunda a sexta-feira.

alimentação sólida é ressaltado. O exemplo, para esse profissional é, portanto, o caminho para o comportamento alimentar posterior.

II. 4. As instituições: a creche e a escola

“(...) porque criança, às vezes, vê o outro comendo... nem gosta, mas quer.”
Mãe (40 anos), 1 filho (10 anos)

Creches e escolas contribuem muito para a formação do gosto alimentar infantil, não só pelo seu caráter pedagógico, mas pelas novas experiências que proporcionam ao possibilitar à criança o convívio com vários ‘colegas’. Quanto às mudanças advindas com o investimento educacional dessas instituições temos alguns relatos que nos apresentam experiências diferenciadas não somente na mesma instituição, mas uma valoração diferente para cada uma das instituições. No geral, às mudanças ocorridas ao entrar na creche é inculcado um valor positivo, enquanto na escola se aprende ‘tudo de errado’. Vejamos, primeiramente, os relatos sobre a creche.

“Começou a comer melhor, ser mais independente.” Mãe (25 anos), 1 filha (8 anos)

“Na creche ele comia algumas coisas que em casa ele não come. Banana. Em casa é só banana. Na creche ele come outras frutas. (...) Ele bebe suco, em casa não. Acho que vê os outros ‘coleguinhas’ comendo e isso influencia. Mas ele é tranquilo pra comer. Mesmo pequenininho, com um ano e pouco. A gente saía pra comer e ele aceitava tudo.” Mãe (26 anos), 1 filho (3 anos)

“Melhorou muito. Porque lá eles oferecem de tudo. Em casa a gente tem um grande problema porque oferece o que a gente faz, o que a gente gosta. E se a gente oferece o que faz, a gente só faz o que gosta. E na creche, eles têm a nutricionista e cada dia é uma refeição. (...) lá eles oferecem coisas que ela não está acostumada. Por exemplo, Vitória agora... eu ofereci mingau e não quis, depois nunca mais eu ofereci... Então a questão da alimentação na creche eu acho fundamental porque ensina a criança a experimentar de tudo, coisa que em casa, por mais que os pais comam de tudo, nem sempre a babá, ou a mãe mesmo... ‘Ah, isso aqui não é bom!’ E aí não oferece.... Cecília é uma criança que come todas as verduras e legumes. Só não come jiló porque eu nunca dei. O que você der a ela, caldo verde, mocotó, dobradinha, tudo... aí você vê. Foi uma criança que aprendeu a comer de tudo na creche. Não que a creche oferecesse essas comidas pesadas, mas aprendeu a aceitar tudo, e como eu e o pai somos bons de boca, tudo a que a gente fazia, oferecíamos, e ela gostava de tudo. A única coisa que eu sei que ela não come é jiló, maxixe... coisas que eu também não faço em casa. (...)” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 1 anos)

A creche, portanto, aparece no seu papel de estimular novas experiências alimentares, contrapondo e/ou enfraquecendo o ‘Nunca comi, mas não gosto’ recorrente em casa. A primeira socialização com os ‘colegas’ estimula a independência da criança, tendendo a diminuir, a partir daí, o ‘trabalho’ que elas dão para comer, o que é excelente do ponto de vista dos pais. A creche, particularmente, vem sendo reconhecida por sua participação no desenvolvimento da curiosidade alimentar das crianças e na melhora da disposição para comer ‘comida de panela’⁶⁰. Além disso, como são muitas crianças, há o estímulo a comerem sozinhas. Quanto às escolas, a maioria dos relatos são curiosamente negativos, referindo-se às consequências da socialização com os ‘coleguinhas’, mesmo motivo pelo qual a creche tem um caráter positivo.

“Começou a querer comer o que o ‘coleguinha’ comia.

B: Melhorou ou piorou?

S: Piorou. Sempre tem encontro com pais e professores e frisa muito alimentação. Vem recados na agenda pedindo pra evitar levar certos lanches. A escola recomenda levar bolo, frutas, suco, pra ajudar a criança a se alimentar melhor. A gente tenta fazer isso, mas outras crianças levam outras coisas. Aí não adianta ‘Eu coloco iogurte, geléia... Ele vai e tira. Porque eu procuro comprar coisas saudáveis, mas também compro as porcarias, que são cheetos, fandangos, que querem levar de vez em quando. Às vezes, o que tem não quer levar, aí chora. Aí eu acabo dando o que não é certo. Até que ele estava levando direto porque não queria levar biscoito. Mas aí eu falei ‘não vai ficar levando direto que faz mal’. Até a professora pediu ‘Ricardo está trazendo muito fandangos pro colégio. Não é certo.’ Eu falei com ele: ‘Ricardo, não pode. Titia disse que não é certo.’ Aí ele obedeceu. Aí ele disse: ‘Uma vez ou outra eu posso?’ ‘Uma vez ou outra pode.’ Mas eles pedem pra evitar essas coisas.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

“Na escola, houve a entrada das guloseimas. Bala, chiclete, fandangos,... mas fandangos ela nunca se adaptou. Biscoitos recheados. Coisas que não eram comuns antes.” Mãe (40* anos), 2 filhas (10; 2 anos)

O relato da primeira mãe, além de mostrar como a escola como instituição pedagógica vem interferindo na orientação da merenda escolar, ilustra uma situação comum. Pais tentam fazer com que seus filhos levem lanches mais saudáveis, mas com o tempo, são vencidos pelo cansaço, pela insistência das crianças em levar as porcarias. Isso, em parte, porque responsabilizam os demais ‘coleguinhas’ e, por consequência, os pais deles, por deixarem que eles levem as ‘porcarias’, estimulando as demais crianças a

⁶⁰ Mesmo as creches particulares desenvolvem um cardápio alimentar especial para as crianças, e como muitas permanecem na instituição em horário integral, almoçam ‘comida de panela’ no refeitório, com os ‘colegas’.

quererem consumi-las também. Por outro lado, essa mãe reconhece que, apesar de tentar estimular um lanche mais saudável, desenvolve um comportamento idêntico ao dos demais pais que responsabiliza pelo lanche dos ‘colegas’ ao comprar as mesmas ‘porcarias’ para seus filhos. A frequência dessa criança levando o que era desaconselhado foi tanta que só diminuiu a partir do convencimento da criança pela mãe que foi chamada a atenção pela professora da criança.

Esses ‘colegas de escola’, depois da família, são os principais atores do processo de construção social do gosto ao longo de toda a infância. Eles são fundamentais como o primeiro grupo da socialização secundária da criança. Nele, a criança descobre o interesse por ‘fazer parte de’, adotando novas posturas e alterando o comportamento, inclusive com relação à alimentação. O que os pais entendem como ‘mudanças’ constantes no gosto da criança pode se referir tanto às novas experiências alimentares estimuladas pela mídia quanto à incansável curiosidade infantil pela descoberta e experiência do novo, compartilhada com esses ‘colegas’ cotidianamente.

Essa diferença na percepção das influências da creche e da escola, e inclusive, das diferentes fases interferindo também nas consequências da socialização dos ‘coleguinhas’ se deve há algumas constatações dos pais no comportamento das crianças. De acordo com a opinião deles, a creche teria diversas influências positivas – como o estímulo a comer sozinhos, especialmente a ‘comida de panela’. Faz sentido que seja uma das principais questões mencionadas pelos pais: o aumento da autonomia da criança e sua desenvoltura para comer melhor alimentos que antes não eram atrativos a ela. Na idade em que as crianças vão para a creche, o que hoje ocorre cada vez mais cedo – com poucos meses de idade – a percepção do aumento da autonomia da criança é um ponto muito positivo para os pais. É estimulado e apreciado, não somente por perceberem o desenvolvimento da criança, mas por se liberarem de um trabalho a mais, o de ter que dar a comida na boca da criança, seja por dependência ou para satisfazer um desejo do filho na hora da refeição.

Contudo, em outro momento, em que todas essas mudanças já se estabeleceram e, portanto, não estão no foco, surge outro estágio de desenvolvimento, em que a curiosidade, as novas descobertas, e a vontade de fazer parte do grupo dos ‘coleguinhas’ se manifesta como uma característica negativa para os pais.

“Antes, quando eram menores, eu colocava fruta no potinho pra eles levarem... era a merenda deles. Yogurte com a colherzinha... Hoje eles não querem. (...) Eles querem comer aquelas porcarias, salgado, refrigerante, guaravita, biscoito, mesmo levando de casa. Lá não tem cantina, mas são eles que escolhem. Eles passaram a observar a merenda dos ‘coleguinhas’. ‘Fulano leva aquele biscoito assim, assim, assim e daquelas marcas que vem com aquele brinquedo dentro... (...) Inclusive cortar um biscoito pra dividir no meio pra dois é a morte. E a menina entrou nesse universo precocemente por conta deles. Mas ela ainda não tem esse querer de ‘Ah, eu não quero levar danoninho.’ Eu coloco na mochila e ela nem sabe o que ela está levando pra comer. Já os outros dois estão escolhendo. ‘Compra biscoito daquele assim e assim, não sei como. Eu não quero todinho, eu quero guaravita.’” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Ele não reclamava pra comer, mas depois que passou a freqüentar o ‘coleginho’ aí ele viu os amiguinhos comendo algumas coisas diferentes e ele quis comer. Eu tento dar alimentos nutritivos para ele levar para a escola, frutas, biscoito de maisena, mas ele não quer mais comer isso. Quer aqueles ‘biscoitos sem vergonha’ que os ‘colegas’ levam. Então acho que sofre influência desse lado. Hoje o biscoito vai e volta e ele não come. Ele quer o que o outro está comendo” Mãe (28 anos), 1 filho (3 anos)

Não obstante, também encontramos casos de crianças que não se deixam influenciar pelos ‘colegas’, de acordo com seus pais.⁶¹

“Ele aceita bem todo o ritmo dele que sempre foi dado, independente dos ‘coleguinhas’ levarem outras coisas ou não.” Mãe (26 anos), 1 filho (3 anos)

Embora existam, tais casos não são freqüentes. Para a maioria, as experiências com os ‘colegas’ amplia o leque de possibilidades de alimentos, por vezes rejeitados pelos pais, como fandangos, refrigerantes e outras ‘porcarias’, por meio do mecanismo da troca de merenda, cujo funcionamento analisarei entre as práticas do espaço escolar.⁶²

II. 5. As babás e as empregadas

Há babás e empregadas responsáveis por alimentar as crianças na ausência dos pais. São figuras importantes considerando que, com a dupla jornada feminina, elas ficam responsáveis por preparar e alimentar as crianças. São elogiadas pelo cuidado com a alimentação, ou criticadas por não levarem em conta as orientações das mães, ou

⁶¹ Não sei até que ponto uma criança pode não se influenciar pelos seus pares, ainda que aqui esteja dizendo respeito apenas à alimentação.

⁶² Conteúdo do capítulo IV desta dissertação.

mesmo por tomarem atitudes por conta própria que estão em desacordo com os ideais da mãe.

Com as babás, na maioria das vezes, as mães deixavam a comida pronta, ou era a empregada da casa a responsável pela preparação do alimento. Três razões me ocorrem para a mãe deixar a comida pronta. A primeira seria a insegurança de deixar a babá cozinhar⁶³, o que também poderia ser válido para a empregada, embora não seja o costume. A segunda, que a mãe raciocine de acordo com o pressuposto de que para demonstrar afeto, ela mesma deveria não somente preparar, mas também dar a comida à criança. A terceira seria que elas, assim como os demais atores, desenvolvem estratégias para lidar com as rejeições da criança e contribuem para criar hábitos. O resultado pode ser positivo ou negativo, o que também é válido para quaisquer dos demais atores.

Os dois relatos abaixo são surpreendentes com relação à ‘rendição’ da mãe, ao hábito que, ao se dar conta, já estava internalizado pelo filho. Por ‘rendição’ não estou julgando a atitude da mãe, supondo que se houvesse resistência, as coisas seriam diferentes, ou seja, que seus filhos comeriam de acordo com o querer dos pais. Sem mais, vejam o que as mães relataram.

“Escondia pra ela, pra eles não. Com os meninos era só amassado, cada vez menos amassado até não precisar amassar mais. Para eles não ficarem com preguiça de mastigar e ver o que comiam. Eu criticava as minhas cunhadas por esconderem a comida dos filhos. Acaba que hoje eu tenho que fazer isso com a menina, mas não foi por minha culpa, foi a empregada.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Ela sempre comeu sozinha por conta da creche desde 2 aninhos. Chegou a precisar colocar a televisão pra se distrair. É um vício que até hoje eu brigo. Porque é criada por empregada...babá... Sou contra comer assistindo televisão e ela sempre comeu assim a vida toda, até hoje. Era a minha briga com a babá e a empregada porque a criança já sabe comer sozinha. Há uns 2 anos atrás eu peguei a empregada dando a comida na boca dela. Eu reclamei e ela disse que era pra andar mais rápido. Isso me mata.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

Vejam que a lógica de que ‘não há tempo a perder’ também envolve o universo das babás e empregadas. Provavelmente, mais o das empregadas que o das babás, uma vez que as primeiras também têm outras tarefas a realizar. A lentidão das crianças no

⁶³ Esta insegurança, provavelmente, decorre da preocupação das mães com a forma com que a comida do bebê é elaborada, uma vez que não pode estar em casa observando o preparo ou fazendo ela mesma.

comer faz com que os diversos atores tentem burlá-la com várias estratégias. Entretanto, na tentativa de não cometer erros, é comum que as babás e as empregadas, que também são responsáveis por conduzir a alimentação das crianças, sigam à risca as orientações deixadas pelas mães.

“Eu que falava tudo. Deixava receitinha do que tinha que fazer. E eu deixava tudo pronto.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

“(...) tive várias porque ficava insatisfeita. Fiquei sabendo que ela dava a comida pra ele e pegava no mesmo garfo... A última foi boa, fazia alimentos saudáveis, legumes, verduras...” Mãe (30 anos), 2 filhos (10 anos; 8 meses)

A forma como as mães julgam o desempenho das babás e empregadas perpassa não somente a forma como essas profissionais lidam com a alimentação das crianças, considerando o asseio e a paciência, mas também o conteúdo das refeições que preparam para as crianças. Com relação ao asseio, duas ou três mães mencionaram o ato de a babá ou empregada usar o mesmo talher para ela e para a criança como um comportamento inadmissível. Isto pode ser percebido como um problema que se relaciona à discussão sobre ‘Pureza e perigo’ (Douglas, 1991). A ‘poluição’, o perigo, pode se dar tanto pela falta de cuidado na escolha e preparo dos alimentos como pela contaminação por meio do contato da pessoa que estiver alimentando a criança.

Além desse problema, houve reclamações tanto sobre dar a comida na hora errada, causando um problema de disciplina ao não condicionar a criança aos horários determinados de cada refeição, quanto sobre a utilização de estratégias, alvo das críticas dos profissionais de saúde alimentar e também de alguns pais que já internalizaram o mesmo discurso.

A satisfação ou não das mães com as babás e empregadas depende também dos comportamentos que a criança aprende com essas profissionais. Ouvi alguns relatos de mães que elogiaram a forma como a condução da alimentação das crianças por esses atores foi bem feita. A seguir, um exemplo.

“É ela que cozinha e dá a comida para eles. Cuido de manter em casa uma variedade de carnes, até carne de rã. Peixe uma vez por semana, ovo uma vez por semana... Orienta o cardápio, mas a prática de ver comendo e alimentar é da babá. (...) Ela me ligava e dizia que eles acordaram e queriam mamar. Eu saía da loja, ia em casa rapidinho e voltava. (...) Sou muito satisfeita com ela. Ela se

preocupa. Eu até brinco com ela: ‘Eu só libero pra você ter filhos depois que você criar os meus’.” Mãe (30 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

O final deste relato é a prova de que as babás e empregadas podem ser consideradas, em parte, ‘membros da família’. Por estarem tanto tempo com as crianças, podem inculcar nelas hábitos que os pais não conseguem ter por eles mesmos. Elas podem adquirir o respeito das crianças de tal forma que as mães sejam poupadas do estresse que perpassa muitas das refeições, não apenas por não serem elas as responsáveis por estarem ali, ‘fazendo com que comam’, mas também pela segurança de ter uma pessoa tão responsável, cujo comportamento ao ensinar as crianças a comer está de acordo com as expectativas ou as supera. Contudo, o relato acima é o ideal de muitas mães, mas não é o que ocorre na maioria dos casos.

III. Capítulo III. Os discursos que perpassam a construção do gosto

Dedico esse capítulo a apresentação e análise dos principais discursos presentes nos relatos dos pais, pediatras e nutricionistas, bem como dos discursos que são veiculados pela mídia. Muitas das transformações pelas quais passou a alimentação contemporânea se fazem presentes nestes discursos. Entretanto, isto não excluiu as permanências, como algumas crenças que perpassam o senso comum. Entre esses discursos estarão, portanto, algumas das razões pelas quais se forma uma rede de acusações entre os principais atores, os conselhos dos especialistas que chegam à grande massa pela atuação da mídia, além dos fatores envolvidos na satisfação ou insatisfação dos pais com a alimentação de seus filhos.

III. 1. O discurso médico-nutricional: do seu surgimento na Europa do século XVIII/XIX à sua chegada no prato das crianças brasileiras

Arriscaria dizer que jamais vimos tamanha quantidade de orientações sobre como devemos conduzir nossa rotina alimentar do que hoje, considerando as consequências que ela representa para a nossa saúde. Ao contrário do que muitos podem pensar, a tendência ascendente desse discurso não é tão recente. (Ferguson, 2004; Dutra, 2007)

III. 1. 1 - Breve histórico da ascensão do discurso médico-nutricional

“O aumento da interdependência e a maior distribuição do poder entre as classes sociais refletiam uma distribuição mais igualitária da comida, assim como diminuía o abismo entre a comida festiva e a cotidiana. É neste contexto que surge a noção de regime alimentar nos círculos médicos a partir do séc. XVIII, a preocupação com a superalimentação dos doentes, em clara sintonia ao discurso romântico, que pregava a moderação, a frugalidade e a utilização dos alimentos puros.” (DUTRA, 2007, p. 87)

Dutra nos diz que a delicadeza e a autovigilância se tornaram valores importantes nos círculos burgueses do século XVIII. De acordo com a autora não conseguiríamos precisar uma data para o surgimento da moderação como valor. Após

seu surgimento, entretanto, vinculou-se à noção de saúde em função da preocupação social com o sobrepeso, no momento em que ser ‘cheinho’ deixa de ser o modelo cultural de corpo. O surgimento da ‘nova nutrição’ apresentado por Gronow (1997, p.7-8), parece ter nesse primeiro momento as suas origens.

“A ambição de um comensal delicado neste período consistia na obtenção da saúde pela ciência e pela existência simples, definindo-se um modo diferenciador urbano e sofisticado. (...) Gastrônomos deste período já discutem a obesidade como uma aflição entre os amantes do bem comer. Ao final do século XIX os mais famosos chefs já apresentavam uma comida mais leve, simples, assim como uma refeição com menor número de pratos; tendência esta, neste momento, ainda específica às elites, em oposição à massa de trabalhadores que continuam a ser orientados a utilizarem alimentos fortes, gordurosos, substanciais. Neste sentido a civilização incorpora agora a concepção da “boa comida”.” (DUTRA, 2007, p. 88)

Esse refinamento passa a funcionar como mais um mecanismo de distinção. A moderação através do autocontrole se difundiu e não estar de acordo com ela se tornou uma fonte de embaraço pessoal diante da sociedade.⁶⁴ A civilização do gosto teria sido, portanto, paralela à civilização do apetite. (DUTRA, 2007, p. 269)

III. 1. 2. A nova nutrição

Hoje, poderíamos afirmar que não há maior *fashion food* do que o frisson acerca da saúde alimentar. Guias, programas de culinária, orientações nutricionais veiculadas em diversas mídias procuram nos deixar a par do que a ciência descobre a cada dia sobre quais alimentos deveríamos comer para assegurar a saúde física por meio da alimentação. Hoje, inclusive, desenvolver uma alimentação saudável, pode ser considerado um ‘luxo’, pois muitos dos entrevistados relataram que conduzi-la sai caro no orçamento. Nos seus primórdios, a situação era oposta.

“Contrário à antiga dieta, a Nova Nutrição, nascida na virada do presente século, baseava-se em idéias da ciência química. (...) a única forma de melhorar o destino dos trabalhadores assalariados era ensiná-los a gastar seu

⁶⁴ Uma de suas conseqüências é o desenvolvimento de rejeições alimentares a partir da primeira causa da rejeição proposta por Mennel, a incapacidade treinada de apreciar certos alimentos. (MENNEL, 1985) É o caso de legumes, verduras, frutas, comidas típicas, normalmente com cheiro e aparência estranhos à criança. Para a maioria, essas rejeições tendem a diminuir com o tempo.

dinheiro de forma mais econômica. Como solução para esse problema, W. O. Atwater, o diretor dos Estudos de Nutrição Humana do Escritório das Estações Experimentais nos EUA, introduziu os conceitos de economia fisiológica e de economia monetária da comida. Economia fisiológica visava determinar as necessidades nutricionais e energéticas mínimas para os diferentes grupos sociais, divididos de acordo com o montante gasto de energia em diferentes gêneros alimentícios, levando em conta os recursos econômicos desses diferentes grupos. Somente se os trabalhadores pudessem ser persuadidos a substituir a comida mais barata, com igual valor nutricional às comidas que costumam ser mais caras, eles poderiam economizar dinheiro e ainda manter suas ‘máquinas de trabalho’ funcionando. O dinheiro economizado poderia então ser usado para melhorar a moradia e o vestuário, e os padrões de vida seriam melhorados sem a necessidade de aumentar os salários (ARONSON 1982: 52-3 In GRONOW 1997, p. 7-8) (...)

Indivíduos não poderiam mais saber ou reconhecer suas ‘necessidades naturais’. Estas só poderiam ser reconhecidas com a ajuda da ciência experimental e de novos tipos de especialistas, os nutricionistas. A classificação de diferentes gêneros alimentícios, e a análise de sua utilidade e inutilidade ao corpo humano, não mais seguiam as propriedades que poderiam ser reconhecidas pelo gosto ou pela visão. (...). Isto marcou uma ruptura decisiva com a antiga tradição dietética. Necessidades falsas ou equivocadas poderiam agora ser explicadas como resultantes da ignorância (...) A questão das necessidades falsas ou genuínas, portanto, só poderia ser resolvida pelo conhecimento científico. Mas quem, realmente, estava em posse do conhecimento certo? A opinião dos especialistas variava, mudando de tempo em tempo e, novas necessidades, falsas ou supérfluas, eram constantemente descobertas.”⁶⁵ (GRONOW, 1997, p. 8)

Assim, a nutrição criou um novo consumidor capaz de reconhecer suas necessidades dentro de seus limites econômicos. De lá para cá, foi um longo caminho

⁶⁵“Contrary to older dietetics, the New Nutrition, born at the turn of the present century⁶⁵, was based on the ideas of scientific chemistry. (...) the only way to improve the lot of the wage worker was to teach him to spend his money more economically. As a solution to this problem W. O. Atwater, the director of Human Nutrition Studies of the Office of Experiment Stations in the US, introduced the concepts of the physiological economy and the money economy of food. Physiological economy aimed at determining the minimum needs of nutrition and energy for different social groups, divided according to the amount of energy expended in different foodstuffs, taking into account the economic resources of different groups of people. If only workers could be persuaded to substitute cheaper food, with equal nutritional value to that of more expensive food, they could save money and still keep their ‘labour machines’ running. The money saved could then be used for better housing and clothing, and the standards of living improved without any need for higher wages (ARONSON 1982: 52-3 In GRONOW 1997, p. 7-8) (...)

Individual people could no longer know or recognize their ‘natural needs’. These could only be recognized with the help of experimental science, and with the help of new kinds of specialists, the nutritionists. The classification of different foodstuffs, and the analysis of their usefulness or uselessness to the human body, no longer followed the properties which could be recognized by taste or sight (...). This marked a decisive rupture with the older tradition of dietetics. False or wrong needs could now be explained as resulting from ignorance. (...) The question of false or genuine needs, thus, could only be solved by scientific expertise. But who, really, was in possession of the right kind of knowledge? Expert’s opinions varied and changed from time to time, and new false or superfluous needs were continuously discovered.” (GRONOW, 1997, p. 8)

desde o início da ascensão do discurso médico-nutricional até se tornar moda alimentar. A saúde vende e alguns nutricionistas estão apreensivos com o excesso de preocupação com a alimentação. Diversas fontes de orientação alimentar aparecem cotidianamente, baseadas em princípios que se diferenciam e, muitas delas, podem ser pseudocientíficas, levando a um direcionamento equivocado da dieta. Entretanto, as recomendações práticas que as pessoas seguem em suas escolhas geralmente coincidem com as recomendações dos especialistas. (GRONOW, 1997, p. 115).

III. 1. 3. O discurso da saúde alimentar hoje

Embora não seja recente, a sensação é a de que a presença das preocupações cotidianas com uma nutrição saudável aumentou em razão da amplitude alcançada por esse discurso nas últimas décadas. Este deve boa parte de seu alcance ao trabalho de órgãos governamentais e de meios de comunicação de massa. Mais do que nunca, a alimentação tem sido ‘medicalizada’, no sentido de nossas práticas incorporarem ou, ao menos, visarem incorporar o que tem sido divulgado por médicos e nutricionistas sobre os benefícios dos alimentos para a saúde.

Hoje ‘saúde X prazer’, um dos quatro pares de antinomias apontados por Warde⁶⁶ (1997) e Barbosa (2007) é o mais visível nas orientações para as escolhas das mães. No entanto, crê-se que comer bem, de forma saudável, implica sacrifícios, porque o que é gostoso não costuma ser bom para a saúde. Muitas pessoas vivem esse dilema entre a escolha do prazer X saúde. Nem todos acreditam que eles podem ser combinados. O primeiro é buscado em toda e qualquer refeição, enquanto a saúde alimentar tem sido alvo dos mais diversos discursos e abordagens, e ensinada como um objetivo que todos deveriam visar. De acordo com os relatos, percebo que eles ainda são pensados como opostos, embora haja esforços na direção contrária. Exemplo destes seriam os programas de culinária que têm demonstrado receitas ‘comuns’, preparadas com ingredientes direcionados àqueles que precisam ou querem ter uma alimentação mais equilibrada e menos calórica, substituindo os produtos normalmente utilizados pelos diet, light, ou 0% de açúcar, em uma tentativa de estimular o saudável que

⁶⁶ Os quatro pares de antinomias são: saúde X prazer, cuidado X conveniência; economia X extravagância, novidade X tradição. (WARDE, 1997)

também é gostoso. Na contracorrente, encontraríamos alimentos muito gordurosos ou enriquecidos de sal ou açúcar, além das famosas ‘porcarias’, as ‘guloseimas’, cujo consumo é uma das principais preocupações de pais e profissionais.

Em todo caso, mesmo para os adultos – destinatários dos discursos promotores da saúde alimentar, e com maturidade suficiente para entender as implicações de uma alimentação mal conduzida – é difícil resistir às tentações da cozinha. Essa resistência é ainda mais difícil para as crianças que não são muito ligadas a essas práticas vinculadas à alimentação saudável, apesar dos esforços dos pais e da escola, instituição que vem desenvolvendo atividades pedagógicas nesse sentido.

Embora as crianças não considerem a saúde um fator importante para a escolha do que comer, as mães têm baseado suas escolhas nos benefícios que o alimento trará à saúde da criança (WARDE, 2007).

“Tem muita gente que fala ‘Que gordinho, que lindo!’ ‘Que magrinho!’ Mas o importante é a gente estar saudável. Nem toda criança forte é saudável. Eu me preocupo com alimentação por uma questão de qualidade de vida, mas também pela diabetes, que a gente não pode deixar de lado a genética né.” Mãe (27 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

O que Warde (2007) apresenta, pode ser aplicado inteiramente aos meus dados. Concordo que, embora a prática nem sempre corresponda ao discurso, a preocupação materna com a alimentação dos filhos permanece, ou mesmo aumenta, nesses tempos de comidas pré-prontas, industrializadas, cuja origem é desconhecida. (idem) A maioria dos pais demonstra estar atenta aos conselhos provenientes das mais diversas fontes, ainda que assumam não poder desenvolver a alimentação de seus filhos como gostariam.

Quando a prática não corresponde a esse discurso, ainda que elas considerem as orientações corretas, duas são as principais justificativas. A primeira se refere à dificuldade de alterar hábitos alimentares e especialmente lidar com esse processo na infância, porque as crianças não costumam se importar muito com outras fontes de orientação sobre o que comer a não ser o prazer do paladar. E não apenas as crianças. Ao escolher os alimentos, muitas pessoas levam em conta apenas o gosto individual, o sabor e o prazer alimentar, secundarizando ou desconsiderando questões relacionadas à saúde, a não ser quando há um problema sério como uma recomendação médica

explícita. A outra justificativa é a falta de tempo para se dedicar à preparação dessa alimentação, que supostamente exigiria mais tempo disponível para as compras, pois demanda uma frequência maior às feiras, supermercados e/ou hortifrutis, além da preparação cotidiana da forma correta de se comer. Há outras justificativas, como o encarecimento da alimentação quando ela é preparada com produtos frescos, lights e afins, e a declaração de que *‘tudo que é gostoso não é saudável’*, implicando no seu oposto: *‘tudo que é saudável não é gostoso’*.

Corroborando, Fischler (2007) mostrou que as mães se culpavam por não continuar dando a mesma atenção à alimentação das crianças depois que elas completavam o processo de transição para a alimentação artificial. Por essa razão, hábitos alimentares equivocados não deveriam ser interpretados como falta de preocupação materna com a alimentação de seus filhos. Pelo contrário, a preocupação não cessa e pode piorar, uma vez que reconhecem que a prática não corresponde aos seus ideais.

Para as crianças, o gosto – considerando sua dimensão visual, olfativa e palatal – é o que define o que comer, dentro da esfera de liberdade que lhe é concedida. No entanto, a fim de diminuir a distância entre saúde e prazer alimentar, busca-se sempre lembrar que é possível desenvolver cardápios saborosos e saudáveis.

Embora essas discussões sobre ‘que alimento é bom para quê?’ estejam já nos mais diversos círculos há algum tempo, não é difícil encontrarmos aquelas pessoas que afirmam não se preocupar com a quantidade de gordura trans, açúcares e outros ‘venenos’ que possam estar ingerindo, uma vez que não sabem se estarão vivos quando essas substâncias começarem a prejudicar seu organismo. No entanto, de nenhuma forma estão ilusas ao discurso da saúde alimentar. Seja por meio da família, dos profissionais ou da mídia, esses saberes rodeiam essas pessoas, que podem se sentir pressionadas a introjetá-los. Tanto é assim, que precisam reafirmar constantemente sua justificativa de que se trata de uma atitude voluntária em não seguir as orientações já incorporadas ao senso comum. É essa lógica de conduzir a própria alimentação que eu chamo de *‘carpe diem’*. Isto é, são aquelas pessoas que conhecem o discurso da saúde alimentar, mas valorizam mais o imediatismo dos prazeres do paladar do que os benefícios à saúde, a médio e longo prazo, a partir da condução de uma dieta

balanceada. De certa forma, a grande maioria das crianças leva a vida nesse estilo ‘carpe diem’.

III. 2. As ideologias alimentares e as relações familiares

Nós, brasileiros, possuímos uma rotina alimentar que valoriza a comida de panela e, dentro desta, a presença de feijão, arroz, carnes, leguminosas, verduras, e outras variedades. Para aqueles que decidem não mais segui-la, há alguns obstáculos que passam a enfrentar. Veja o exemplo dessa mãe, cuja família nuclear não come nenhum produto de origem animal.

“E: Os meus que são maiores... A minha [mãe] não é vegetariana e ficava assim: ‘Tem bolinho, não quer não? Só um pedacinho.’ Aí eles ‘Não.’ Agora ela não oferece mais.” Mãe (46 anos), 2 filhos (10; 9 anos)

Essa outra mãe enfrenta o mesmo problema. Sua alimentação exclui qualquer tipo de carne, embora consuma laticínios e ovos.

I: A minha mãe ficava assim: ‘Olha só Kauã, que bonitinho, tem um peixinho na mesa.’ No início, foi muito difícil pra ela entender. E ele falava ‘Ui vovó, não vou comer cadáver.’” Mãe (36 anos), 2 filhos (6; 2 anos)

Na relação mães e avós, a diferença geracional pode ser um fator importante para a compreensão dessas divergências. Isso pode ocorrer tanto pela adoção pessoal dos ensinamentos do discurso médico-nutricional da alimentação saudável, quanto pela adoção posterior de uma ideologia alimentar em desacordo com os hábitos com os quais foi acostumada. Também é um caminho de mão dupla. Assumindo o discurso médico-governamental como o ideal da educação nutricional, às vezes, as atitudes das mães estão equivocadas, outras vezes, as das avós.⁶⁷

Em uma reunião de família, por exemplo, casos como esse sempre implicarão a preparação de cardápios paralelos. Em uma reunião de crianças – uma tarde de brincadeira entre primos, por exemplo – isso levará à mesma situação: sempre será uma

⁶⁷ Como a quantidade de avós que entrevistei é por volta de dez vezes menor que a de mães, há mais acusações contra os hábitos das avós do que o contrário. Não posso afirmar, portanto, já que não tenho uma amostra semelhante de mães e avós, que ator está em maior consonância com o discurso médico-nutricional.

criança que demandará atenção diferenciada na alimentação. O fator complicador não é apenas esse, mas a não compreensão dos demais membros da família dos motivos da mudança. Isso pode se tornar uma experiência cansativa e desgastante, mas nem por isso motivo para repensar a decisão. É uma mudança de atitude que envolve valores fundamentais à identidade do indivíduo, sobre a qual, em nossa sociedade, ele é educado para ser a maior autoridade.

Vegetarianos ou não, aparentemente, todos concordam com a importância da ‘comida de panela’ na nossa alimentação. Uma atitude como a chantagem, o ‘*toma lá, da cá*’, isto é, ‘come isso que eu te dou aquilo’, considerada um equívoco pelos profissionais, é relativizada por alguns deles apenas quando o que está em jogo é o consumo da ‘comida de panela’. De fato, a supervalorização da ‘comida de panela’ me parece ser a ideologia alimentar, se é que posso chamá-la assim, mais difundida entre os brasileiros, independente de classe social, gênero, idade ou filiação ideológica. Tratando-se das crianças, ela é exacerbada, considerando que sobre os adultos está a responsabilidade de promover seu bem-estar e saúde, característica cujo discurso médico-nutricional também confere à alimentação.⁶⁸

III. 2. 1. As ideologias na prática

Concordo com Jukka Gronow em sua afirmação “*Most of us are not health ascetics, just ordinary believers.*”⁶⁹ (GRONOW, 1997, p. 125). No contexto usado pelo autor, essa frase se refere à maioria das pessoas que procuram seguir orientações gerais sobre alimentação e saúde, que combinam informações e, a partir do próprio julgamento, definem o conteúdo e a forma sob a qual colocarão em prática os conhecimentos adquiridos. De fato, de acordo com os meus dados, há um imenso número de informações sobre ideologias alimentares e, especificamente, sobre nutrição saudável, amplamente difundidas, mas poucos são os que seguem à risca os princípios promovidos por elas. Por isso, a autora diz que a maioria de nós que entende os conselhos divulgados os põe em prática naquilo que melhor nos serve e não por uma adoção ideológica a todo o discurso em si. O mesmo acontece com os pais

⁶⁸ Sobre um estudo antropológico acerca da importância da ‘comida de panela’ na alimentação dos brasileiros, ver Barbosa (2007), Cascudo (1983), Rodrigo Elias (2004), Pinto e Silva (2005).

⁶⁹ “*A maioria de nós não é formada de ascéticos em relação à saúde, apenas crentes comuns.*” (GRONOW, 1997, p. 125)

entrevistados. Entre os que declararam promover a saúde de seus filhos por meio da alimentação saudável há diferentes comportamentos, uma vez que cada um dos pais combina em si uma mescla de informações apreendidas com o pediatra, com a mídia ou conversando com terceiros.⁷⁰ Dessa forma, o que se supõe ser a alimentação adequada para a criança varia de acordo com as combinações entre discursos, ideologias, práticas (antigas e recentes) e gostos pessoais dos atores diretamente envolvidos na rotina da criança. Em sua maioria, entretanto, são variações de comportamentos a partir das crenças amplamente difundidas pela nutrição moderna, que já dá seus ares de incorporação ao senso comum. Por essa razão, já podemos encontrar uma crença generalizada acerca do mal causado pelo excesso de sal, açúcar, gordura, alimentos condimentados e pré-processados.

“Eu tenho a filosofia da boa alimentação. Se você está bem alimentado, você tem uma vida melhor. Então essa coisa do Fast Food, aqui em casa não funciona. Não conhecem as papinhas de potinho da Nestlé. Neste período de 1 a 3 anos eu sempre fiz a comida delas e sempre tive muito cuidado.” Mãe (40* anos), 2 filhas (10; 2 anos)

“Eu me preocupo muito com alimentação saudável. Não quero que ele coma muita porcaria. (...) Pode comer doce, salgadinho na rua, mas não pode comer todo dia. Dia sim, dia não. Alimentação desequilibrada em geral. Fritura demais, gordura demais, nada demais, não ficar de frescura, não como não sei o que lá de jeito nenhum. Uma coisa básica tipo feijão. Eu acho uma loucura meu marido não comer feijão. Ele não come quase nada. Na minha gravidez ele comeu um pouco mais pra me incentivar.” Mãe (24 anos), 1 filho (6 meses)

“(…) Até porque teve na escola de Mariana uma semana só sobre alimentação saudável. Comer frutas, verduras, tomar suco natural. Teve que levar suco natural pra escola. Ela sabe o que faz e o que não faz bem, tanto que quando eu vou fazer compra ela fala: ‘Mamãe, vê se tem gordura transgênica, porque se tiver não leva’. Então ela já sabe que tem coisas que faz mal e coisas que fazem bem.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

⁷⁰ Mesmo que, às vezes, suas recomendações sejam contraditórias, as orientações apresentadas nos meios de comunicação oferecem critérios de julgamento para o consumidor, além dos guias alimentares. De acordo com Warde, embora seja disponibilizado um guia geral que resulta em um senso de prática comum, isso não se dá de forma prescritiva, mas permissiva, lembrando a liberdade de escolha do leitor/consumidor. Os britânicos, quando diante de um conselho contraditório, dizem que a dieta balanceada é a melhor opção, o que inclui uma variedade de itens. Mas, na verdade, de acordo com sua observação, as pessoas não monitoram o que comem (WARDE, 1997). Barbosa (2007) também relata que os brasileiros reconhecem a contraditoriedade e a constante mudança nos conselhos. Nem por isso, as pessoas os ignoram. É o que acontece na relação de alguns entrevistados com as propagandas sobre saúde alimentar. Os que adotaram uma dieta mais saudável e os que preferem continuar com os velhos hábitos, ao menos reconhecem que a informação está disponível, basta querer.

Veja que também aparece nos relatos o que Gronow chama de ‘alimentos ascéticos’, aqueles que nos dão a oportunidade de seguir as orientações sem mudar muito os hábitos alimentares. São os diets, lights, 0% de açúcar e gordura, isentos de gordura trans⁷¹. Algumas pessoas gostam deles, outras só gostam em determinados alimentos, outras ainda acham desagradáveis e que não se compara ao sabor do alimento ‘normal’. (GRONOW, 1997, p. 126)

O avanço das considerações da ciência médica e nutricional nas questões concernentes à alimentação deve-se, em parte, ao fato delas não nos cercearem tanto no que precisamos comer, quanto no que devemos evitar. Dessa forma, a ciência se apresenta como uma orientação e não uma força coercitiva dando ultimatos. Ensinando-nos que alimentos diferentes possuem o mesmo valor nutricional, a ciência nos deixa uma margem grande para a liberdade de escolha. (GRONOW, 1997, p.128) Por essa razão, o autor considera os argumentos científicos, ao mesmo tempo, liberais e autoritários.

III. 2. 2. Crianças convivendo com diferentes ideologias alimentares

“(...) a comida carrega conotações positivas e negativas. Quer o ‘fruto proibido’ seja entendido literal ou simbolicamente, nenhuma ordem coletiva existe sem determinações e interdições alimentares. Comida dá prazer e traz dor; elas trazem saúde e vida, e eles carregam doença e morte. Envenenamento alimentar é um medo onipresente – seja uma questão de comer alimentos não familiares em ambientes desconhecidos ou ansiedade sobre alergias alimentares. E quando o veneno é entendido mais amplamente como ‘poluição’, é evidente que qualquer um sujeito a determinações dietéticas de qualquer tipo por qualquer razão está igualmente preocupado em evitar comidas consideradas impróprias, inapropriadas ou inaceitáveis.”⁷² (FERGUSON, 2004, p. 18)

⁷¹ No entanto há diversos falsos ascéticos, alimentos que são isentos de determinada substância considerada nociva, embora mantenham outras como corantes e acidulantes. Algumas pessoas se esquecem de considerar todas as substâncias e, por exemplo, acreditam que não ter gordura trans já torna o alimento saudável.

⁷² “(...) food carries negative as positives connotations. Whether “forbidden fruit” is taken literally or symbolic, no collective order exists without alimentary injunctions and interdictions. Food gives pleasure, and they bring pain; they bring healthy and life, and they bear disease and death. Food poisoning is an omnipresent fear – whether it is a question of eating unfamiliar foods in strange surrounding or anxiety about food allergies. And when poison is understood more broadly as “pollution,” it is evident that anyone subject to dietary injunctions of any sort for whatever reason is equally concerned with avoiding foods deemed improper, inappropriate, or unacceptable.” (FERGUSON, 2004, p. 18)

Nossa sociedade está cada vez mais atenta à segurança alimentar, à higienização na manufatura, ao armazenamento, ao transporte e à origem dos produtos, preocupações que Ferguson traduz na citação anterior. Além dessas questões, este texto nos ajuda a entender os conflitos que podem estar latentes na rotina alimentar dos lares que convivem com diferentes ideologias. Na minha pesquisa, não encontrei muitas pessoas que vivam tentando solucionar os impasses que possam advir dessa situação, mas a possibilidade é crescente, considerando o quadro nacional e a amplitude da divulgação das novas ideologias alimentares na mídia.

Para entender melhor o meu argumento aqui, basta pensarmos em uma mãe vegetariana e um pai que seja fã de carnes. Se não houvesse fundamentos filosóficos e ideológicos sustentando esses hábitos, provavelmente não teríamos razões para os conflitos latentes. Nos relatos que veremos a seguir, ao contrário dos ‘*ordinary believers*’⁷³ mencionados por Gronow (1997, p. 125) estarei tratando daqueles que efetivamente conhecem uma ideologia ou filosofia e, a partir disso, escolheram aderir a um determinado estilo de vida, voluntariamente, implicando, entre outras coisas, seguir determinados hábitos alimentares. Vejam o relato de uma vegetariana.

“Quando eles estavam mais ou menos com 3, 4 anos, eu e meu marido nos tornamos vegetarianos. O motivo foi filantrópico, não violência, quando começamos a fazer yoga que prega a não violência, a não necessidade do ser humano de se alimentar com carne, ou qualquer... e ovos. E as crianças eram muito pequenas e já não gostavam muito de carne. E eu vivia com aquela idéia de que tem que comer carne... fazendo carne moída e enfiando em tudo, tentando obrigar a comer aquilo ali. A idéia do método do Ocidente, que tem que comer aquilo ali. Quando resolvemos não ser... na época fui a uma nutricionista que falou, pelo menos nas crianças mantenha os ovos... mas aí meu marido falou: ‘Se um monte de crianças que a gente conhece sobrevivem, por que as nossas não vão?’ E a gente... Fiz o exame anual e um ano depois eu fiz novamente e vi que estava melhor que antes, até no que eles mais temiam. O ferro tal... estava melhor que antes. E as crianças se adaptaram. Por ainda serem pequenos, não tiveram nenhum questionamento. No começo, na escola, uma festinha de um coleguinha no McDonald’s... eu pedia a professora ‘Deixa só o queijo...’ abre o pão, tira a carne e serve só com o queijo. Quando fica na casa de alguém, eles mesmos já sabem, eles não querem. Bolo, eles dizem que só querem o que eu faço porque não leva ovo. Eles já têm a consciência, eles assumiram esse lado. Nada é imposto, mas, por exemplo, o não consumo de refrigerante... Na festa de um coleguinha eles tomam, mas se tiver uma opção (...) geralmente eles optam pelo suco. (...) Preferimos o suco e feito em casa, não de caixinha. Vamos ver se conseguimos força pra sermos o mais natural

⁷³ ‘*Ordinary believers*’ seriam aquelas pessoas que seguem os discursos do momento de acordo com a melhor adequação deles às suas atuais práticas alimentares. Acreditam no que ouvem sem muita preocupação com os fundamentos filosóficos ou científicos que fundamentaram as orientações.

possível. Consumimos queijo, leite, manteiga clarificada que substitui muita coisa. E as crianças já sabem dessas coisas. As crianças evitam. Ensinamos as crianças a não consumirem biscoitos. Uma vez na vida achamos um cookie integral. Comprei, aí ele vai no rótulo e ‘Mamãe, colesterol zero, pode comprar.’ Colesterol zero quer dizer que não tem ovo. (...) E o não consumo do biscoito é pra evitar a química e também o ovo, porque muito biscoito leva ovo. (...) Corante de morango eles não tomam nem de graça. Por quê? Crochonila. Olham no rótulo. ‘Mamãe, corante rosa, não quero.’ Porque eles já sabem que aquilo ali é um animal, um inseto, uma lesminha... parece que é um insetinho que eles criam pra tirar o corante rosa. Bala, iogurte... Esses dias ele comprou por engano e me deu o pacote todo: ‘Mamãe, tem crochonila.’ Então eles que optaram. Agora quanto ao que comer dentro disso aí... São dois meninos. Nós damos o exemplo, comendo bastante legumes, frutas... Um come de tudo, tudo que puder imaginar... O outro já não liga e foram criados da mesma forma. Então a pergunta chave pelo que eu entendi, como eles se adaptaram?... É de dentro deles, é uma questão de opção... A questão da opção pelo vegetarianismo foi imposta no início. É claro que quando eles tiverem a capacidade de irem à rua sozinhos e comprar o hambúrguer vai ser opção deles. Por enquanto, eles não têm essa opção. (...) Teve festinha semana passada no colégio e eu mandei uma pizza. Aí perguntei: ‘Comeu a pizza meu filho?’ ‘Comi dois pedaços. Num sei quem comeu quatro. E eu falei ‘E aí, teve muita coisa?’ ‘Teve.’ ‘Que você comeu?’ ‘Mais nada mamãe. Só a pizza.’ A consciência é deles, eles já tem. Mas a gente não sabe o que vai acontecer. (...) A opção do que colocar no prato é de cada um, inerente a eles. Não adianta. Pelo exemplo, os dois comeriam todos os quiabos e brócolis da vida, tudo que a gente faz. Mas um come e outro não. (...) Se eu deixasse ele escolher, só ia querer macarrão, pizza, (...) mas pratos vegetarianos disso. (...) O outro comeria verduras, legumes e também o macarrão. Em compensação o que não gosta muito dos legumes, adora fruta. O outro não. Toma suco de todas as frutas, mas a fruta em si não. (...) Então o que eu vejo disso tudo: por mais que a gente direcione o amplo da história, na hora de colocar no prato a opção é deles e ninguém influencia.” Mãe (46 anos), 2 filhos (10; 9 anos)

Como não conversei com as crianças, os pequenos e constantes constrangimentos que podem enfrentar por serem vegetarianos não me foram relatados. Creio que seja comum entre os adultos, e suponho que com as crianças seja ainda mais freqüente. Pergunto-me como as outras crianças interpretam a necessidade da professora retirar a carne do sanduíche do McDonald’s? A mãe não relatou essas questões. Apenas enfatizou que as crianças já conhecem todos os argumentos que fundamentam a ideologia que seguem e estão de acordo. No caso de outra criança confrontar seus hábitos por serem tão diferentes, eles saberiam expor as razões de seguir sua filosofia alimentar. Estando elas em uma idade em que ‘ser igual’ é tão importante, seria interessantíssimo um estudo feito com as crianças, observando as experiências que elas têm em seu próprio universo. Imagino que, daqui por diante, a tendência seja a diminuição da estranheza com esses eventos, considerando o aumento das tendências

como a ‘individualização’ e a ‘informalização’⁷⁴, apontadas por Warde, além do aumento da popularidade das ideologias alimentares. Nosso sistema culinário valoriza a carne não somente pelo gosto, mas por ser considerada forte e ter seus benefícios à saúde. Creio que seu valor absoluto continuará parte do senso comum, dificultando a compreensão da maioria quanto à decisão dos que abdicam de se alimentar dela. É preciso perceber que esse discurso é tão forte que a própria mãe relembra a dúvida sobre a criança poder ou não parar de comer a carne vermelha. Outra mãe colocou estar em dúvida sobre a vantagem de tirar ou não, completamente, a carne vermelha da dieta dos filhos, uma vez que sempre escutou que ‘criança tem que comer carne’.

“Carne vermelha não come muito porque aqui em casa eu e meu marido não comemos. E agora eu estou evitando bem mais do que antes. Assim que eu casei com ele e vim morar aqui, passei a comer bem menos porque ele não come. (...) B: Mas é alguma coisa relacionada a alguma ideologia como vegetarianismo? C: Olha eu comecei por isso sim. Até pelas coisas que eu venho lendo sobre o que a carne vermelha pode provocar... aí eu passei a evitar. Aí eu comecei a comer mais carne de soja. Aí, de vez em quando, eles experimentam e gostam. (...) Carne vermelha eu hoje não como, mas eu não proíbo eles de comerem. Até porque eles estão crescendo, eles precisam. Mais pra frente, quando eles crescerem, eu vou começar a explicar que a carne vermelha faz mal e que não pode comer todo dia. ‘Não é legal. Vamos substituir pela carne branca, pela carne de soja? Tem frango, peixe, tem a carne de soja que vocês gostam...’ Mas eu não procuro forçar, entendeu? Até porque eles ainda são crianças, não sei se precisam muito da carne vermelha. Mas a gente ouve muita gente falando que faz mal, que provoca o câncer, mas eu não cheguei ainda a explicar pra eles. Eles só vão comer se tiver na casa da minha sogra ou da minha irmã. Aqui não. Eu não cozinho carne vermelha aqui.” Mãe (28 anos), 1 filha (10 anos) e 1 filho (4 anos)

No penúltimo relato, da mãe da família que não consome nenhum produto de origem animal, ela reconhece que a mudança não foi uma escolha das crianças, mas afirma não terem ocorrido problemas. As crianças eram novas e aceitaram bem. Portanto, retirar certos alimentos da dieta e substituir por outros foi um processo

⁷⁴ Esta é a tendência que reflete atitudes como não comer na mesa, preferindo estar em frente a TV, na sala, no quarto, onde quer que seja, além da ausência de um horário certo para realizar as refeições. Esses são exemplos de irregularidade de frequência, tempo e lugar de se comer. Outro traço desta tendência é o aumento da tolerância não somente à diversidade de práticas alimentares, mas também ao que é considerado apropriado comer. Além das situações supracitadas, a substituição da janta pelo lanche é outra situação que apareceu nas entrevistas por mim realizadas e que aponta na direção das tendências tratadas. A variedade de horários, a vontade de comer uma comida mais leve, ou de emagrecer, são fatores que contribuem para essa mudança. Contudo, não foi irrisória a quantidade daqueles que manifestaram fazer questão de jantar “comida de panela” diariamente.

tranquilo. No último relato, não se trata de uma pessoa que assumiu inteiramente uma ideologia, mas de alguém que, com o tempo, adquiriu mais conhecimento sobre o assunto, a partir da influência do marido⁷⁵, da mídia, de cursos, e assim, transformou seus hábitos alimentares. Suas decisões para a casa, conseqüentemente, afetam o que ela opta por ensinar os filhos a comer. Não permitir a presença do alimento em casa é uma tentativa de desacostumar as crianças com o alimento, apesar da consciência que eles circulam em outros sistemas alimentares.

“B: As pessoas falam como se fosse um absurdo não dar carne ao filho, diante da não-substituição da carne, feijão...

I: Existe... a própria família às vezes questiona. Só que a carne não tem tanta proteína quanto um prato de ervilha, lentilha... a ervilha partida que cozinha. Um prato de ervilha equivale a um pedaço de carne. A castanha do Pará substitui a carne.

B: mas quando você explica...

I: não, a maioria não entende. A maioria questiona muito. Eu acho que é um preconceito.” Mãe (36 anos), 2 filhos (6; 2 anos)

É comum encontrarmos pessoas que não compreendem a substituição da carne vermelha. No entanto, o quadro parece indicar uma futura mudança cujos passos iniciais já são visíveis. A maioria das escolas e creches, um dos principais espaços de conhecimento de novos alimentos, desenvolve cardápios ou palestras que promovem o tema da alimentação e saúde. Isso não é novidade para nós. No entanto, encontrei uma escola, cujos donos ao aderir ao vegetarianismo, difundiram a adesão pessoal para o restante da escola. Não tive a oportunidade de conversar com eles. Tomei conhecimento desse evento com uma das mães entrevistadas.

“Coloquei numa creche agora e lá também tem uma pediatra. Eles estão fazendo uma campanha dentro da creche... fizeram uma palestra para os pais sobre alimentação... (...). Eles estão explorando a alimentação infantil em cima de não introduzir carne vermelha... tudo a base de frutas, verduras... eles estão suprimindo a proteína que tem na carne com outros alimentos. Eles mostram que não faz falta para o organismo. Mas eu acho muito difícil fazer isso em casa, porque você não tem uma nutricionista em casa para balancear a alimentação do seu filho. Lá eles têm um acompanhamento.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

⁷⁵ A mudança para hábitos mais saudáveis ser sugestão do marido é um acontecimento raro. Este foi o único caso relatado. Este pai é professor de educação física, o que, possivelmente, o leva a uma maior inclinação a conhecer e se dispor a incorporar novos hábitos a sua dieta do que a maioria dos homens.

Dias depois dessa entrevista, por coincidência, entrevistei a nutricionista responsável pela creche no momento em que os donos decidiram fazer a transição do cardápio. Ela disse que preferiu pedir demissão, pois havia tentado convencer os donos de que a carne vermelha era muito importante para as crianças e que não havia a menor necessidade de tirá-la inteiramente do cardápio da creche, mas não teve sucesso. Por isso, ela preferiu sair e outra nutricionista assumiu o cargo. Na época em que fiz a entrevista, a mudança era recente e não sei quais os eventos subsequentes.

No caso dessa creche, os pais que não estivessem de acordo com a retirada da carne vermelha da alimentação, ainda poderiam oferecer esse alimento para os filhos em casa. A mãe entrevistada, embora consuma carne vermelha normalmente, apreciou a atitude da creche de sua filha, como mais uma tentativa de promover uma alimentação saudável. Não a interpretou como uma imposição de ideologia.

Também encontrei aqueles que se alimentam de uma forma tão particular que chegam a ser reconhecidos por isso. O quanto fogem do ‘normal’ pode ser um problema na hora da preparação do cardápio doméstico. O caso a seguir trata de um casal formado por uma apreciadora dos princípios vegetarianos e favorável a uma alimentação equilibrada e um viciado em refrigerante, com rejeição absoluta ao feijão, e amante declarado de comidas ricas em gordura *trans*.

“Eu não sei o que vai ser do Pedro com relação à alimentação. Do jeito que a coisa está indo, ele vai virar um hare hare. Ele vai achar o pai dele um herege comedor de bois, seres vivos e coisas semelhantes a isso. (...) O bichinho fica indo para aquele “antro hare hare...” estou vendo o bichinho quase vomitando quando vir um ovo cozido.” Pai (26 anos), 1 filho (6 meses)

A esposa desse entrevistado frequenta um centro hindu, onde o vegetarianismo é pregado. Ela mesma não é vegetariana, pois não crê que a ausência do consumo de carne vermelha trará algum benefício para a sua espiritualidade. Lembrem-se aqui de que, para os hindus, os que comem carne são impuros. Abster-se de carne é, portanto, um caminho para a purificação. Por outro lado, seu marido adora carne. Sua “brincadeira” indicando que o filho o achará um ‘*herege comedor de bois*’ se refere à frequência do seu filho, desde muito pequeno, a um lugar que prega a favor do vegetarianismo, quando nem ele ou a mãe da criança o são. Além dessa questão, outra

fonte de discordância é o feijão. Vejam como esse pai justifica sua rejeição total ao feijão.

“(...) minha mãe me obrigava a comer coisas que eu não queria comer. E eu dizia ‘eu não sou obrigado a comer isso’. Com 9 anos eu dizia... (...) A dieta humana não é a mesma em todos os lugares do mundo. Ninguém é obrigado a comer feijão. Há lugares do mundo que não há feijão e que as pessoas vivem. Por que que eu sou obrigado a comer feijão?’ Poderia ter sido substituído, mas ninguém pensou nisso. Tinha que ser a merda do feijão. Não pensa em outra coisa, é revoltante. (...)

B: Ou seja, você não vai obrigar o Pedro a comer?

A: Não. Nada. Não vou obrigar a comer nada. Eu não quero que meu filho passe 3h almoçando porque ele não quer comer uma coisa. Minha mãe dizia que quando eu era pequeno, era a criança perfeita, comia feijão... Eu sinceramente não me lembro disso em momento algum. Com 6, 7 anos começaram com uma história que eu tinha que comer feijão. (...) Dizem que eu de repente não quis comer mais, mas eu não lembro. Começaram com esse papo que eu tinha que comer aquela porcaria, eu achava aquilo o fim do mundo. Aquele troço preto, horroroso, e tem um gosto horrível também. Ridículo. Eu detesto o sabor do troço. Odeio feijão. Quando eu cheguei com 9, 10 anos minha mãe cismou que aquilo era indispensável, e batia aquela porcaria no liquidificador e cobria o meu prato com aquele troço que era horrendo e eu levava 3h pra almoçar todo dia. Saía da escola 12. 12h20 estava em casa e vinha aquele negócio e ficava até 14h, 14h30, 15h. Comia obrigado. Só podia sair quando acabasse tudo. Às vezes ficava até 16h. (...) ‘Vocês estão forçando. Um dia vocês não vão poder forçar e eu não vou mais comer. Para com isso.’ Quando eu estava com 13 anos, tive uma briga horrenda e meu pai disse: ‘Não quero mais saber. A partir de hoje você faz o que você quiser, que se dane.’ E eu: ‘Beleza.’ Nunca mais comi feijão. (...) Depois que liberaram acabou. Ainda tento colocar alguma coisa verde no prato, mas feijão não. Eu tive que admitir pra mim mesmo que eu não posso viver sem comer. Pensa quanto tempo da minha vida eu perdi por causa de almoços horríveis. (...) Eu consigo ter uma alimentação razoável, mas eu não consigo comer feijão.” Pai (26 anos), 1 filho (6 meses)

Eu, particularmente, nunca gostei de feijão. Quando criança, levava mais ou menos uma hora para comer, ‘limpando o prato’ ou não, e imagino que compartilhe a causa da lentidão no comer quando criança com esse pai. Quando comemos algo de que não gostamos muito, temos duas opções: ou comemos logo, com muita rapidez, para o sofrimento acabar, ou ficamos enrolando, postergando o desagrado.

Não tinha uma aversão tão forte quanto à relatada e não me perguntava por que não poderia haver outra comida que substituísse o feijão. Simplesmente, não me recordo de algum período da minha vida em que ele não estivesse ali. Era tão familiar e presente, tanto na minha quanto em todas as outras casas onde almoçava,

ocasionalmente, que parecia um pouco absurda a idéia de não se comer feijão. Além da presença física do alimento em todas as casas, o discurso de seus benefícios à alimentação da criança, como a prevenção da anemia, por ser rico em ferro era, e ainda é recorrente. Jamais o excluí da minha dieta, sendo a ligeira rejeição completamente sanada com o tempo, embora ele ainda não figure nas comidas que eu relataria entre minhas preferidas. Esse relato nos ajuda a entender o quanto a ‘comida de panela’ é crucial na rotina alimentar das crianças, questão que discutirei com mais detalhes posteriormente.

III. 3. O critério de escolha das mães

Fischler conduziu uma pesquisa em que entrevistou 161 mães de crianças entre 4 e 14 anos, em seis diferentes grupos sócio-econômicos franceses, tentando entender o que as mães achavam que as crianças deveriam comer⁷⁶. Mesmo encontrando diferenças entre os grupos etários da infância, a preocupação com a saúde era constante. O uso do vocabulário nutricional ‘calorias’, ‘vitaminas’, ‘amidos’ e ‘gorduras’ e a conversa sobre o assunto seguir em termos de ‘dieta’ foi recorrente. (FISCHLER, 1986, p. 148) Hoje, parece que os conhecimentos sobre nutrição se tornaram um pré-requisito à maternidade. (idem, p.146)

As mães que eu entrevistei realmente demonstravam essa preocupação, embora o ponto de vista seja diferente. Por exemplo, algumas mães confirmavam o discurso dos profissionais, colocando a amamentação em um pedestal, o melhor para a saúde do bebê. Outras já disseram que seus filhos mamaram pouco e sempre foram muito saudáveis. As experiências são diversificadas e, mesmo as que não seguiram à risca a orientação médica quanto à condução da alimentação de seu filho no primeiro ano de vida, sabem conversar sobre essas orientações.⁷⁷

É interessante notar que entre as mães entrevistadas por Fischler, algumas relataram que ter autoridade sobre a alimentação da criança era complicado. Acreditavam que em um caso em que fosse necessária uma mudança, precisariam de

⁷⁷ É preciso mencionar, entretanto, que a ausência da amamentação, para algumas mães, ocorreu por motivos alheios a sua vontade, como falta de leite ou de interesse da criança. Alguns profissionais, por sua vez, consideram que esses motivos podem ser burlados com a insistência, paciência e dedicação da mãe. Muitas discordam.

uma pessoa de fora do grupo doméstico que pudesse orientar as crianças, explicando por que as medidas eram necessárias. (FISCHLER, 1986, p. 947) É provável que essas crianças estejam tão acostumadas com ‘sermões’ dos pais sobre o que comer, que desconsiderem suas recomendações como mais uma entre muitas colocações dos pais que elas consideram como ‘amolação’. Na maioria dos casos, quem faz esse papel são os profissionais, pediatras e nutricionistas. Entretanto, outras pessoas próximas à criança também podem estar influenciando-as. Entre as minhas entrevistas, a professora aparecia como uma figura privilegiada nesse processo.

“Às vezes o que tem não quer levar, aí chora. Eu acabo dando o que não é certo... Até que ele estava levando direto porque não queria levar biscoito. Mas aí eu falei ‘não vai ficar levando direto que faz mal’. Até a professora pediu ‘Ricardo está trazendo muito fandangos pro colégio. Não é certo.’ Eu falei com ele: ‘Ricardo, não pode. Titia disse que não é certo.’ Aí ele obedeceu. ‘Uma vez ou outra eu posso?’ ‘Uma vez ou outra pode.’ Mas eles pedem pra evitar essas coisas.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

Fischler aponta para uma situação muito comum nas minhas entrevistas: mães se culpando por não conseguirem desenvolver uma educação nutricional em casa e não resistir a preparar os pratos preferidos de seus filhos. Na maioria das vezes, trata-se de comidas fora dos padrões de uma dieta ‘balanceada’. Seriam essas ocasiões em que não haveria conflitos entre pais e filhos, mas um conflito interno para a mãe. Este ocorre quando a mãe precisa decidir entre agradar à criança com algo de que esta goste, ou agradar a si mesma, fazendo algo que ela gostaria que o filho comesse, embora este pudesse não a aceitar com prazer. Ainda que não estivesse contemplando o filho, estaria favorecendo sua saúde, o que é suficiente para as mães, na maioria das vezes. Para o desenvolvimento de uma alimentação balanceada, os pais sentiriam a necessidade de oferecer uma grande variedade de alimentos, ampliando o leque de experiências gustativas da criança e, assim, favorecendo as chances de acostumá-las ao gosto deles. (FISCHLER, 1986, p. 959-960)

Na verdade, o que precisa ser balanceada é a relação entre saúde e prazer, dever e recompensa, apetite e racionalidade no comer. “*Comer um pouco de tudo e não muito de uma coisa só*” é uma frase que invoca uma moralidade ascética de controle e razão. (FISCHLER, 1986, p. 961) O louvor à moderação e ao investimento em uma dieta rica em alimentos naturais faz parte das recomendações atuais.

III. 3. 1 – Escolhendo saúde: a negociação entre saúde e gosto

“O equilíbrio total ou harmonia nunca são alcançados. A vida é uma eterna batalha.” (GRONOW, 1997, p.122)

Não é à toa que muitos vocabulários relacionados à alimentação relembram luta, esforço, combate. ‘Resistir à tentação’, ‘é uma luta dar comida a ela’ são exemplos de que o comer, embora cada vez mais focalizado em seu aspecto nutricional, carrega um ‘carma’ de ter que ser agradável ao espírito, de obrigatoriamente conferir prazer ao homem.

Pelo que Fischler (1986) nos apresenta, creio que posso dizer que, em termos de divulgação da alimentação saudável, a França está passos à frente do Brasil. Lá, enquanto 38% dos entrevistados consideram que comer bem é ingerir uma comida leve e de fácil digestão, apenas 4% consideram comer bem equivalente a comer muito. (FISCHLER, 1986, p. 951) Nos relatos de alguns entrevistados, encontrei a consciência de que comer bem significa comer com qualidade⁷⁸. Entretanto, não são poucos os que, voluntária ou involuntariamente, querem dizer ‘comer muito’ quando se referem a ‘comer bem’. Assim, embora vejamos um aumento no conhecimento social acerca dos padrões divulgados de saúde alimentar, mais introjetados nos segmentos de elevado capital intelectual e financeiro, não é irrisório o número de pessoas que, ao falar da alimentação das crianças, menciona comer bem como sinônimo de comer muito. E quando menciono os capitais de Bourdieu aqui, não indico verdades absolutas, mas uma tendência. Isto é, também encontrei pessoas com elevado nível educacional e financeiro que, embora conscientes das orientações, não as seguisse, tanto quanto pessoas com pouca instrução e baixa renda familiar que se preocupam em não exagerar com os ‘vilões’ da boa alimentação.

“O meu menino é muito comilão. É um prato de comida de pedreiro. Como você coloca a comida pra um homem você coloca comida pro meu filho. E ela não, ela come pouca comida. Ela é enjoada. Se no almoço tem galinha, na janta ela não quer. Ele já come de tudo. O que tiver ele come. Sempre foi assim.”
Mãe (30 anos), 1 filha (8 anos) e 1 filho (4 anos)

⁷⁸ De acordo com as orientações, significa comer alimentos com alto valor nutricional e de forma moderada.

Uma coisa a se destacar, entretanto, é que o ‘comer bem’ como sinônimo de ‘comer muito’, na maioria das vezes, estaria se referindo à ‘comida de panela’, considerada ideal e saudável pela maioria dos brasileiros. Compreendo essa concepção coletiva da seguinte forma: se a criança come em quantidade algo considerado saudável, conseqüentemente, ela tenderá a ser saudável. No entanto, se forem besteiras ou lanches, a questão muda. Nesses casos, os pais afirmam que elas comem mal. São também essas as crianças que costumam ter mais dificuldades com a ‘comida de panela’. Abaixo, segue um relato que esclarece a importância de comprar para sobrar – ideal sempre presente, e de forma explícita, em ocasiões sociais –, embora seja de uma pessoa para a qual a abundância de oferta não implica necessariamente o alto consumo, mesmo reconhecendo que é exatamente o que costuma acontecer.

“Meu marido como era do interior é assim. Dispensa lotada. É de abrir o armário e ficar admirando aquilo. 3 kg de arroz, num sei quanto de feijão, óleo... Comer bem pra ele é ter ali pra não faltar, mas não é comer demais. O acesso a essa alimentação pra quem morava na roça era difícil. Minha sogra até hoje tem uma alimentação bem básica. Pra ele poder ir no supermercado e comprar um monte, ele fica satisfeitiíssimo. Ele compra mesmo em abundância. Ele compra as caixas. Ele gosta de chegar e mostrar as crianças o que tem. Ele adora. Tá comendo, tá bom. Só não pode estragar. Mas não é de comer demais não. Ele come menos que eu. O negócio dele é fazer esses gostos assim. Aí as crianças vão no ritmo. (...) Se chegar uma caixa de morango, vai embora na hora. Acabou, acabou. Uva direto. Maça toda hora. É assim.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

As pesquisas científicas evidenciam que a experiência alimentar inicial é crucial para o desenvolvimento de padrões alimentares que podem persistir na adolescência e na vida adulta. (CONTENTO ET ALLI, 1993, p. 244; ROTENBERG, DE VARGAS, 2004)

Pais que valorizam o ‘comer muito’ podem estar contribuindo para o posterior desenvolvimento da obesidade infantil e sua possível permanência na adolescência e vida adulta. Esta forma de pensar é extremamente criticada pelos profissionais e pelos discursos de alimentação saudável veiculados. Essa idéia de que criança gordinha é saudável, já foi rejeitada pelos médicos e nutricionistas, mas o senso comum ainda a carrega.

“O pessoal da minha família é da roça, sem instrução e acha que saúde está associada à gordura (...) Vê uma criança magra e logo diz que está doente. Eu

era muito magrinha e minha filha também é. Minha filha nunca foi aquele bebê fofão, mas também não era magrinha quando bebê. Sempre acompanhou com o pediatra e nunca teve problemas com o peso. Mamava pouco, mas não chorava de fome. Acho que se tivesse dado outras coisas mais cedo por conta desses conselhos da família, a menina teria parado de amamentar mais cedo ainda.” Mãe (30 anos), 1filha (6 anos)

Não é muito difícil encontrar essas idéias ou, ao menos, resquícios dela. No entanto, como no relato é mais fácil de a encontrarmos nos segmentos de menor instrução. A obesidade tem sido considerada uma importante questão de saúde pública, também pela sua difusão nas últimas décadas.

“(...) Felipe (2001), Viuniski (1999) e Herscovici (1997) consideram a obesidade também como uma doença de dependência e descontrole de excesso de alimentos, tendo como consequência mais impactante os riscos sociais e psicológicos, ressaltando-se a própria saúde, significando dizer que o sujeito obeso não o é por opção, apesar de fazer-se muito presente o fator prazer no ato de comer, mas o resultado desse estado se reverte em novas formas de sofrimento e ansiedade.” (SANTOS, 2003, p. 2)

O problema da obesidade na infância ainda é mais exacerbado em função dos constrangimentos sociais que a criança enfrenta com os apelidos colocados pelos colegas. Outro desconforto é ver os demais comendo o que lhe foi proibido, sem manifestarem aumento de peso por isso.

Por considerarem apenas o gosto ao escolherem o alimento, as crianças têm muita dificuldade para acompanhar os tratamentos recomendados pelos nutricionistas, quando necessário. As mães, por sua vez, embora procurem escolher pautadas em critérios de alimentação saudável, sentem a dificuldade de fugir do gosto da criança na rotina alimentar. (PHILIPS, 2004, SANTOS, A. M., 2003)

“Se no passado, assim como em outras culturas, a gordura pessoal já representou prosperidade, atualmente, em nossa sociedade, ela traz indícios de indisciplina, desleixo ou decadência. O obeso vive a ansiedade de antecipar o embaraço social de sua condição de excesso das formas, da auto-complacência, do apetite, da ocupação indevida do espaço. Palavras como colesterol e calorias se tornam fantasmas para consumidores inseguros; é comum o destaque no rótulo de certos produtos comercializados, como os óleos de cozinha a frase “sem colesterol”, sendo que se trata de alimentos que naturalmente não têm colesterol.” (DUTRA, 2007, p. 271)

Além de todo esse alarde contra a obesidade, devemos considerar a influência da expectativa de resultado estético conquistado a partir das escolhas. Pode parecer

estranho tratar da estética por meio da alimentação ainda na infância. No entanto, embora algumas meninas, as que mais se envolvem com questões estéticas, não tenham os conhecimentos necessários para argumentar sobre as razões pelas quais escolhem determinados alimentos visando à estética, sabem que uns engordam mais que outros. Apresentarei esse discurso sendo usado pelas mães para induzir a ingestão de alimentos pelas crianças no próximo capítulo.

Contento et alli (1993) desenvolveram um estudo averiguando alguns critérios levados em consideração pelas mães para a escolha dos alimentos dos filhos. Entre as mães estavam desde as que consideram exclusivamente à saúde àquelas que têm o gosto como critério absoluto, com subgrupos de acordo com a qualidade da dieta das crianças e o conhecimento das mães sobre as conseqüências do consumo de determinados alimentos para a *saúde* (1993, p. 243-255).

Aplicando neste estudo o modelo de tomada de decisões ou escolha, baseados na psicologia social, os autores concluíram que as pessoas escolhem os alimentos que lhe trarão as conseqüências desejadas, seja ela saúde, gosto (prazer) ou praticidade (conveniência). Entretanto, o gosto se sobrepõe às demais porque além de suprir a expectativa, provoca uma reação sensorial, além da cognitiva, ao contrário das escolhas pautadas em critérios como saúde, custo e conveniência. Portanto, haveria uma relação direta entre a motivação e o consumo.

Para mudar esse quadro, isto é, para fazer com que mais escolhas sejam feitas de acordo com a saúde, Contento et alli (1993) e alguns dos profissionais entrevistados afirmam que seria preciso investir no convencimento das mães de que é possível fazer uma comida gostosa e saudável, o que na crença geral, diz mais respeito aos alimentos que as pessoas supõem trazer benefícios à saúde do que a quantidade de nutrientes que o alimento possui. (CONTENTO et alli, 1993, p. 257-258; WARDE: 1997)

Fischler menciona que, para algumas mães, o que as crianças comiam era praticamente uma receita médica. Isso não quer dizer que haja uma tabela na porta da geladeira, indicando a quantidade de nutrientes de cada refeição e quais são os alimentos que proporcionariam a qualidade alimentar procurada, embora alguns pais consigam aplicar cotidianamente os conselhos dos especialistas. Essa prescrição alimentar para crianças se refere mais àquelas orientações gerais tipo ‘não coma muito doce’, ‘não se encha de carboidratos’, ‘carne faz bem para os músculos’ ou então

chamando a atenção sobre a importância de ingerir verduras e legumes. Assim também, Warde (1997) afirma que, na verdade, de acordo com sua observação, as pessoas não monitoram o que comem. A atitude é casual. A observação das regras do comer é irregular e somente o acaso poderia levar as pessoas a encontrar o equilíbrio na dieta, justamente em função da liberdade que se permitem no comer.

Fischler afirma que ‘Balanço’ se tornou a palavra mais freqüente para descrever a dieta adequada, um sinal do aumento dos salários e da disponibilidade. As pessoas têm noções do ‘saudável’ embora não relatem as razões. (FISCHLER, 1986, p. 955-957) Para as mães francesas, a essência desse balanço é composta de vegetais verdes e laticínios. Porém, os primeiros estão entre as rejeições infantis enquanto os segundos são aceitos. Por essa razão, os segundos funcionam como um apaziguador dos conflitos entre pais e filhos, pois por serem considerados alimentos saudáveis, liberam os pais da culpa de não conseguir fazer com que seu filho coma algo saudável. Por combinarem saúde e prazer, os laticínios satisfazem pais e filhos. (idem, p. 959)

Como os leitores já podem prever, inclusive pela própria experiência, não é difícil encontrar os alimentos causadores de tensão e os que agem na contracorrente unificando os interesses, sem precisar de nenhum recurso ou chantagem. Laticínios, frutas, ‘comida de panela’, – excetuando, na maioria das vezes, no que tange aos legumes e verduras – e cereais isentos ou com pouco açúcar, seriam exemplos de um ponto de convergência entre o gosto das crianças e o ideal dos pais. Por outro lado, verduras, legumes, em alguns casos doces de compota confeccionados com polpa de fruta, ou outras receitas confeccionadas em casa, estão entre o que os pais gostariam que seus filhos comessem, mas eles rejeitam. As famosas ‘porcarias’, por vezes em pequenas e grandes quantidades, são do gosto de muitas crianças, mas incomodam os pais ainda que sejam eles que permitam a sua compra.

Entre os meus entrevistados, assim como em Fischler (1986), a saúde também era um critério crucial para a escolha alimentar. O conhecimento para fazer as escolhas pode ser adquirido na imprensa, em consultórios de pediatras e nutricionistas ou em conversas que os pais das crianças desenvolvem entre si.

III. 3. 2. – Praticidade: os novos usos do tempo

Os hábitos alimentares demonstram resistência às transformações rápidas (CONTENTO Et Alli, 1993, p. 381), mas ao longo das últimas décadas pudemos ver como as mudanças pelas quais a sociedade como um todo vinha passando, começaram a interferir na alimentação.

Além da saúde, a conveniência na preparação da refeição foi um critério substancial na escolha das mães.⁷⁹ (idem, p. 248) Juntamente com outros profissionais, Warde constatou uma mudança nos hábitos alimentares dos EUA, França, Suíça, Noruega e Reino Unido, dos anos 70 a 90 (WARDE Et Alli, 2007). O estudo foi pautado na medida de ‘time-use’, na qual se considera que os usos do tempo indicam dimensões da organização social. Conseqüentemente, mudanças na sua alocação refletiriam mudanças na ordem social. Na análise comparativa, em todos os países observados, houve diminuição do tempo dispensado na preparação dos alimentos, embora cada país apresentasse particularidades nesse processo. (WARDE Et Alli, 2007, p. 364-366)

Lieberson nos diz que quando a ordem social passa por mudanças fundamentais é provável que vejamos seus reflexos no gosto. Embora, de acordo com seu argumento, isso não ocorra em 100% das vezes, há alterações na atratividade dos gostos. Uns perdem o apelo e são substituídos por outros que estão em maior sintonia com as mudanças externas em curso. Diferentes subgrupos da sociedade, entretanto, sentem-se atraídos por esses novos gostos de formas diferentes. O apelo à praticidade é um exemplo dessas mudanças. (LIEBERSON, 2000, p. 73)

Retomemos a afirmação de Warde (1997; WARDE Et Alli, 2007) de que não é possível pensar a alimentação contemporânea ignorando as mudanças advindas com a globalização. Aqui, não me refiro à homogeneização dos hábitos alimentares imposta pela difusão das indústrias alimentícias e pelo alcance da mídia de massa, como muitos defendem. Nos meus dados, as mudanças mais visíveis, decorrentes desses processos dizem respeito às lógicas que regem a vida cotidiana, e entre elas à alimentação, especialmente nos usos do tempo dedicado a essa tarefa. Isso significa que a

⁷⁹ “Informações do IBGE e da Fipe mostram que em 1971 o tempo médio de preparação das refeições no Brasil era de duas horas diárias, reduzindo para 15 minutos desde 1997/1998. Colaboraram também para o crescimento do setor a maior participação das mulheres na população economicamente ativa (43% em 2003), o aumento de pessoas morando sozinhas e a diminuição do número médio de habitantes por residência (3,5 pessoas em 2000).” Disponibilizado em <http://www.anuarioabia.com.br/foodservice.htm>. Capturado em 29/06/08.

globalização está imprimindo suas marcas na forma como temos nos alimentado, e não apenas nos alimentos que comemos.

“A gente educa, mas infelizmente a rotina é outra.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

“A correria é o trabalho. Se não fosse por isso teria como se reunir na mesa. Eles não comem verdura requentada. Uma abóbora, um maxixe requentado, tem que ser fresco. O tempo que eu posso fazer é a noite. Então no almoço do dia seguinte eles não comem. Gostaria de ter mais tempo para fazer uma alimentação mais variada. Aí fica... Vai passando os dias e eles vão desaprendendo.” Mãe (32 anos), 1 filha (15 anos) e 1 filho (8 anos)

Hoje, a vida cotidiana está mais rápida, o que nos impele a comer mais rápido, dedicando menos tempo não somente à preparação, mas também à apreciação dos alimentos (WARDE, 2000). Como nos mostra Barbosa (2007), essas mudanças na prática da rotina alimentar brasileira, deve-se às transformações sociais que forçam os indivíduos a reorganizarem suas práticas a partir do tempo disponível. Não houve uma informalização voluntária no comer, em que as pessoas escolheram comer fora freqüentemente, ou aumentar o consumo de comidas pré-prontas e desenvolver uma rotina em que cada um é obrigado a estar de acordo com um horário diferente. A falta de tempo para que a família inteira se reúna na hora do almoço, em casa, é lamentada pelos pais. Até pouco tempo atrás isso era uma prática muito comum em Campos, inclusive o hábito de pôr a mesa para o lanche da tarde. Poucas são as casas que ainda conseguem manter esse hábito tradicional. A ‘correria’ já deu os ares, o trânsito está mais intenso, os horários diferenciados, o que torna mais difícil a administração do tempo entre os membros da família. Seja em razão do retorno dos pais ao trabalho, ou da ida dos filhos para a escola, o drama da lentidão das crianças no comer *versus* a necessidade de se comer rápido para cumprir um horário imposto pelos compromissos sociais está presente na maioria das casas. Especialmente a mulher, que trabalha e não tem empregada contribuindo com os afazeres domésticos, enfrenta uma rotina acelerada que torna a provisão e preocupação com a alimentação dos filhos um ‘fardo’.

“Ele almoça correndo porque acorda tarde, aí toma café, vai estudar, arrumar mochila, tomar banho. Aí no horário do almoço já está quase em cima da hora da kombi passar pra levá-lo pra escola, e almoça correndo... aquela coisa. Eu já falei com ele que isso faz mal. ‘Você tem que se alimentar, tem que dar um

tempo.’ Na maioria das vezes é no automático.” Mãe (30 anos), 2 filhos (10 anos; 8 meses)

São razões como essa que tornam o ‘tempo’, e mais precisamente a falta dele, um fator crucial para entendermos como as rotinas alimentares são conduzidas hoje. Embora as pessoas acreditem ser importante a alteração da rotina alimentar na direção de hábitos mais saudáveis – lembrando que muitos pais, profissionais e alguns autores defendem que as crianças passam a gostar do que são habituadas (GIARD, 1998 In ROTENBERG, VARGAS: 2004, WARDE, 1997) – na prática, muitos são os empecilhos e as resistências, entre elas a falta de colaboração das crianças e de tempo dos pais para insistir com elas.

“Tem que ficar vigiando ela comer o tempo todo se não ela fica parada. (...)No dia que ela tá comendo bem eu fico feliz de dar comida pra ela, mas no dia que ela tá assim, e é a maioria das vezes, eu fico exausta. Eu não agüento. Não quer comer não? Então tá. Aí minha mãe vem e dá, entendeu? Mas tem dia que eu não agüento. Esgota a minha paciência. Coloco de castigo. Uma semana sem dvd... Tem que cortar o que ela gosta.” Mãe (24 anos), 1 filha (4 anos)

O almoço ‘sofrível’, ‘estressante’, ‘cansativo’ não é o do fim de semana, em que não há preocupações em cumprir horários, mas o semanal, especialmente problemático para as crianças que estudam à tarde. As estratégias, tão criticadas pelos nutricionistas, existem exatamente porque ‘não há tempo a perder’, em razão da dupla rotina de trabalho feminino. As refeições em que, com maior frequência, todos se reúnem têm sido o jantar, em que praticamente não foi narrada nenhuma situação de estresse, embora seu conteúdo, assim como o almoço, seja ‘comida de panela’. Atribuo isso não só ao fato das crianças chegarem da escola com mais fome e comerem com menos dificuldade, mas à provável ausência de compromissos posteriores a essa refeição, liberando a mãe de estimular a criança a comer mais rápido.

Além do tempo dispensado na preparação dos alimentos, Warde também observou o comer em casa e fora de casa, hábito que tem aumentado. Contudo, especialmente nos países da Europa, famílias com crianças tendem a passar mais tempo comendo em casa, talvez pela vontade de cultivar o hábito de refeições familiares, além

de dispensarem mais tempo na preparação dos alimentos⁸⁰. Também é um momento propício para aconselhar os filhos sobre os benefícios à saúde de se ter uma alimentação com ingredientes frescos, recém-preparados. (WARDE Et Alli, 2007, p. 372-373)

De fato, no Brasil, a organização temporal da provisão e consumo alimentar está mais relacionada aos constrangimentos práticos do curso de vida e ocupação do que com estilo de vida. (BARBOSA, 2007). A tendência a comer fora, por exemplo, é generalizada (WARDE et Alli, 2007) e, no Brasil, o lazer alimentar das crianças está em consonância com a observação desses autores. No fim de semana, aqueles que apreciam essa prática, seja qual for sua renda familiar, levarão seus filhos para comer fora. A diferença é o que se pode pagar, se é o restaurante ou a barraca de cachorro quente na esquina. De qualquer forma, a intenção permanece a mesma: fugir da rotina, ao mesmo tempo em que alimenta sua relação com o filho, por intermédio de uma das mais populares formas de lazer, o ‘comer fora’.

III. 4. ‘Porcarias’: os vilões da boa alimentação

Entre as mães francesas pesquisadas por Fischler (1986), os alimentos que elas acreditavam causar mais problemas na alimentação eram os açúcares, considerando ainda a relação da ingestão destes com a falta de balanço na alimentação, além de uma possível situação de conflito entre pais e filhos em função da perda de controle. Os açúcares são os principais conteúdos das beliscadas, atitude que implica uma irregularidade, de certa forma, uma subversão ao que, normalmente, é estabelecido. Entre os meus entrevistados essas reclamações recaíam sobre as ‘besteiras’, ‘porcarias’ ou ‘guloseimas’, alimentos enriquecidos em açúcares, gorduras, conservantes, condimentos e com baixo valor nutricional. É uma falta de disciplina com o horário, em parte, consequência da falta de controle dos pais. (FISCHLER, 1986, p. 952-953)

Acho curioso que a maioria das pessoas, ao descobrir que eu estava fazendo uma pesquisa sobre os hábitos alimentares das crianças, imediatamente afirmava ‘Só besteiras’, ‘McDonald’s’ e afins. A lista de besteiras varia de acordo com cada entrevistado, mas há alimentos recorrentes como balas, chicletes, pirulitos, fandangos,

⁸⁰ Embora na França a presença de crianças reduza a probabilidade de se comer fora, tendência que parece ocorrer em toda a Europa, nos EUA, não há tal correlação. (WARDE Et Alli, 2007: 378)

salgadinhos comprados na rua, refrigerantes, biscoitos recheados, sorvetes, fast foods em geral, entre outros.

“Biscoito recheado, pirulito, bala, biscoitos da Elma Chips. Isso eu considero caloria vazia” Mãe (38 anos), 1 filho (1 ano e 7 meses)

“Doces... aquela sacolinha das festas de aniversário foi a pior coisa que inventaram na vida. Sacolinha pra criança, que além de ela se encher de doce no aniversário, ela passa o resto da semana comendo doce que trouxe do aniversário. Põe na geladeira e fica a semana inteira. (...) Eu já tentei ir numa festa e não trazer a sacolinha pra casa, mas não teve jeito, porque a sensação da festa é trazer a sacolinha pra casa. E tem mês que é uma festa a cada fim de semana. Então tem doce em casa o mês inteiro.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

“Bala, chiclete, eu acho porcaria. Eu acho que chocolate, biscoito não é porcaria. Faz parte da alimentação. Ela não é de passar e comprar aquele monte de bala. A gente tem que ficar: ‘Carol, quer um bombom?’ Sorvete ela gosta muito. A hora que você oferecer ela aceita.” Mãe (36 anos), 2 filhas (7 anos; 2 meses)

Esse último relato me chamou atenção para a menção do chocolate como ‘parte da alimentação’, ao invés de estar incluído nas ‘besteiras’. Sobre o conteúdo destas, quando as mães não me respondiam de forma generalizada ‘doces’, levando-me a crer que o chocolate estivesse incluído, elas não mencionavam o chocolate. Portanto, entre essas ‘besteiras’, creio que haja uma espécie de hierarquia das mais aceitáveis às totalmente ‘vilanizadas’, baseadas em crenças pessoais sobre a qualidade e valor nutricional. Fandangos, por exemplo, era reconhecido pelos pais como uma das piores porcarias, apesar de comprá-lo, com pouca frequência, devido à insistência dos filhos.⁸¹

“Bala eu dou até porque criança precisa de doce com a energia que eles gastam. Mas eu chamaria de porcaria mesmo os fandangos, esses salgadinhos, inclusive eles não são tão ligados. Entre tudo que as crianças comem, no geral, eu acho que cheetos é o pior, é muito conservante, muito corante...” Mãe (27 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Eu não sou de comprar muito biscoito. De mês a mês, compro 2, 3 pacotes... Passatempo, biscoito recheado, essas tristezas... Fandangos, principalmente, meu filho mais velho comia muito. Eu cortei. Compro de mês a mês 2, 3 pacotes... de

⁸¹ Em junho de 2008, observei uma embalagem de fandangos que supenho ser nova, trazendo em sua frente imagens que faziam referência ao ambiente rural, com uma plantação de milho, além de informações atraentes aos pais preocupados com a saúde do filho: assado, 0% de gordura trans, entre outros. No verso, esses itens favoráveis vinham justificados, juntamente com algumas dicas sobre como manter uma vida mais saudável.

vez em quando não compro. Às vezes quando dá vontade de comprar eu compro, eles comem e acabou. O que eu acho que é porcaria... eu não gosto desses tipos de fandangos, porque tem muita química, corante, essas coisas, aí eu tento evitar ao máximo. E doces, balas, chicletes... eu elimino mesmo porque eu nunca gostei. Não compro.” Mãe (35 anos), 2 filhos (12; 3 anos)

Quanto às demais ‘besteiras’, há outros fatores a se considerar. Os pais deram a entender que seu consumo é aceitável se restrito a determinadas horas do dia (lanches, sobremesa ou a ‘surpresinha’ oferecida pelo pai ao chegar do trabalho) e/ou a determinados dias da semana (sábado e/ou domingo) e em quantidades pré-determinadas de conteúdos específicos.

“Por mim não poderia, eu trago mais biscoito de maisena e de sal. A pediatra falou comigo que era para cortar. Mas eu já cortava. Sempre tive noção do que era saudável. Só que passou a comprar recheado porque eles estavam insistindo demais. Se você não faz fica achando que você não quer comprar, que é ruindade...” Mãe (32 anos), 1 filha (15 anos) e 1 filho (8 anos)

O consumo dessas crianças depende das crenças e práticas alimentares dos pais, especialmente por ainda não terem um julgamento formado na fase em que a influência dos pais é majoritária. É por isso que autores como Contento et alli (1993) afirmam que se a proposta fosse uma reeducação alimentar promovendo a saúde, este trabalho deveria ser feito no sistema de crenças dos pais. (CONTENTO Et Alli, 1993, p. 244)

De fato, o comportamento alimentar das crianças varia de acordo com a crença dos pais. Tanto os que substituem alimentos rejeitados por outros, quanto os que forçam as crianças a comerem o que estava no prato, tentam educar seus filhos de acordo com o que acham mais viável, correto, ou mais benéfico para a saúde, mesmo se ele não se sentir confortável em forçar, por exemplo. Para alguns pais, o cuidado está em jamais ceder à vontade dos filhos, enquanto outros que atendem às crianças, invocam a justificativa de ‘terem coração’ e realizar os desejos das crianças, sempre que possível.

“Quando você sabe dosar, sabe dar, não é problema. Só quando você mal acostuma, faz sempre as vontades, aí é problema. (...) Eu acho que os pais já vêm com o mau costume. Acontece muitas vezes de os pais já terem o mal costume e passarem para os filhos.” Mãe (40 anos), 2 filhos (12; 7 anos)

“Eu deixo a critério deles. O que querem, eu dou. Eu espero pedir. Eu compro tudo o que elas querem e deixo elas comerem o que querem.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

Na citação supracitada, há liberdade dentro do que se traz para casa. No supermercado, os pais julgam o que podem ou não comprar e, comprando, eles podem comer como e quando quiserem em casa. Neste caso, nem mesmo o almoço é forçado, o que não o libera de ser uma refeição complicada, já que essa mãe escolheu ‘não forçar’ exatamente por não conseguir impor nenhuma obrigação alimentar no almoço a uma das filhas.

A crença de que o gosto é inerente à personalidade ou à natureza da criança, ou ainda à genética, é comum. Embora a maioria dos profissionais defenda que o gosto alimentar é resultado dos costumes ensinados às crianças desde cedo, especialmente pelos pais, nem todos os entrevistados concordam com isso. Na opinião dos pais, as influências externas, como a dos ‘colegas de escola’, às vezes, fogem do seu controle. Além da difícil administração das influências externas, o fato de crianças educadas a partir dos mesmos princípios e submetidas a presenciar os mesmos ‘exemplos’ desenvolverem hábitos diferentes ajuda a justificar, para pais e profissionais, que nem tudo está no controle familiar. Não foram raros os casos de irmãos com hábitos opostos.

“É deles mesmo. O menino puxou mais a mim com comida. Acho que é deles mesmo, de família. Do mesmo jeito que eu criei um eu criei o outro. (...) Tem diferença entre eles, mas é pouca coisa. Acho que não tem nada a ver com os coleguinhas deles, mas com a influência maior do pai no menino. Geralmente, as mães dos meninos na idade dele ficam horrorizadas de ver tudo que ele come e os meninos não comem. A menina é mais influenciável. Ela eu acho que pode ser influência dos colegas.” Mãe (40 anos), 1 filho (9 anos) e 1 filha (6 anos)

“São praticamente uma escadinha, com 1 ano e ½ de diferença mais ou menos de um pro outro. Eles são bem diferentes. (...) O primeiro é muito inseguro, mas com alimentação ele é ótimo. O segundo tem umas crises existenciais de vez em quando, por ser o filho do meio, mas também é muito bom pra comer (...) Eles são muito independentes com relação à alimentação. Querem, pegam na geladeira e comem. Eu acho que isso é por conta de eu ter tido um atrás do outro. Enquanto eu tomava conta do menorzinho o outro tinha que se virar. (...) Às vezes pede pra descascar uma laranja... mas são bem independentes. A menina é a mais difícil dos três. Ela é muito ‘dada’. Acho que pode ter alguma coisa com relação a amamentação, do contato, da segurança que a mãe passa, dessa coisa toda. Antes era tudo muito místico com relação a amamentação. Mas eu tive três experiências diferentes e pude ver a diferença neles. Pode ser coincidência ou não.

B: Você fala isso pela insegurança do primeiro relacionando com a ausência do contato?

D: é (...). ”Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Os 3 são totalmente diferentes. Lucas sempre desenvolveu o hábito que eu coloquei desde pequeno. (...) Desde que ele viu que cenoura é boa pra vista e ele tem problema de vista, ele passou a comer muita cenoura para melhorar mais rápido. Ele gosta de hambúrguer, pizza, como toda criança gosta, mas ele prefere comer uma salada de couve, espinafre... todas as folhas ele adora. Ele cresceu gostando. Ele come de tudo. De vez em quando ele dá uma escapulida e come um fandangos, mas não faz bem a ele. Dá dor de barriga. Mas gosta de ruffles, batata palha, e como ele se alimenta muito bem, eu deixo. Mas não gosta muito de frutas. Ele gosta mais de frutas que se encontram em pé na casa das pessoas, carambola... O mais velho adora frutas. O Gabriel também cresceu assim. Nunca dei sopa industrializada, sempre fiz. Mas começou com 4, 5 anos, não quero isso, não quero aquilo, não gosto do tempero, não quer comer. Eu trabalhava, ele ficava com a minha mãe. E vó dá o que a criança quer, né? ‘Mãe com açúcar’. Aí ele já é muito de carne, batata frita, macarrão em excesso. Feijão, ele come obrigado no dia que cozinha. A comida de todo dia é arroz, macarrão, bife. Gosta muito de carne, e no frango só o peito. Já o Artur mamou só peito até 6m, foi muito saudável. Até hoje só teve um probleminha de laringite. Fora isso não teve nada. Depois de 6m dei sopinha, mas comia muito mal. Por gostar muito do peito atrapalhou muito ele comer outras coisas.(...) Ele comia 2, 3 colheres de alguma coisa e queria vir para o peito. Aí o médico falou que como ele queria mamar o dia inteiro, seria indicado tirar. Aí eu tirei de vez, disse que estava dodói, passei pomada. Ele largou e começou a comer. Agora ele está pegando bastante peso. Nos últimos 2 meses, depois que tirei o peito, ele engordou 2 kg por mês. Come muito bem. Mama uma mamadeira, cremogema, mucilon, farinha láctea, suco de laranja sem água e sem açúcar. Tô diminuindo o açúcar da mamadeira porque ele estava ficando muito gordinho. Almoça tudo o que der. Ele ainda não apresentou o ‘não gosto disso.’ Traça tudo o que vem. Ele já come o que a casa come. Lucas também. Mas Gabriel, se tiver uma comida com tempero... um ensopado... ele não come. A comida dele tem que ser separada, mais no fator carne e verduras. O bife não pode ter gordura nenhuma, ou peito de frango grelhado ou à milanesa, mas não pode ser ensopado. É uma tarefa árdua.” Mãe (42 anos), 3 filhos (19; 11; 2 anos)

As experiências são completamente diferentes, mas elas se encontram na falta de parâmetros para uma explicação clara de *‘por que seus filhos gostam do que eles gostam?’*. Na explicação do gosto dos filhos, cada pai favorece um argumento, estando entre esses: a influência de pessoas próximas, incluindo outros membros da família e os ‘colegas de escola’; o costume incutido pelos pais desde a transição para a alimentação artificial; a influência da mídia; a natureza fisiológica da criança, isto é, sua tendência a apreciar determinados alimentos mais do que outros; e os elementos de sua história de vida que estiveram presentes no desenvolvimento da personalidade. Embora desenvolvam alguns desses argumentos, para a maioria dos pais a indagação permanece: *‘Por que eles desenvolvem hábitos que fogem ao controle dos pais se foram submetidos às mesmas regras e orientações, além de conviverem no mesmo ambiente?’*.

A concepção das pessoas de que crianças ‘só querem besteiras’ indica uma crença comum de que a alimentação infantil está longe do ideal de consumo alimentar, fundamentado nos conselhos de especialistas e no senso comum. Apesar disso, contudo, parece-me que os pais ficam tão concentrados no que seus filhos não gostam que esquecem de ponderar as proporções e averiguar como está a alimentação das crianças, no geral. Este indica o consumo cotidiano de ‘comida de panela’, reconhecida como uma comida ‘forte’, ‘de sustância’. Por essa razão, acredito que a assertiva ‘*Criança só come besteira!*’ tem um caráter hiperbólico e talvez seja essa mesma a intenção daquelas pessoas que assim afirmaram, isto é, enfatizar a insatisfação com a rotina alimentar das crianças. Ouvindo muitos pais – e quando mencionar pais, entendam mães em sua maioria – creio que eles queriam dizer isso, quase que literalmente, seja pela frustração em não conseguir controlar seus filhos, ou por acreditarem que não é possível supervisionar toda a dieta alimentar da criança.

A resposta para ‘*Se seu filho fosse livre para escolher o que comer durante um dia inteiro, sem nenhuma restrição, o que ele comeria?*’ me parece corroborar com o exagero da expressão ‘*elas só comem ‘besteiras’*’. Das mais diversas respostas, raros foram os que afirmaram a ausência total de ‘comida de panela’. A maioria disse que seus filhos gostam, e não apenas comem arroz, feijão e carne.

A insatisfação dos pais com o almoço dos filhos deve-se, predominantemente, ao pouco, ou ao inexistente consumo de legumes e verduras, além da lentidão no comer. Sobre isso muito há a ser dito, mas dou-me por satisfeita em dizer aqui que não há ‘verdades absolutas’ sobre o assunto. Apesar de alguns pais não entenderem as rejeições dos filhos a determinados alimentos, uma vez que eles ‘dão o exemplo’, outros reconhecem que o fato de serem, eles mesmos, ‘chatos para comer’, pode ser uma influência negativa para seu filho. Cabe ressaltar que um fator muito interessante apresentado por Montanari & Flandrin (1996), é que há uma maior tolerância ao prolongamento de hábitos alimentares respectivos de uma faixa etária na outra. (DUTRA, 2007, p. 269) Adultos reconhecem que as ‘besteiras’ que eles tanto demonizam na alimentação dos seus filhos são deliciosas e que eles mesmos sucumbem, não resistindo de vez em quando.⁸²

⁸² Creio que o fato de muitos adultos demonstrarem atração por alimentos voltados para o público infantil, deve-se ao fato de que os adultos jovens, entre seus vinte e trinta e poucos anos, já tiveram acesso a esses alimentos na sua infância e, desde então, fazem parte do seu ‘gosto’.

“B: Por que você diz que quando começasse o industrializado não teria jeito? Porque é muito atraente. Porque são muito gostosos. Eu penso que essas coisas assim atraem muito a criança porque é gostoso. O danoninho é... Até adulto gosta. No dia que ele experimentasse ele ia querer mesmo ficar sempre comendo. Aí eu evitei o máximo que eu pude. Até mesmo pelas despesas né. Você acaba deixando de dar uma coisa mais saudável, uma fruta... Você acaba gastando muito. Porque tem a questão também de comprar e a gente que é adulto come. Fica na geladeira... Você tá vendo que está comendo, também, a criança come um, você come dois... Eu sempre tive esse cuidado.” Mãe (40 anos), 1 filho (10 anos)

III. 5. Quais são e como atuam os mecanismos coletivos de indução alimentar

Devo agora lhes apresentar o que está contido no termo ‘mecanismos’. A minha pesquisa não estende muito esse assunto. Diversos outros mecanismos podem estar envolvidos na construção social do gosto alimentar, como a própria história da culinária, ausente da proposta desse trabalho. Portanto, aqui, ‘mecanismos’ engloba a atuação de instituições e veículos que têm impacto na alimentação em amplitude social, como a atuação da mídia e as fontes que orientam as escolhas da mãe desde a gravidez ao fim da infância. Entre estas fontes, encontramos livros e revistas que abordam a puericultura e a alimentação, cuja utilização foi rara entre os entrevistados; a internet como o mais moderno veículo de acesso às informações⁸³; as propagandas governamentais e as da indústria alimentícia; e, finalmente, programas televisivos que abordam a educação nutricional, podendo alterar a rotina alimentar do lar por meio das informações transmitidas à mulher-mãe.

“(...) crianças são commodities vendidas como audiência às corporações.”
(LINN, 2006, p. 269)

Para Susan Linn, psicóloga e autora de ‘Crianças do Consumo’, o marketing direcionado às crianças é o maior vilão da alimentação infantil. De acordo com seu livro, mesmo que haja uma tendência geral em responsabilizar os pais e que, até certo nível concorde que eles têm um papel crucial, a força das empresas minam os esforços paternos. (LINN, 2006, p. 21) Alguns dos pediatras e nutricionistas entrevistados

⁸³ A tendência é que aumentem as consultas à internet para tirar dúvidas sobre a alimentação, mas nesta pesquisa, apenas duas mães afirmaram utilizar a internet para pesquisar sobre alimentação infantil.

parecem estar de acordo com a autora. Na opinião deles, os pais deveriam ser responsáveis por não apresentar os produtos industrializados às crianças, desde os seus primeiros anos. Isso porque, para alguns dos pediatras, é mais fácil incutir algum controle sobre o consumo de porcarias às crianças que se desenvolveram sem elas e, portanto, só as conheceram após a entrada na escola. O costume, aqui, seria responsável por tornar a criança mais suscetível a manter o hábito e o gosto pelos alimentos consumidos anteriormente, mais saudáveis, ainda que venha a ter alguma ingestão das ‘porcarias’ posteriormente. Considerando a presença constante das propagandas da indústria alimentícia, todos, entre pais e profissionais, acreditam que o consumo das ‘porcarias’ é quase inevitável.

Algumas declarações de pais e profissionais culpam a publicidade pela influência que exerce sobre a criança. O CONAR (Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária) elaborou normas específicas para regulamentar as propagandas direcionadas às crianças (0 a 12 anos incompletos) e adolescentes (12 a 18 anos), com o objetivo de inibir possíveis abusos cometidos por indústrias alimentícias na divulgação de seus produtos. Um exemplo de abuso seria ignorar o fato de estarem lidando com uma faixa etária que ainda não tem maturidade suficiente para lidar com os apelos do consumo de forma mais esclarecida. Encontramos entre suas regulamentações a proibição da utilização de imperativos como *“Peça pra mamãe comprar...”* ou *“Faça como eu, use...”*. Outra proibição diz respeito à imposição da noção que *“(...) o consumo do produto proporcione superioridade ou, na sua falta, a inferioridade”*.

“A auto-regulamentação adota o conceito de que a publicidade deve ser um “fator coadjuvante” aos esforços de pais, educadores, autoridades e da comunidade na formação de crianças e adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento positivo das relações entre pais e filhos, alunos e professores, e demais relacionamentos que envolvam o público-alvo.”⁸⁴ (CONAR / Novas Normas Éticas da Publicidade de Produtos Destinados à Crianças e Adolescentes)

Mesmo que o CONAR estivesse atento a esses cuidados, a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) abriu uma consulta pública em fins de 2006, propondo entre outras restrições, que a exibição das propagandas de alimentos destinadas ao

⁸⁴http://www.conar.org.br/html/novas_normas/Cartilha%20-%20Laranja.pdf Capturado em 08/06/08

público infantil fosse veiculada apenas das 21h às 6h, horários menos prováveis de este público estar assistindo à TV. Tentei obter a informação sobre quando essa legislação entrou em vigor com o órgão responsável, a ANVISA, mas não obtive resposta. Resolvi então assistir à televisão no horário infantil por dois dias, um em cada canal, SBT e Globo⁸⁵. No primeiro realmente não vi nenhuma propaganda de alimentos para as crianças. No entanto, a Globo transmitiu uma propaganda do McLanche Feliz. A propaganda, entretanto, focalizava os brindes, as miniaturas associadas aos personagens da animação ‘Kung Fu Panda’, e não ao alimento em si. Suponho, então, que a proibição esteja em vigor, embora não saiba desde quando. A maioria dos pais relatou o comportamento dos seus filhos com relação à propaganda como se ela estivesse presente durante o dia. Talvez, por estarem relatando sobre sua experiência até o momento da pesquisa, segundo semestre de 2007, estivessem ainda vivendo essa experiência ou, apenas reproduzindo a memória do período em que as propagandas eram constantes, não atentos ao fato de que já haviam sido proibidas.

“Comercial. São muito ligadas em comercial de televisão. Ontem teve uma coisa no supermercado que Gabriela me mostrou e falou: ‘Aqui, compra esse que é da televisão.’ Então é mais de comercial mesmo. Ela me chama pra ver o comercial e fala: “Compra”. Mas isso é mais com brinquedos. Com comida é quando ela chega no supermercado que ela vê, lembra e me pede. A influência maior é a televisão.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

A TV também aparece como uma grande vilã. Susan Linn orienta os pais a diminuírem o tempo que permitem às crianças assistir à televisão, pois quanto mais assistem mais estão diante do marketing, já que a TV é um dos seus principais veículos. A autora aconselha a desligar o aparelho durante as refeições. Somado a isso, os pais ainda poderiam estipular horários para assistir TV e/ou dar o ‘exemplo’ diminuindo o tempo que passam na frente da TV. Outra atitude recomendada por Linn (2006) é evitar levar as crianças quando for às compras, para não habituá-las aos impulsos constantes e ficarem sem entender por que você não compra o que elas querem. (LINN, 2006, p. 257-258)

A propaganda diária na TV, nos horários dos desenhos animados – fascínio geral das crianças – parece desempenhar um papel muito importante na atração por

⁸⁵ SBT em 02/07/08 e Globo em 03/07/08, ambos no horário dos desenhos animados transmitidos pela manhã.

determinados alimentos. Entre as propagandas de maior sucesso, encontram-se aquelas que utilizam super-heróis e personagens de desenho animado, contribuindo para o consumo do alimento veiculado pela propaganda.⁸⁶ A associação que esta faz entre o personagem e o alimento desperta a fantasia e o apelo que ele evoca na criança.

A influência midiática negativa vai além dos comerciais. Ela é mais sutil. E, na opinião dos profissionais, embora reconheçam avanços no cumprimento da responsabilidade social da mídia, em apresentar programas que ensinem como conduzir uma alimentação saudável, muito mais poderia ser feito.

“Ninguém coloca um cara na novela comendo alface e fazendo cara de satisfação.” (pediatra)

Com essa frase, percebo que, para a pediatra, o que tem sido proposto em programas dedicados ao tema, ainda não tem sido suficiente. Sugere que as novelas, programas de grande audiência nacional, também sejam vitrines dessa ‘batalha’ pela saúde. Elas poderiam utilizar seu potencial de comunicação visando difundir a idéia de que uma alimentação saudável pode ser também gostosa. Poderiam ainda ressaltar o prazer existente no cuidado pessoal por meio da alimentação. Isso favoreceria uma idéia de que, além do gosto, em seu sentido estrito, o prazer em trabalhar em prol da própria saúde poderia levar a criança a gostar, por meio do hábito adquirido, dos alimentos que costumava considerar desagradáveis. Dessa forma, a idéia de que ‘tudo que é gostoso faz mal para a saúde’ seria modificada.

O ‘nag factor’ ou ‘fator amolação’ é outro problema que as famílias enfrentam a partir da influência do marketing. Embora, esteja proibido apresentar crianças no comercial falando “*Peça pra mamãe comprar...*”, é exatamente o que as crianças fazem em casa, a partir do desejo despertado com a propaganda. É a insistência da criança para que os pais cedam aos seus desejos de consumo. Essa amolação, uma das principais consequências do marketing infantil, resulta em estresse familiar.

O supermercado, espaço de consumo por excelência, é também uma fonte de possíveis conflitos para os pais. Palco da indústria alimentícia, o supermercado apresenta diversos atrativos às crianças por meio dos mecanismos da propaganda.

⁸⁶ No período pesquisado, considerando as entrevistas, Homem-Aranha e Shrek me pareciam ser os dois mais populares.

“A: Terrível. Tudo o que vê, quer. Sucrilhos, passatempo... Ele pega e faz um escândalo. ‘Mãe, eu quero isso aqui, posso pegar?’ ‘Não meu filho, esse ou aquele.’ ‘Não, quero os dois.’ ‘Aí, ele pega, coloca no carrinho e pra não passar vergonha eu deixo.’ Tudo quanto é novidade, esses desenhos, Shrek, tudo ele quer pegar.

B: Sabe se ele vai na certa de alguma propaganda que ele já viu...?

A: É isso aí... Propaganda, filme, tudo que ele chega lá e viu anunciar ele quer levar.” Mãe (25* anos), 1 filhas (8 anos)

“Falo pra ele: ‘Isso você pode pegar porque tem dinheiro.’ Ou ‘Não pode porque não tem dinheiro.’ No caminho do supermercado eu já explico que não tem dinheiro pra comprar tudo. Dou as coisas a ele que estão no alcance pra gente comprar.” Mãe (29 anos), 1 filho (10 anos)

“Desenho. Só querem pegar o que não deve. Teve um dia que eu deixei e eles colocaram de tudo. Teve coisas que eu trouxe; outras, não dava. Eu deixo eles pegarem o que eles querem por conta do lanche da escola, porque eles são muito de mudar o gosto. (...) Tem coisas que eles comem, daqui a dois meses não comem mais. Enjoam. Adoravam passatempo, agora não comem mais. Acho que eles enjoam porque comem demais. Só pode ser isso.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

“Eu evito levar ao supermercado. Quem faz compras é o marido. Procuro não levar pra dizer ‘não pode comprar’. Por que levar se eles vão querer um monte de guloseimas que eu não vou comprar? Não há porque criar atritos sem necessidade. (...)” Mãe (30 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

Estas são quatro das diversas experiências relatadas sobre o comportamento das crianças no supermercado. Alguns pais tentam deixar os filhos com outras pessoas para ir fazer compras; outros se dividem e enquanto um faz as compras o outro fica com a criança. Há os que levam a criança para que ela escolha o que quer para a merenda escolar, e assim garantir que elas comam, enquanto outros utilizam o supermercado como um instrumento disciplinar, dizendo às crianças o que elas podem ou não comprar e por que. Outros ainda já preparam a criança antes de chegar ao supermercado para as condições das compras, o que é permitido comprar ou não, sem negociações. Embora haja um trabalho de educação alimentar nessa empreitada de levar as crianças ao supermercado, o esforço dos pais é muitas vezes insuficiente diante dos atrativos desse espaço de consumo, com todas as estratégias de adaptação dos seus espaços às crianças.

Na primeira parte de ‘Teoria das Compras’, Daniel Miller (2000) apresenta um estudo sobre as compras no supermercado. São compras rotineiras cujo principal agente decisório é a mulher, dona de casa e mãe, a quem é imputada a responsabilidade pela alimentação dos seus familiares. Miller observou que as mulheres viam no ato de

escolher os alimentos que seriam ideais para a sua família uma forma de edificá-los, tanto em sua saúde quanto na sua personalidade. Por isso o autor intitula essa parte como ‘atos de amor num supermercado’, pois mesmo nessas compras rotineiras há uma tentativa de direcionamento dos hábitos e gostos alimentares dos membros da casa.

No entanto, é comum a situação fugir ao controle dos pais. Quando as crianças se vêem diante dos diversos atrativos da indústria alimentícia dispostos nas prateleiras do supermercado, como os brindes acoplados aos alimentos, lançam-se em um consumo não planejado que cabe aos pais vetar ou não. Os brindes são uma estratégia com efeitos comerciais muito positivos para a indústria. Cabe ressaltar aqui que as crianças são muito mais atraídas por propagandas de brinquedos do que de comida e que, muitas vezes, esquecem de comer para brincar. Dessa forma, não é de se estranhar a imensa atração que os brindes acoplados aos alimentos exercem sobre as crianças no supermercado.

“Qualquer coisa que tem desenho, pára tudo. Pára o mundo. E no supermercado, se vir brinde ela quer. Danone com os flocos que ela nem gosta, ela compra por comprar. Não come porque ela não gostou.” Mãe (35 anos), 1 filha (4 anos)

“Pedem umas coisas diferentes, mas passam pelo meu aval. E eu não levo tudo que eles querem. O menino adora o fandango daquele grandão, principalmente se estiver dando brinde. Em tudo. Ele adora o brinde. Às vezes, ele compra o sucrilhos que ele não gosta pelo brinde. Mas eu só comprei uma vez porque eles não comem.” Mãe (40 anos), 1 filho (9 anos) e 1 filha (6 anos)

“B: Compram mesmo que não gostem?

D: Com certeza. Isso daí é uma jogada de marketing e tanto. Já aconteceu lá em casa o seguinte: abrir o pacote, procurar o brinde e o biscoito todo ir para o lixo.

B: Então comprava somente pelo brinde?

D: É. As crianças pegavam chaveirinho, tazzo e jogava quase tudo fora. Eles sacodem o saco pra achar o brinde e acabou.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Ela se atrai por desenhos na embalagem. Num sei o que da Hello Kitty... ‘Ah eu quero!’ Ela é bem consumista. Se tiver um com desenho e outro sem o desenho com certeza ela vai querer com desenho. Mas ela não é capaz de pegar algo que não gosta pelo desenho, ou mesmo brinde. E ela quer quando ela não conhece ainda. Viu um biscoito da Barbie que nunca viu, aí ela pede.” Mãe (30 anos), 1 filha (6 anos)

“Não. Mas eu acho que o Bruno já é atraído pelo brinde, mas não se ele não gosta do alimento. Por exemplo, ele queria um ovo de páscoa que não tinha brinde, mas havia outro com um relógio do Shrek. Ele pediu: ‘Mãe compra o relógio do Shrek?’, mas não pediu ‘Mãe, compra o ovo pra mim?’ Ele quis o

outro ovo que ele já conhecia. Então não influenciou ele a comer uma coisa desconhecida. Eu comprei o ovo que ele queria e combinei que quando eu achasse o relógio eu ia comprar. Então pra mim não influenciou. Ele não comeu uma coisa que ele não gostava pelo brinde.” Mãe (27 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

A experiência com os brindes é interessante, pois mostra como a atração é impressionante, mas ao mesmo tempo, a reação é diversa. É muito comum que as crianças comprem apenas pelo brinde e ignorem o alimento. Na verdade elas compram o brinquedo. Para essas crianças, é a comida que é um bônus e, possivelmente, pode ser descartada. Os nutricionistas consideram a ‘venda casada’ uma atitude vil, pois induz a compra e, conseqüentemente, o consumo.

Entretanto, não é o que parece. A compra no supermercado não indica que ela comerá o produto. Quem veta que isso seja uma prática recorrente são os pais, pois quando percebem que os filhos compram apenas pelo brinde, param de comprar. Caso seja um alimento que o filho gosta, ainda que ele queira comprar mais pelo brinde do que pelo alimento, a compra é efetuada.

Na opinião de Susan Linn (2006), essa é uma forma do marketing tirar proveito da vontade dos pais em atender às necessidades dos filhos. Não bastaria estimular os pais a dizer ‘não’ aos filhos quando tudo ao seu redor incentiva o consumo. Para a autora, a solução seria um processo coletivo de educação de pais e crianças para estarem alertas diante das estratégias da indústria alimentícia, que por meio do marketing, age na contracorrente do processo educativo conduzido pelos pais, estimulando o caos familiar.⁸⁷

“Os interesses comerciais não se importam com relacionamentos definidores de personalidade que as crianças mantêm com os pais, mas com relacionamentos definidores de gosto que elas mantêm com os colegas.” (LEACH in LINN, 2006, p. 17)

É interessante como a autora separa ‘relacionamentos definidores da personalidade’ dos ‘relacionamentos definidores do gosto’ quando muitos de nós nos definimos pelo nosso gosto. Em sua vilanização da indústria, a autora demonstra o quão

⁸⁷ As empresas sabem que, dependendo da idade, as crianças não só influenciam como são decisivas na compra. Propagandas são direcionadas a elas por estarem mais suscetíveis aos seus apelos. Daí Susan Linn insistir em questões de ética relacionadas à propaganda direcionada às crianças. (http://www.peabirus.com.br/redes/form/post?topico_id=72 acessado em 18/02/08 e LINN, p. 2006)

a mídia seria esperta ao usar o universo infantil para estimular os desejos das crianças pelos seus produtos. De fato, o marketing estaria apenas cumprindo seu papel: agir por meio de anúncios a fim de que tenha resultados coletivos a partir das suas estratégias para estimular os desejos dos consumidores. Para o marketing, cada pessoa é um consumidor em potencial, e seu trabalho é agir para que mais pessoas efetivamente venham a comprar os produtos que ele anuncia. Geração, sexo, grupo social, nível educacional são algumas das diversas variáveis que os profissionais do marketing devem considerar para prever os efeitos dos símbolos utilizados em suas propagandas. Entretanto, como são poucas as propagandas que se propõem ser tão específicas, seu efeito costuma ser muito menor do que supomos. (LIEBERSON, 2000, p. 130) Entre as mais bem sucedidas, no entanto, estão as direcionadas para o público infantil.

Alguns pais mencionaram a resposta que as crianças dão às propagandas que assistem na televisão. Embora algumas pareçam estar ilesas a tal influência, lembremos que, por meio de algum ‘coleguinha de escola’, ela pode vir a experimentar o alimento que o colega conheceu a partir da propaganda. Essa é uma das principais críticas de Susan Linn ao marketing. Quando diz que os pais não são tão responsáveis assim já que o marketing é cruel, ela está se referindo a amplitude da esfera de ação do marketing. Embora esteja tratando da sociedade norte-americana, os veículos são semelhantes: comerciais no horário de programação infantil na TV, cartazes que, entre outros lugares, também podem estar alocados nas cantinas das escolas, celebridades e personagens que emprestam sua imagem às propagandas, outdoors. Essas informações, uma vez absorvidas, difundem-se entre as pessoas, como ocorre com os ‘coleguinhos de escola’ e chegam até os mais diversos lares por meio dos círculos sociais da criança.

Indústrias alimentícias, fast food e junk food

Na segunda metade do século XX, a indústria alimentícia se desenvolveu muito e promoveu alterações na alimentação das crianças (AMORIN, 2005; AQUINO, PHILLIPI, 2002; LINN, 2006). Entre suas mais eficazes estratégias estão a ‘venda casada’, levando os pais a comprarem alimentos fora do planejado, o que concorre para o aumento com as despesas no supermercado.

As ‘porcarias’, conceito que abarca as ‘*junk food*’, não fazem parte do conteúdo das refeições básicas brasileiras, café da manhã, almoço e janta, ou, supostamente – para pais e profissionais, não deveria fazer. Alguns pais disseram que se deixados por conta própria seus filhos só gostariam de comer ‘porcarias’. Mesmo que não tenha sido esse o resultado da maior parte das entrevistas, de fato, a maioria disse que seus filhos gostam muito delas. Boa parte dos lanches, das beliscadas, e das saídas no fim de semana para o lazer alimentar giram em torno do consumo de *junk food*.

As redes de *fast food* são referência na oferta desses alimentos. Entre os meus entrevistados, a frequência a esses lugares estava restrita às festas de aniversário e ao lanche de fim de semana com a família. Embora a maioria dos pais reclame que seus filhos gostem de *fast food*, somente percebem o consumo de forma problemática quando ele é excessivo ou fora de ocasião, como, por exemplo, se quiserem substituir o almoço por hambúrguer, biscoito ou outro alimento desaconselhado para essa refeição. O preço do lanche nos *fast foods* também foi um fator relatado como uma das justificativas para não ser alta a frequência nesses lugares.

São nas grandes redes de *fast food*, como o Bob’s e o McDonald’, que a venda casada faz mais sucesso com o público infantil. Basta destacarmos o sucesso do McLanche Feliz.⁸⁸ Não foram raros os relatos em que a razão da compra era o brinquedo e não o lanche. Ilustrando essa atração pelo brinquedo, uma mãe relata:

“Uma vez eu até brinquei com o rapaz [funcionário do McDonald’s] assim: ‘Na compra de um brinquedo você ganha o lanche e não na compra do lanche você ganha um brinquedo’.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

Isso traduz a experiência de muitos pais que vão até o McDonald’s pela atração que os brindes exercem na criança.⁸⁹ Esse tipo de estratégia está em desacordo com o

⁸⁸ Há diversas possibilidades de combinações do McLanche Feliz. As crianças podem brincar de inventar combinações no site da empresa, antecipando o desejo e o saber sobre o que pedir no McDonald’s. Mas seu conteúdo básico é um hambúrguer, refrigerante, batata-frita e o brinde, e as possibilidades do lanche são variações dentro desses itens. Para mais informações ver: http://www.mcdonalds.com.br/canal_crianca/kidsmenu.asp; http://www.mcdonalds.com.br/crianca/mclanche_ta_dando_onda.asp.

⁸⁹ Sobre o McLanche Feliz, os relatos apontam em diversas direções. Há crianças que o comprem apenas pelo brinquedo e não gostam do hambúrguer. Quando isso se torna prática, há pais que proíbem a compra, só permitindo consumir o produto se for pelo alimento e não pelo brinquedo. Também há aquelas que não conseguem comer o lanche completo, comendo a batata-frita e o refrigerante e deixando o hambúrguer para um dos pais comerem. Outro problema é que, em casos de dois ou mais filhos, a quantidade de lanches é idêntica a quantidade de filhos, em razão do brinquedo e não do conteúdo do lanche, por vezes

discurso dos profissionais de saúde, por criar uma relação equivocada com o alimento. Com isso, querem dizer que a atração exercida pelo alimento não é em razão de seu conteúdo, mas instigada por artifícios que nos induzem a comer de forma diferente, isto é, comer mais do que nos proporíamos se eles não estivessem presentes. Assim, a alimentação seria perturbada por uma lógica que não se liga ao conteúdo nutricional, ao apetite, ou mesmo ao sabor dos alimentos. Essa prática interfere na nossa apreciação da quantidade e da qualidade dos produtos consumidos, dificultando o processo de educação alimentar. Por essas razões, a indústria alimentícia é vista como uma das grandes vilãs à formação de um gosto saudável, agindo na sua contracorrente.

“McDonald’s. Desde pequena aquele M é um inferno na minha vida. Oh M infernal, né? Pequeninha ela via aquilo de longe. Mac, Mac, Mac... eu lembro dela no carro, de longe ela via aquele raio daquele M.

B: Mas era pelo lanche ou pela brincadeira?

H: Primeiro pra brincar, quando ela era menor, que ela não conseguia comer aquele McLanche Feliz, mas ela queria o brinquedo e não conseguia comer aquilo tudo. Hoje eu acredito que ela vá também pelo hambúrguer. Hambúrguer, batata-frita e refrigerante. (...)

B: Nessa época que ela não comia tudo você que comia?

H: Sim. Ela comia a batata...” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

Outro ponto importante a lembrar aqui é que nas entrevistas, quando perguntava sobre a influência da propaganda nas crianças, os pais que deram respostas afirmativas, lembraram que o mais atrativo às crianças, entre os anúncios de TV, era o dos brinquedos. Assim, a ‘venda casada’ proporcionada no McLanche Feliz atrai as crianças na sua maior inclinação. Embora a rede afirme vender separadamente, e eu já ter presenciado essa venda, duas mães reclamaram de terem suas tentativas frustradas.

Outro problema quanto ao lanche é o tamanho. Mesmo o lanche para crianças é composto de 3 itens e muitas crianças não conseguem comê-lo. Compram o lanche por conta do brinquedo, comem o quanto conseguem e deixam o resto para os pais. No caso de irmãos ainda é pior, porque os pais precisam comprar um lanche para cada um, por conta do brinquedo, mesmo quando o conteúdo alimentar de um lanche seria suficiente

sobrando demais para os pais comerem. Os que lidam com essa realidade frequentemente, já se acostumaram a não pedir o lanche e comer o McLanche Feliz que o filho deixa. Quanto ao lanche do Bob’s, preferência da maioria pelo sabor, há também atrativos de venda casada, como o TriKids, composto por Kapo, cheeseburger, batata-frita e o brinde. Todavia, encontrei crianças que procuram os fast foods apenas pela sua oferta de doces: os sorvetes, sundaes, milkshakes. Aproveitam, também, para acessar a internet, tanto no McDonald’s quanto no Bob’s.

para dois filhos. Por curiosidade, resolvi ir ao McDonald's em um domingo, por volta das 18h, quando imaginei que fosse encontrar muitas crianças no local. No play, área destinada às crianças, todas as mesas tinham pelo menos um McLanche Feliz.

“Eu que pego o hambúrguer e como. Ela quer o brinde pra ela. Eu comeria o hambúrguer de qualquer forma. Não só porque ela comprou. (...) O lanche lá é caro. O hambúrguer não é muito bom, ela comeu e não gostou. A gente prefere o Bob's. Mas eu só vou uma vez por mês, não é sempre. E chega um brinquedo novo e ela deixa o outro.” Mãe (35 anos), 1 filha (4 anos)

O relato a seguir mostra um dos casos em que a preferência pelo lanche com brinquedo nas redes de *Fast Food* é incentivada pelos próprios pais, mesmo quando a criança ainda não está envolvida pelo recurso da ‘venda casada’. Reparem ainda que, quando a mãe menciona a preferência pelo Milkshake, ela está se incluindo.

“No McDonald's, o que chama a atenção da gente é o milkshake. Sobre o lanche, a gente é que sugere ‘Pede, meu filho, o lanche que vem com o brinquedinho.’ Então é quase a gente que direciona, porque se deixar vai pedir um milkshake e um hambúrguer. Mas o milkshake vem de frente. Na verdade, a nossa tentação é o milkshake.” Mãe (38 anos), 1 filho (6 anos) e 1 filha (3 meses)

Nem todos os pais têm em mente que os *fast foods* não são recomendados e que na opinião da maioria dos profissionais deveria ser desaconselhado e nunca estimulado. Encontrei alguns pais que reconheceram gostar dos alimentos da rede e, conseqüentemente, levarem os filhos consigo.

Entretanto, o outro lado da moeda, o atual papel da mídia na difusão dos novos conhecimentos nutricionais, não foi esquecido. O saber informado pela mídia tornou aquelas informações, referentes a um saber especializado, mais acessível ao público em geral. Por essa razão, creio que é possível encontrarmos pessoas com as mais diversas rendas e níveis educacionais sabendo que sal, açúcar e gordura em excesso fazem mal à saúde, ainda que não saibam explicar por qual razão. Programas como o ‘Globo Repórter’, nesse sentido, prestam um serviço de saúde pública ao informar à população brasileira, em uma linguagem acessível, os resultados das últimas pesquisas realizadas no Brasil e no mundo sobre alimentação. Dos programas que se dedicam a temas como alimentação e saúde, ainda que apenas de vez em quando, ele foi o mais citado pelos entrevistados. Em dois anos, 2006-2007, de acordo com um levantamento que fiz por

meio do seu site, eles passaram pelos mais diversos assuntos: merenda escolar, distúrbios alimentares, novas descobertas científicas sobre alimentação saudável, alimentos funcionais, combinação de alimentos e exercícios físicos potencializando resultados para a saúde, alimentação infantil e a relação pais e filhos, os desafios para uma boa alimentação quando não se tem muito tempo disponível, além de ensinar receitas saudáveis e rápidas. Percebam que muitos desses temas estão em consonância com as dificuldades narradas pelos pais na condução da alimentação das crianças como a falta de tempo e de disposição das crianças em mudar seus hábitos, em benefício de sua saúde. É veiculado pela maior rede de transmissão televisiva do país, a Rede Globo, em um país onde há 60 milhões de televisores, 1,4 por domicílio.⁹⁰ E o mais interessante é que não somente os pais, mas os filhos também se tornam suscetíveis aos ensinamentos.

“A emulsão scott é óleo de fígado de bacalhau com sabor laranja. É a coisa mais terrível que tem. Quando eles tomaram a primeira vez eu pensei ‘vai ser a primeira e a última. Vai ficar aqui, vai dar bolor.’... Não foi assim. Mas por quê? O comercial de televisão mostra uma criança que cresceu, os pés não cabem na cama e tem uma musiquinha ‘Fica forte, inteligente...’ Meu marido comprou e eles tomam todo dia. Os dois, a menina não. Eles tomam porque vai compensar, vão ficar fortes, bonitos, vão crescer.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

As organizações que promovem as campanhas como a Semana Mundial da Alimentação (SMAM), apoiada pelo Governo Federal, apresentada por uma artista diferente a cada ano, também alcança o grande público por meio da televisão. Há leis estaduais que obrigaram as cantinas a mudar a oferta de alimentos, direcionando uma alimentação mais saudável⁹¹, e também o trabalho dos nutricionistas, orientando o

⁹⁰ http://www.terra.com.br/istoedinheiro/especiais/inclusao_digital/padrao_brasileiro.htm
Capturado em 20/12/07.

⁹¹ Sobre o projeto ‘Cantina Saudável’ ver Lei municipal n.º 5.853, de 4 de junho de 2001 – Florianópolis; Lei estadual n.º 12.061, de 18 de dezembro de 2001 – Santa Catarina; Lei estadual n.º 14.423, de 2 de junho de 2004 – Paraná; Lei estadual n.º 14.855, de 19 de outubro de 2005 – Paraná; Decreto municipal n.º 21.217, de 1.º de abril de 2002 – Rio de Janeiro; Portaria n.º 02/2004, da I Vara da Infância e da Juventude – Estado do Rio de Janeiro; Lei estadual n.º 4.508, de 11 de janeiro de 2005 – Rio de Janeiro; Lei n.º 3.695, de 8 de novembro de 2005 – Distrito Federal; Portaria conjunta COGSP/CEI/DSE, de 23 de março de 2005 – Estado de São Paulo; Resolução municipal n.º 16/2002, de 29 de julho de 2002. Ribeirão Preto.
Disponível em:
http://dtr2004.saude.gov.br/nutricao/documentos/regula_comerc_alim_escolas_exper_estaduais_municipais.pdf

cardápio das escolas públicas. Em Campos, há o exemplo da APIC (Associação de Proteção à Infância de Campos) onde as mães podem ter um acompanhamento de pediatras, nutricionistas, psicólogas e demais profissionais, assistindo às palestras sobre diversos assuntos relacionados à puericultura⁹², tendo essa instituição uma função pedagógica importante ao divulgar esses conhecimentos.

No universo infantil, quem desempenha uma função pedagógica semelhante é a escola, como uma das mediadoras do discurso médico-nutricional. Juntamente com a mídia, compõe os dois principais veículos de difusão desse discurso diretamente à criança. No entanto, a escola possui a vantagem de acompanhar o dia-a-dia, a fim de desenvolver nas crianças a disposição de comer de forma saudável. Com esse novo papel, a escola responde a uma demanda generalizada, tanto da população quanto dos profissionais e do Estado, pela promoção da educação alimentar.

A atuação da escola é importantíssima e não findamos sua discussão aqui. O próximo capítulo, dedicado às práticas desenvolvidas no cotidiano alimentar das crianças, atenta para a escola enquanto um espaço de socialização importante no qual elas começam a desenvolver algumas práticas por si próprias.

Estes foram os mecanismos mais recorrentes nas entrevistas. Suas influências variam, mas são inegáveis. Sobre a grande vilanização do marketing infantil promovida por Susan Linn (2006), é preciso ponderar ao pensarmos a nossa realidade mediante os exemplos que ela oferece. Embora, em muitas situações, encontremos semelhanças evidentes, tenhamos em mente que ela discorre sobre a sociedade norte-americana, uma sociedade de consumo que vive um problema grave de saúde pública relacionado à obesidade, inclusive à obesidade infantil. Outro fator a se considerar sobre a sociedade norte-americana são os hábitos alimentares americanos que diferem dos nossos no que consideramos mais saudável, o consumo cotidiano e insubstituível de ‘comida de panela’ em, pelo menos, uma refeição diária.

⁹² Conjunto de técnicas empregadas para assegurar o perfeito desenvolvimento físico, mental e moral da criança, desde o período da gestação até a puberdade. Novo Dicionário Aurélio.

Capítulo IV. Práticas alimentares e a relação do gosto com os hábitos aprendidos na infância

“Ao tentar responder sobre o que se come, Giard⁹ nos informa que se come aquilo que se pode oferecer e o que gostamos de comer. O "poder" é remetido ao disponível, a partir da produção, distribuição e comércio dos alimentos, ao acessível como o preço, ao assimilável pela digestão, ao permitido pela cultura, ao valorizado pela organização social. Para esse autor, o gostar também é um termo amplo, associado ao jogo múltiplo de atrações e repulsas, fundados nos hábitos da infância, a partir do disponível, mas também da forma como o alimento é oferecido, apresentado. Pois comemos nossas lembranças temperadas por afetos, por ritos que marcam a vida humana, sabores de felicidade, de tristeza, de saudade, doces ou amargos sabores do passado.” (GIARD, 1998 In ROTENBERG, VARGAS: 2004)

Essa passagem elucida sucintamente boa parte do que venho tratando nessa dissertação. Campos é uma cidade conhecida por sua tradição de doces caseiros, como os de compotas. Pais e avós de hoje, quando crianças, reconheciam neles doces gostosos. De acordo com os pais e as crianças que conversei, quando elas querem algum doce, não se referem aos doces de outrora, nem mesmo às frutas, mas aos industrializados como sorvetes, chocolates, balas, biscoitos recheados, entre outras ‘porcarias’ que hoje são de fácil acesso. Em minha própria casa eu cansei de ouvir ‘*Na minha época não tinha essas coisas, não tinha tanta facilidade.*’ Isso porque se os gostos são desenvolvidos a partir das escolhas culturais realizadas de acordo com a atração por determinados alimentos, em um leque de infinitas possibilidades, cada época e lugar irão manifestar atrações diferentes, na medida em que oferecem possibilidades de escolhas variadas.

Tendo uma vasta possibilidade de escolha, as crianças de hoje têm nos alimentos industrializados uma fonte de prazer inesgotável. As embalagens muito coloridas, com personagens de desenhos animados e super-heróis são um sucesso absoluto entre elas, além dos brindes, que são ‘o terror’ dos pais nas compras. Diversos são os recursos da indústria para atrair as crianças, cujos efeitos são visíveis nos supermercados.

A própria declaração dos pais de que seus filhos não apenas comem, mas gostam da ‘comida de panela’, com exceção de legumes e verduras, é outro exemplo que reforça a tese de que o hábito leva ao gosto. São poucos os que mencionam rejeições de seus filhos a arroz, feijão, carne, macarrão. Os pais falaram de crianças muito seletivas,

mas que, apesar disso, não apresentavam dificuldades com arroz e feijão. Nas poucas vezes que havia rejeição, era com o feijão. A partir dos relatos, creio que o costume possa contribuir para a superação da seletividade das crianças e que, realmente, elas tendem a aceitar bem os alimentos com os quais foram habituadas (GIARD, 1998 In ROTENBERG, VARGAS: 2004, WARDE, 1997), embora haja casos em que as rejeições são tão intensas que o hábito é incapaz de amenizar. De qualquer forma, a aceitação generalizada da comida de panela não muda o fato de que entre as preferências estão a pizza, o chocolate, os fast foods e outros industrializados em geral.

Embora mantenhamos muitos de nossos hábitos, nossa alimentação muda bastante ao longo dos anos. Algumas coisas são acrescentadas, outras retiradas, diminuídas ou se tornam socialmente inadequadas. Soma-se a isso o fato dos pais serem surpreendidos por pequenas e constantes alterações no gosto das crianças. Ouvi vários relatos sobre como as crianças enjoam facilmente da comida. Talvez a curiosidade característica da infância – o período de estar conhecendo muitas coisas e pessoas – e os colegas estejam diretamente ligados ao constante apelo à novidade e às alterações freqüentes e repentinas.

Contudo, mais uma vez, esse enjoô é mais comum entre os alimentos que compõem a alimentação como complemento e não quanto às refeições principais, as ‘*hot meals*’, que no Brasil, são as ‘comidas de panela’. Elas enjoam do determinado biscoito que estão levando para a merenda, do conteúdo da surpresinha, e apesar de ser possível que enjoem da ‘comida de panela’, nem por isso ela é retirada de seu consumo. Pode ser que ela enjoie de carne vermelha e durante um período passe a comer carnes brancas. Posteriormente, aos poucos, a carne vermelha retorna ao cardápio e o problema está desfeito. Há ainda a possibilidade que haja a criação de uma rejeição sem uma causa específica ser detectada. O ponto é que os pais aceitam muitas mudanças das crianças, mas quanto à ‘comida de panela’ – arroz, feijão e carne, principalmente – é mais complicado. A relutância dos pais em aceitar a rejeição das crianças a esses alimentos demonstra o quanto eles os consideram essenciais à ‘boa alimentação’ de seus filhos. Entretanto, as dificuldades causadas pela insistência dos pais para que elas superem suas rejeições faz com que a hora do almoço esteja no discurso dos pais como um momento de muito estresse. ‘É uma tarefa árdua’, ‘a menina é um saco’, ‘todo dia é

isso', são frases que elucidam como o almoço é o momento mais complicado e conflituoso em relação à alimentação.⁹³

Muitos pais não estão satisfeitos com a alimentação dos filhos e as razões, em sua maioria, giram em torno da quantidade e do conteúdo dos alimentos. Enquanto uns gostariam que seus filhos comessem mais porque são muito magrinhos, outros gostariam que diminuíssem a ingestão de alimentos porque estão acima do peso.

Os que estão insatisfeitos com a qualidade são os pais que entendem e concordam com os discursos da 'alimentação saudável', mas não conseguem convencer inteiramente os filhos sobre o que eles deveriam comer.

“Então eu me realizo em Gabriela no que Mariana me deixa frustrada.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

Nesse relato é possível entendermos ainda o quanto as mães incorporam nas suas falas uma carga emocional de frustração, pela impotência em alterar os hábitos de seus filhos. É comum elas se culparem pela ausência de resultados dos seus esforços ou pela ausência de esforços em função de uma rotina que não lhes deixa tempo hábil para um cuidado maior com a alimentação do filho. Embora as consequências da modernidade, nesse sentido, possam estar interferindo nas práticas, o ideal de alimentação ainda permanece o de tempos pretéritos: comida fresca, preparada com tempo e em casa, com ingredientes de fontes confiáveis, em uma mesa com a família reunida, em horários pré-determinados. A utilização de muitas das estratégias abaixo diz respeito à tentativa de se aproximar desse ideal.

IV. 1. As estratégias familiares de indução alimentar

“Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas das formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência (...).” (MINTZ, 2001, p. 32)

⁹³ Essa dificuldade acaba tendo que ser sanada com a preparação de outro alimento para que o filho 'chato para comer' se alimente. Muitos pais dizem que dentro do que é feito, cada um escolhe o que quer. Mas, de qualquer forma, aqui ficou claro que o cardápio paralelo é um recurso utilizado para manter os filhos alimentados e a consciência dos pais tranquila, quando não há outra solução, pois demanda um investimento de dinheiro e tempo extra, o que nem todos os pais têm.

Apesar de toda essa idéia lúdica da infância e de como os alimentos marcaram situações agradáveis ser bonita, muitas lembranças são ruins. Dificilmente encontramos alguém que não tenha o que reclamar de como sua alimentação era conduzida na infância. Mesmo os ‘bons de boca’ comiam algo forçadamente, uma vez ou outra, ou ficavam sem a sobremesa, enfim.

Pelo que observei no relato de alguns pais, pensar como eles conduzem a alimentação dos seus filhos implica entender um pouco dos seus ‘traumas de infância’, pois boa parte do que fazem é reflexo de suas lembranças. A própria causa de rejeição apontada por Mennell (1985), ‘incapacidade treinada de apreciar determinado alimento’, pode estar relacionada a experiências desagradáveis na infância, que não conseguimos ou não queremos esquecer. Se estendermos a rejeição às formas de apresentação e estratégias dos pais para fazer as crianças lidarem com os alimentos, poderemos ter uma visão mais ampla. Em alguns casos, essa ‘incapacidade treinada de apreciação’ pode não significar a ausência total do consumo desse alimento. Quando crianças, comemos muitos alimentos que, se fossemos liberados da obrigação, ficaríamos sem. Isso leva a uma situação em que muitos alimentos passam a ser tolerados, mais do que apreciados.

Essa postura diante desses alimentos pode continuar durante a vida adulta. Não tendo mais uma influência externa que o obrigue a comer, o adolescente ou adulto rejeita esse alimento, excluindo-o de sua rotina alimentar e mesmo de sua casa, retirando-os do contato de seus filhos, conseqüentemente. Rejeitam ainda formas de lidar com os alimentos, como obrigar alguém a comer. Isso é comum também como um mecanismo de compensação. Muitos dos entrevistados que foram obrigados a comer certos alimentos que não suportavam, quando se tornaram pais, não adotavam a mesma estratégia com os filhos, ou então, analisavam até que ponto poderiam usá-la, observando a reação da criança. O mesmo que é válido para o conteúdo, vale para a quantidade. Aqueles que foram obrigados a comer mais do que queriam, não forçam seus filhos a comerem mais do que se dispõe voluntariamente. Lembremos do exemplo sobre a rejeição ao feijão apresentada no capítulo anterior, e da declaração do pai entrevistado de que não insistirá com uma rejeição apresentada pelo seu filho, como seus pais fizeram com ele.

“Eu nunca obriguei a comer nada. Eles comem o quanto eles quiserem e o que eles quiserem. Então nada é forçado. (...) Na casa da minha mãe a gente não era obrigado a comer nada. Era desse jeito. Cada um comia o que quisesse. (...) Dentro do que tivesse, comia o que quisesse. Eu morei com uma tia que obrigava a gente a comer. Ela fazia um prato, e a gente tinha que comer, gostasse ou não. Era horrível. E aí então eu aplico a metodologia da minha mãe que era muito melhor.” Mãe (42 anos), 1 filha (7 anos) e 1 filho (6 anos)

Nossas lembranças nos orientam na prática com a geração subsequente. Boas ou ruins, elas têm seu peso e ainda que os conteúdos possam modificar com o aumento da variedade de alimentos disponíveis (MENNELL, 1985; WARDE, 1997), a maneira com a qual lidamos com a alimentação está enraizada em nossa infância. Adquirimos novos hábitos, aprendemos a partir das orientações dos especialistas, mas há traços pessoais, que fazem dos hábitos alimentares de cada núcleo familiar, particulares e decorrentes das histórias de vida que se encontram no casamento. A partir do nascimento das crianças, o casal passa a ter de lidar com as consequências dos hábitos neles imputados e com as aversões que a socialização na infância ajudou a formar.

IV. 1. 1 Substituindo o conteúdo das refeições

O nível de rigidez que os pais assumem ao lidar com a alimentação dos filhos também inclui situações como a substituição de uns alimentos que a criança não gosta, ou não está disposta no momento, por outros. Como relatei no capítulo anterior, muitas dessas situações ocorrem na hora do almoço. A criança diz não estar ‘a fim de comer’ e a mãe se vê diante de uma decisão: deixar sem comer, obrigar a comer, ou substituir por algo que ela esteja mais disposta que a comida de panela. Os pais que são mais rígidos podem deixar a criança sem comer nada, supondo que posteriormente ela terá fome e almoçará, ou optam por obrigar a comer ‘comida de panela’, pois supõem que nada substitui esse alimento nessa refeição. Há ainda os que permitem, uma vez ou outra, que seus filhos não almocem, justificando que ‘se eles mesmos ficam indispostos de vez em quando, por que as crianças também não poderiam ficar?’. As experiências são diversas. Vejamos algumas.

“Ele não tem noção ‘mãe eu quero comer isso agora. Ah, mãe eu quero agora danone, fruta. Ele você oferece, ele rejeita.’ Então não é isso que ele quer agora. Porque, às vezes, o fato da criança rejeitar o alimento não significa que ela não esteja com fome. Às vezes ele rejeita aquele alimento, mas ele tem fome. Ele

não quer aquilo ali, e não é nem que ele não goste daquele alimento. É como a gente, não estou com vontade de comer isso agora. É a mesma coisa se você tiver com fome agora, e você já almoçou. Se alguém vier com um prato de comida agora você vai rejeitar. Mas você está com fome, só que você quer um lanche, uma outra opção. Ele também é assim. Ele tá com fome, mas naquela hora não é aquilo que ele quer. Aí você oferece outra coisa e ele aceita.” Mãe (38 anos), 1 filho (1 ano e 7 meses)

“B: E quando ele não quer almoçar?

S (mãe): Depende do dia e do cardápio. Por exemplo, esses dias cozinhei feijão com lingüiça, que ele gosta, mas ele não quis. Mas aí entender psicologia infantil não dá. Ele adorava farofa, agora não quer mais. (...) Não dá também pra ficar fazendo muita coisa diferente porque se colocar no prato ele rejeita tudo. Então coloca o tradicional. Arroz e feijão.

F (irmã): Mas ele também quer o adicional, ou carne de hambúrguer, ou um ovo. Só arroz e feijão não. Ele quer mais.(...)” Mãe (52 anos), 2 filhos (27; 8 anos) e 1 filha (24 anos)

“Por exemplo, Amanda quando não quer almoçar, ‘não quero comer,’ eu deixo ela sem comer. Aí depois de um tempinho, 1h30min, 2h depois, eu vou lá e dou uma fruta. Procuro não dar mamadeira porque eu sei que é uma coisa que ela gosta muito. E se eu começar a substituir pela mamadeira ela só vai querer mamar. Então a fruta que é uma coisa mais leve e que ela não come tanto, eu acho melhor.” Mãe (27 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

“B: Você não força a comer nem mesmo o almoço?

S: Eu ofereço e peço, explico que tem que comer, que precisa, mas se não quiser, não tem jeito. (...) Eu substituo. É melhor do que deixar sem comer. Eu deixo comer o que quer.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

“Não querem comer. Tem dia que as crianças, como a gente, não estão muito a fim de comida. Tem dia que não come tudo. (...) Tem dia né... vou comer pouco, não estou a fim de almoçar... No início, eu forçava muito. Às vezes não tinha paciência... abria a boquinha e enfiava tudo... Mas tem dia... Por que forçar? Então você acaba criando um trauma na criança, que tem que comer tudo, que tem que raspar o prato. Antes eu era assim, hoje não.” Mãe (30 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

Os pais, reconhecendo que é uma situação momentânea, permitem que haja substituições.⁹⁴ Alguns restringem a substituição a uma fruta ou outro alimento nutritivo. Quando percebem alguma frequência nessa atitude, eles ficam mais atentos para não serem engabelados pelas crianças caso estas queiram fugir da ‘comida de panela’, a qual os pais não permitem que elas fiquem sem. Quando não são os pais, são os avós. Mas entre esses há uma dificuldade maior na substituição. Muitos são os avós considerados ‘chatos’, por insistirem ou mesmo obrigarem eles a comer. A substituição

⁹⁴ Alguns pais relataram ser mais maleáveis quando a rejeição é no fim de semana ou em algumas situações especiais como um churrasco, uma viagem, um mal-estar, enfim, situações fora da rotina.

de uma comida por outra, especialmente quando se trata de ‘comida de panela’, é sempre uma situação que requer uma tomada de decisão importante, pois o nível de autonomia da criança também está em jogo, ao manifestar e ter suas vontades atendidas. Seja a mãe ou a avó quem a pratica, a situação é problemática.

Outro fator embaraçoso na substituição é que alguém pode se propor a fazer comida especialmente para a criança que está rejeitando o alimento oferecido. Preparar comida só para uma pessoa é sempre um gasto a mais de tempo, dinheiro e trabalho pessoal. Isso não é tão comum de acontecer porque a falta de tempo não permite a preparação diária de cardápios paralelos. Há também aqueles que não o fazem para acostumar os filhos a comer o que lhe é apresentado sem criar problemas. Na maioria das casas, dentro do que é feito, cada um escolhe o que quer. Entretanto, não foram poucos os que relataram lançar mão do cardápio paralelo para manter os filhos alimentados, permitindo que eles, pais, fiquem com a consciência tranquila.

IV. 1. 2. Recorrendo às ‘surpresinhas’

Em alguns relatos, pude observar que a ‘surpresinha’ tem sido utilizada como uma recompensa da ausência dos pais, embora seja comum pensarmos que ela sempre vem acompanhada de alguma chantagem do tipo *‘faz isso que mamãe traz aquilo para você’*, isto é, o *‘toma lá, dá cá’*. Sabendo o que agrada seus filhos, os pais utilizam desse recurso e são bem sucedidos nesse empreendimento. Seu conteúdo normalmente é uma ‘coisinha’ doce e pequena, representativa da ternura expressa pelo gesto dos pais.

O doce é ‘o sabor da felicidade’, em alguns casos, apenas porque ele é uma fonte de prazer para a maioria dos paladares. Outras vezes, ele funciona como um dos paliativos para as carências emocionais das crianças e dos pais por não conseguirem estar mais presentes no cotidiano dos filhos, em razão das atividades do trabalho. Vendo a reação de êxtase dos filhos com uma atitude deles, é compreensível que eles tendam a repetir.

“Quer uma coisa, aí eu levo uma balinha, para ele ficar feliz que eu levei pra ele. Mas, às vezes, eu faço por minha conta também, mesmo quando ele não pede. Olha Pedro, olha o que mamãe trouxe pra você, um pirulito ou alguma coisa que ele gosta e ele fica todo bobo.” Mãe (26 anos), 1 filho (3 anos)

“Adora doces, porque desde pequena as brincadeiras e surpresinhas do pai era trazer doces.” Mãe (35 anos), 1 filha (6 anos)

“Por causa da ausência materna e paterna, os pais tentam suprir muito essa ausência com... eu tiro muito pelo meu marido... Ele sempre chega da rua com chiclete, tic tac, e as crianças, antes dele sair de casa pra trabalhar acabam falando ‘Papai, traz tic tac? Traz babaloo?’ E eles esperam ansiosos o pai chegar. Que é uma recompensa né: tipo assim, ‘pode sair pra trabalhar, mas traz a minha encomenda.’ Então meu marido condicionou-se a isso, mesmo sem as crianças pedirem. Quando ele chega, as crianças já vão direto pra sacola, ver o que ele trouxe. (...) Eles adoram. Em termos de guloseimas, ultimamente meu marido tem feito muito disso. Traz uma coisa e engambela as crianças em razão da ausência dele. Ele quer suprir uma carência com outra coisa.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (6 anos)

IV. 1. 3. Práticas diferenciadas no fim de semana

Muitas vezes, o consumo de doces e ‘porcarias’ em geral, a ‘coisinha’ diferente que todos têm vontade de comer de vez em quando, costuma ser mais ‘liberado’ nos fins de semana. Alguns pais justificaram essa liberação com o fato de não querer ser ‘chato’, compensando a rotina rígida durante a semana. De uma forma ou de outra, no fundo, eles estão tentando agradar.

O fim de semana também apresenta outras particularidades. É o único momento em que a não-substituição da comida de panela pode ser flexibilizada⁹⁵, o lazer alimentar é mais freqüente, algumas refeições podem ser ‘puladas’, há almoços na casa de familiares, e aumenta o consumo alimentar com as ‘beliscadas’. Em suma, o fim de semana aparece em contraposição à rigidez da semana, seja no conteúdo, nos horários ou nas lógicas com as quais os pais conduzem a alimentação dos filhos. Isto implica uma redução considerável ou a cessão do estresse presente na hora da refeição semanal.

Barbosa (2007) divide o sistema culinário brasileiro em três. O semanal, regido pelo macrotempo social; o do fim de semana, quando há mais liberdade de horários e de cardápio, sendo, portanto, mais individualizado que o semanal; e, finalmente, o ritual.

Ao contrário da rotina alimentar rígida que ocorre de segunda a sexta, o fim de semana apresenta particularidades que liberam a refeição do seu caráter de ‘fardo’ e estresse. O sábado assume um caráter mais individualista que o domingo, dia em que as

⁹⁵ Inclusive alguns pais apresentam isso como um estímulo para que seus filhos comam ‘comida de panela’ sem muitos problemas, durante a semana.

famílias se reúnem para realizar as refeições, especialmente o almoço. A autora ainda aponta a diferenciação entre a endossociabilidade da semana, quando as refeições são predominantemente feitas pelos membros do grupo doméstico e a exossociabilidade do fim de semana, reunindo tios, primos, avós, amigos, vizinhos, enfim. Torna-se uma boa oportunidade da criança observar pessoas que têm hábitos alimentares diferente dos dela.

“Lá em casa tem o “dia do permitido”. Durante a semana comem direitinho, tem horário... aí quando chega sábado ou domingo, se não tiver a fim de almoçar e quiser comer uma pizza, outro negócio... a gente faz outra coisa, entendeu? Aquele dia que pode comer besteira... fica por conta. Eu acho válido deixar, porque já tem aquela rotina, a criança come bem a semana toda, ninguém vai morrer se ficar um dia comendo o que quer, desde que você esteja vendo o que ele está comendo. (...) Eu acho legal deixar, porque vai condicionando ele... ele sabe que ele vai poder comer naquele dia, então nos outros ele come direito. (...) Eu levo eles pra qualquer lugar e não tem problema das crianças ficarem cheia de dedos. ‘Ah, se a pessoa não tiver feito isso, as crianças não comem’.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Fim de semana é mais liberado. (...) Acorda muito tarde, toma café tarde e não tem apetite para o almoço. Procuro fazer “uma comida mais liberal”. Um salpicão... (...) Não come na mesa também... Por não ter o hábito na semana, no fim de semana, acaba também... (...) Café da manhã fim de semana é impossível porque todos acordam tarde... e aí o café da manhã é quase na hora do almoço e o almoço quase na hora do lanche da tarde.” Mãe (32 anos), 1 filha (15 anos) e 1 filho (8 anos)

Os próprios pais reconhecem que a informalidade das refeições cresce no fim de semana, com exceção do almoço de domingo para aqueles que mantêm a tradição de juntar a família e cear à mesa.⁹⁶ As demais refeições podem ser puladas, feitas fora do horário, com conteúdos diferentes do que são habituados a comer durante a semana e em lugares diferentes. O condicionamento para o qual a primeira mãe chamou a atenção pode ser uma estratégia criada por ela para ter maior controle sobre a alimentação das crianças, pois a liberação do ‘dia do permitido’ é tratada por ela como uma recompensa ao bom comportamento durante a semana. É um sistema de trocas, um acordo entre ela e as crianças que, ao menos na sua casa, tem dado certo. Com essa estratégia, ela parece conseguir conciliar desejos paternos, aparentemente contraditórios, na prática: exercer o controle sobre a alimentação dos filhos ao mesmo tempo em que vai ensinando o

⁹⁶ Em muitas das casas que mencionaram não pôr a mesa para as refeições, porque cada um almoça em um horário, disseram que no domingo “a mesa é sagrada”. Para outros, ela é sagrada todos os dias, sendo o lugar de convívio por excelência dos membros da casa, momento em que todos podem se encontrar e conversar sobre as coisas mais corriqueiras que estão acontecendo.

discernimento para que tenham autonomia de escolha, cujo julgamento agrade ambos. É um sistema de troca que ajuda a controlar as crianças por meio de uma disciplina que, de certa forma, ela escolhe fazer parte, ou ao menos se transmite a ela a ilusão de que é assim.

IV. 1. 4. O ‘toma lá, dá cá’: ‘comida como moeda de troca’

Estratégias assim são controversas na opinião dos profissionais. Enquanto alguns acham a utilização de estratégias interessante contanto que seu resultado vise ao consumo de alimentos para o benefício da criança, como a ‘comida de panela’, outros não a aconselham em hipótese alguma, especialmente os nutricionistas. No primeiro caso, ‘os fins justificariam os meios’.

“Crianças com deficiência de ferro, crianças que não comem carne, aí tem que arrumar alguma estratégia pra que ela consuma alimentos que contenham ferro. Então, nesse momento, a gente tem que bater no liquidificador com o feijão pra esconder a carne dela pra ela estar se alimentando daquilo que ela precisa. Isso não é o certo quando a gente está formando a questão do hábito alimentar, porque tem que apresentar tal como é, e depois, quando ela chega naquela idade que entra na fase de ‘não quero’, ‘não gosto’, que você precisa, pela saúde da criança... aí sim, precisa fazer isso: esconder a comida da criança.”
(nutricionista)

Entretanto, embora uma das pediatras tenha concordado com essa prática, caso o que estivesse em questão fosse o consumo da ‘comida de panela’, a nutricionista acima só admite lançar mão dessa estratégia em um caso de maior urgência. No processo de formação dos hábitos, é totalmente desaconselhada. Diferente do caso da mãe que criou o ‘dia do permitido’, em que ela usa uma estratégia permanente, um ‘condicionamento’, a maioria dos pais utiliza estratégias para contornar rejeições das crianças ou fazer com que elas comam mais rápido. Essas estão entre as mais comuns: bater um alimento junto com outro para esconder o que é desagradável à visão e ao paladar da criança, contar histórias, competir para ver quem termina mais rápido, dar na boca, usar brinquedos e colocar na frente da televisão para distrair ou driblar a agitação. Todos são veementemente criticados pelos nutricionistas.

Nas palavras de uma das pediatras entrevistadas, tratar a ‘comida como moeda de troca’ é uma das mais vis estratégias. A condenação dessa estratégia ocorre porque

não ensinam a criança a lidar com a comida de uma forma verdadeira e funcional para a saúde. Os professores acreditam que comportamentos como chantagens e oferecer um doce quando a criança está triste ou ansiosa podem ser os primeiros passos para futuros distúrbios alimentares. Eles persistem na orientação de apresentar a comida sem fantasias ou camuflagens desde cedo, ajudando a criar uma relação de confiança entre o bebê e os pais que lhe apresentam os alimentos e, quando maiores, a consciência de que o que ingere é saudável para ele. À medida que a consciência vai aumentando, transmitir o discurso da ‘alimentação saudável’ seria o ideal.

“Bebê faz chantagem com a mãe. Então você tem que começar desde cedo porque depois fica difícil. (...) Estar corrigindo é corrigir desde novo. (...) Porque a criança maior acha que está sendo agredida.” (pediatra)

Uma vez a criança sentindo que está ganhando maior autonomia em suas escolhas, conselhos anteriormente recebidos, que visavam controlar as suas vontades, passam a ser fonte de conflitos. As estratégias, que teoricamente diminuiriam com a idade, podem aumentar em função desse processo. Encontrei crianças de 7, 8 anos que somente ‘funcionam’ para comer sabendo que terão algo em troca.

IV. 1. 5. A TV como recurso para distrair a criança enquanto ela come

A televisão, popularmente também conhecida como ‘babá eletrônica’, não poderia ter um apelido mais ‘verídico’, digamos assim. Embora uma pesquisa já tenha mostrado que assistir TV aumenta a vontade de comer, muitos pais ainda colocam os filhos diante do aparelho para que eles comam melhor ou mais rápido, liberando-os para ir adiantando alguma outra tarefa enquanto os filhos comem⁹⁷. (Bleil, 1998: 9) Ainda de acordo com a pesquisa, quanto mais divertido o programa, mais se come. A média é de 42 a 44% a mais, porque em razão de estarmos entretidos, não prestamos muita atenção ao gosto ou aroma.⁹⁸

⁹⁷ Kwan, Jennifer. ***Programa de Tv divertido induz a comer mais, diz estudo***. Reuters, Toronto. 04 de junho de 2007. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2007/06/04/programa_de_tv_divertido_induz_a_comer_mais_diz_estudo_813944.html. Capturado em 23/04/08.

⁹⁸ http://www.criancaeconsumo.org.br/imprensa_assistir_televisao.html Acessado em 18/07/07

Ouvi inúmeros relatos sobre a presença do televisor no horário da refeição das crianças. Alguns aparelhos já estão na sala de jantar ou na cozinha, onde quer que as refeições sejam feitas, enquanto em outras casas, a tentativa de retirar o aparelho do cômodo é frustrada fazendo com que a criança vá comer na sala ou no quarto.

“Eu engambelo ele hoje com dvd, forro a cama, ele fica vendo televisão e come tudo sozinho. Eu acho que distrai.” Mãe (35 anos), 2 filhos (12; 3 anos)

“Mesa só quando tá todo mundo reunido. Quando eu estou sozinha com ele, eu dou a ele. Mas quando tenho que correr, eu uso a televisão. Porque tem dia que ele acorda mais tarde. Toma o achocolatado, mas chega na hora do almoço sem fome. Aí eu uso os recursos. Distraindo, pelo menos, ele come um pouco e não vai para o colégio só com achocolatado.” Mãe (28 anos), 1 filho (3 anos)

“Ele gosta de comer vendo Tv mesmo. Ele gosta muito de uma televisão. Geralmente está passando o desenho que ele gosta e eu já percebi que ele come até melhor, come mais, distraindo ali. E quando ele come na mesa come ansioso pra aquilo acabar logo. Domingo a gente almoça junto. Geralmente no meio da semana eu fico agitada com o trabalho e não me preocupo muito com o almoço. Às vezes a gente acaba tendo que almoçar em horário diferente dele.” Mãe (40* anos), 1 filho (10 anos)

Percebam que, como não poderia deixar de ser, seus filhos comem mais quando estão diante da TV porque esta os distrai. Enquanto os profissionais de saúde criticam a condução de uma refeição sem que se esteja atento ao alimento, podendo assim saber o que está comendo e reconhecer quando se chega à saciedade, os pais não vêem problemas na distração da criança na hora de comer. Pelo contrário, muitas vezes, é o que eles querem, principalmente quando se trata de ‘comida de panela’. Ainda que haja motivos para a criança não comer, como o fato de ter tomado café tarde e não estar com fome na hora do almoço, a recusa é uma preocupação para a mãe que prefere que ele coma mais na frente da TV. Portanto, o recurso da TV satisfaz a consciência dos pais, de acordo com suas crenças pessoais do que os filhos deveriam comer. A sensação de saciedade das crianças está em segundo plano, quando na verdade, de acordo com os discursos dos profissionais, deveria estar presente o tempo todo.

“B: Ela come mais vendo televisão?

H: Não reparei, porque comendo tanto na mesa quanto na frente da TV ela me entrega o prato vazio. Na frente da TV é mais rápido. (...) Depois o pediatra disse que eu era louca de fazer isso porque ela só ia comer incentivada e eu ia dilatar o estômago dela porque ela não ia ter noção se ela quer ou não comer. Distraída, ela não ia prestar atenção nem no paladar nem na satisfação dela. Ia me dar satisfação porque eu ia ver ela comendo tudo, mas não a satisfação dela.

Aí eu penso: ‘Ah, mas isso aí ela tem até 80 anos pra resolver a satisfação dela.’ (risos).” Mãe (38 anos), 1 filha (8 anos)

No dia-a-dia, é fácil e conveniente para os pais desconsiderar alguns conselhos dos profissionais. Aqui a mãe reconhece que quem precisa estar satisfeito são os pais. Se a criança diz estar satisfeita com a comida, quando comeu pouco de acordo com o discernimento dos pais, provavelmente ela será orientada a comer mais, quando não for obrigada. Embora muitos pais reclamem da falta de controle, esse controle é mais sutil e pode estar presente mesmo para aqueles que não percebem que as práticas das crianças estão imersas em muitas das crenças dos pais que ela possa ter internalizado ao longo da socialização familiar.

“Ele fala que não quer mais. Aí eu tenho que ficar tapeando, contando histórias,... Ligo o DVD de historinhas pra ele ver enquanto eu coloco a colher na boca. Ou um brinquedinho, não necessariamente televisão, qualquer coisa pra ele se distrair, brincar... aí ele vai comendo.” Mãe (28 anos), 1 filho (3 anos)

“Só para a pequeninha que é recurso de distração. Quando ela não quer comer, eu levo pra frente da televisão, dou na boca, aí come. Quando ela está com fome, eu não dou na boca, ela come sozinha.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

Para os pais, manter a criança que não tem fome sem comer é um problema. Crianças são consideradas seres mais frágeis. Os adultos cuidam mais da saúde delas por meio da alimentação do que a deles próprios. No entanto, também pensam na alimentação das crianças com a mesma lógica que utilizam com a própria. Não ter fome constantemente é um problema, e pode ser o motivo para que os pais ativem as estratégias.

IV. 1. 6. Escondendo alimentos rejeitados nos alimentos aceitos

Outra estratégia muito utilizada para fazer com que as crianças comam, entre outras, é bater alimentos misturados no liquidificador, ou amassar e esconder no feijão. Algumas crianças sabem que há alguns alimentos escondidos em outros, mas se o gosto desagradável não aparece, não manifestam resistência. Outras crianças já não aceitam de forma alguma que haja algum alimento que elas não gostam, mesmo que o gosto deles esteja imperceptível. Nesses casos, os pais escondem a presença do alimento.

“Escondia pra ela, pra eles não. Com os meninos era só amassado, cada vez menos amassado até não precisar amassar mais. Pra eles não ficarem com preguiça de mastigar e ver o que comem. Eu criticava as minhas cunhadas por esconderem a comida dos filhos. Acaba que hoje eu tenho que fazer isso com a menina, mas não foi por minha culpa, foi a empregada.

B: Você acha que isso não é da natureza dela?

D: Ela foi acostumada. Eu sou da teoria de que é a gente que acostuma as crianças. Eles em momento nenhum não gostavam de alguma coisa. Eu brincava que os dois ‘se der chumbo derretido eles comem.’” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Açafrão, curry, coentro é maravilhoso, gengibre. As crianças depois de muito reclamar já estão aceitando. Quando eu faço uma coisa bem gostosa lasanha, macarronada... eu boto gengibre. Eles sabem que está escondido, mas eles comem. O gosto é inevitável. Não tem como. Mas ‘tá gostoso?’ ‘Tá’ Mas se eu colocar no feijão eles não vão querer. As pessoas gostam, mas eles não.” Mãe (46 anos), 2 filhos (10; 9 anos)

No primeiro exemplo, a mãe chama a atenção para um problema que já tratamos: a interferência de terceiros em um período crucial para a formação dos hábitos alimentares. Sente-se presa ao hábito que a filha adquiriu. Como a filha não aceita determinados alimentos, ela acha melhor continuar escondendo do que deixar sem. No segundo caso, há um ponto interessante. Por se tratar de um tempero com um gosto muito forte, a mãe precisa esconder nos pratos que as crianças mais gostam. Elas sabem que está escondido, mas conquanto que o gosto não seja muito aparente, elas aceitam bem.⁹⁹

IV. 1. 7. Histórias e discursos usados como estratégias

Além dessas estratégias mais freqüentes, encontrei pais que recorriam ao discurso de alimentação saudável como estímulo a comer melhor, seja esse ‘melhor’ equivalente a ‘mais alimentos’ ou a ‘determinados tipos de alimentos’. Não é uma prática muito comum porque somente dois, entre os pais entrevistados, afirmaram que a preocupação com a saúde é constante para seus filhos.

⁹⁹ Atentem para o fato de a mãe descartar a possibilidade de misturá-lo no feijão, embora seus filhos não tenham problema com o alimento. Como não é considerada a oitava maravilha pelas crianças, esconder algo com um gosto muito forte nele, só atrapalharia as crianças a comer o próprio feijão.

“O que falar que é bom pra isso, ele está querendo comer. Alho é bom pra não enfartar e num sei o quê... porque pega e fala ‘Ah não vou enfartar!’ Que alho é bom pro coração... ‘Ah, eu também vou comer alho’. ‘Mas pra quê se você ainda é pequeno...?’ Aí ele diz: ‘Não, mas vou aproveitar que eu gosto, e não vou ter problema de coração.’” Mãe (42 anos), 3 filhos (19; 11; 2 anos)

“Falar em saudável funciona. Ela achou bonita a palavra quando a professora falou. Agora a mãe repete.” Mãe (30 anos), 1 filha (6 anos)

Isso ocorre não por motivos de doença atual, mas porque as crianças acham interessante saber que comendo determinados alimentos estarão se prevenindo de muitas doenças no futuro. As demais crianças, embora tenham consciência de algumas questões referentes à saúde alimentar, não manifestam uma disposição para aumentar sua ingestão de legumes, verduras, frutas, em uma situação hipotética em que os pais dependessem apenas da concordância delas para alterar a rotina alimentar da família.

Entendo que as crianças fazem ‘recortes’ dos conselhos de alimentação saudável recebidos. Elas orientam os pais no supermercado a comprarem alimentos sem gordura *trans*, sem colesterol, observam a validade, não obstante possuam resistências com outros alimentos cujas alterações implicariam em transformações importantes na sua rotina alimentar. Observem que, com relação à compra de alimentos sem gordura *trans*, sem colesterol e outros, estou considerando basicamente a produção dos industrializados, cuja frequência no almoço e jantar, duas das três principais refeições diárias, é mínima. Conseqüentemente, a mudança para alimentos diet, light e/ou 0% de gordura ou açúcar, não altera tanto a experiência palatal que temos ao ingeri-los quanto a entrada de legumes, verduras, frutas e a redução de gorduras na cocção das refeições mencionadas.

A maioria das pessoas que são obrigadas a fazer mudanças na ‘comida de panela’, incluindo e excluindo alimentos, relatam uma mudança considerável no paladar. Decerto, algumas pessoas dirão que alterações como diet e light mudam completamente o gosto do alimento, mas espero ter esclarecido que não há comparações como a entrada repentina de diversos legumes e verduras em um prato que anteriormente era arroz, feijão, bife e batata-frita, clássica descrição de um ‘prato infantil’.

Por outro lado, o discurso da beleza usado como estratégia, ‘comer para ficar mais bonita’, para as meninas e, ‘mais forte’, para os meninos, é mais eficaz que o da alimentação saudável.

“Eu falo... ‘oh seu amiguinho é forte hein. Vai comer arroz e feijão pra ficar igual a ele.’ Ele fica puto quando falo isso com ele. Eu falo que é o finalzinho que engorda. Aí ele tem que comer até o final.” Mãe (25* anos), 1 filha (8 anos)

“Come pra ficar forte. Só vou deixar você comer alguma coisa que você gosta se você comer isso, você precisa experimentar. Então ele aceitava comer por causa disso.” Mãe (40* anos), 1 filho (10 anos)

“(...) porque ele é muito magro e a minha mãe fica no meu pé direto achando que... [É muita pressão!]... achando que ele não tá se alimentando. Aí ele também começou a sentir vergonha, não gosta de sair sem camisa,... uma vez eu até brinquei: Dá pra estudar anatomia em você!.” Mãe (30 anos), 2 filhos (10 anos; 8 meses)

“Come pra ficar forte é a mais usada e funciona. O Lucas fala que ele tá ficando mais forte que o primo que é mais velho. Uso com tudo, qualquer que seja a comida.” Mãe (30 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Às vezes eu falo pra comer verduras que é bom pra pele, pro cabelo.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

“Ela pergunta: ‘que isso?’

Eu respondo: ‘É coisa boa, que faz crescer cabelo. Come!’ E ela ainda fala das outras crianças. ‘Mamãe! Amanda tem 4 anos e olha o tamanho do cabelo dela. Mas também mamãe, não come feijão, não come beterraba, não come nada!’ Diz que a menina só vive de pizza e hambúrguer. (...)

B: Com essa do cabelo você consegue fazer ela comer várias coisas?

S: Consigo. Adora o próprio cabelo (...) é muito vaidosa.” Mãe (35 anos), 1 filha (4 anos)

O discurso da beleza tem funcionado como um importante mecanismo regulador do que se come. Algumas meninas na faixa dos oito anos mencionam não querer engordar, embora, de acordo com seus pais, ainda não tenham se recusado a comer por isso. Os padrões de estética aceitáveis privilegiam uma beleza magra e isso perpassa muitos dos discursos. Mesmo na infância, as influências desses padrões já são sentidas, embora as mães afirmem que esse desejo de ser ou permanecer magra não interfere, diretamente, na alimentação.

“E ela fica com esse negócio de magreza, ela diz que comer engorda. E engraçado que eu não sou uma pessoa assim de... não tenho esse hábito assim... e ela tem isso. Não sei se é a televisão, o que que é... mas ela tem. Essa questão de dizer que é gordinha. ‘Ah é feio, fulano é gordo, fulano é feio’. (...) Ela come e depois que ela come ela fala: ‘Comi mamãe! Tô gordinha, tô com barriga.’ Ela fala assim. Só que minha família não é uma família que... como eu falei com você... pelo contrário, minha família valoriza gordura. Eles acham que a pessoa saudável é a pessoa gorda.(...) Clarissa inventa que ela tá gorda.” Mãe (30 anos), 1 filha (6 anos)

“Mariana tinha uma colega bem gordinha, mas nunca falaram. Mas Mariana tem uma preocupação muito grande de ficar gorda, mais que Gabriela, acho que pela idade. Eu não sei se é porque elas me vêem muito: ‘Ah, tô de dieta! Ah, vou tomar adoçante! Não vou comer doce, pra não engordar! Tenho que ir pra academia, pra não engordar!’ Então ela ouve muito isso de mim e ela tem essa preocupação de não ser gorda. E eu só me atentei pra isso um dia desses, na casa do avô dela. Ele disse: ‘Vamos Mariana, vamos jantar pra ficar mais gordinha.’ E ela disse: ‘Não, não, eu quero ser magra!’.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

Algumas mães assumiram que a precocidade dessas preocupações estéticas pode advir tanto do exemplo que dão às filhas, uma vez que falam em não querer engordar, quanto da disposição pessoal em promover uma alimentação saudável, embora isso ocorra com uma frequência muito menor. Outras, como a mãe de uma menina de 10 anos, disseram não saber onde suas filhas aprenderam isso, embora imaginem vir da mídia. Imagino que o medo de que esse preconceito que a criança vê recair sobre os colegas obesos um dia possa se voltar sobre ela é um importante fator a se considerar. A escola de uma das entrevistadas adotou em sua disciplina de literatura, para a turma da terceira série, o livro ‘Não me chame de gorducha’ (PHILIPS, 2004), abordando a dificuldade de uma criança acima do peso de lidar com as chacotas dos colegas e com a reeducação alimentar.

Entre os meninos a preocupação é de ficar fortes e musculosos, algo que, ao contrário do que ocorre com as meninas, pode influenciar a comer mais. É interessante como os pais vão conhecendo os filhos e aprendendo a utilizar os pontos fracos para conseguirem o que querem.

Outros pais aprendem a utilizar o gosto das crianças por personagens de desenhos animados, artistas de TV, ou qualquer padrão pelo qual são atraídas e gostariam de desenvolver, como atletas, por exemplo.

“Aí eu coloco personagem né? Não tem power rangers, eles comeram muito feijão, por isso que eles têm aqueles poderes. Aí eles vão e comem. ‘Olha eles comiam tanto chuchu, por isso que ele está poderoso’ aí comem. ‘Come meu filho, tá muito gostoso, é o espinafre do popeye. Não tem aquele poder todo dele? É porque comeu muito espinafre’. Rola umas historinhas assim.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Por exemplo, final de semana ou de férias, aí tem um relaxamento. (...) E a questão da gordura, da obesidade... aí eu falo com eles, e o que eu falo é assim: ‘Isso faz mal, engorda, dá diabetes. E qual que é o problema de ser gordo? É

que o gordo não pode fazer as coisas da mesma maneira que os outros fazem. Por exemplo, o gordo vai jogar futebol, vai ficar cansado logo, não vai ter pique pra correr’. ‘Vamos brincar de subir em árvores?’ ‘O gordo vai ter dificuldades e não vai subir na árvore. Então ele vai ter uma limitação nas brincadeiras, na vida. Então por isso, não é legal. Vamos comer direito pra não ficar gordo e pra ter saúde melhor. Gordo (gordura) faz endurecer as artérias, vai ter problema de coração.’ Quando morre alguém de problema de coração a gente fala. ‘Olha lá, foi gordo, comeu muita gordura e muito açúcar.’ Aí eu acho que eles já se preocupam. Não com relação... ainda não falaram em estética... Porque chamar a atenção para a gordura, para a beleza, eu tenho receio de criar... de marginalizar, de criar um preconceito com relação aos coleguinhas. (...) As crianças chegam a comer a ponto de vomitar de vez em quando.” Mãe (42 anos), 1 filha (7 anos) e 1 filho (6 anos)

Este não foi o único relato que ouvi sobre crianças comendo tanto a ponto de vomitar. Algumas crianças parecem perder o senso de saciedade quando estão comendo algo que gostam demais. A estratégia dos pais me parece eficiente, lidando com o que as crianças se orgulham de ser e fazer, isto é, o estilo de vida da infância, digamos assim, como quando nos orgulhamos de dizer que fizemos mil travessuras, subimos árvores, brincamos de pique, enfim. Seu cuidado com a ligação da ‘gordura excessiva’ com a estética é crucial. Sem mais, lembro apenas que as crianças são reconhecidas como seres cruéis nesse sentido, imputando apelidos como ‘baleia’, ‘elefante’ e por aí vai. (PHILIPS, 2004)

“Luiza já desmaiou no colégio por falta de comida. Eu quase morri. Foi aí que eu vi a hipoglicemia. Agora come bem melhor. Ela não almoçava aí não agüentava. Depois do susto, ela melhorou um pouco. Pelo menos 4 colheres no almoço ela come. Antes tinha dia que saía sem comer.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

Enquanto alguns pais lidam com o excesso, alguns outros se preocupam com a falta. Lembremos que deixar a criança que não quer comer, sem se alimentar, é um problema para eles e, portanto, qualquer estratégia é bem-vinda nesses casos. A citação anterior se refere a um caso extremo, mas não é raro encontrar crianças que comem pouco ou que se esquecem de comer, especialmente se estiverem brincando.

“Ele troca qualquer comida por brincadeira.” Mãe (35 anos), 1 filha (4 anos)

“Ela quase não fala: ‘Ah, tô com fome.’ Se eu não insistir: ‘Carol vamos fazer um lanchinho...’ Por exemplo, no aniversário dela, envolvida com as coisas, eu esqueci de procurar ela pra comer. Ela não comeu nada. Depois me disse que

tinha comido um saquinho de batata frita. (...) Ela não troca a brincadeira pela comida. Não é de ficar em cima da comida.” Mãe (36 anos), 2 filhas (7 anos; 2 meses)

“Esquece, a não ser que alguém apareça com a comida. Aí eu coloco, ele senta e come.” Mãe (46 anos), 2 filhos (10; 9 anos)

“Acho é possível ele ficar um dia inteiro no videogame sem se alimentar.” Vera, Afonso (65, 73 anos), neto (10 anos)

Esquecer de comer quando estão brincando é comum entre as crianças, e somente para aquelas que acham comer fundamental essa prática não é recorrente. A importância que as crianças conferem ao comer varia de uma para a outra, o que influencia toda a condução da sua alimentação. Na maioria das vezes, quando percebem que seus filhos não virão comer, seja porque esqueceram ou por não estarem dispostos a parar de brincar para se alimentar, os pais precisam chamá-los ou então levar o alimento até eles. Por conhecerem realidades como essa, alguns pediatras acharam que não haveria problema em criar alguma estratégia para que as crianças comessem alimentos nutritivos, especialmente a ‘comida de panela’. E, na realidade, somente nas refeições cujo conteúdo é a ‘comida de panela’ os pais se dão ao trabalho de ficar criando estratégias.

“Só com comida de panela tem que ter recurso. Televisão não adianta. Tem que ser um objeto na mão dele. Mas não engana por muito tempo. Logo ele cai na real de que ele tá comendo.” Mãe (38 anos), 1 filho (1 ano e 7 meses)

“Tinha que ter um objeto na mão. Contar uma historinha. A menina era terrível. Só comia chorando, ameaçando.” Mãe (40* anos), 1 filho (10 anos)

“S: Ele começou a comer sozinho há bem pouco tempo. Tinha que dar na boca senão ele não comia. Já rodei muito esse quintal com ele no colo pra ele comer. Escondia verduras e legumes na sopa, que era o único jeito dele comer. Agora, ele está comendo verduras e legumes.

(irmã): Mas só com ela, quando ela fala ‘Ah, come pra mamãe ver!’ Aí ele come. Ele come pra agradar. Comigo não.” Mãe (52), 2 filhos (27; 8 anos) e 1 filha (24 anos)

“Lucas come vendo televisão. Se distrai. Ele come sem parar. Ele olha e come. Mesmo sabendo que não é bom... é mais fácil pra ela (a babá) então ela dá. Luana vai ver um bichinho no quintal. (...) Alimentação, em toda a criação é o pior, porque é mais estressante. Porque você tem que sair inventando pra comer. Não é assim: você coloca na cadeirinha e vai comendo. Você tem que brincar, inventar coisas. Aviãozinho não funciona, tem que ser muito mais criativo. (...) Fala sobre pesca que Lucas adora e aí ele come sem perceber.” Mãe (30 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

O almoço é considerado a principal refeição do dia por muitos dos entrevistados, pelo seu conteúdo ser a ‘comida de panela’. Embora para as crianças que estudam à tarde seja mais fácil comer uma quantidade de comida de panela que agrada os pais à noite, o almoço ainda continua sendo, para os pais, a refeição que os filhos deveriam comer melhor. Criticadas ou não, as estratégias parecem ser eficazes naquilo que se propõe: fazer com que as crianças tenham uma melhor ingestão alimentar e se acostumem com os alimentos até que eles se tornem hábito sem precisar de recursos ou ‘engambelações’. Apesar das crianças não citarem legumes e verduras entre suas comidas prediletas, é raro encontrarmos as que afirmem não gostar ou comer nenhum deles de forma alguma. Colorindo o arroz, por exemplo, alguns desses alimentos se tornam mais aceitáveis, assim como escondidos em sopas. A companhia e a organização visual da mesa também podem funcionar como atrativos às crianças.

Ainda assim, apesar de todas as estratégias, com algumas crianças elas simplesmente não surtem efeito. Não importa o que seja feito, elas não dão margem para serem ‘engambeladas’. São aquelas crianças que se importam apenas com o próprio gosto e apetite.

“Ele precisa se distrair pra comer melhor e mais. Ajuda, mas não engana. Quando ele não quer não tem jeito.” (avó, 1 neto de 3 anos)

“‘Filho, come a comida senão mamãe não vai te dar aquilo’, que geralmente é a sobremesa. Ele é muito de tomar suco junto com a comida. Se deixar ele toma o suco todo e vai esquecendo da comida. Então eu dou a comida e digo que estou preparando o suco pra ele. Eu penso que ele come mais um pouco. Aí eu digo: ‘Filho come mais um pouquinho senão mamãe não te dá o suco.’” E ele gosta muito. Então ele se sente um pouquinho forçado, ele sabe que tem que comer mais um pouco pra tomar aquilo. Mas quando ele não quer não tem jeito, ele não come mesmo.” (Mãe, 1 filho de 3 anos)

As estratégias ajudam a burlar algumas rejeições muito freqüentes entre as crianças envolvendo não somente o paladar, mas a consistência, aparência, cheiro, cor.¹⁰⁰ Elas são amplamente usadas pelos pais, mas eles desenvolvem alguns critérios de limites, de acordo com o que acreditam poder fazer para que seu filho coma do jeito que agrada aos pais. No entanto, os pais também reconhecem que as crianças têm seus próprios limites e não há estratégia que consiga burlá-los.

¹⁰⁰ Para maior reflexão sobre rejeições alimentares, ver Mennell (1985: 291-316).

IV. 2. Categorias fundamentando práticas

Elas estão presentes em toda parte em nossa vida social e estruturam nossa forma de pensar a realidade, já diziam Durkheim, Levi-Strauss, entre outros. Aqui, estamos tentando analisar um processo de construção social do gosto, no qual supus inicialmente ter de considerar duas categorias básicas: a dinâmica entre ‘*comida de panela*’ e ‘*porcarias, guloseimas ou besteiras*’, como preferirem¹⁰¹. Embora sejam as categorias que mais aparecem, outras foram mencionadas, demonstrando a riqueza das representações da comida e da difusão de novos hábitos.

As duas categorias básicas já foram desenvolvidas ao longo da dissertação, ao tratarmos sobre a importância e a relutância em substituir a ‘*comida de panela*’ e as reclamações sobre o consumo das ‘*porcarias*’. Entretanto, cabe nos deter um pouco mais nas razões da valorização da ‘*comida de panela*’, considerada uma ‘*comida forte*’.

“O homem forte é sadio e resistente para o trabalho. A comida forte é a que tem ‘sustância’ cujos efeitos são reconhecidos de dois modos: a) na sua capacidade de manter o trabalhador alimentado por mais tempo (sem vontade de comer de novo); b) no seu poder de produzir e de conservar mais energia para a atividade braçal.” (BRANDÃO, 1961: 110 In MIELNICZUK, 2005: 115)

Embora reconheçamos nela essa conotação, quando os pais a mencionam desejando seu consumo pelas crianças, além de serem alimentos que ‘produzem’ mais energia, eles também são considerados ‘produtores’ e ‘mantenedores’ da saúde. Além da ‘*comida de panela*’, categoria comum em todo o país, alimentos regionais podem compor seu leque, como angu, banana ou aipim cozida no café da manhã, canjica, arroz doce (também conhecido como arroz com leite), entre outras. Acredita-se serem comidas que fortalecem o corpo. Entretanto, a realidade das crianças da minha pesquisa não é assim. Essas comidas mais tradicionais só são feitas ocasionalmente e, na maioria das vezes, na casa dos avós. As gerações que são os pais de hoje já não estão favorecendo mais esse tipo de alimentação. A ‘*comida de panela*’, portanto, é a grande rainha entre as ‘*comidas fortes*’.

¹⁰¹ Embora tenhamos uma mudança na conotação de algo positivo e atrativo em ‘guloseimas’ para algo degradante em ‘besteiras e porcarias’ a aversão dos pais faz com que usem mais as categorias que apontam o desgosto de seu consumo. Nas minhas entrevistas, ‘porcarias’ foi o termo mais usado, razão pela qual o adotei ao longo dessa dissertação.

Não obstante, a própria '*comida de panela*', dependendo da sua forma de cocção, pode resultar em uma '*comida gordurosa*', longe do ideal da alimentação saudável, mas ainda assim, muito presente na alimentação das crianças. A presença das '*comidas gordurosas*' cotidianamente deve-se tanto à falta de tempo de cozinhar de uma forma mais saudável, quanto ao gosto das crianças. O caso da batata-frita é um bom exemplo, porque, pela vontade das crianças, estaria presente todo dia. Nunca ouvi em nenhuma entrevista '*ele não gosta de batata-frita*'. No entanto, cabe aos pais fazer acordos sobre a frequência desses alimentos não muito indicados.

'*Comida gordurosa*' também é o conteúdo de muitos lanches. Os salgadinhos comprados na rua, pizzas, carnes gordas, são exemplos de alimentos considerados parte dessa categoria. Muitas das '*porcarias*' que não são doces, estão também englobadas aqui.

Entre as surpresas que encontrei nas entrevistas, estão categorias como '*comida feliz*'. Esta se refere aquele prato todo colorido, implicando não só que a cor faz da comida algo mais interessante, mas que a ausência de cores no prato caracterizará a '*comida triste*', um desestímulo ao apetite. Lembremos do '*comer com os olhos*', frase recorrente para expressarmos o quão agradável é a aparência de um alimento.

'*Comida triste*' foi uma categoria citada por uma das mães. Seu filho de 10 anos, uma das crianças que comem de tudo, acha atraente um prato todo colorido. De acordo com ela, no self-service, ele aproveita para arrumar seu prato com o maior número de cores possíveis e compondo um prato repleto de saladas.

“Foi almoçar com minha cunhada e ele olhou pra comida dela e falou: ‘Ah, que comida feia, triste!’. E ela ‘Por que que a minha comida é triste?’ ‘Porque não é colorida’.” Mãe (42 anos), 3 filhos (19; 11; 2 anos)

Há também aquelas pessoas que declaram não comer defuntos, '*comida morta*'. Esta categoria se refere a todo alimento que matamos para comer. Considerando o conceito, todos os que não são vegetarianos estão incluídos aqui. Seu oposto lógico seria a '*comida viva*'. Segundo as mães vegetarianas entrevistadas, a '*comida viva*' seria o mais saudável entre todos os tipos de alimentos, sendo ela caracterizada por continuar a ter algum tipo de desenvolvimento, mesmo após ter sido colhida, como é o caso dos brotos de alimentos.

“E: Como muita coisa crua, mas aí entra aquela história, ‘Está comendo o que cru?’ Broto é muito recomendado pra saúde. (...) mas criança não quer nem ver. Eu compro broto e não quer nem olhar, porque é um gosto totalmente cru, totalmente sem tempero.

I: Eles falam ‘Ui mamãe, parece um monte de minhoquinha.’

E: Alimento vivo é o broto. Broto de alface, broto de feijão... É a melhor coisa pra a saúde comer broto. Comida, quanto mais viva melhor. Quando você come uma fruta, uma hortaliça, está comendo uma comida viva. Quando você pega, ela ainda fica viva até você desfazer o pé. Você come ele vivo, ele está vivo no seu prato. Quando você come uma carne, meu filho fala ‘Eu não como defunto.’ Porque a gente explica pra ele. (...) A gente fala ‘não adianta ficar querendo explicar para as pessoas, que elas não vão entender.’” Mãe (46 anos), 2 filhos (10; 9 anos)

Para Carol, uma das crianças com quem conversei, o problema já recaía na ‘*comida mal-cheirosa*’. Para ela, banana e ovo são ruins porque cheiram mal. E isso é mais que suficiente para rejeitar esses alimentos. Enquanto uns ‘*comem com os olhos*’ outros se atraem de longe pelo ‘*cheirinho bom*’. Isso nos leva novamente ao ‘*Nunca comi, mas não gosto*’ relacionado aos demais sentidos além do paladar.¹⁰²

Os famosos ‘mexidos’ são outra categoria de rejeição utilizada pelas crianças, também mencionada como ‘*comida misturada*’. Elas acham o visual feio. Algumas crianças além da visualização separada dos alimentos no prato gostam que eles estejam sob determinado ordenamento.

“Ele sempre foi uma criança que observou muito o tipo de comida, ele é enjoado até hoje. Ele gosta muito de comida arrumadinha. Eu e meu marido não somos assim. Somos um estilo bem natural. A gente mistura a comida, come mais à vontade. Ele não, o negócio dele é estar tudo ali bonitinho. (...) Embora a minha mãe gostasse também de tudo arrumadinho, ela nunca chegou a esse ponto como ele. É tudo muito simples demais. Ele é um pouco parecido com ela, mas ele não chegou a conviver com ela a ponto de ser influenciado. Ele falava: ‘Ah, não vou comer esse negócio assim não, misturado assim não... e começava. Não vou comer assim...’ uma determinação entendeu?” Mãe (40 anos), 1 filho (10 anos)

Para Fischler, somente o ‘paradoxo do onívoro’ explicaria o comportamento alimentar do homem. Este paradoxo se refere à ambivalência entre a tendência neofílica e a neofóbica. Na primeira, o homem sempre buscaria inovar na sua alimentação com fins de atender as necessidades nutricionais, culturais, sociais e do paladar. Na segunda,

¹⁰² Recentemente, relataram-me um caso onde a perda de boa parte da capacidade olfativa acarretou uma diminuição da capacidade de sentir o gosto e de apreciar determinados alimentos.

as novas experiências alimentares causam ansiedade e medo, pois se aventurar pelo desconhecido sempre é um risco. (MENASHE 2003 In MIELNICZUK, 2005, p. 77-78) Permito-me dizer, quanto às ‘besteiras’, que o caráter neofílico é muito maior do que o neofóbico, que, por sua vez é mais exacerbado com relação à comida de panela.

O *‘nunca comi, mas não gosto’* é uma prova de que outras modalidades sensoriais além do paladar estão envolvidas na apreciação dos alimentos. Como relataram as mães, ‘o cheiro’ e ‘a cara’ da comida contam muito, mas diante das recusas de seus filhos continuam perguntando, *‘Como não quer, se você nunca experimentou?’*. Esse experimentar significa provar, dando a entender que o ‘não gostar’ só poderia ocorrer uma vez colocando o alimento em contato com as papilas gustativas da língua, ativando o paladar. Desconsidera, portanto, os discursos que constroem nossa ‘disposição’ para provar os alimentos, já que não apenas na hora da refeição, mas em toda a vida, os ensinamentos influenciam na escolha de nossa rotina alimentar. Além disso, influem também na nossa disposição para experimentar determinados alimentos em outros lugares.

IV. 3. Práticas no espaço escolar

IV. 3. 1. A troca de merenda

O ambiente escolar influencia na forma como as crianças lidam com os alimentos de diversas maneiras. Creches e escolas não somente enquanto instituições, mas por meio do convívio da criança com seus colegas, possibilitam o aumento da independência, e permitem que ela tome conhecimento de outros hábitos alimentares por intermédio dos ‘coleguinhas’, permitindo a comparação entre eles. Como vimos anteriormente, enquanto a creche é elogiada pela diversidade do seu cardápio, uma grande vantagem em contraposição à rotina alimentar da casa, a escola é o lugar onde conhecem novas possibilidades por meio da troca da merenda. Três mães mencionaram especificamente o fandangos, como uma das ‘porcarias’ que passaram a ser ingeridas depois de tê-lo experimentado a partir da merenda do ‘colega’.

“Não gosto de fandangos e em casa a gente não usa, mas ele vê no colégio... E ele estava trocando de merenda. E nessa apareceu o fandangos. E eu também não achava certo ele estar comendo a merenda dos outros ‘coleguinhas’. Eu

falava ‘Oh, meu filho, você tem que se conformar com o que você está levando.’ Uma vez ou outra mando um chiclete, um pirulito, porque senão ele vai ficar pegando dos ‘colegas’. Bolo também não gosta de levar. (...) sempre me comunico com as tias por bilhete, peço pra elas ficarem de olho pra ver se eles ainda estão trocando muita merenda ainda, ou se ele já melhorou com isso. (...) E a gente fala: ‘Cuidado com esse negócio de ficar trocando muito de merenda, tem criança que vem com um mal costume de casa de ‘se você fizer isso, eu faço aquilo’. Então eu converso, eu oriento muito essas coisas. Eu acho que ele tem que se conformar com o que a gente manda.

B: Você acha que pode dar margem pras outras crianças abusarem?

C: É, ou até ele mesmo com as outras crianças.” Mãe (40 anos), 2 filhos (12; 7 anos)

A prática da ‘troca de merenda’ é quase uma ‘instituição’ entre as crianças e é a porta de entrada de muitos dos novos alimentos que passam a ser objetos de desejo das crianças. No caso relatado, esta mãe percebe como um problema. Não foi a única mãe que desaprovou essa prática, embora as demais justifiquem que as crianças deveriam se conformar com o lanche que os pais mandavam para elas. Uma das mães inclusive justificou mandar o pacote inteiro de biscoito, e não apenas a parte que a criança comeria, porque já sabe que há a troca, então ela manda em excesso. Há também, portanto, da parte dos pais, certo reconhecimento da potencialidade da relação de alteridade, do desenvolvimento de seus filhos ao aprender a lidar com os pares a partir do convívio escolar.

A troca de um biscoito por outro, ou por um pedaço de bolo, ou qualquer outro alimento, não é considerado parte do mecanismo da ‘troca de merenda’, nem é visto com desaprovação. O que se reconhece como a ‘troca de merenda’ é a troca de toda a merenda mandada pelos pais com outra criança, tirando dos pais o controle sobre a refeição da criança na escola.

São raras as crianças que se recusam a experimentar algo novo que as atraia, como a merenda dos colegas, que normalmente são produtos industrializados cuja embalagem lhes é atrativa. Diferentemente do comportamento das crianças com os pais, o ‘*Nunca comi, mas não gosto*’ perde muita força quando quem oferece são os colegas de escola. O conteúdo do lanche e a inclinação a terem juízos de gosto semelhantes aos deles faz com que as novas experiências gustativas adquiridas na infância, ocorram, predominantemente, no recreio escolar. É interessante perceber que, ao mesmo tempo em que as crianças querem se colocar como indivíduos perante os pais, fazendo valer sua vontade, na escola, ela se pauta no julgamento coletivo de gosto dos seus pares. Há

um gosto individual, mas os pares da criança contribuem, e muito, para moldar os julgamentos individuais que levarão às mudanças desse gosto que, embora relativamente definido, está em constante mutação.

A troca ainda acarreta outras mudanças. O aumento das despesas com a conta do supermercado em razão dos novos desejos alimentares das crianças é a principal delas. Algumas mães confirmaram que a compra do supermercado é feita, majoritariamente, considerando as preferências da criança.

“100%. Eu faço compras pensando nelas. Lógico que tem coisas que eu compro pra mim e pra Marquinho, mas a maioria das coisas é pra elas. Biscoito, sucrilhos, leite, nescau, ovomaltine. Elas influenciam muito as compras.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8; 4 anos)

Aos que perguntei sobre a importância da merenda escolar no orçamento familiar, todos afirmaram que mesmo tentando conter gastos comprando no atacado, ainda era um gasto considerável, especialmente nas casas com mais de uma criança em escola particular.

“Agora sim, na escola, com os coleguinhas, acabou atrapalhando um pouco a minha rotina. Antes eu mandava banana, esse tipo de merenda. Agora eu sou obrigada a comprar tudo. As frutas no potinho, eles não querem.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

É com esses tipos de mudança que os pais lidam cotidianamente. Seus filhos apresentam um comportamento e, em outro momento, aquele comportamento absolutamente trivial passa a ser entendido como ‘mico’, motivo de constrangimento social. E, quando crianças, sempre é ‘mico’ ser diferente.

“(…) Toda semana eu fico numa ‘neurose’: ‘o que eu vou dar a ele?’ Porque fruta eu já nem estou mais colocando. Semana passada eu fui com meu marido no mercado e comprei R\$ 2,00 de cada biscoito, para experimentar qual ele gosta.” Mãe (28 anos), 1 filho (3 anos)

Reparem no termo ‘neurose’ ilustrando uma das diversas formas com que os pais se referem à alimentação dos filhos como algo estressante e angustiante. Os pais já esperam ter problemas com a alimentação dos filhos, é o que eles sabem da experiência de outros. A maioria dos pais tem uma lista de reclamações quanto à alimentação dos filhos. Elogios, por outro lado, são mais difíceis.

“No início eu acho que ainda vou ficar com aquela preocupação se ela está comendo direito. (...) Maiorzinha lá pro lado de 5, 6 anos... eu tiro pela minha sobrinha... Tem dia que nem sempre minha irmã compra o lanche pra semana inteira. Às vezes dá o dinheiro pra ela comprar o que quiser. Eu penso que... vou tentar, ao máximo, segurar. (...) Cada criança é uma criança. Ela, eu não sei. Tem criança que gosta tanto, é tão fissurada que vai conseguir economizar e vai chegar na escola e comer uma besteira escondido da mãe. Eu acho que vai ser muito difícil por ela desde o início estar comigo e eu querer controlar, ao máximo, e chegar o ponto em que eu vir que eu não posso mais controlar dessa maneira. Aí vai ser difícil.” Mãe (24 anos), 1 filha (2 anos), sobre o que espera de quando sua filha entrar na escola

Veja aqui o desejo do controle total dos pais sobre a alimentação dos filhos, paralelo à angústia desencadeada pela certeza de que isso não será possível. As crianças participam de um universo que é delas, com sua própria linguagem e mecanismos de troca material e de experiências. Elas aprendem umas com as outras e têm uma certa ‘autonomia’ em relação aos adultos, isto é, são capazes de elaborar sentidos particulares que não podem ser resumidos ou confundidos ao dos adultos, embora seu sistema simbólico seja compartilhado por eles. (COHN, 2005)

IV. 3. 2. A vergonha de levar frutas: as relações entre as crianças e seus ‘colegas de escola’

O sistema acusatório dos pais em relação aos colegas de escola perdura por toda a infância. Além disso, a vontade de ser semelhante aos colegas é a justificativa mais freqüente para explicar o que as crianças querem levar para a merenda. Isso também explica uma alteração que ocorre em determinado momento em que surge a vergonha de levar frutas e, posteriormente, a substituição da merenda trazida de casa pelo dinheiro para comprar diretamente na cantina.¹⁰³

De acordo com os pais, o problema surge depois de um determinado momento, onde eles justificam que os colegas não levam, ou que eles já comem frutas em casa, o que ocorre por volta dos 4, 5 anos. Também justificam com o fato de ser mais difícil

¹⁰³ As mães, cujos filhos ainda não chegaram na fase em que só querem levar dinheiro, têm certeza de que esse dia chegará, ao mesmo tempo que receiam por ele. Isso me parece ter relação não apenas como o pertencimento ao meio, mas também como uma manifestação de autonomia e independência, ao mostrar que já sabem usar o dinheiro. Entretanto, há relatos de ausência de alterações de comportamento alimentar com a entrada, mas diante das demais entrevistas, pergunto-me até que ponto isso se verifica uma vez que o convívio é diário e em um período em que a personalidade da criança está em formação.

comer frutas na escola, pois se sujam e algumas crianças só comem com faca, tornando a tarefa mais trabalhosa.

Em qualquer das etapas, não ‘seguir’ como os demais, implica uma situação de “mico”, de embaraço social, cujo medo é uma das razões atribuídas às rejeições por Mennell (1985).¹⁰⁴

“Às vezes eu quero colocar uma fruta, mas ele fala: ‘Não mamãe, meus amiguinhos não levam isso. Eu não quero banana, laranja...’ Eu ainda tentei controlar enquanto era pequeno, mas agora depois de grande não quer.” Mãe (40 anos), 2 filhos (12; 7 anos)

“Uma coisa que ele não gostava de levar era banana. Ele tinha vergonha, qualquer fruta. Uma saladinha de frutas ele levava. Mas banana, maçã, laranja, não levava. Ele dizia que tinha vergonha. ‘Banana não, banana não!’ Eu achava que era vergonha de comer no colégio e não da fruta. Agora banana era da fruta em si. Acho que ele achava uma coisa muito comum.” Mãe (40* anos), 1 filhos (10 anos)

“Às vezes peço pra levar as frutas que gostam no potinho... mas ‘Ah, eu tenho vergonha.’ (...) É raro a gente ver uma criança fazendo isso, porque falam que é feio, que vão rir. O hábito pegou de acordo com o que vê. O que vê os colegas comerem elas vão querer (...) Mas em casa, eles comem.” Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

Esse embaraço social também poderia ser entendido se levássemos em consideração algumas características da teoria da Distinção, em Bourdieu. Embora não tenhamos uma divisão de *habitus* e classes sociais como na França, as relações entre as crianças já manifestam algumas características da necessidade de se colocar diante de uma determinada situação social, seja através do gosto, por motivos de status, ou, simplesmente, para fazer parte de uma ‘turma’, dentre as diversas ‘turmas’ que possam haver dentro de uma sala de aula. No entanto, embora seja possível observar algumas questões de *status* envolvidas nas relações alimentares entre as crianças, o que conta mais é a busca por pertencimento nos seus grupos sociais. Diversos pais disseram que seus filhos querem fazer e comer de forma semelhante aos ‘colegas de escola’.

As crianças procurariam fazer o possível para não se diferenciar, para não indicar um estilo de vida diferente em um período da vida em que se quer ser igual. A necessidade de pertencimento em determinado lugar dentro do universo cultural infantil

¹⁰⁴ Embora os pais acreditem nas demais justificativas, atribuem a recusa, majoritariamente, à vergonha. Há crianças que, por elas, não levariam nada já que acham perda de tempo comer, enquanto poderiam estar brincando com os colegas.

é evidente e perpassa não somente o comportamento alimentar, mas também o vestuário, os lugares que gostam de freqüentar, os programas que gostam de assistir.

Esses relatos podem dar a entender que há um respeito total dos pais à liberdade de escolha da criança com relação à merenda. Contudo, além de também ser uma forma que os pais encontram de estimular a autonomia da criança, sem que isso implique em uma liberdade total, há um outro fator: como a criança está longe dos pais nessa refeição, ela poderia ficar sem comer se eles não a deixassem levar algo que a agrada. O risco de não agradar à criança ao escolher a merenda por ela, ficando ela sem comer, por rejeição ou por vergonha dos colegas, é alto e os pais preferem evitar. Isso se reflete também na liberdade que há nas compras, em que as crianças escolhem o que elas querem levar de merenda no próprio supermercado.

“Leva frutas, mas não tenho costume de colocar, mesmo porque ela não é muito ligada. Eu prefiro colocar um biscoito que eu tenho certeza de que ela vai comer do que colocar uma maçã e ela não comer e ficar a tarde inteira sem comer. Deixo a fruta pra comer em casa, porque se não quiser eu substituo por outra coisa.” Mãe (36 anos), 2 filhas (7 anos; 2 meses)

Portanto, a liberdade dada às crianças também pode estar envolvida em uma teia de decisões voluntárias dos pais. Nos demais momentos em que a liberdade é uma questão conflituosa, uma crença perpassa os discursos dos pais, a de que o controle sobre a criança depende da idade dela. Para os pais, uma vez que a criança entrasse na idade em que quer se comportar como os colegas, o que ocorre nos primeiros anos escolares, inicia-se o caminho sem volta cujo destino é a ausência da autoridade dos pais e conflitos entre a vontade deles e a dela.

A vergonha de levar frutas para a escola não é recente. O que mudou, contudo, foi o alarme coletivo do crescimento da obesidade infantil. A escola, por sua vez, no seu papel de instituição pedagógica, tem tomado providências para ‘burlar’ esse comportamento das crianças, incentivando desde cedo a prática de uma alimentação mais saudável, de acordo com o discurso médico-nutricional. Algumas das mães relataram que nas escolas de seus filhos há campanhas de ‘lanche saudável’, determinação de dias em que todos devem levar frutas, convite a nutricionistas para

conferir palestras, adoção de livros de literatura relacionados à alimentação e, inclusive, a realização de feiras de ciências sobre o tema.¹⁰⁵

“Outra coisa que me chama a atenção é que ela lê a validade de tudo. Ela lê os ingredientes, tudo, gordura saturada. Às vezes eu coloco no carrinho sem ler de propósito. Aí ela fala: ‘não pode mamãe, você não viu a validade, você não viu o que tem isso, você não leu.’ Eu faço só pra ver a reação dela. Aí eu ‘Ah Mariana você me desculpa que eu tava com pressa. Aí ela fala; ‘Ah, mamãe, mas não pode... a tia...’ A tia da escola foi pro supermercado com as crianças. Pediu pra cada uma levar R\$ 10,00 pra (...) ter noção do que ia comprar. Preço, validade, pensar o que pode levar com aquele dinheiro. O que realmente eu vou levar, o que eu vou abrir mão...” Mãe (40 anos), 2 filhas (10; 2 anos)

“W: Não tem vergonha de levar frutas, até porque a escola incentiva. Toda segunda-feira tem que levar frutas.

B: E nos outros dias, ele leva também?

W: É como um acordo. Eu falo com ele: que você quer levar amanhã? Aí ele escolhe. Porque ele tem hábito de comer frutas em casa. O problema do colégio é que eles sofrem influência dos amiguinhos. Tem amiguinhos que levam Ruffles e ele pede ‘Mamãe, quero levar a batatinha igual a do meu amiguinho.’ Aí eu digo que não é legal, que vai dar dorzinha na barriga... Eu procuro sair assim. Mas vê outras crianças comendo aquilo e querem. Ele chega e pede.” Mãe (30 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

“A professora de Kauê na escola fala muito em Lanche Saudável. Esse seria o dia em que as crianças deveriam levar frutas para a escola, mas nem todas são obrigadas a levar. A professora também indica algumas frutas para levar: uva, maçã, pêra,... Kauê diz que é um lanche para eles ficarem fortes... Portanto muitos estão levando frutas, mas combinam fazer isso, a partir da autoridade da professora!” Pai (28 anos), 2 filhos (5; 4 anos)

“E ela sabe a importância da cadeia alimentar, o que faz bem, o que faz mal. O livro foi adotado pela escola na 3ª série da Mariana. A feira de ciências foi sobre esse livro, a importância de se alimentar, as gorduras saturadas, todas as turmas se envolveram. (...) e ‘Não me chame de gorducha.’ Esse veio primeiro. Mostraram o sofrimento dela por ela ser gorda e como a escola ajudou ela com exercícios físicos a superar isso. (...) e no final ela consegue ficar com peso ideal, se sentindo bem. E depois veio ‘A magia do professor Copérnico: aprendendo nutrição’ e a feira de ciências. Fizeram um livrinho. Eles trabalham essa questão da importância do alimento. Conscientização mesmo.” Mãe (40* anos), 2 filhas (10; 2 anos)

Essa estratégia é ótima porque ‘toca na ferida’. Exigindo que todos levem o mesmo, ninguém se sobressai, sendo diferente. Se um se suja comendo frutas, todos se

¹⁰⁵ É importante ressaltar aqui, o papel dos professores na educação nutricional por estarem com os alunos diariamente, colaborando com os nutricionistas que assessoram as escolas e creches.

sujam. E, além disso, há o benefício da diversidade alimentar, porque todos levam frutas e a ‘troca da merenda’ continua, sem ser um problema, já que a troca é entre frutas.

Entretanto, a mesma lógica que envergonha as crianças em levar frutas para a escola, posteriormente, causa a vergonha de levar merenda, qualquer que seja, em prol de levar dinheiro para comprar o lanche na cantina. A necessidade de pertencimento ao meio se prolonga, embora mude o conteúdo do embaraço social.

“Mudou nessa questão dessas merendas, de querer ser tudo industrializado porque eles não aceitam mais levar biscoito de maisena no potinho.

B: Eles justificam isso?

D: Vergonha, não sei. Tirar aquilo do potinho enquanto o coleguinha está abrindo o biscoito. Porque na minha época a gente levava merendeira pra escola, hoje em dia a gente nem vê mais merendeira direito. Antigamente minha mãe fazia nescau, colocava ali pra gente levar com pão com uma maionese, um patezinho. Hoje as crianças querem dinheiro pra comprar na cantina. Eu ainda não estou nessa fase, mas eu sei que vou chegar, porque é vergonha levar.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Às vezes ele não quer comer a cocada, ele quer comprar. É uma coisa interessante. Ele fala ‘Oh, mãe, comprei a Seu Flávio’. ‘Me dá R\$ 0,50’. Eu acho que ele vê os outros comprarem, então ele quer também ter aquela coisa de comprar. Mas não é comprar pra comer. (...) Eu vejo como o prazer de comprar. O prazer de começar a usar o dinheiro. Porque quem compra na escola, é da primeira série em diante, que é do lado da sala dele. E ele é do CA.” Mãe (38 anos), 1 filho (6 anos) e 1 filha (3 meses)

Diante da auto-afirmação das crianças, os pais têm diferentes comportamentos. Alguns acham isso vantajoso, enquanto outros ficam receosos. É o início da independência, o que, em boa parte das vezes, é assustador para os pais.

“‘Mamãe me dá dinheiro pra eu levar pra escola.’ Ela diz que ela não vai comprar bobagem, mas eu não sei... porque se ela disser que vai comprar, ela sabe que eu não dou. É uma fase difícil, que você tem que dar uma sacudida. É uma fase que eu digo que você tem que estar acima do psicólogo, porque pra você entender...! Ela nunca foi uma criança de fazer pirraça. Eu sempre fui assim: mesmo eu podendo dar, eu acho que o ‘não’ existe pra ser dado. Ela está acostumada a ouvir não.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

Junta aquela turminha e tipo... (...) Banana é fácil de comer em casa, mas na escola tem que descascar e é difícil. Às vezes a banana fica enrolada, fica preta e aí o colega fala ‘hum... tá podre...’ Eles ficam com vergonha e aí influencia muito. A maioria não leva o saudável. Prefere o dinheiro, o salgado e o refrigerante. Eu reclamo: acho caro e não é saudável. A mãe de um amiguinho dele que eu conversei me disse: ‘Eu criei que tem que levar o nescau com pão.’ Mas Cléber já acostumou e não tem jeito. É mais fácil criar um filho do que dois. Eu dou dinheiro à menina. Cléber vê e me pergunta por quê dá dinheiro a

ela pra ela comer o que quer e ele tem que comer o que os pais querem. Aí fica difícil a gente dominar. Eu fico com inveja daquela mãe. Ela consegue fazer com que ele entenda que é aquilo e acabou. Eu já não consigo. (...) Eu sei que não é saudável, mas a gente vai ficar se aborrecendo?” Mãe (32 anos), 1 filhas (15 anos) e 1 filho (8 anos)

Nesse último relato, poderíamos entender como uma implicação de *status* entre as crianças, a partir da merenda que eles levam. Quando os pares dizem ‘*hum... tá podre...*’, de certa forma, realça uma diferenciação, ou mesmo inferiorização dessa criança pelos seus pares. Estariam considerando essa merenda de baixa qualidade, e a criança a teria levado pela impossibilidade de levar algo melhor.

Nem mesmo as escolas públicas escapam de relações como essa. Ainda que ofereçam lanches, as crianças de famílias com melhores condições financeiras levam merenda de casa, enquanto outros contam apenas com a merenda escolar. Por essa razão, lá também é um palco para a ‘troca de merenda’. Em uma das escolas inclusive, há o estímulo de compartilhar o lanche com o colega que não pode levar naquele dia.¹⁰⁶

A merenda escolar, supostamente, tida como algo não muito gostoso, não é unanimidade, mas também tem sido reconhecida de forma positiva por algumas das mães entrevistadas.

“Comida de panela lá ele comia bem também. Comia sempre dois pratos de comida. Aí me chamaram e me perguntaram se ele comia bem assim, em casa. Porque ele come muito. Mas eu disse que ele come bem assim mesmo. A menina já é enjoada. Não gosta de merenda de escola. Aí ela leva de casa. Às vezes leva R\$ 1,00, um guaravita, um biscoito recheado, o que tiver. Mas comer no colégio mesmo ela não gosta não. No colégio é muito carne seca com abóbora, ela não gosta. Galinha com pele, que tem muito, ela tem nojo. Só quando dá lanche de nescau, biscoito que ela come.” Mãe (30 anos), 1 filha (8 anos) e 1 filho (4 anos)

“Pra estimular eles a comerem a comida da escola, eles comem a merenda na hora do intervalo e quando vai dando 16h30, quase na hora de ir embora, ela separa um momento e quem tiver vontade de comer o lanchinho que levou, ela deixa eles comerem. Pra mim foi ótimo. Porque ele acorda muito tarde e às vezes ele não almoça. Aí eu ainda tento dar uma mamadeira com ele dormindo, mas tem dia que não tem jeito. Eu passei essa situação com eles na escola. E eles me explicaram como é. Eu fiquei tranqüila. Elogia muito a comida de lá, ele gosta.” Mãe (27 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

“Não liga para merenda escolar tipo comida de panela. Ela gosta quando tem sucrilhos com leite...” Mãe (28 anos), 1 filha (6 anos)

¹⁰⁶ Não estive presente nas escolas. Esses dados fazem parte dos relatos dos pais entrevistados.

“(...) Agora ele está no Liceu, e ele está gostando da merenda, por incrível que pareça. Ele disse que a merenda lá é muito boa. E ele nem pede dinheiro.” Mãe (40* anos), 1 filho (10 anos)

IV. 4. A merenda da escola pública

A escola desempenha um papel importante ao colaborar com os pais na formação do que se consideram bons hábitos alimentares, por meio da educação nutricional. Mielniczuk (2005) desenvolveu um estudo, em sua dissertação de mestrado, acerca da situação do Programa Nacional de Alimentação Escolar no município do Rio de Janeiro.

A autora apresenta uma importante discussão acerca do ambiente escolar como o primeiro espaço no qual a relação público e privado começa a se tornar mais presente na vida da criança.

De acordo com Da Matta (2000), aos espaços são agregados valores que perpassam a forma como os pensamos e de como devemos nos comportar neles. Dentre esses espaços o autor distingue duas grandes esferas de sociabilidade que estão imersas em nossas mais diversas relações: a ‘casa’ e a ‘rua’, o domínio privado e o público. (Da Matta, 300 In Mielniczuk, 2005: p.112)

Em muitas situações e ambientes sociais podemos observar uma mescla entre os comportamentos nos diferentes espaços, embora sejam domínios diferentes. É importante que atentemos a essas possibilidades, pois a creche e/ou escola se apresenta como o primeiro ambiente público que a criança frequenta, mesmo possuindo fortes conotações relacionando-as à ‘casa’. Tais questões perpassam também a comida.

“Portanto, a escola pode ser vista como a extensão da casa, ou ‘segundo lar’, ou passagem da casa para a rua, assumindo uma posição intermediária entre esses dois espaços. Assim, dizemos que o espaço escolar se apresenta entre a casa e a rua. É a partir dessa premissa que percebemos este espaço. (...) Mesmo que haja um esforço de aproximação simbólica do espaço escolar ao espaço doméstico (‘a escola é o segundo lar’, ‘as crianças são como filhos’, ‘alimentação quase caseira’, as professoras, diretoras e merendeiras são chamadas de ‘tias’) fica claro que são espaços com suas ‘diferenças’ bem definidas. Com efeito, a comida da escola nunca substituirá a comida de casa e os envolvimento que nesta transcorrem.” (Mielniczuk, 2005: p. 112-113)

O espaço escolar é onde primeiro a criança experimentará o ‘comer na rua’ ou o ‘comer fora’ em contraposição à ‘comida de casa’. No entanto, como a escola carrega muito das conotações da ‘casa’, essas avaliações precisam ser bem cuidadosas. Não se pode tratar a escola como a ‘rua’ nem como a ‘casa’. É um espaço que encarna a fronteira ou a presença de ambos.

É preciso ter em mente que a escola é um ambiente de aprendizagem, e seu caráter pedagógico está também presente na educação alimentar das crianças, apresentando a estas as recomendações dos nutricionistas para uma alimentação adequada. Dessa forma, dificilmente a escola pode se aproximar de um lugar em que se come a ‘comida de rua’, termo que carrega significados relacionados a riscos alimentares, alimentação inadequada, supérflua, entre outras possibilidades negativas.

Além dos valores relacionados aos lugares, temos os que estão impregnados nos alimentos. Mielniczuk afirma que razões nutricionais e financeiras importam na escolha do que comemos, mas são as classificações que fazemos acerca dos alimentos e os significados que lhes atribuímos os definidores de nossos hábitos alimentares. Entretanto, na escolha do cardápio escolar, isso abria margem para decisões pautadas no ‘bom senso dos diretores’, já que condições institucionais e financeiras, a capacitação dos profissionais envolvidos como a merendeira, entre outros, farão parte dos elementos com os quais o diretor lidará ao tomar suas decisões. Dependendo da direção da escola, haveria variações. No entanto, em geral, os alimentos considerados básicos são: *carnes, farinhas, arroz, feijão, miúdos, óleo, grãos, ovos, pão, peixes, sucos, frutas, verduras, legumes...* Os únicos produtos proibidos seriam balas, bombons, refrigerantes e bebidas alcoólicas. É interessante notar como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) orienta o cardápio alimentar e defende a presença funcional dos nutricionistas.

“O PNAE orienta para alguns aspectos que devem nortear o planejamento dos cardápios, ressaltando o papel do (a) nutricionista, pois se acredita que ele saberá elaborar cardápios a partir da escolha de alimentos que contribuam para suprir parte das necessidades nutricionais diárias dos alunos, além de sugerir preparações que respeitem os hábitos alimentares dos alunos e também proceder a avaliações sobre o custo dos produtos, as dificuldades de transporte, de armazenamento e o preparo das refeições.

Além disso, esse profissional deve considerar, no planejamento dos cardápios, aspectos técnicos, como a composição química dos alimentos, a compatibilidade entre os ingredientes, procurando atender às necessidades nutricionais e apresentando refeições saborosas e agradáveis ao paladar dos alunos. Além disso, deve-se considerar o aspecto do prato, a combinação, as

cores, a consistência dos alimentos, pois acreditam que todos esses aspectos exercem influência na aceitação dos alimentos oferecidos.” (MIELNICZUK, 2005, p. 42-43)

A orientação do cardápio, embora envolva todos os critérios técnicos que se supõe estar em consonância com a formação do profissional em nutrição, atende também as necessidades dos nossos sentidos. Como já nos mostrava Brillat-Savarin, a apreciação da comida não acontece apenas no paladar. Anteriormente, visão, olfato, e mesmo audição – considerando aqui nossa pré-disposição aos alimentos de acordo com o que ouvimos sobre ele – já entraram em ação e formaram nosso julgamento sobre determinado alimento. Com as crianças, lidar com a preparação de um cardápio que todas devam seguir é ainda mais complicado. Por mais que a escola tenha o trabalho de desenvolver o tema ‘alimentação e saúde’, ainda não é difundida entre as crianças a vontade de comer para manter ou recuperar sua saúde por meio da alimentação. O gosto ainda é o motivo de maior peso quando as crianças escolhem o que comer. (CONTENTO ET ALLI, 1993)

Mielniczuk apresenta os dados de Sturion (2003), mostrando as razões para a recusa voluntária da merenda. Entre elas estariam

“‘Não gosto’ (67,2%)
‘Não tenho vontade/fome’ (27,9%)
‘Trago lanche de casa’ (25,4%)
‘Compro lanche na cantina’ (11,6%)” (MIELNICZUK, 2005, p. 54)

Na confecção do cardápio, é preciso estar atento às classificações e significados existentes, aspectos que vão além dos conhecimentos técnicos nutricionais. Além de ‘*não gosto*’, a justificativa ‘*Não tenho vontade/fome*’ também pode estar relacionada ao aspecto do alimento e ao seu conteúdo. Sabemos que nossa vontade ou fome pode ser ativada rapidamente ao depararmos com algum alimento que nos é atrativo, de alguma forma. Entretanto, os alimentos rejeitados estão em desacordo não somente com a expectativa das crianças no que diz respeito ao sabor, mas também à cocção. Ou seja, alimentos que julgam estar mal cozidos, ou sem tempero, muito secos ou aguados, enfim, que não correspondem ao que supunham, incluindo a aparência do alimento. (MIELNICZUK, 2005, p. 79) Lembremos que a criatividade das crianças para criar

categorias que expressem as múltiplas causas de rejeição em razão de outros critérios além do paladar é imensa.

“Foi possível perceber (...) que o desgosto alimentar desses alunos não é necessariamente em relação aos gêneros oferecidos, mas fundamentalmente a forma como são preparados (‘sem carinho’, ‘sem cuidado’, ‘sem tempero’) todos aspectos fortemente relacionados ao que é vital na cultura alimentar ligados à subjetividade, às relações sociais e ao simbólico. E ainda, destacam-se características negativas (‘duro’, ‘sujo’, ‘sem sal’, ‘aguado’) igualmente relacionadas ao preparo dos gêneros enviados às escolas. Nesse sentido, os ideais alimentares desses alunos não se distanciam muito, com algumas exceções, daquilo que é normalmente oferecido na escola, conforme revelam os exemplos dos alimentos que gostariam de comer na merenda escolar (...).” (MIELNICZUK, 2005, p. 159)

E é especialmente na infância que é conferida mais importância à resposta sensorial. Por isso, além dos conteúdos alimentares, há ainda as regras de conduta ensinadas às crianças por ocasião da merenda escolar. Como se portar à mesa, ter horário para comer, desenvolver bons hábitos alimentares, como segurar o talher, enfim, o aprendizado de boas maneiras. Somado a isso, temos as regras de higiene pessoal. Ambas nos recordam Elias, n’ *O Processo Civilizador* (1990). Elias defendia que houve uma crescente diferenciação das funções sociais, levando ao desenvolvimento de ‘comportamentos’ socialmente aprovados, que são irreflexivamente apropriados pelo indivíduo desde a infância. Isso levou a um controle social do comportamento, incorporado aos nossos mais rotineiros hábitos, cuja transgressão enfrentaria o embaraço social ou maiores punições. O desenvolvimento do autocontrole se tornou uma das condições fundamentais para a vida social. (idem, p. 105-106)

“O sentido da promoção da saúde nas escolas é potencializado pelo argumento de que as escolas são por excelência espaços de formação e contribuem para a formação da sociedade como um todo. Na alimentação, visam proporcionar a formação de pessoas que se alimentem adequadamente para a sua idade e que possam eventualmente levar esses hábitos aprendidos na escola para o núcleo familiar. (...) Em um certo sentido, o modelo de intervenção adotado busca contribuir para o aumento do consumo de alimentos ‘in natura’.” (ibidem, p. 125)

Essa alimentação incorpora a satisfação das necessidades e a medicalização dos discursos, por meio da consagração do ‘básico’ e ‘saudável’. É parte de um processo

coletivo de disciplinarização alimentar. Diria que hoje, promover uma disciplina alimentar saudável está na pauta dos agentes de saúde pública.

IV. 5. ‘Fases’ de transformações na alimentação infantil

Esses resultados da minha trajetória de pesquisa possibilitaram que eu segmentasse a construção social do gosto por meio do processo de socialização da criança. Certamente, a partir de um olhar mais próximo e crítico, com uma observação participante mais intensa, seria possível segmentar a infância em muitas etapas. Entretanto, aqui irei apenas segmentá-la em quatro, e as três fronteiras entre elas dizem respeito aos períodos relatados pelos pais como as mudanças mais visíveis no comportamento alimentar da criança. Há, portanto, nuances importantes dentro de cada uma dessas etapas que não serão tratadas aqui. Cada uma delas envolve a atuação de uma rede de atores, discursos, mecanismos e práticas diferenciadas, a partir da maturidade da criança. É por intermédio destas redes entre os atores que se dá a construção do gosto alimentar. Discursos e práticas são criados, reproduzidos e/ou descartados a partir de sua mediação e atuação na sociedade e na vida da criança.

Como já mostrava Lieberman (2000), o comportamento coletivo é constituinte à engrenagem¹⁰⁷ que rege as mudanças no gosto. Podemos pensar a infância como um período de etapas sucessivas, uma saindo imediatamente da anterior e carregando dela fortes traços, a partir de uma combinação de fatores sociais que se mesclam com a biografia do indivíduo. Esse processo desemboca no reconhecimento social da autoridade da criança sobre o próprio gosto, o que ocorre a partir da terceira etapa. Este momento, entretanto, é difícil de administrar e um dos pontos de desacordo entre pais, pediatras e nutricionistas.

A análise dessas etapas, bem como das mudanças envolvidas em cada uma delas, nos ajuda a visualizar como as relações sociais que envolvem a criança conduzem à formação sócio-cultural do seu gosto alimentar.

- Do desmame à finalização da transição para a alimentação artificial

¹⁰⁷ ‘The ratchet effect’, teoria de Lieberman apresentada no capítulo teórico.

Nos primeiros seis meses de vida, a Organização Mundial de Saúde recomenda que a criança se alimente apenas com o leite materno. Entretanto, entre as mães entrevistadas, poucos foram as que conseguiram seguir essa orientação. Para alguns pais, pediatras e nutricionistas, a própria forma como a mãe encara a amamentação pode influenciar a relação da criança com a alimentação dali por diante, mas isso envolve fatores psicológicos que não compõem a nossa discussão.

O que é mais importante para os fins dessa pesquisa é o processo do desmame. A forma como a mãe o conduz, na maioria das vezes, está de acordo com os conselhos do pediatra. Este, por sua vez, está presente nessa etapa como em nenhuma outra, fazendo da alimentação da criança, dependendo da idade, uma receita médica. Mas como eles mesmos dizem, a atuação do profissional é condicionada à colaboração dos pais, pois são estes que estão presentes no cotidiano de cada refeição.

Além dos pais, as avós, maternas e paternas, embora as primeiras apresentem uma influência maior por intermédio da mãe, aconselham qual deve ser o procedimento com os netos, de acordo com os conhecimentos adquiridos com os próprios filhos e a tradição. A divergência entre os conselhos dos avós ou dos demais membros da família e as orientações pediátricas pode resultar em uma fonte de tensões familiares especialmente para a mãe. Outra situação comum a essa etapa é a incerteza, para as mães, sobre a forma como babás e empregadas estão conduzindo a alimentação de seus filhos quando ela não está por perto.

Se considerarmos o conselho de uma das pediatras entrevistadas, essa preocupação excessiva das mães com a forma como outros atores estão tratando a alimentação das crianças, nesse período, tem uma razão de ser. A pediatra em questão acredita que o desmame e a conseqüente transição para a alimentação artificial é o momento mais delicado em toda a alimentação da criança e precisa ser realizado com cuidado. É aqui que todos os sabores devem ser oferecidos no intuito de haver menos rejeições. Com sorte, a criança aceitará bem os alimentos, nesse período em que a curiosidade da criança pela comida é o maior trunfo na mão dos pais e, com o costume, ela não terá dificuldade em ingeri-lo quando ficar mais velha.

No entanto, não são poucas as crianças que apresentam dificuldades nesse período. Alguns pediatras e nutricionistas reconhecem a existência de rejeições biológicas enquanto outros insistem que tudo que se oferecer à criança quando bebê, ela

irá aceitar. Diversos pais concordam que apresentar o alimento a criança quando bebê é o caminho para que ela o aceite com mais facilidade. Entretanto, é lugar comum entre eles a crença na existência de rejeições alimentares biológicas, considerando até mesmo as experiências diferenciadas de irmãos sujeitos a experimentarem os alimentos habituais à família. Por mais que tivessem insistido, muitos pais não conseguiram com que seus filhos superassem determinadas rejeições. Além das rejeições biológicas, contudo, encontrei mães que se arrependiam de não ter apresentado determinados alimentos ao seu bebê porque supunham que a criança comeria hoje. Muitas das rejeições das crianças, aparentemente, provêm da combinação da falta de hábito com a aparência da comida. Realmente, acostumando com os alimentos desde cedo, tudo indica que ocorrerão menos rejeições.

- A entrada para a creche e/ou escola

A creche

Uma vez completa a transição para a alimentação artificial, quando as crianças não ficam com as avós, a mudança a seguir é a entrada para a creche. Pela necessidade da mãe retornar ao mercado de trabalho, há crianças entrando na creche ainda com meses de idade. Isso significa que algumas crianças chegam à creche antes mesmo de completarem a transição para a alimentação artificial. Embora possa chegar a esses bebês, as mudanças promovidas na creche estão mais relacionadas às crianças que já completaram a transição, o que ocorre por volta de 1 ano de idade e, portanto, também já estão em uma idade em que a coordenação motora está mais desenvolvida.

Como vimos, a creche é elogiada pelos pais por ter uma nutricionista orientando o cardápio, por estimular a criança a comer sozinha e possibilitar à criança novas experiências com alimentos que podem não ser tão freqüentes em casa, como legumes e verduras. Esses são trunfos a favor da creche, pois esses alimentos são ‘comidas de panela’ e, portanto, colabora com os pais no esforço ao consumo diário desses alimentos pelas crianças. Assim, na creche, há uma mudança considerável que traz conseqüências positivas em casa, e por vezes, chegava a ser esquecida pelos pais, sendo eu obrigada a trazer à tona. Os irmãos, certamente, também são uma importante fonte de referência

para a criança a partir desse período, seja imitando-os ou agindo na direção oposta, mas não foram objeto de investigação dessa pesquisa.

As mudanças subseqüentes a essa, as fronteiras para as próximas etapas, marcaram os pais em um sentido negativo de alterações ou conflitos que surgiram a partir das relações do comer.

Outra questão importante que tratamos nessa dissertação foi a necessidade das crianças de se sentirem parte do ambiente e de determinados grupos sociais como os ‘colegas’. Enquanto as crianças ainda estão na creche, isso é ótimo. As crianças comem em um refeitório, onde a ‘comida de panela’ é oferecida pela própria instituição e elaborada com a orientação de uma nutricionista. As ‘vias’ de aquisição de pertencimento podem variar entre brincadeiras de ‘competir’ para ver quem come mais ou mais rápido que o ‘colega’, ou ainda, as crianças podem querer demonstrar que conseguem comer sozinhas, não sendo mais dependentes da ‘tia’, também consequência do fato de serem poucas professoras para tantas crianças.

Na escola, embora as questões envolvidas sejam as mesmas, as consequências são diferentes. A partir daqui os ‘colegas de escola’ figuram entre os atores centrais do processo de construção social do gosto alimentar infantil, embora os pais continuem tendo um papel fundamental analisando e interagindo com o que as crianças trazem para casa em informações e hábitos adquiridos na escola.

A entrada na escola ocorre aos 2, 3 anos de idade. Essa entrada, nos relatos dos pais, é marcada como o momento em que a influência anterior, quase suprema, começa a ser abalada, somada as consequências negativas como o aumento do consumo das ‘porcarias’ conhecidas por meio das interações com os ‘colegas’. Antes os pais eram os responsáveis por apresentarem o mundo dos alimentos à criança e, por controlarem a vida e as relações dela com o universo social. Agora, eles começam a ter que lidar com novas atitudes da criança, que eles podem aprovar ou não.

- Da entrada na escola à maturação da personalidade

Os atores da etapa anterior permanecem não somente nessa como na subsequente, com exceção da babá¹⁰⁸. Os ‘colegas’ do mesmo grupo etário são os que começam a ter uma atuação maior na vida da criança nessa fase. É aqui que elas começam a querer ‘fazer como fulano’, imitando alguns hábitos que aprenderam com seus pares. A ‘entrada das porcarias’ ocorre por meio de provas oferecidas pelos ‘colegas de escola’ ou mesmo pela troca de merenda. Portanto, é este o período em que os pais começam a lidar com o fato de que sua autoridade, pouco ou não contestada pelos filhos até então, começa a ruir. A partir daqui a influência dos colegas de escola só aumenta até o momento em que a criança já tem maturidade suficiente para ter uma maior definição sobre seus gostos, estando ou não aberta a adquirir novas experiências alimentares com os colegas ou demais atores. Isso marca a transição para a quarta etapa, o que ocorre por volta dos 6, 7 anos.

O papel dos pediatras e nutricionistas também muda aqui. Embora não mais com o peso que tinham na primeira etapa, eles continuam atuando como uma voz importante, porém menos freqüente na alimentação da criança. A consulta, portanto, influencia a alimentação da criança em duas linhas: a primeira passa pelo sistema de crenças dos pais, que, por sua vez, absorverão e colocarão em prática o que acharem condizente com o cotidiano deles ou com a necessidade da criança; a segunda, a própria criança, que com mais maturidade para entender as funções da alimentação, o que é potencializado na terceira etapa, pode ou não seguir os ensinamentos dos pediatras e nutricionistas. Na maioria das vezes, os profissionais conseguem que seus conselhos sejam seguidos quando a necessidade da alteração é crucial para a saúde, naquele momento. É o caso de crianças obesas, diabéticas e cardíacas.

A influência da mídia também se faz presente a partir daqui. Podemos pensá-la também como um ator do processo de construção social do gosto.¹⁰⁹ A criança começa a ter um maior entendimento sobre a propaganda, sendo atraída por desenhos animados, objetos coloridos, brindes no supermercado, deixando os pais em algumas situações

¹⁰⁸ Certamente é possível que crianças permaneçam com babás depois dos 3 anos, mas não houve caso semelhante entre os meus entrevistados porque a maioria dos pais adéqua seus horários de tal forma que consigam cuidar da criança ou então os deixa sob os cuidados da empregada ou de algum parente. É uma fase mais fácil, conseguindo executar algumas de suas tarefas, como comer sozinha.

¹⁰⁹ Para fins de organização, achei melhor apresentar a influência da mídia a partir dos seus discursos e das estratégias de indução à alimentação nas quais ela lança seus mecanismos como as propagandas e a ‘venda casada’, o que a coloca nos capítulos III e IV dessa dissertação, mas que não deixa de ser interpretada como um ator da construção social do gosto.

desconfortáveis quanto à imposição de limites aos desejos que a criança manifesta. Ainda nessa fase, inicia-se um processo que será mais incisivo na etapa seguinte: o papel pedagógico da escola na transmissão de conhecimentos sobre alimentação saudável, promovendo trabalhos em sala de aula e a instituição de dias em que a merenda deve ser composta por frutas.

- De 6, 7 a 10 anos

“Geralmente os pais alcançam um êxito maior ou menor em moldar a criança de acordo com os padrões gerais criados pela sociedade e desejados por eles. Mas a experiência também produz modificações nos pais. A reciprocidade da criança, isto é, sua capacidade, de exercer uma ação individual e independente sobre o mundo e as pessoas que o habitam, cresce na razão direta da capacidade de usar a linguagem. No sentido literal da palavra, a criança nessa fase começa a responder aos adultos.” (BERGER; BERGER, 1975, p. 174)

E é a partir dessa última frase que apresentamos a quarta etapa: o momento em que as reações das crianças aos ensinamentos desses atores aumentam de tal forma e, por vezes, inesperadamente, que muitas tensões podem advir daí. Para a maioria das crianças, esse momento é em torno dos 6, 7 anos. A partir daqui, tornam-se freqüentes os episódios *‘eu quero esse, porque eu quero e não aceito outro’*. É o período em que os pais consideram que não podem mais *‘fazer muita coisa’*. Para eles a *‘personalidade já está formada’* e não adianta pressionar muito porque só piorariam as coisas. Mesmo os pais mais rígidos nas primeiras etapas que, de acordo com os pediatras entrevistados, teriam mais chance de sucesso ao tentarem *‘controlar’* a alimentação de seu filho ao longo da infância, mencionam que a partir dos 6, 7 anos o estresse aumenta. Os confrontos sobre o comer (e outras esferas da vida da criança) se tornam mais constantes e intensos, em decorrência de ser esta a fase na qual a criança apresenta uma noção mais definida sobre suas preferências e rejeições. Entretanto, isso não significa que ela esteja fechada a novas experiências.

Nesta fase, uma indagação que já está presente entre os pais na anterior se torna mais intensa: até que ponto permitir às crianças a satisfação de seus desejos? Alguns pais dizem que nos dias de hoje não há como ter muito controle, diante da influência dos colegas, da mídia e da manifestação da personalidade muito precocemente. Outros pais, cujo discurso se assemelha ao dos profissionais, dizem que compete a eles mesmos impor limites à criança, e que, se o fazem desde cedo, a criança consegue ser mais

maleável à orientação deles. No entanto, quaisquer desses pais concordam que as crianças sabem o que querem e conseguem manifestar isso cada vez mais cedo.

As crianças desenvolvem particularidades independentes dos pais e isso é um fato. A responsabilidade destes em estar atentos para observar o quanto esses hábitos podem ser prejudiciais ao futuro desenvolvimento da criança é indiscutível. Entretanto, o controle absoluto em uma sociedade cada vez mais informatizada é praticamente impossível, com conhecimento difundido pelos mais diversos meios, levará a práticas alheias à vontade ou mesmo ao conhecimento dos pais. Isso é uma realidade que os pais da nova geração se vêem obrigados a se acostumar.

Conclusão

(Re)Construindo a construção social do gosto

“De qualquer maneira, não pode haver a menor dúvida de que, em termos objetivos, os adultos exercem um poder avassalador sobre a criança. É claro que esta pode resistir à pressão exercida por eles, mas o resultado provável de qualquer conflito só poderá ser a vitória dos adultos. São eles que trazem a maior parte das recompensas pelas quais anseia a criança e dos castigos que teme. Na verdade, o simples fato de que a maior parte das crianças acaba por socializar-se constitui prova cabal desse fato. Além disso, é evidente que a criança ignora qualquer alternativa aos padrões de conduta que lhe são impostos. Os adultos apresentam-lhe certo mundo – e para a criança, este mundo é o mundo. Só posteriormente a mesma descobre que existem alternativas fora desse mundo, que o mundo de seus pais é relativo no tempo e no espaço e que padrões diferentes podem ser adotados.” (BERGER; BERGER, 1975)

Nas páginas anteriores, procuramos entender o processo de construção social do gosto alimentar de um grupo de crianças de uma cidade de porte médio do Estado do Rio de Janeiro. Para tanto, desenvolvi uma pesquisa da qual participaram diversos atores sociais, entre eles mães, pais, avós, pediatras, nutricionistas, e crianças entrevistados no decorrer do segundo semestre de 2007, em Campos dos Goytacazes.

A partir dos relatos destes atores, compreendi a importância dos demais como as creches e escolas, as babás, e os ‘colegas de escola’. Estes últimos, juntamente com os pais, são os principais atores do processo de construção social do gosto alimentar infantil.

Entre esses atores se forma uma rede de acusações das quais a creche é a única que escapa. Há críticas de pais, pediatras e nutricionistas ao comportamento das avós que mimam. Há crítica dos pediatras e nutricionistas à permissividade dos pais e a falta de interesse sobre a alimentação dos filhos nas consultas pediátricas, enquanto os pais criticam o pouco tempo dedicado pelos pediatras a ensinar sobre alimentação no consultório. Os ‘colegas de escola’, por sua vez, são criticados por todos esses atores como os responsáveis por apresentar às crianças tudo o que seus pais não lhe deram exatamente porque buscavam evitar seu consumo. Entre as mães e as babás surgem problemas acerca da forma como as últimas preparam o alimento e como ele é dado à criança. E por aí vai.

Os atores entrevistados manifestaram ter na busca pela saúde alimentar o ponto sobre o qual se devem pautar as escolhas alimentares realizadas pelos pais, para as crianças. A ideologia da alimentação saudável aparece como a mais evidente de todas, valorizada por todos os atores, embora a prática possa ser contrária a ela. A mudança de hábitos alimentares é difícil para as pessoas, especialmente para as crianças, além de demorar a acontecer e esbarrar nas vontades individuais de cada um dos membros da família. Uma das soluções, portanto, seria fortalecer o consumo que, entre os hábitos pré-existentes, é considerado saudável, como, por exemplo, a ‘comida de panela’.

Quaisquer que sejam as questões ideológicas relacionadas à alimentação das crianças, a família toda se envolve, seja manifestando-se a favor ou contra. Certo é que as crianças de hoje convivem, cada vez mais, com diversas escolhas realizadas pelas pessoas ao seu redor, conhecendo um leque de possibilidades alimentares desde cedo, com a única exceção da ‘comida de panela’, a qual grande maioria dá a preferência ao menos no almoço. A preferência por um lanche, ou uma comida mais leve no lugar da ingestão de ‘comida de panela’ no jantar é uma tendência da alimentação brasileira contemporânea (BARBOSA, 2007). No entanto, ela não foi discutida ao longo dessa dissertação porque no universo infantil a ingestão de ‘comida de panela’ ocorre com menos dificuldade à noite. Este é o horário em que as crianças chegam com fome da escola e não há pressa. Por essa razão, mesmo os pais que não cultivam mais esse hábito, o estimula entre os filhos.

A ideologia da saúde alimentar é dominante nos veículos de comunicação e é o ideal da boa alimentação para os atores. No entanto, surgem alguns vilões que atrapalham a sua realização: as ‘porcarias’. Embora os dados indiquem que as crianças comem, cotidianamente, alimentos considerados saudáveis, como a ‘comida de panela’, o que vem à consciência dos pais ao falar da alimentação das crianças é o quanto elas apreciam as ‘porcarias’. A motivação para criar as estratégias de indução alimentar se origina nessa insatisfação e na busca pela reversão do crescente gosto e consumo pelas ‘porcarias’. Na medida em que ficam mais velhas e passam a conhecer mais produtos, as crianças expressam melhor os seus gostos e insistem para que eles sejam atendidos.

Entre essas estratégias estão o recurso às ‘surpresinhas’, o ‘toma lá, dá cá’, a distração com a TV, o contar histórias, entre outras. Vimos que, embora a maioria delas seja muito criticada pelos pediatras e nutricionistas, são constantemente usadas.

Muitos de nós ampliamos o leque de possibilidades alimentares na medida em que amadurecemos, seja por buscarmos uma alimentação saudável, aderirmos às novas ideologias ou simplesmente porque algumas rejeições parecem diminuir. Do ponto de vista dos pais, essas estratégias desempenham um papel importante em acostumar essas crianças aos sabores por elas rejeitados.

Paralelo ao trabalho dos pais em casa, a ‘luta’ pela educação nutricional nas escolas ganha um apoio que ‘na minha época’ não existia. É comum haver palestras de nutricionistas sobre alimentação saudável quando não são estes que orientam os cardápios das cantinas, além de recentes projetos de leis estaduais que proibiam as cantinas ou cerceavam os alimentos que podiam ser oferecidos por elas. As escolas, juntamente com o trabalho dos pais em casa, são atores pedagógicos cruciais na educação nutricional das crianças e, por acompanharem elas diariamente, são privilegiadas na avaliação dos resultados obtidos.

Observei, ainda, que os mecanismos envolvidos na alimentação infantil são muito importantes e também são vítimas de muitas das acusações dos pais e profissionais. Entre os que mostramos aqui, as propagandas da indústria alimentícia são, por vezes, vistas como os grandes vilões, veículos de apresentação das porcarias, situação que já pode ter mudado com a retirada das propagandas de alimentos do horário infantil na TV.

‘Individualização e liberdade precoce’ X imposição de limites pela autoridade dos pais: o dilema

Warde em seu *“Consumption, Taste and Food”* (1997), estudo que inspirou essa pesquisa, nos apresenta reflexões sobre a crescente individualização dos tempos modernos, tema que ajuda a explicar alguns hábitos observados em minha pesquisa. Entretanto, em nenhum momento, isso implica que a construção social do gosto esteja sendo questionada. Warde (1997) apresenta as mudanças pelas quais o mundo passou a partir de 1960, cujas conseqüências se estabeleceram e fortaleceram a partir de 1980. Entre essas mudanças estaria um reforço da liberdade individual, concedendo aos indivíduos a autoridade sobre suas escolhas no mercado e a responsabilidade sobre as conseqüências dessas escolhas.

A segunda metade do século XX também foi marcada pela visibilidade dos movimentos de contracultura, da livre expressão em todas as esferas da vida, levando o Ocidente à supervalorização da liberdade. Nessa linha, crê-se que o estilo de vida tenha se tornado uma escolha consciente individual, diminuindo a força das decisões pautadas em pertencimentos grupais, embora elas continuem com alguma influência. Ainda ligadas a essa valorização da livre expressão estariam as mudanças que recolocam a livre escolha individual no centro da questão do consumo e da formação do gosto, bem como sua formação e informação por meio da identidade individual.

As primeiras gerações criadas com as conseqüências dessas transformações são os pais de hoje e reproduzem um estilo de vida que valoriza essa liberdade individual, não sendo simpatizantes de um cerceamento excessivo sobre as atitudes da criança. Por essa razão, a criança se tornou também um ator no processo de construção social do gosto alimentar infantil, uma vez que a forma como ela interpreta os ensinamentos e práticas dos atores, além dos mecanismos, conforma o gosto que ela demonstrará ter.

Essas reflexões nos levam a uma das questões mais críticas no que diz respeito à alimentação infantil: ‘Até que ponto os pais devem impor sua vontade ou deixar a criança livre para escolher?’. A maioria dos pais que entrevistei, caso pudessem, ‘programariam’ seus filhos para só comer o que eles consideram adequado. Podemos compreender a delicadeza dessa questão a partir do princípio da ‘incorporação’ em Fischler. Seria como se a comida contaminasse quem a comesse, como a lógica da magia, partindo do princípio de que a comida nos define, dizendo quem somos e quem não somos, onde nos encontramos ou separamos dos demais. (FISCHLER 1988, p. 280-281). Para ele, se ‘somos o que comemos’, como diz o ditado, uma vez disciplinando o nosso comer, controlaríamos também quem somos, no sentido fisiológico, psicológico e sócio-cultural, pois ao comer, incorporamos não apenas nutrientes, mas símbolos, identidades. (FISCHER, 1986, p. 949-950)

Para os profissionais, os equívocos dos pais no desenvolvimento dos hábitos alimentares são cometidos desde o primeiro ano de vida, mas as conseqüências só são sentidas posteriormente. A manifestação da autoridade dos pais – influenciando diretamente, a ‘incorporação’ – é incentivada pelos profissionais, uma vez que permitir uma liberdade excessiva precocemente pode causar prejuízos à alimentação futura, como o aparecimento de distúrbios alimentares e problemas de saúde.

Poderíamos dizer que, consciente ou inconscientemente, os pais, ao promoverem a educação nutricional dos seus filhos, procuram incutir neles alguma disciplina, que uma vez aprendida, pode ser estendida a outras áreas da vida, influenciando seu comportamento em geral. Contudo, na prática, muitos demonstram um cansaço, uma certa rendição à manifestação cada vez mais precoce dos desejos infantis e da insistência das crianças até conseguirem o que querem.

“Até 6 anos eu controlava mais o que ela comia. Eu determinava, colocava a comida, e ela comia tudo. Agora não. (...) Frango ensopado, ela sempre comeu... agora ela diz que não gosta e só quer frango assado. Então eu não sei se já é mudança na personalidade. Mostrando já o que quer. E isso tanto pra comida quanto pra roupa. Eu digo que está na fase da má-criação, quando não atende mais o que os pais determinam.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

“Até 6 anos a gente pode obrigar mais ou menos a criança a comer, mas depois eles tem o hábitos deles, a personalidade deles, eles comem o que eles querem, o que eles mais gostam.(...) Até 6 anos ele comia legumes... obrigado, mas comia. Escondia no feijão, fazia de tudo.

B: Depois não tem mais jeito?

V: Começa a agir sozinho. O paladar fica mais apurado, não tem jeito.” Mãe (32 anos), 1 filha (15 anos) e 1 filho (8 anos)

É interessante notar como muitos pais aceitam a idéia de que a personalidade da criança, uma vez formada, torna-se difícil de negociar. Pais de crianças pequenas demonstraram reear o dia em que começarão a questionar suas orientações.

“Controle sobre a comida significa controle sobre a criança, guiando seu desenvolvimento: acima de tudo, significa assumir a função materna.”¹¹⁰ (Fischler, 1986: p. 950)

‘Impor limites’, portanto, é considerado pelos profissionais e alguns pais não apenas necessário, mas também um dever dos pais. No entanto, embora existam diversas fontes que ‘organizam’ nossos desejos de acordo com nosso lugar na sociedade, nossos papéis e nossos anseios, há uma valorização de expressões individuais do gosto como um traço de estilo personalizado e, por isso, diferenciado. Aquela criança que sabe o que quer, isto é, que demonstra ‘personalidade’ desde cedo, é admirada pelos adultos. Essa valorização da criança autônoma é decorrente do

¹¹⁰ “Control over feeding means control of the child, guiding his development: above all, it means assuming the maternal function.” (Fischler, 1986: p. 950)

individualismo contemporâneo. No entanto, quando essa demonstração de gosto e ‘personalidade’ é na esfera alimentar, é comum ela esbarrar no ideal dos pais, tanto no de controlar a alimentação da criança, mantendo a sua autoridade, quanto de garantir um consumo alimentar saudável pelas crianças. Essa valorização talvez esteja sendo transmitida, consciente ou inconscientemente, pelos pais aos seus filhos. Muitos concordam que a autonomia é importante, que é preciso saber ‘se virar’, responder por si mesmo, ter opinião formada, a ‘cabeça feita’. Não obstante, é comum chegar um momento em que os próprios pais se fartam dos ‘quereres’ de seus filhos, quando a autonomia da criança começa a prejudicar a autoridade deles sobre ela. De qualquer forma, a família hoje ainda permanece sendo o principal grupo social provendo a segurança financeira, material, além da segurança emocional, o sentir-se seguro e protegido, ao mesmo tempo em que oferece espaços para a livre expressão e crescimento da individualidade de cada um de seus membros.

Na sua interação com todos os estímulos externos que recebe, ela tem em si diversos mecanismos para interpretar e incorporar todos os conselhos, obrigações, hábitos que lhe foram apresentados desde o ‘berço’. Creio que a isso também se referia Fischler (1986) com o processo de ‘incorporação’ e Berger e Luckmann (1976) com a tríade *objetividade* da realidade social, a *interiorização* dessa pelos atores que a vivem, e a *exteriorização* da realidade que foi interiorizada, interpretada e, por vezes, resignificada pelos atores em questão.

Muito do que a criança traz com ela são hábitos dos quais, provavelmente, ela não tem muito controle. Não sabe como desenvolveu tais costumes. Por vezes, nem mesmo seus pais são capazes de justificá-los. Além dessa interação pessoal com o mundo, há o intenso laço com as demais crianças por meio dos grupos sociais de que faz parte, principalmente na escola. Se, como relataram muitos pais, elas manifestam sua personalidade muito cedo, as crianças se reconhecem como seres que possuem determinado leque de escolhas e que sabem definir o que lhes atrai ou não.

“Comer é uma atividade humana central não só por sua frequência, constante e necessária, mas também porque cedo se torna a esfera onde se permite alguma escolha. Para cada indivíduo representa uma base que liga o mundo das coisas ao mundo das idéias por meio de nossos atos. Assim, é também a base para nos relacionarmos com a realidade. A comida “entra” em cada ser humano. A intuição de que se é de alguma maneira substanciado - “encarnado” - a partir da comida que se ingere pode, portanto, carregar consigo uma espécie de carga

moral. Nossos corpos podem ser considerados o resultado, o produto, de nosso caráter que, por sua vez, é revelado pela maneira como comemos.” (MINTZ, 2001: p. 32)

A autonomia de escolha é supervalorizada. É parte do que nos faz quem somos, é uma questão de autoconhecimento, identidade. A formação da identidade pessoal é relativa à posição que a pessoa ocupa dentro de determinado grupo social e, portanto, só é formada a partir do momento em que essas crianças conseguem reconhecer os papéis que desempenham nessa sociedade. (BERGER, LUCKMANN, 1976)

Assim, o alimento que ingerimos é uma das primeiras escolhas que podemos fazer, ou, ao menos, que podemos nos recusar a ceder à escolha prévia de outrem. Manifestações de rejeições para chamar a atenção dos pais foram mencionadas por uma pediatra entrevistada e o desenvolvimento da autonomia possui nas escolhas alimentares uma via crucial. O marketing também se utiliza disso nas propagandas. Estas favorecem a tomada de decisões da criança, quando a maior crítica que lhes é feita é exatamente a indução das crianças a comprarem o que eles anunciam.

“As crianças respondem bem aos produtos que as permitem tomar suas próprias decisões e lhes dão uma sensação de controle. (...) Os doces podem atender às necessidades não satisfeitas de controle de diversas maneiras. Um dos motivos, nota Del Vecchio, é que as crianças freqüentemente conseguem escolher suas próprias compras de doces. ‘Os doces estão no topo da lista do que as crianças compram com seu dinheiro’ diz ele.” (KUHN 2002, 18 (5) In LINN, 2006: p. 134)

Começar a lidar com o dinheiro, por exemplo, é um grande passo para as crianças. As primeiras moedas que recebemos quando crianças costumam ser destinadas às balas, chicletes, chocolates, enfim, doces que nos atraem. Isso nos dava uma sensação de liberdade, de estarmos nos tornando mais velhos, mais maduros e, conseqüentemente, mais sabidos, donos do nosso próprio nariz. E qual criança não aprecia estar se tornando ‘mais adulta’?

No entanto, essa liberdade existe sim, porém dentro de um leque de possibilidades culturais. Os hábitos não são tão individualizados quanto se supõe. Diversas são as fontes que contribuem para hábitos e gostos coletivamente compartilhados. Concorro, portanto, com a conclusão de Warde, em que o gosto, sendo influenciado pelos diversos atores e instituições sociais, ainda é, de forma significativa, coletivamente compartilhado. (WARDE, 1997, p. 3)

Considerações Finais

Nesta dissertação, apresentei autores como Bourdieu (2007, ORTIZ, 1993), Ferguson (2004), Brillat-Savarin (1985), Gronow (1997), Lieberman (2000), Mennell (1985), no intuito de compreender melhor o que forma o gosto em seu caráter sócio-cultural, sem deixar de apresentar seu viés individual. Por meio dos seus trabalhos, pudemos ver que não faltam caminhos indicando uma formação sócio-cultural do gosto, na qual a experiência pretérita tem um importante papel.

Nessa experiência, contudo, estão em ação não apenas elementos da vida social, em um sentido mais amplo, mas também da vida familiar e doméstica, ou seja, a biografia do indivíduo em todas as suas relações sociais, que podem também incluir influências biológicas. Portanto, considero parte da formação desse gosto tanto experiências pessoais íntimas, quanto influências dos meios pelos quais a cultura, como um todo, chega a nós. Tratando-se de gosto, a constante dicotomia sociológica entre indivíduo e coletividade continua valendo e se apresentando de diversas maneiras.

Berger e Luckmann (1976) compõem, juntamente com os autores acima, o arcabouço teórico a partir do qual desenvolvi essa dissertação. Outros autores como Fischler (1986, 2007) e Warde (1997, 2007) também foram de extrema importância para elucidar algumas questões observadas nessa pesquisa, como os critérios de escolha das mães e a extensão da individualidade X coletividade do gosto.

Colaborando para a compreensão das bases coletivas do gosto, é importante lembrar que com a civilização e a racionalização do apetite (ELIAS, 1990), regularizou-se e ‘institucionalizou-se’ o que era ou não permitido aos homens ingerir. Estabeleceu-se, culturalmente, quanto, como, quando, onde e com quem se poderia comer. A forma como cada uma das culturas ocidentais se apropriou das mudanças ocorridas, adaptando-as aos hábitos pré-existentes, diferencia cada um desses povos. As características estimuladas ou rejeitadas por cada cultura estão nas mais diversas formas do comer, nos tipos de alimentos, como são preparados, no que se pensa e diz sobre eles. Dessa forma, cada um de nós se encontra sob um código cultural acerca do comer mesmo quando manifestamos nossos gostos mais particulares, embora não estejamos falando como se este código fosse uma camisa-de-força das preferências individuais.

Tal código tem incorporado muito dos conselhos de especialistas, expostos em revistas, programas de TV, entre outros, sobre como preparar os alimentos, além dos padrões de gastos com tempo e dinheiro dispensados à alimentação, que também envolvem os aspectos da organização da casa para prover as refeições. (WARDE, 1997)

O discurso sobre o que devemos comer, considerando nossa saúde, está em evidência.¹¹¹ (WARDE, 1997, p. 48) Este discurso já imprime suas marcas há algum tempo, embora seja a ele remetida uma maior autoridade recentemente, em função do respaldo dos mais diversos meios de comunicação e setores do governo responsáveis por saúde pública.

O movimento de chamar a atenção para a possibilidade do ‘saudável gostoso’ também aumentou em razão da resistência colocada pelas crianças às alterações que diversos dos atores ao seu redor querem imputar à sua alimentação. Os próprios atores reconhecem resistir quando precisam mudar hábitos alimentares, mesmo entendendo as implicações de uma alimentação mal-conduzida. Quando atentos a isso, apresentam uma tolerância maior à relutância ou ‘chatice’ manifestada pela criança e o conseqüente estresse sofrido pelos pais durante as refeições das crianças. Elas escolhem os alimentos pelo gosto e se não tiverem uma boa razão para fazer diferente, não o farão. De qualquer forma, os esforços dos atores são incansáveis, com exceção dos pais, que devido ao estresse cotidiano, especialmente no almoço, cedem ao próprio cansaço e permitem que os filhos comam o que quiserem.

As pessoas aprendem os gostos e tendem a gostar daquilo que são acostumadas, demonstrando preferências pela comida feita em casa, pela mãe. A comida pode representar tanto lembranças de casa, pessoas, família, assim como intermediar a expressão de carinho por uma criança. (GIARD, 1998 In ROTENBERG, VARGAS, 2004; WARDE, 1997, p. 48-49)

Warde (1997) na Inglaterra, assim como Barbosa (2007) aqui, defendem que há uma hegemonia no comer, reforçada pela transmissão geracional do gosto, fundamentando a teoria da sua construção social. Para Warde, a impressão das mudanças constantes na alimentação se deve mais ao reforço dos discursos da escolha do que a novas práticas alimentícias. Barbosa (2007) também apresenta dados em que o prato de qualquer brasileiro é semelhante, independente de classe, renda, faixa etária,

¹¹¹ Gronow (1997) o interpretou como um discurso disciplinador, em um sentido foucaultiano de ser transmitido por instituições e estar preocupado com disciplina corporal em geral.

gênero e traduz a preferência nacional pela ‘comida de panela’, com a presença diária do arroz e do feijão no almoço, considerada a mais importante entre as 3 refeições básicas. Isso é visível entre a dieta das crianças entrevistadas. Há diversos alimentos comuns à dieta da maioria delas, o que reforça a idéia de um gosto socialmente construído, por meio de uma alimentação pautada em conhecimentos técnicos que nos são acessíveis pelos mais diversos meios, incluindo a tradição familiar. Entretanto, isso não quer dizer que eu desconsidere a presença e importância do gosto individual.

Afinal, como discutimos anteriormente, para as crianças, e também para muitos adultos, o gosto permanece sendo, na prática, o critério de escolha alimentar. Como saúde cresce no sentido de se tornar o critério pelo qual todos nós deveríamos nos pautar, há uma preocupação em combinar esses dois critérios. Dessa forma, assistimos a um crescente esforço em combinar saúde e prazer. O que supomos ser a comida ideal para crianças envolve uma alimentação balanceada, que contribua para seu bem-estar e desenvolvimento saudável. No entanto, para a criança, e também para alguns pais, uma ‘afetividade’ manifesta por meio da preparação e permissão ao consumo dos alimentos que a criança deseja também podem assumir uma importância que se sobrepõe ao saudável, ao menos em um dado momento.

Como discutimos anteriormente, embora haja toda essa preocupação com a saúde, nossas escolhas ainda estão, em sua maioria, pautadas no gosto. Não fazemos cálculos nutricionais quando estamos à mesa. Mesmo os vegetarianos com quem conversei procuram o prazer dentro das possibilidades que sua ideologia alimentar oferece. (GRONOW, 1997, p. 125; MIELNICZUK, 2005, p. 134) A manifestação dos desejos individuais, a clareza sobre o que se gosta ou não gosta, combinados com a liberdade individual aparecendo precocemente, contribui tanto com o aumento dos índices das doenças quanto com as preocupações com a aparência. No entanto, a vontade de comer o que se gosta, supera, e muito, a relutância de não comer em benefício de uma aparência em consonância com os padrões de saúde e beleza ‘exigidos’ pela sociedade, bem como de uma atenção especial dada à saúde. Somente em casos específicos de doenças, como o diabetes, o trabalho dos pais é mais incisivo para lidar com o fato das crianças não dispensarem o gosto pela saúde.

Também relacionado à busca do prazer alimentar está o alto índice de desgosto e possível rejeição que normalmente é conferido à merenda oferecida nas escolas

públicas. Brillat-Savarin defendia que ‘fazer bem’ referia-se não somente ao bem-estar que a comida proporcionava, à saciedade e à saúde, mas também ao gosto. Nas representações sociais, a comida não personifica apenas o nutriente, mas também o que dá prazer. (MIELNICZUK, 2005, p. 128/130) No entanto, de acordo com essa autora, embora reconheçam o papel e a presença do gosto das crianças, os formuladores do cardápio infantil nas escolas o preparam pelo viés do ‘gosto da necessidade’. Isto significa que a criança será habituada a comer o que precisa em termos nutricionais, porque os gestores dos cardápios estão mais preocupados em nutri-los do que em agradá-los. (ibidem, p. 144-149) Essa lógica, de acordo com minhas entrevistas, ultrapassa a escola. Na verdade, o que pais e profissionais idealizam são crianças que gostem do que eles julgam necessário para a saúde delas. Somente assim os conflitos em torno da alimentação seriam amenizados. Enquanto as lógicas do gosto e da saudabilidade não se encontrarem, a preocupação com o conteúdo alimentar do cardápio de escolas e creches, e também o que os pais estão fazendo em casa permanece. Quanto à reclamação da merenda escolar não ter gosto, veja o que a autora apresenta.

“Se levarmos em consideração que o tempero de uma comida é aquilo que, além de dar ‘gosto’, refere-se fundamentalmente à cultura em que está inserida, uma comida sem tempero é, conseqüentemente, uma comida sem cultura, ou sem gosto, ou simplesmente um alimento no sentido biológico, natural ou damattiano. (...) O alimento quando tratado apenas ou principalmente pela sua condição biológica, exclui sua função social de exprimir identidades e gostos individuais e de grupo num contexto cultural. Desse modo, destacamos que o alimento precisa ser percebido enquanto ‘comida’ que, por sua vez, é carregada de afetividade, subjetividade, simbologias e temperos, tão vitais e necessários quanto nossa nutrição biológica.” (MIELNICZUK, 2005, p.166)

As crianças são, muitas vezes, consideradas difíceis para comer, porque a despeito de aparentemente estarem distraídas, elas trazem sua atenção de volta ao alimento constantemente. Não estou ignorando a existência de crianças que ficam tão distraídas durante as refeições a ponto de serem engabeladas com alimentos escondidos. Entretanto, em sua maioria, quando comem, por mais distraídas que estejam, em algum momento elas param e ‘julgam’ a comida pelo seu visual, cheiro e paladar. A partir daí, elas querem separar aquela folhinha verde minúscula que a mãe colocou para temperar algum alimento, simplesmente porque ele rejeita todos os

alimentos daquela cor. Ela não se importa em saber o que é. Para ela, essa associação é mais do que suficiente para rejeitá-la.

Isso nos traz de volta a pergunta a que se refere o subitem anterior ‘Ceder ou não ceder às lógicas que permeiam os desejos das crianças pelos alimentos?’. ‘Até que ponto incutir resistência?’ As crianças demonstram o que querem cada vez mais cedo. Estão se desenvolvendo rápido com os diversos estímulos que recebem. De acordo com os profissionais, a reação dos pais a esse comportamento é definidora do comportamento posterior da criança e da forma como se estabelecerá a relação ‘pais X filhos’ na medida em que vão crescendo e entrando na adolescência. Para pediatras e nutricionistas, é importante que elas aprendam a ter ‘limites’ desde cedo, que aprendam a ouvir ‘não’, que saibam lidar com a insatisfação. Para os pais, a situação sempre é complicada e demanda algum tipo de reflexão sobre os prós e contras de atender a criança.

Concluindo, cabe-me dizer que as relações entre comida e cultura são intensas e suas bases se fazem presentes desde a mais tenra idade. Atualmente, antes mesmos dos bebês nascerem, as mães já possuem informações sobre a condução adequada da alimentação da criança, visando sua saúde e bem-estar. Estas recomendações, entretanto, embora generalizadas pela Organização Mundial de Saúde, são praticadas de diversas formas, de acordo com o cotidiano de cada uma das mães, com a combinação das orientações de outras fontes sobre alimentação, das tradições levadas a cabo pela família¹¹², enfim.

O alimento está para a saúde como a comida está para a cultura. Retornando à distinção apresentada na nossa introdução, o alimento é aquilo que nutre, cuja missão é cumprida ao nos fornecer os subsídios nutricionais para a nossa existência física. A comida, por sua vez, tem um viés emocional por meio de uma experiência: o gosto. O que possui um gosto bom é algo que ao apenas vermos ou sentirmos o cheiro, cria uma expectativa de satisfazer aquela vontade de comer determinado alimento logo. É essa

¹¹² Embora não faça parte da amostra por mim considerada, soube que um conhecido, pescador, deu pirão de peixe para sua neta de 4 meses e estava ansioso por fazer o pirão de pato para ver se ela ia gostar como havia gostado do primeiro. Comida tradicional em sua casa, ele não esperou muito para que sua neta pudesse experimentá-lo. Sua neta não teve nenhum problema com o alimento, nem com relação ao seu bem-estar físico, nem quanto ao gosto. O senhor só demonstrava o quanto ele estava tranquilo com o fato de sua neta gostar daquele alimento ‘forte’, ‘saúdável’, ainda que essa atitude esteja em desacordo com as recomendações pediátricas para a idade da sua neta. Eu, inclusive, não tenho a informação se ele conhece essas recomendações.

vontade que, antes mesmo que possamos refletir, já está imersa na cultura, por meio da culinária de uma sociedade.

Sobre o gosto, concordo com a maioria dos autores que apresentei no capítulo teórico ao defenderem a existência de uma construção social do gosto sem descartarem inteiramente a hipótese de que alguma parte dele seja realmente inata (Brillat-Savarin, 1985), considerando as rejeições manifestas desde bebês. Dessa forma, além de não poder negar a existência de características que fogem ao domínio da Antropologia, lembremos que as manifestações do que gostamos, seja o gosto pela comida, pela roupa, pelo desenho, enfim, são as primeiras formas de divulgarmos para o mundo um pouco mais sobre quem somos. Tanto é assim que nos relatos dos entrevistados, a formação do gosto aparece vinculada à formação da personalidade das crianças. Na medida em que elas amadurecem, tornam-se mais criteriosas e conscientes de suas escolhas. A partir de então, aumentam a dificuldade nas negociações entre elas e os pais sobre a satisfação dos desejos por elas manifestados, e quais as conseqüências disso para a satisfação, ou insatisfação, destes com relação à alimentação de seus filhos. Por essa razão, concordo com Lieberman, Gronow, e Ferguson, que, de formas diferentes defendem um gosto que possui um caráter particular inegável, ao mesmo tempo em que não pode se formar sem suas bases coletivas previamente determinadas.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, S. T. S. P. “*Alimentação infantil e o marketing da indústria de alimentos: Brasil, 1960-1988*”. História: Questões & Debates, Curitiba, n 42, p. 95-111, 2005. Editora UFPR. Disponível na internet: <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/4638/3802>. Capturado em 05/11/07.
- AQUINO, Rita de Cássia de. PHILIPPI, Sonia Tucunduva. *Consumo infantil de alimentos industrializados e renda familiar na cidade de São Paulo*. Rev. Saúde Pública [online]. vol. 36, no. 6 [cited 2007-11-05], pp. 655-660, 2002. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-891020020007000001&lng=en&nrm=iso. Capturado em 17/11/07.
- ASSUNÇÃO, Viviane. *A comida na TV: as relações entre práticas alimentares e audiência de programas de culinária*. Disponível no CD da ABA-2006. GT 49.
- BARBOSA, Roseane M. S., CARVALHO, Carolina G. do N., FRANCO, Viviane C. et alli. *Avaliação do consumo alimentar de crianças pertencentes a uma creche filantrópica na Ilha de Paquetá*. Rio de Janeiro, Brasil. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., vol.6, no.1, p.127-134, Jan./Mar. 2006. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292006000100015 Capturado em 23/04/08.
- BARBOSA, Roseane M. S., CARVALHO, Carolina Guimarães do Nascimento, CROCCIA, Carolina. et alli. *Consumo alimentar de crianças com base na pirâmide alimentar brasileira infantil*. Rev. Nutr., Campinas, vol.18, no.5, p.633-641, Sept./Oct. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1415-527320050005000006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Capturado em 23/04/08.
- BARBOSA, Livia. *Feijão com arroz e arroz com feijão: o Brasil no prato dos brasileiros*. Revista Horizontes Antropológicos. Antropologia e Consumo. Nº 28. Jul/Dez 2007. pp. 87-116
- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007.

- BERGER, Peter L. BERGER, Brigitte. *Sociology – a biographical approach*. 2ª Ed., Basic Books, Inc., New York, 1975, pp. 49-69.¹¹³
- BERGER, Peter L. LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BLEIL, Susana Inez. *O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil*. Cadernos de Debates. São Paulo: NEPA/UNICAMP. V. VI, p.1-25,1998.
http://www.unicamp.br/nepa/arquivo_san/O_Padrao_Alimentar_Ocidental.pdf.
 Capturado em 18/02/08.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRILLAT-SAVARIN, J.A.. *A fisiologia do gosto*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CANESQUI, Ana Maria. *Antropologia e alimentação*. Rev. Saúde Pública, V. 22, nº 3, p. 207-216, Junho, 1988. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v22n3/07.pdf>. Capturado em 18/02/08.
- CAVALCANTE, Ana Augusta Monteiro; PRIORE, Silvia Eloiza; FRANCESCHINI, Sylvia do Carmo Castro. *Estudos de consumo alimentar: aspectos metodológicos gerais e o seu emprego na avaliação de crianças e adolescentes*. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., vol.4, no.3, p.229-240, July/Sept. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v4n3/a02v04n3.pdf>. Capturado em 23/04/08.
- COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. *Restaurantes de comida rápida, os fast-foods, em praças de alimentação de shopping centers: transformações no comer*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, V. 33, p. 116-135, 2004.
- CONTENTO, Isobel R. et alli. *Relationship of mothers' food choice criteria to food intake of preschool children: identification of family subgroups*. Health Education & Behavior 1993; 20; 243. Sage Publications. Disponível para

¹¹³ Texto traduzido: '*Socialização: como ser um membro da sociedade*.' Traduzido por Richard Paul Neto. In: WAIZBORT, L.; NEIBURG, F.(orgs). *Escritos & ensaios: Estado, processo, opinião publica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 21-33.

download em: <http://heb.sagepub.com/cgi/content/abstract/20/2/243>. Capturado em 30/11/2007.

DaMATTA, Roberto. ***Relativizando: uma introdução à antropologia social***. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco. 1986

DOUGLAS, Mary. ***Deciphering a Meal***. In. *Myth, Symbol and Culture*. N.Y.: Northon, p.61/81. 1971

_____. ***Implicit meanings***. London: Routledge & Kegan Paul. 1975.

DUTRA, Rogéria C.A. ***Família e Redes Sociais: um estudo sobre práticas e estilos alimentares no meio urbano***. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Museu Nacional / UFRJ. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: 2007.

FERGUSON, Priscilla P. ***Accounting for taste: the triumph of french cuisine***. Chicago, London: The University of Chicago Press. 2004.

FISCHLER, Claude. ***Food, self and identity***. *Social Science Information*, 1988; 27; 275. Sage Publications. Disponível para download em: <http://ssi.sagepub.com> Capturado em 30/11/2007.

FISCHLER, Claude. ***Learned versus 'Spontaneous' dietetics: french mothers' views of what children should eat***. *Social Science Information*, Sage Publications: 1986; 25; 945. Disponível para download em: <http://ssi.sagepub.com> Capturado em 30/11/2007.

FONSECA, M. F. & CAMPOS, F. ***O estudo do mercado dos produtos orgânicos no Rio de Janeiro***. Nova Friburgo, Pesagro/EENF. 1999, 125p.

GOODY, Jack. ***Cooking, cuisine and class: a study in comparative sociology***. Cambridge, Cambridge University Press. 1982.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. ***A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo***. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 33, p. 40-55, 2004.

GRONOW, Jukka. ***The sociology of taste***. London and New York: Routledge. 1997.

HECK, Marina de Camargo. ***Comer como atividade de lazer***. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 33, p. 136-146, 2004.

- LIEBERSON, Stanley. *A matter of taste: how names, fashion and culture changes*. New Haven and London: Yale University Press. 2000.
- LINN, Susan. *Crianças do consumo: a infância roubada*. Tradução Cristina Tognelli. São Paulo: Instituto Alana, 2006.
- MACIEL, M. E. S. *Uma cozinha à brasileira*. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 33, p. 25-39, 2004.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. pp 211-230.
- MENNELL, Stephen. *All manners of food: eating and taste in England and France from the Middle Ages to the Present*. New York, Oxford: Basil Blackwell. 1985.
- MIELNICZUK, Vivian Braga de Oliveira. *Gosto ou necessidade? Os significados da alimentação escolar no município de Rio de Janeiro*. Rio, Agosto 2005 – CPDA/UFRRJ
- MILLER, Daniel. *Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo, Studio Nobel, 2000.
- MINTZ, S.W. *Comida e Antropologia: uma breve revisão*. Revista de Ciências Sociais, v.16, nº 47, p.31-42, 2001. <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7718.pdf>. Capturado em 18/02/08.
- Novo Dicionário Aurélio*. Editora Nova Fronteira. 1ª ed. 12ª impressão.
- NESTLE, Marion. *Food politics: how the food industry influences nutrition and health*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. 2002, 496pp.
- ORMOND, P.J. et al. *Agricultura Orgânica: Quando o passado é futuro*. Rio de Janeiro: BNDS Setorial, 2002.
- ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983
- ROCHA, Everardo. BARROS, Carla. PEREIRA, Cláudia da S. *“Do ponto de vista do nativo”: compreendendo o consumidor através da visão etnográfica*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 5 a 9 de novembro de 2005. Trabalho apresentado ao NP 03 – Publicidade, Propaganda e Marketing, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

- ROTENBERG, Sheila; DE VARGAS, Sonia. ***Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família***. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, vol.4, n. 1, 2004.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292004000100008&script=sci_arttext&tlng=pt. Capturado em 18/02/08.
- SANTOS, A. M. ***O excesso de peso da família com obesidade infantil***. Revista Virtual Textos e Contextos, nº 2, ano II, dez 2003. disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/964/744>. Capturado em 18/02/08
- SANTOS, C. R. A dos. ***A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa***. História: Questões & Debates. Curitiba: Editora UFPR. v. 42, p. 11-31, 2005.
<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/4643/3797>. Capturado em 18/02/08.
- Warde, Alan et alli. ***Changes in the practice of eating: a comparative analysis of time-use***. Acta Sociologica 2007; 50; 363. Disponível para download em: <http://asj.sagepub.com/cgi/content/abstract/50/4/363> Capturado em 30/11/2007.
- WARDE. Alan. ***Consumption, food and taste: culinary antinomies and commodity culture***. London: Sage Publications, 1997.
- WARDE. Alan. MARTENS, L. ***Eating out: social differentiation, consumption and pleasure***. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

Livros especializados:

- Dr. Wittrock (dos Hospitais de Berlim): Guia das Mães***. 6ª edição. Rio de Janeiro. 1939.
- MURAHOVSKI, Jayme. ***Pediatria: diagnóstico e tratamento***. São Paulo: Sarvier, 1978. Brasil.
- PHILIPS, Bárbara. ***Não me chame de gorducha***. Tradução de Fernanda Lopes de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 2004.

Revistas consultadas:

- Crescer. Edição 128. Julho/2004.

Cláudia Bebê. ***Guerra para comer? Não entre nessa.*** pp. 64-67. V. __. 2005.

Pais & filhos. Ano 17. Nº 2. Outubro/ 1984.

Pais & filhos. Nº 306. Março/1994.

Coleção SuperMãe: primeiros passos da vida do bebê. Editora Minuano. Ano 1. nº5.

Sites:

Capturados em 08/10/07

http://www.arqueologia.com.ar/congreso2000/ponencias/Joao_Martins.htm

http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=10&id_artigo=1096&id_subcategoria=22

<http://www.copacabanarunners.net/dieta-macrobiotica.html>

http://www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=1049&Itemid=114

http://www.mcdonalds.com.br/canal_crianca/kidsmenu.asp

http://www.mcdonalds.com.br/crianca/mclanche_t dando_onda.asp.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crudivorismo>

<http://www.saudeesportiva.com.br/vegetariano.php>

Capturado em 17/11/07

http://dtr2004.saude.gov.br/nutricao/documentos/regula_comerc_alim_escolas_exper_e_staduais_municipais.pdf

Capturado em 23/04/08

Kwan, Jennifer. ***Programa de Tv divertido induz a comer mais, diz estudo.*** Reuters, Toronto. 04 de junho de 2007. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2007/06/04/programa_de_tv_divertido_induz_a_comer_mais_diz_estudo_813944.html.

Capturado em 03/06/08

http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_g.html#grupos

Capturado em 08/06/08

http://www.conar.org.br/html/novas_normas/nn_SECAO11.htm

Novas Normas Éticas Para A Publicidade De Produtos Destinados A Crianças E Adolescentes – Entenda A Nova Redação Da Seção 11 Do Código Brasileiro De Auto-Regulamentação Publicitária – CONAR -*Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária* – 2006 disponibilizado em

http://www.conar.org.br/html/novas_normas/Cartilha%20-%20Laranja.pdf

<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1359218-5598,00.html>

Capturado em 20/06/08

<http://www.leitematerno.org/oms.htm>

Capturado em 29/06/08

<http://www.anuarioabia.com.br/foodservice.htm>